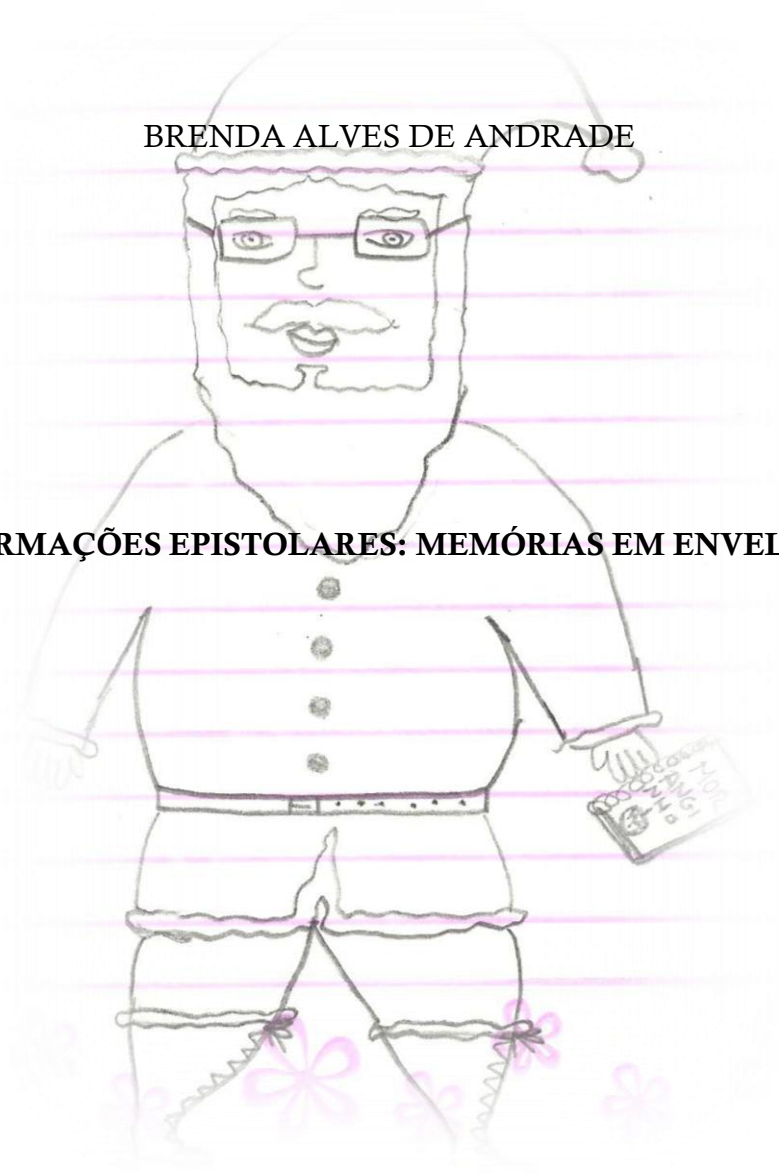




UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

BRENDA ALVES DE ANDRADE

INFORMAÇÕES EPISTOLARES: MEMÓRIAS EM ENVELOPES



JOÃO PESSOA, PB
2014

BRENDA ALVES DE ANDRADE

INFORMAÇÕES EPISTOLARES: MEMÓRIAS EM ENVELOPES

Projeto de Dissertação apresentado ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial do processo de qualificação. Área de Concentração: Informação e Sociedade

Linha de Pesquisa: Memória, Organização, Acesso e Uso da Informação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira

JOÃO PESSOA, PB
2014

A553i Andrade, Brenda Alves de.

*Informações epistolares: memórias em envelopes / Brenda Alves de
Andrade. - João Pessoa, 2014.*

188f. : il.

Orientadora: Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira

Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCSA

*1. Ciência da informação. 2. Informação e sociedade. 3. Informação
epistolar. 4. Memória individual. 5. Memória coletiva. 6. Artefato de
informação.*

UFPB/BC

CDU: 02(043)

BRENDA ALVES DE ANDRADE

INFORMAÇÕES EPISTOLARES: MEMÓRIAS EM ENVELOPES

Projeto de Dissertação apresentado ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial do processo de qualificação. Área de Concentração: Informação e Sociedade. Linha de Pesquisa: Memória, Organização, Acesso e Uso da Informação.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira
(Orientadora - PPGCI/UFPB)

Prof.^a Dr.^a Socorro de Fátima Pacífico Barbosa
(Membro Externo - PPGL/UFPB)

Prof. Dr.^a Dulce Amélia de Brito Neves
(Membro Interno – PPGCI/UFPB)

Prof. Dr. Carlos Xavier de Azevedo Netto
(Suplente Interno – PPGCI/UFPB)

Prof. Dr.^a Maria Nilza Barbosa Rosa
(Suplente Externo – UNIPÊ)

Aos meus familiares, em especial, a minha mãe, pelo incentivo e confiança.

Dedico

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me concedido força, tornando-me capaz de suportar as lições do dia a dia e por me conduzir desde o ingresso no mestrado até sua conclusão. Por me fortalecer nos momentos mais difíceis desta caminhada acadêmica.

À minha família pelo incentivo e apoio em todas as minhas decisões e pela confiança a mim depositada em todos os momentos da minha vida. Meus pais: Minha mãe Ivete, maior incentivadora, sempre preocupada e atenta para ajudar no que eu precisar; Ao meu pai Ademir, homem honesto que me fez aprender o valor da honestidade; minhas irmãs Samara e Guadalupe que tanto amo, meus cunhados Danízio e Nelson e o meu amor, meu porto seguro, por lutar comigo e crescer comigo, por me admirar todos os dias, sempre ao meu lado, Christian Hirata.

Agradeço a minha Orientadora Bernardina M^a Juvenal Freire de Oliveira, pela oportunidade e confiança para alavancar um projeto tão belo, que me fez ver a vida com outros olhares, com a simplicidade de uma criança. Além da convivência juntas, entre as alegrias e tristezas, vitórias e perdas, união e desavenças, uma caminhada que transformou e construiu uma capacidade intelectual e um sentido de percepção para se viver na vida acadêmica.

Aos queridos professores do PPGCI, em especial a Joana Coeli e Carlos Xavier pela amizade e pelos momentos vividos juntos, além dos ensinamentos que vou levar pra vida toda.

Aos amigos queridos, que não são poucos, mas que faço questão de citá-los um a um e agradecê-los pelas palavras de conforto, pelo ombro amigo na hora das lágrimas, nos momentos de estudo e tensão, nos momentos subversivos (no bom sentido da palavra), nos momentos de diversão, da correria para postar um artigo, enfim, um cotidiano construído na amizade, no carinho. A vocês:

Aos queridos companheiros de mestrado, Sandrine, Hellosman e Eutrópio. A minha querida Sandrine tenho um carinho especial, por dedicar sua amizade desde o início sem

julgar nem inferir precipitadamente a respeito da minha pessoa, independente do grupo que eu fazia parte. E os boêmios Hellosman e Eutrópio pela amizade e pelos momentos divertidos e pelas conversas infindáveis da vida acadêmica.

Ao trio fantástico Lyedja, Cristiano e Helena, que estão diariamente comigo na graduação, e que fizeram muita diferença no meu desenvolvimento e ingresso no mestrado. Por todo apoio nas horas de “aperreio” que passei. E agradeço também minha amiga Mayrane e a todos os colegas da turma de biblioteconomia.

Aos insubstituíveis: Derek, Ana Córdula e Renan, companheiros de projetos e da vida. Derek (ou Derikito) com um ar singelo sempre disposto a ajudar e falar palavras verdadeiras quando mais precisamos rapaz competente e de uma índole imaculável. Ana Córdula (Cordulita) que apareceu na minha vida a pouco tempo, mas que já fez muita diferença e estreitamos os nossos laços nos momentos angustiados da seleção do mestrado, amizade eterna. E Renan, meu companheiro subversivo, que lutamos juntos por causas justas, que demos muitas risadas, choramos um no ombro do outro, brigamos, nos desentendemos, mas estamos sempre atentos e dispostos a ajudar um ao outro, basta um whatsapp (risos).

A todos vocês deixo o meu abraço de agradecimento por fazerem parte da minha vida, pois o que é verdadeiro permanece até o fim.

No fundo da prática científica existe um discurso que diz: “nada é verdadeiro; mas em todo lugar e a todo o momento existe uma verdade a ser dita e a ser vista, uma verdade talvez adormecida, mas que, no entanto está somente à espera de nosso olhar para aparecer, à espera de nossa mão para ser desvelada.

(Michel Foucault, 1979)

RESUMO

Com o objetivo geral de analisar as epístolas manuscritas do Programa Papai Noel dos Correios, versão 2009, como artefato de informação, elegendo os aspectos da memória individual e coletivos missivistas paraibanos, o estudo analisou 243 epístolas manuscritas, que foram descartadas no término da referida campanha. O estudo adotou como perspectiva teórica os estudos de autores; Deleuze e Guatari (1992) para o conceito de informação epistolar; Foucault (1992) e Gomes (2004) na teoria da escrita de si, além de Halbwachs (2006) para selecionar os aspectos da memória. Do ponto de vista metodológico adotamos a abordagem quanti-qualitativa na perspectiva da pesquisa documental e para auxiliar a análise, utilizamos os pressupostos teóricos da análise de conteúdo bardaniana (1977). De início, abordamos os aspectos relativos à construção do conceito de informação epistolar no âmbito da Ciência da Informação, inserindo as epístolas na área como artefato de informação e memória, tendo em vista, que estas, estão carregadas de informações capazes de revelar aspectos do pensamento e das representações da sociedade. E como resultado, verificou-se que os enunciados de informação x epístolas articulados constituem um conceito possível de Informação Epistolar. A análise revelou aspectos pessoais dos missivistas desvendando a memória individual de cada um e quando articuladas, a partir de uma visão geral, social e coletiva, foi possível (re)construir a memória coletiva dos missivistas e percebendo a Campanha Papai Noel dos Correios do ano de 2009 e seu produto, como um construto da realidade social. Portanto, as epístolas se constituem fontes de informação fortes capazes de alterar o conhecimento sobre as estruturas socioeconômicas dos sujeitos que compõem a amostra deste estudo.

Palavras – chave: Epístola. Informação epistolar. Escrita de si. Memória Individual. Memória coletiva. Artefato de informação.

ABSTRACT

With the general objective to analyze the handwritten epistles of the *Santa Claus Program* of the *Correios*, 2009 version, as information artifact by electing the aspects of the individual and collective memory of the writers, from Paraíba, the study analyzed 243 handwritten letters that were discarded at the end of the campaign. The research adopted as theoretical perspective the studies of authors like: Deleuze and Guatari (1992) for the epistle information concept; Foucault (1992) and Gomes (2004) in the self-writing, in addition to Halbwachs (2006) for selecting the memory aspects. In relation to the methodological viewpoint, we adopted a quanti-qualitative approach in the documental research and to aid the analysis we used the theoretical assumptions of Bardin's content analysis (1977). Firstly, we mentioned the aspects related to the construction of the epistle information concept regarding Information Science by including the epistles, in the area, as artifact of information and memory, once these are full of information that is able to reveal aspects of thought as well as representations of the society. As a result, it was verified that the information enunciations versus articulated epistles constitute a possible concept of Epistle Information. The analysis revealed the writers' personal aspects by unveiling the individual memory of each participant and when expressed, from a general, social and collective outlook, it was possible to (re)construct the writers' collective memory and perceive the *Santa Claus Campaign* of the *Correios*, in 2009, and its product as a construct of the social reality. Therefore, the epistles constitute meaningful information sources able to alter the knowledge on the individuals' socioeconomic structures that compose the sample of this study.

Keywords: Epistle. Epistle information. Self-writing. Individual memory. Collective memory. Artifact of information.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Fotografia da abertura da Campanha Papai Noel dos Correios 2012.....	52
Figura 2 - Fotografia da abertura da Campanha Papai Noel dos Correios 2012.....	52
Figura 3 - Trecho da Epístola 49 – João Paulo II.....	62
Figura 4 - Trecho da Epístola 68 – Cristo Redentor.....	63
Figura 5 - Trecho da Epístola 68 – Cristo Redentor.....	64
Figura 6 - Trecho da Epístola 66 – João Paulo II.....	64
Figura 7 - Trecho da Epístola 66 – João Paulo II.....	66
Figura 8 - Trecho da Epístola 98 – Cristo Redentor.....	67
Figura 9 - Trecho da Epístola 64 – João Paulo II.....	67
Figura 10 - Trecho da Epístola 125 - Cristo Redentor.....	68
Figura 11 - Trecho da Epístola 30 – Cristo Redentor.....	69
Figura 12 - Trecho da Epístola 132 – Cristo Redentor.....	70
Figura 13 - Trecho da Epístola 152 – Cristo Redentor.....	71
Figura 14 - Trecho da Epístola 32 – João Paulo II.....	73
Figura 15 - Trecho da Epístola 136 – Cristo Redentor.....	74
Figura 16 - Trecho da Epístola 136 – Cristo Redentor.....	75
Figura 17 - Trecho da Epístola 43 – Cristo Redentor.....	76
Figura 18 - Trecho da Epístola 86 – Cristo Redentor.....	76
Figura 19 - Epístola 153 – Cristo Redentor.....	77
Figura 20 - Trecho da Epístola 46 – João Paulo II.....	79
Figura 21 - Trecho da Epístola 145 – Cristo Redentor.....	80
Figura 22 - Trecho da Epístola 60 – João Paulo II.....	81
Figura 23 - Trecho da Epístola 02 – Cristo Redentor.....	83
Figura 24 – Epístola 25 – João Paulo II.....	84
Figura 25 – Trecho da Epístola 44 – João Paulo II.....	85
Figura 26 - Trecho da Epístola 85 – João Paulo II.....	87
Figura 27 - Trecho da Epístola 72 – Cristo Redentor.....	88
Figura 28 - Trecho da Epístola 88 – João Paulo II.....	89
Figura 29 - Epístola 17 – Cristo Redentor.....	90
Figura 30 - Epístola 67 – João Paulo II.....	91
Figura 31 - Trecho da Epístola 55- João Paulo II.....	95

Figura 32 - Trecho da Epístola 58 – João Paulo II.....	95
Figura 33 - Trecho da Epístola 19 – João Paulo II.....	95
Figura 34 - Trecho da Epístola 42 – Cristo Redentor.....	95
Figura 35 - Epístola 057 – Cristo Redentor.....	97
Figura 36 - Trecho da Epístola 70 – João Paulo II.....	100
Figura 37 - Epístola 04 – João Paulo II.....	106
Figura 38 - Epístola 05 – João Paulo II.....	108
Figura 39 - Epístola 06 – João Paulo II.....	111
Figura 40 - Epístola 07 – João Paulo II.....	114
Figura 41 - Trecho da Epístola 02 – Cristo Redentor.....	120
Figura 42 - Trecho da Epístola 127 – Cristo Redentor.....	120
Figura 43 - Trecho da Epístola 129 – Cristo Redentor.....	120
Figura 44 - Trecho da Epístola 155 – Cristo Redentor.....	120
Figura 45 - Trecho da Epístola 155 - Cristo Redentor.....	121
Figura 46 - Trecho da Epístola 147 - Cristo Redentor.....	121
Figura 47 - Trecho da Epístola 149 - Cristo Redentor.....	121
Figura 48 - Trecho da Epístola 02 – Cristo Redentor.....	122
Figura 49 - Trecho da Epístola 140 – Cristo Redentor.....	122
Figura 50 - Trecho da Epístola 126 – Cristo Redentor.....	122
Figura 51 - Trecho da Epístola 41 – João Paulo II.....	134
Figura 52 - Trecho da Epístola 48 – João Paulo II.....	135
Figura 53 - Trecho da Epístola 49 – João Paulo II.....	136
Figura 54 - Trecho da Epístola 07 – Cristo Redentor.....	136
Figura 55 - Trecho da Epístola 09 – Cristo Redentor.....	138
Figura 56 - Epístola 82 – Cristo Redentor.....	140
Figura 57 - Trecho da Epístola 82 – João Paulo II.....	141
Figura 58 - Trecho da Epístola 68 – João Paulo II.....	142
Figura 59 - Epístola 85 - Cristo Redentor.....	143
Figura 60 - Epístola 68 – João Paulo II.....	144
Figura 61 - Trecho da Epístola 66 – João Paulo II.....	146
Figura 62 - Trecho da Epístola 61 – João Paulo II.....	147
Figura 63 - Epístola 37 – Cristo Redentor.....	148
Figura 64 - Trecho da Epístola 51 – Cristo Redentor.....	148

Figura 65 - Trecho da Epístola 02 – Cristo Redentor.....	149
Figura 66 - Trecho da Epístola 03 – Cristo Redentor.....	149
Figura 67 - Trecho da Epístola 13 – Cristo Redentor.....	149
Figura 68 - Trecho da Epístola 14 – Cristo Redentor.....	150
Figura 69 - Trecho da Epístola 22 – Cristo Redentor.....	150
Figura 70 - Trecho da Epístola 28 – Cristo Redentor.....	150
Figura 71 - Trecho da Epístola 29 – Cristo Redentor.....	150
Figura 73 - Trecho da Epístola 45 – Cristo Redentor.....	150
Figura 74 - Trecho da Epístola 49 – Cristo Redentor.....	150
Figura 75 - Trecho da Epístola 50 – Cristo Redentor.....	151
Figura 76 - Trecho da Epístola 56 – Cristo Redentor.....	151
Figura 77 - Trecho da Epístola 60 – Cristo Redentor.....	151
Figura 78 - Trecho da Epístola 64 – Cristo Redentor.....	151
Figura 79 - Trecho da Epístola 72 – Cristo Redentor.....	151
Figura 80 - Trecho da Epístola 11 – João Paulo II.....	151
Figura 81 - Trecho da Epístola 15 – João Paulo II.....	152
Figura 82 - Trecho da Epístola 26 – João Paulo II.....	152
Figura 83 - Trecho da Epístola 70 – João Paulo II.....	152
Figura 84 - Trecho da Epístola 71 – João Paulo II.....	152
Figura 85 - Trecho da Epístola 83 – João Paulo II.....	152
Figura 86 - Trecho da Epístola 86 – João Paulo II.....	152
Figura 87 - Trecho da Epístola 88 – João Paulo II.....	152
Figura 88 - Epístola 104 – Cristo Redentor.....	153
Figura 89 - Epístola 127 – Cristo Redentor.....	157
Figura 90 - Epístola 123 – Cristo Redentor.....	157
Figura 91 - Trecho da Epístola 58 – João Paulo II.....	158
Figura 92 - Trecho da Epístola 08 – João Paulo II.....	159
Figura 93 - Trecho da Epístola 146 – Cristo Redentor.....	160
Figura 94 - Trecho da Epístola 41 – João Paulo II.....	160
Figura 95 - Trecho da Epístola 42 – João Paulo II.....	161
Figura 96 - Trecho da Epístola 49 – João Paulo II.....	161
Figura 97 - Trecho da Epístola 133 – Cristo Redentor.....	161
Figura 98 - Trecho da Epístola 136 – Cristo Redentor	161

Figura 99 - Trecho da Epístola 151 – Cristo Redentor.....	162
Figura 100 - Trecho da Epístola 30 – João Paulo II.....	163

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Municípios paraibanos participantes da Campanha.....	51
Gráfico 2 – Bairros de João Pessoa participantes da Campanha.....	53
Gráfico 3 – Bairros escolhidos para a análise.....	54
Gráfico 4 – Caracterização do missivista por gênero.....	55
Gráfico 5 – Caracterização do missivista por faixa etária.....	56
Gráfico 6 –Epístolas analisadas por tipologia do Bairro João Paulo II.....	59
Gráfico 7 – Epístolas analisadas por tipologia do Bairro Cristo Redentor.....	60
Gráfico 8 – Mapeamento dos pedidos dos Bairros analisados.....	123

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Enunciados dos termos: Informação e Epístola.....	43
Quadro 2 – Desenhos das epístolas do Cristo Redentor.....	92
Quadro 3 – Palavras com erros ortográficos.....	93
Quadro 4 – Trechos das epístolas de Rayane.....	110

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Quantidade de epístolas dos bairros Cristo Redentor e João Paulo II.....	43
Tabela 2 – Tipologias do Bairro João Paulo II.....	58
Tabela 3 – Tipologias do Bairro Cristo Redentor.....	60
Tabela 4 – Taxa de frequência bruta a estabelecimento de ensino da população residente por grupo de idade.....	94

LISTA DE MAPAS

Mapa Conceitual 1 – Tipologia Epístola de Sonho.....	63
Mapa Conceitual 2 – Tipologia Epístola de Pedido.....	67
Mapa Conceitual 3 – Tipologia Epístola de Súplica.....	69
Mapa conceitual 4 – Tipologia Epístola de Confissão.....	72
Mapa Conceitual 5 – Tipologia de Epístola de Agradecimento.....	75
Mapa Conceitual 6 – Tipologia das Epístolas de Histórias familiares.....	78
Mapa Conceitual 7 – Tipologia Epístola de Problema Financeiro.....	83
Mapa Conceitual 8 – Tipologia Epístola de Representação e memoriais do outro.....	124

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ANCIB – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação
- CI – Ciência da Informação
- ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
- ECT – Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos
- GECIMP – Grupo de Pesquisa em Cultura, Informação, Memória e Patrimônio
- GT – Grupo de Trabalho
- PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
- PPGCI – Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação
- UFPB – Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

1	<i>EXORDIUM</i> – O COMEÇO.....	18
1.1	Objetivos.....	28
1.1.1	<i>Objetivo geral.....</i>	28
1.1.2	<i>Objetivos específicos.....</i>	28
1.2	Abordagem Metodológica.....	28
2	<i>NARRATIO I</i> – INFORMAÇÃO EPISTOLAR: UM CONCEITO EM CONSTRUÇÃO.....	39
2.1	Epístola: pedaço do mundo, fragmento da alma.....	45
2.1.1	<i>Tipologias das Epístolas.....</i>	57
2.1.2	<i>Características das Epístolas.....</i>	91
3	<i>NARRATIO II</i> – ENTRE O DESEJO E A CONFISSÃO.....	103
4	<i>NARRATIO III</i> – MEMÓRIAS QUE NÃO SE CONTAM.....	129
4.1	Narrativas Epistolares: memórias registradas.....	131
4.1.1	<i>O sentido da vida: memórias de família.....</i>	133
4.1.2	<i>O sentido da vida: memórias de sobrevivência.....</i>	138
4.1.3	<i>O sentido da vida: memórias do outro.....</i>	144
4.1.4	<i>O sentido da vida: memórias da fome.....</i>	146
4.1.5	<i>O sentido da vida: memórias de si, reflexo do outro.....</i>	155
5	<i>CONCLUSIO</i> – FECHANDO O ENVELOPE.....	164
6	REFERÊNCIAS.....	167
7	ANEXOS.....	173



EXORDIUM – O COMEÇO!

1 *EXORDIUM* – O COMEÇO!

Mais que na poesia, mais que no próprio diário, as epístolas refletem melhor que qualquer outro documento, o homem e o seu tempo. (SANTOS, 1994)

A Campanha Papai Noel dos Correios, programa social instituído pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT), realizada há mais de 20 anos e desenvolvida em 28 diretorias regionais por ocasião das festas natalinas, destina-se principalmente a crianças que se encontram em situação de vulnerabilidade social, no entanto, pessoas de todas as faixas etárias escrevem para a campanha. Este programa revela-se uma ação social das mais significativas do país que se utiliza de epístolas como meio confessional. Estas materializam histórias de vidas escritas por crianças e adultos oriundas de todas as regiões brasileiras.

Voltar-se criticamente para as epístolas, frutos dessa campanha, significa também ouvir vozes silenciadas e nem sempre ouvidas. Dar voz a um grupo que encontra nas epístolas, o meio de evocar lembranças do passado, registrar o presente e clamar por ajuda. Este trabalho é, portanto, o estudo da escrita de si proposto por Foucault (1992) dos missivistas paraibanos revelando aspectos do pensamento da sociedade.

Como entramos nas linhas desses escritos? Como chegamos aos Correios? Questionamentos dessa natureza nos conduzem a explicar a trajetória que nos levaram ao encontro dos missivistas participantes do Programa Papai Noel dos Correios. Tudo aconteceu no ano de 2009, enquanto estudante do Curso de Graduação em Biblioteconomia, porém já graduada em Turismo, ingressei no Grupo de Estudos e Pesquisa em Cultura, Informação, Memória e Patrimônio (GECIMP). No ano seguinte fui contemplada como a primeira bolsista do projeto intitulado “*Arqueologia do saber: Epístolas como fonte de informação e memória*”, sob a Coordenação da Prof^a Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Iniciava aqui, uma grande inquietação e curiosidade sobre o objeto da pesquisa: as epístolas.

Tudo era inédito¹, diferente, inquietante. A primeira vez que examinamos as epístolas, dois sentimentos afloraram: queria responder a todas, atender aos pedidos, contatar as crianças. Um sentimento emergiu diante da pouca condição de realizar os pedidos. A partir dessas leituras fui transportada no tempo e, como se tivesse entrado em uma máquina, revivi lembranças de quando eu ainda era uma garotinha, na pré-adolescência. Eu tinha uma amiga muito especial, chamava-se Vivianne, ela morava distante, no Paraná e neste tempo, quando não usávamos nem celulares, nem as tecnologias da *internet*, o nosso meio de comunicação era a tão esperada carta, que viajava carregada com uma escrita cheia de emoções, de sentimentos, de entusiasmos e de sonhos típicos de uma adolescente, além de informações das novidades da nossa família e da nossa terra. E a cada epístola escrita, a ansiedade por resposta chegava a ser dolorosa. Logo percebi as diferentes intenções que se pode ter ao escrever para alguém, pois enquanto aquela garotinha escrevia para revelar os sentimentos mais recônditos, as crianças da Campanha Papai Noel dos Correios revelavam necessidades outras. Apesar da pouca idade, as preocupações reveladas na escrita tinham um ar mais sério, não tendo espaço para criancices e devaneios de adolescentes. Verifica-se aí, que a epístola se constitui de um tipo específico de interação, um processo de comunicação com suas particularidades, pois os sentimentos mais íntimos são testemunhos dessa “escrita de si” (FOUCAULT, 1992). A partir daí, novos caminhos estavam sendo trilhados na minha vida, e a expectativa de ampliar essa pesquisa e descobrir um pouco mais sobre a escrita dessas epístolas me levaram a querer aprofundar os meus conhecimentos. Foi então que fiz a inscrição para ingressar no mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), cujo pré-projeto intitulado “ESCRITA DE SI, ESCRITA DO EU: epístolas como fontes de informação individual e coletiva”, fora aprovado.

Muitas eram as inquietações desse projeto e, após cursar algumas disciplinas ofertadas pelo Programa verificamos a possibilidade de pequenas alterações, sempre pensando em melhores resultados para nosso eixo temático: Informação e Memória. Para isso, muitos foram os questionamentos levantados, pois as informações contidas neste artefato nos fizeram perceber os diversos aspectos que poderiam ser abordados a fim de alcançar nossos objetivos como, por exemplo, *as questões de temporalidade*: sobre o

¹ No campo da Ciência da Informação até então as epístolas não havia sido identificadas como fonte de informação, ou seja, objeto inexplorado como fonte de pesquisa e interpretação. A escassez de pesquisas que abordam as epístolas como fonte de informação e memória foi a força motriz que motivou a pesquisa em pauta.

tempo nas epístolas, um tempo de escrita, uma data de postagem, tempo que permaneceram guardadas, tempo em que estão sendo lidas ou o tempo que elas nem foram abertas; *as questões de gênero de discurso*: o que são epístolas, quando surgiram, qual sua função, como elas podem ser, ou seja, seus diversos tipos; *o estudo da escrita de si*: que não só testemunham, mas também organizam e concedem realidade à própria experiência. Elas aparecem associadas ao exercício da reflexão do próprio autor, o pensar sobre si mesmo. *Epístolas como artefato de Informação e Memória*: têm uma relação com a temporalidade, à historicidade e a singularidade do objeto de estudo, que se sustenta em dados históricos revelados através de “vestígios, relíquias e testemunhos” (AROSTEGUI, 2006, p. 480). Por meio das informações sobre a vida de quem as escreveu, e de seu(s) correspondente(s), buscamos (re)construir a memória dos envolvidos ou até de uma sociedade, extraindo informações fortes capazes de revelar aspectos do pensamento e das representações (BOURDIEU, 1996).

Surge aqui a maior das inquietações com o objeto estudado, pois se as epístolas são capazes de fornecer aspectos relevantes para a construção de histórias de vida, costumes de determinada comunidade ou sociedade, segredos que, muitas vezes, podem destruir ou enobrecer alguém ou alguma coisa, detalhes que podem fazer a diferença na construção da história e da memória de pessoas e lugar, informações que podem fortalecer os costumes e o conhecimento de/para uma sociedade, pode-se afirmar o surgimento de um novo conceito a ser inserido aos estudos da Ciência da Informação (CI), a partir da construção e compreensão do conceito de “informação epistolar”. Tal esforço nos conduzirá a ampliar a percepção das epístolas enquanto fonte de informação e memória.

Informação e memória é a temática que norteia o Grupo de Trabalho da ANCIB (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação), denominado nos Encontros Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ENANCIB) de GT 10².

² Segundo o *site* da ANCIB (2013), o GT 10 foi criado no ano de 2010, sob a coordenação inicial da Prof^a Dr^a Vera Dodebei (UNIRIO), passando, posteriormente, para o comando do Prof. Dr. Carlos Xavier de Azevedo Neto (UFPB). O GT aborda estudos, [...] sobre a relação entre os campos de conhecimento da Ciência da Informação e da Memória Social. Pesquisas transdisciplinares que envolvem conceitos, teorias e práticas do binômio ‘informação e memória’. Memória coletiva, coleções e colecionismo, discurso e memória. Representações sociais e conhecimento. Articulação entre arte, cultura, tecnologia, informação e memória, através de seus referenciais, na contemporaneidade. Preservação e virtualização da memória social. (ANCIB, 2013)

Durante os três primeiros anos de existência do GT 10 (Informação e memória), foram registrados seis estudos relacionados a epístolas, termo compreendido e adotado nesse estudo equivalente a carta. No ENANCIB de 2010, foi publicado um artigo intitulado “Um sistema informatizado de gestão arquivística de documentos para o acervo das epístolas e pinturas de José Simeão Leal”, com autoria de Laerte Pereira da Silva Júnior, que tinha como principal objetivo digitalizar o acervo de epístolas e pinturas do personagem estudado, com vistas à sua preservação, organização, acesso e uso da informação do acervo.

No ENANCIB de 2011, encontramos dois artigos relacionados com o termo epístola. O primeiro da autoria de Thaina Castro Costa intitulado “O passado presentificado na coleção de epístolas da Sra. Madeleine Wallace (o fabuloso destino de Amelie Poulain)”, que analisa a narrativa fílmica da personagem Madeleine Wallace sob uma perspectiva colecionista, que na tentativa de guardar lembranças do casamento, a personagem armazena objetos, entre eles o cachorro do casal que foi empalhado e as epístolas enviadas ao marido sendo estas, o destaque da coleção. O segundo da autoria de Daniele Achilles e Durval Vieira, “Memória e identidade de Olavo Bilac: um estudo de sua correspondência preservada no arquivo da Academia Brasileira de Letras (1887-1919)”, pesquisa que objetivou reinterpretar a memória e a reconstruir a identidade de Olavo Bilac, ratificando a importância da correspondência como suporte de memória individual necessária a construção da memória coletiva também retratada nesse conjunto epistolar.

Já em 2012, um único trabalho sobre epístolas foi apresentado, intitulado “Epístolas natalinas: confissões de si, memórias do eu”, da autoria de Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira e Brenda Alves de Andrade, que aborda aspectos da escrita de si, revelando o artefato epistolar como fonte de informação e memória. Pesquisa que provocou discussões e aceitação por parte do GT, tanto que em 2013, o trabalho intitulado Memórias cotidianas de Francielly, um conjunto de cartas de uma mesma missivista extraídas do universo dos correspondentes de Papai Noel dos Correios, que teve como repercussão o prêmio de melhor trabalho na categoria Junior no GT 10 (Informação e Memória). Outro trabalho sobre epístolas também foi apresentado neste mesmo ano da autoria de José Claudio Alves de Oliveira, “Cartas ex-votivas: informação, memória e histórias de vida”.

No campo da Ciência da Informação, os estudos epistolares ainda revelam-se incipientes, isso se justifica em razão da própria área, relativamente nova, a singularidade de alguns trabalhos aflora as discussões e o entusiasmo dos pesquisadores a exemplo da informação epistolar e das memórias. Esta pesquisa, especificamente, é um dos estudos com caráter inédito para a CI, pois a epístola na qualidade de artefato de informação e memória é capaz de revelar aspectos relevantes para a construção da memória individual e coletiva, tornando-se um significativo constituinte de informações fortes e ricas (MORIN, 1986)³.

Por outro lado, é comum encontrarmos muitos estudos sobre epístolas em diversas áreas do conhecimento: da história à psicologia (e psicanálise), da sociologia e filosofia às artes em geral, das ciências exatas às biológicas, nos estudos linguísticos, olhares que desejam captar testemunhos e convicções, fundamentos artísticos e científicos, experiências vividas ou imaginadas. A saber, na área de educação pode-se citar a dissertação da autora Vivian Carla C. dos Santos (2009), com o título: “Epístolas, escrita e linguagem: a temporalidade em questão”. Outra dissertação bastante atual é a de Érica Nascimento Silva (2012), na área de letras vernáculas intitulada: “Cartas amorosas de 1930: o tratamento e o perfil sociolinguístico de um casal não ilustre”. Verificaram-se também algumas teses que abordavam esse assunto, como a da autora Maria Rosa R. M. de Camargo (2000), também da área de educação, com o tema “Cartas e escrita”. Todas têm um viés diferente da abordagem que tratamos nesse estudo.

Alguns autores usam do recurso “epístola”, para criarem personagens ou estruturarem seus romances, contos ou novelas como, por exemplo: *A Cor Púrpura* (1982), de Alice Walker, que foi adaptado para a linguagem fílmica em 1984; *As Ligações Perigosas* (1782) de Choderlos de Laclos, em 1988; *Cartas Persas* (1721), livro escrito por Charles de Montesquieu, entre muitos outros. No Brasil podemos citar o filme *Central do Brasil* (1998), sob a direção de Walter Salles, vencedor de diversos prêmios.

É comum também, o uso de epístolas em publicações de livros, sobretudo relacionado a pessoas que se destacaram social, cultural e politicamente na sociedade, isso tanto em nível nacional quanto internacional. Produção que também se consolidou no Brasil, a exemplo citamos os livros que reúnem as cartas trocadas entre Drummond e Mário de Andrade, Fernando Sabino e Clarice Lispector, entre outros.

³ Para Morin (1986) as informações podem além de fortes serem ricas, isto é trazer algo novo, inesperado, surpreendente. Como o caso das Epístolas enviadas ao Papai Noel dos Correios, cujos conteúdos não se trata apenas de pedido de brinquedo, mas de informações que são capazes de desvelar a realidade sócio-histórica e cultural.

Esse elo e a troca de informações, através de correspondências, marcam bem determinadas épocas da nossa história, sendo a mais recente a publicação do livro que trata das correspondências trocadas entre Fernando Pessoa e Ofélia Queiroz intitulado *Fernando Pessoa & Ofélia Queiroz: correspondência amorosa completa* (1919-1935), organizado por Richard Zenith, editado pela Capivara em 2013, com o apoio da Lei de Incentivo à Cultura, Portugal Telecom, Oi entre outras empresas.

Percebe-se que as publicações normalmente estão relacionadas a pessoas publicamente conhecidas ou ficcionalmente criadas. Apesar de o objeto de estudo ser comum a todos os exemplos citados, epístolas, para o estudo em pauta, persistem em um diferencial: os personagens principais desse enredo são pessoas comuns da sociedade. É o que se poderia denominar de vozes da minoria (THOMPSON, 1992). Tendo em vista que as informações contidas nas epístolas nos abriram portas para histórias até então desconhecidas, mas que ao mesmo tempo, são situações comuns vivenciadas no dia a dia de uma sociedade, tais epístolas farão desses missivistas, interessantes objetos do conhecimento social. Isso é corroborado pela afirmativa segundo a qual “a escrita, não somente captura, fixa e descreve os indivíduos, mas os constrói por meio de aparatos disciplinares transformando-os em objetos do conhecimento” (FROHMANN, 2001, p. 7).

A escrita confessional materializada e convencionada em epístolas, caracteriza-se para a CI como artefatos informacionais e esses artefatos, tomados como documentos materiais, são carregados de subjetividade, utilizados para os estudos dos diferentes modos de vida da sociedade fornecendo dados relevantes para a pesquisa. No entanto, é importante entender que, nem todo artefato é um documento, mas, todo artefato pode vir a ser um documento, pois, de acordo com Meyriat (*apud* ORTEGA; LARA, 2008) o desejo de obter informação é o elemento necessário para que um artefato seja considerado documento, ainda que o desejo de seu criador tenha sido outro. Deste modo, nem todo artefato tem por função ser suporte de informação, mas esta pode ser uma de suas funções, embora sua função principal, *a priori*, seja outra.

O documento tem uma dupla origem: ele pode ou não ter sido criado como tal. Ortega e Lara (2008) ainda exemplificam dizendo que o documento é em si, um objeto manufaturado que pode funcionar como documento propriamente dito ou como um objeto qualquer: um cartão postal não é em si um documento na mente e/ou intenção do autor, mas poderá passar a sê-lo se for utilizado como tal. Isso significa dizer que a

necessidade e o uso que se faz de determinado artefato pode ou não transformá-lo em documento, isso depende de uma série de fatores e circunstâncias, dentre as quais tempo, memória e informação.

A obra *O Traité de documentation* publicado, originalmente, em 1934 por Paul Otlet (1868-1944), traz a noção de documento na versão clássica. Otlet (1996, p. 43), “utiliza os livros como termo genérico que engloba os manuscritos e impressos de toda espécie [...] que constituem em seu conjunto a memória materializada da humanidade.” “Livro e documento, na sua perspectiva, constituem suporte para uma certa matéria e dimensão no qual constam signos representativos de certos dados intelectuais” (OTLET, 1996, p. 43). A proposta de Otlet parte da ideia de um termo genérico (*biblión* ou *bibliograma* ou documento), que cobriria todos os tipos de suporte: volumes, folhetos, revistas, artigos, *epístolas*, diagramas, fotografias, estampas, certificados, estatísticas, incluindo-se os audiovisuais e fonográficos como discos e filmes.

Escarpit (1991, p. 123-126), um dos discípulos de Otlet, “define o documento como um objeto informacional visível ou palpável e dotado de uma dupla independência com relação ao tempo, é um suporte material que pode ser conservado, transportado, reproduzido.” Os documentos representam a intenção das sociedades de registrarem proeminências de suas e outras épocas. Por meio dessa visão, as epístolas são um dos tantos produtos de uma sociedade, gerados a partir do registro de informações específicas. A partir desse registro, a epístola pode passar a ser um artefato informacional, e esse artefato na qualidade de documento materializa a informação.

A primeira epístola considerada documento informativo da história brasileira foi a Carta de Caminha, documento no qual o autor registrou as suas impressões sobre a terra que posteriormente viria a ser chamada de Brasil. Essas informações, materializadas pelo autor através da escrita possibilitaram que este artefato epistolar se torne uma rica fonte de “informações fortes”. (MORIN 1986, p. 42) Também nos dias atuais, trazendo informações sobre o comportamento dos índios, sobre a linguagem utilizada na época, a forma como o autor apresenta/descreve o outro, o seu contexto histórico-cultural, enfim, o relato das primeiras semanas após o descobrimento. A carta que Pero Vaz de Caminha escreveu registra as suas impressões de um novo mundo, do desconhecido.

As epístolas da Campanha Papai Noel dos Correios também trazem consigo essas impressões. Os missivistas escrevem sobre o seu cotidiano, contam sobre o seu comportamento, sobre a conduta familiar. A linguagem utilizada parece revelar indícios

de uma cultura pouco letrada. Os missivistas descrevem a si mesmos, e aos outros, principalmente, os seus familiares, com uma riqueza de detalhes que possivelmente teriam dificuldades para fazê-lo face a face ou até mesmo de verbalizar. Deste modo, o interesse por descobrir aspectos da memória dos missivistas a partir do artefato epistolar desta campanha, se torna algo peculiar e original para o campo da CI.

“Enquanto artefato, a informação só tem existência quando percebida como tal, e só é estabelecida esta percepção quando, de algum modo, em alguma circunstância, é criada uma relação de significação” (AZEVEDO NETTO, 2007, p. 5). Dessa forma, essa relação é efetivada na medida em que:

Se a informação é um artefato ela foi criada num tempo, espaço e forma específica, que formam um dos contextos pelo qual deve ser interpretada – o contexto de sua geração. Sendo artefato ela pode ser utilizada em um contexto distinto daquele para o qual e no qual foi produzida, sendo, portanto passível de recontextualização. (PACHECO, 1995, p. 21)

Assim, a informação considerada nesse trabalho é aquela que diz respeito a uma produção de significados socialmente construídos e aceitos. Bronowski (1997 *apud* AZEVEDO NETTO, 2007) incorpora a subjetividade nos processos informacionais, já que não é possível, nem ao emissor, nem ao receptor, estar desvinculado das emoções, o que torna a informação, a partir dessa ótica, um produto exclusivamente humano e, portanto, um artefato. Deste modo, será trabalhada nesses escritos, a ideia de informação como artefato de informação e de memória, como forma de criação e instituição dos significados.

Desta maneira, este estudo tem relação com a temporalidade, a historicidade e a singularidade do objeto de estudo - informação e memória, constituindo as fontes de uma história extraída de um conjunto de epístolas pessoais, manuscritas. Por meio das informações sobre a vida de quem as escreveu, e de seu(s) correspondente(s), buscamos reconstruir a memória dos envolvidos ou até de uma sociedade, extraindo informações fortes capazes de revelar aspectos do pensamento e das representações (BOURDIEU, 1996; MORIN, 1986). Ou seja, a correspondência testemunha uma época e as redes de relações estabelecidas no espaço de sociabilidade entre os sujeitos, que produzem e recebem as epístolas.

No caso, analisar as epístolas do Programa Papai Noel dos Correios escritas por crianças e adultos de toda Paraíba, é fazer uma análise da escrita de si, compreender o indivíduo, seus relacionamentos, seus discursos, pensamentos interiores, a memória de

suas vidas, além de suas condições sociais, econômicas e culturais. Deste modo, podemos observar que:

[...] trocar epístolas, corresponder-se, escrever para alguém são formas de se expor, de compartilhar experiências, construir elos invisíveis e, muitas vezes, duradouros. A carta como uma prática de escrita, tanto fala de quem a escreve como revela sempre algo sobre quem a recebe, enunciando a intensidade do relacionamento entre os envolvidos, pois ‘nunca se escreve senão para viver, a fim de fazer frente a uma situação, para explicar, justificar-se, informar, dirigir-se a, apelar, queixar-se, sofrer menos, fazer-se amar, dar-se prazer’ (BASTOS *apud* BOLLEME, 1988, p. 201).

Essa pesquisa se encaixa no contexto de ser mais uma tentativa de contribuir para a expansão dos estudos autobiográficos e de escrita de si, além de analisar a epístola, considerando-a um importante artefato informacional, atribuindo-lhe consideráveis significações e originalidade, subsidiando diversas discussões no âmbito da Ciência da Informação.

De acordo com Lejeune (2008), a autobiografia é um modo de escrever e também um modo de ler. Os conteúdos que constituem as epístolas podem reacender no indivíduo, um processo de reavivamento do *ethos*⁴, pois elas narram história de vida, registros de sociabilidade, reiteram significados e marcam passagens. Neste sentido, cada epístola parece ser construída numa forma de autoexpressão, da mesma maneira que testemunham os diários e outros escritos acumulados e preservados nas instituições-memória, estes, como lugares de memória são, antes de mais nada, restos. [...] São rituais de uma sociedade sem ritual, sacralidades passageiras em uma sociedade que dessacraliza, ilusões de eternidade (NORA, 1993). Na concepção de Nora (1993), os lugares de memória são primeiramente, lugares em uma tríplice acepção. São lugares materiais onde a memória social se ancora e pode ser apreendida pelos sentidos. São lugares funcionais porque têm ou adquiriram a função de alicerçar memórias coletivas e são lugares simbólicos onde essa memória coletiva – vale dizer, essa identidade – se expressa e se revela.

As epístolas da campanha aqui citada são como a memória-espelho referida por Nora (1993). O autor questiona a vontade de querer igualar a história que construímos à história que vivemos, por conta dos escritos do passado que nos fornecem tantos estudos,

⁴ O *ethos* indicará um espaço constituído e permanentemente reconstruído pelo homem, espaço no qual serão inscritos os costumes, hábitos, valores, normas e ações. Esta ordem geral a qual se refere o *ethos* é denominada costume, maneira de ser habitual. Comum a um determinado grupo humano. (BONIFÁCIO, 2000-)

[...] se os espelhos não refletissem a própria imagem, quando ao contrário, é a diferença que procuramos aí descobrir, e no espetáculo dessa diferença, o brilhar repentino de uma identidade impossível de ser encontrada. Não mais uma gênese, mas o deciframento do que somos à luz do que não somos mais. (NORA, 1993, p. 20)

Através da análise dessas epístolas que tentamos compreender os missivistas procurando perceber nas entrelinhas a constituição do *ethos*. Para Nora (1993), é a partir dessas “bulas do passado”, que se pretende, então, ressignificar a memória desses produtores e reconstruindo a história dos missivistas.

Anseiamos ainda construir o conceito de informação epistolar que passará a fundamentar o olhar da Ciência da Informação face a sua compreensão das epístolas enquanto fonte de informação, bem como contribuir em desvendar os escritos de um grupo social silenciado.

Diante disto, cabe questionar: *Que memórias individuais e coletivas se constroem por meio de epístolas manuscritas, fontes de informação, e que podem ser consideradas informações capazes de revelar aspectos do pensamento e das representações dos missivistas do Programa Papai Noel dos Correios na cidade de João Pessoa/PB?*

1.1 Objetivos

Para responder a esse questionamento estabelecemos as seguintes ações estratégicas.

1.1.1 Objetivo geral

Analisar as epístolas manuscritas do Programa Papai Noel dos Correios, ano de 2009, como artefato de informação, elegendo os aspectos da memória individual e coletiva dos missivistas.

1.1.2 Objetivos específicos

- Mapear os bairros da cidade de João Pessoa participantes do Programa Papai Noel dos Correios;
- Categorizar os missivistas das epístolas natalinas;

- Caracterizar a singularização do sujeito no gesto de escrita;
- Verificar aspectos construtivos da memória individual e coletiva na escrita de si e do outro e;
- Propor o conceito de informação epistolar no âmbito da Ciência da Informação.

1.2 Abordagem Metodológica

A metodologia é a etapa que define onde e como será realizada a pesquisa. É a explicação minuciosa, detalhada, rigorosa e exata, de toda a ação desenvolvida no método (caminho) do trabalho de pesquisa. Conforme Gil (1999, p. 48), os procedimentos metodológicos de uma pesquisa científica são apresentados com o intuito de garantir a implementação dos objetivos e os passos metodológicos utilizados na realização da mesma. Deste modo, a pesquisa científica é a realização de uma investigação planejada, na qual é “desenvolvida e redigida de acordo com as normas da metodologia consagradas pela ciência. É o método que caracteriza o aspecto científico de uma pesquisa” (GIL, 1999, p. 48).

Ao conhecer, caracterizar, analisar e elaborar sínteses sobre um objeto de pesquisa, o investigador dispõe atualmente de diversos instrumentos metodológicos. É importante perceber que o estudo de um fenômeno suscita que o pesquisador considere as diversas facetas da pesquisa, suas concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas utilizadas, o seu potencial criativo e essa escolha deve se adequar à realidade da investigação e não à preferência do pesquisador. Destarte, o direcionamento do tipo de pesquisa que será empreendido dependerá de fatores como a natureza do objeto, o problema de pesquisa e a corrente de pensamento que guiam o pesquisador. Goldenberg (2002, p. 14) sintetiza esse pensamento: “o que determina como trabalhar é o problema que se quer trabalhar: só se escolhe o caminho quando se sabe aonde se quer chegar”. Deste modo, para adentrar na metodologia da pesquisa social, tendo em vista que as sociedades humanas estão situadas no tempo, espaço e movimentos constantes, será preciso viajar em um mundo de incertezas e situações de improviso.

Para atenuar essas incertezas, a pesquisa bibliográfica tornou-se essencial, pois, a análise de outros exemplos trará um maior estímulo e compreensão para nosso estudo. Segundo Gil (1991), a pesquisa bibliográfica “é elaborada a partir de material já

publicado, constituído, principalmente, de livros, artigos de periódicos e atualmente com material disponibilizado na Internet.”

Dentre os modelos teóricos de investigação estudados, adotamos a pesquisa quanti-qualitativa com maior ênfase na abordagem qualitativa do tipo documental. Quanto à técnica de análise de dados utilizamos a análise de conteúdo na perspectiva Bardaniana (1977).

“O método quantitativo, como o próprio nome indica, caracteriza-se pelo emprego da quantificação tanto nas modalidades de coleta de informações, quanto no tratamento delas por meio de técnicas estatísticas” [...] (RICHARDSON, 1999, p. 70). Utilizamos esse método, inicialmente, para o mapearmos o universo de 5.522 epístolas da Campanha Papai Noel dos Correios da Paraíba do ano de 2009, que dado o volume de cartas decidimos a partir do critério intencional, optar por analisar dois bairros da capital João Pessoa, Cristo Redentor e de João Paulo II, com maior incidência de epístolas, totalizando 2.423 epístolas. Destas extraímos de forma aleatória a amostra de 10% desses escritos para análise.

A partir da escolha a amostra aleatória de 10% equivaleu a 243 epístolas que compõe o corpus de análise que foram divididas da seguinte forma:

Bairro	Quantidade de epístola
João Paulo II	88
Cristo Redentor	155
Total	243

Richardson (1999) afirma que o método quantitativo representa, em princípio, a intenção de garantir a precisão dos resultados, evitando distorções de análise e interpretação, possibilitando, consequentemente, uma margem de segurança quanto às inferências.

Para a análise e interpretação dos dados, o método qualitativo é o mais indicado. Deste modo, “a relação das técnicas qualitativas e quantitativas não é, de maneira alguma, de oposição, mas sim, de complementaridade.” (ARÓSTEGUI, 2006, p. 557).

De acordo com Minayo (2007, p. 21), “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, sendo largamente utilizada nas ciências sociais, uma vez que ela se

preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificada.” Ou seja, trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis ou categorias (OLIVEIRA, 2009). Ela caracteriza-se como uma tentativa de uma compreensão detalhada dos significados. Metaforicamente, o autor Jaime Junior (2002) associa o papel do pesquisador qualitativo ao do intérprete. Ele interpreta o fluxo do discurso social: falas, silêncios, gestos, ações. Traduz os significados socialmente construídos e interpretados em primeira mão pelo sujeito.

Lüdke e André (1986) dão as características básicas de uma pesquisa qualitativa:

1. A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. [...];
2. Os dados coletados são predominantemente descritivos. [...];
3. A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto. [...];
4. O 'significado' que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador. [...];
5. A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo. Os pesquisadores não se preocupam em buscar evidências que comprovem hipóteses definidas antes do início dos estudos. As abstrações se formam ou se consolidam basicamente a partir da inspeção dos dados num processo de baixo para cima. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 11)

No âmbito da abordagem qualitativa, diversos métodos são utilizados de modo a se aproximarem da realidade social, sendo o método da pesquisa documental, aquela que busca compreendê-la de forma indireta por meio da análise dos inúmeros tipos de documentos produzidos pelo homem. A pesquisa documental representa uma forma que pode se revestir de um caráter inovador, trazendo contribuições importantes no estudo de alguns temas. É um procedimento que se utiliza de métodos e técnicas para apreensão, compreensão e análise de documentos dos mais variados tipos. A palavra documental, neste caso, deve ser entendida de uma forma ampla, incluindo os materiais escritos (como, por exemplo, jornais, revistas, diários, obras literárias, científicas e técnicas, *epístolas*, memorandos, relatórios), as estatísticas (que produzem um registro ordenado e regular de vários aspectos da vida de determinada sociedade) e os elementos iconográficos (GODOY, 1995, p. 21-22). Segundo Oliveira (2007, p. 69), a pesquisa documental caracteriza-se pela busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico, tais como relatórios, reportagens de jornais, revistas, *epístolas*, filmes, gravações, fotografias, entre outros. Esses documentos são utilizados

como fontes de informações, indicações e esclarecimentos que trazem seu conteúdo para elucidar determinadas questões e servir de prova para outras, de acordo com o interesse do pesquisador. Segundo Silva *et al* (2009, p. 4),

A pesquisa documental permite a investigação de determinada problemática não em sua interação imediata, mas de forma indireta, por meio do estudo dos documentos que são produzidos pelo homem e por isso revelam o seu modo de ser, viver e compreender um fato social. Estudar documentos implica fazê-lo a partir do ponto de vista de quem os produziu, isso requer cuidado e perícia por parte do pesquisador para não comprometer a validade do seu estudo.

Além do mais, o uso de documentos em pesquisa permite acrescentar a dimensão do tempo à compreensão do social. De acordo com Cellard (2008), a análise documental favorece a observação do processo de maturação ou de evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas, entre outros.

Cellard (2008) orienta sobre a avaliação preliminar dos documentos. Essa avaliação constitui a primeira etapa de toda a análise documental, dividindo-se em cinco dimensões:

1. **O contexto:** a avaliação do contexto histórico no qual foi produzido o documento é primordial na análise documental, incluindo o universo sociopolítico do autor e daqueles a quem foi destinado, independentemente da época em que o texto foi escrito. Tanto nos documentos com um passado distante, quanto nos recentes, a análise discorre de igual modo, no entanto, quando se trata de documentos mais atuais, o desafio do pesquisador será maior, implicando em uma análise mais cuidadosa, tendo em vista, que os autores desses documentos ainda estejam vivos, podendo contestar a validação e interpretação de sua pesquisa. É imprescindível que o pesquisador conheça a circunstância socioeconômica, cultural e política em que os autores estão inseridos no momento da produção de determinados documentos. Tal conhecimento possibilita apreender os esquemas conceituais dos autores, seus argumentos, refutações, reações e, ainda, identificar as pessoas, grupos sociais, locais, fatos aos quais se faz alusão, etc. Pela análise do contexto, o pesquisador se coloca em excelentes condições até para compreender as particularidades da forma de organização, e, sobretudo, para evitar interpretar o conteúdo do documento em função de valores modernos.

2. **O autor ou os autores:** para se interpretar um texto é preciso ter previamente uma ideia da identidade da pessoa que se expressa, de seus interesses e dos motivos que a levaram a escrever. O indivíduo fala em nome próprio ou em nome de outra pessoa? O autor afirma que elucidar a identidade do autor possibilita avaliar melhor a credibilidade de um texto, a interpretação que é dada de alguns fatos, a tomada de posição que transparece de uma descrição, as deformações que puderem sobrevir na reconstituição de um acontecimento.

3. **A autenticidade e a confiabilidade do texto:** não basta informar-se sobre a origem social, a ideologia ou os interesses particulares do autor de um documento. É também importante assegurar-se da qualidade da informação transmitida. Cabe fazer alguns questionamentos: Eles foram testemunhas diretas ou indiretas do que eles relatam? Quanto tempo decorreu entre o acontecimento

e a sua descrição? Eles reportaram a fala de alguma outra pessoa? Eles poderiam estar enganados? É importante estar atento.

4. *A natureza do texto*: deve-se levar em consideração a natureza de um texto, ou seu suporte, antes de tirar conclusões. Efetivamente, a abertura do autor, os subentendidos e a estrutura de um texto podem variar enormemente, conforme o contexto no qual ele é redigido.

5. *Os conceitos-chaves e a lógica interna do texto*: delimitar adequadamente o sentido das palavras e dos conceitos é, aliás, uma precaução totalmente pertinente no caso de documentos mais recentes nos quais, por exemplo, utiliza-se um “jargão” profissional específico, ou nos que contêm regionalismos, gírias próprias a meios particulares, linguagem popular, etc. O autor ressalta que é preciso prestar atenção aos conceitos-chaves presentes em um texto e avaliar sua importância e seu sentido, segundo o contexto preciso em que eles são empregados. (CELLARD, 2008, p. 299)

Após a análise preliminar em relação às epístolas, utilizamos a análise de conteúdo para uma análise mais aprofundada e sistemática, a fim de estabelecer ligações e de constituir configurações significativas, extraíndo os elementos pertinentes do texto, comparando-os com outros elementos contidos no *corpus* documental. Para isso, fez-se necessário desconstruir o material e em seguida proceder a uma reconstrução, com intenção de responder as indagações iniciais e atender aos objetivos traçados.

Assim, é importante destacarmos as diferenças relacionadas entre a análise documental e a análise de conteúdo, de acordo com as teorias de Richardson (1999, p. 230):

1. A análise documental trabalha sobre os documentos; a análise de conteúdo, por sua vez, sobre as mensagens; 2. A análise documental é essencialmente temática; esta é apenas uma das técnicas utilizadas pela análise de conteúdo; 3. O objetivo básico da análise documental é a determinação fiel dos fenômenos sociais; a análise de conteúdo visa manipular mensagens e testar indicadores que permitem inferir sobre uma realidade diferente daquela da mensagem. Assim sendo, a análise do documento pode, então, ser interpretada como sendo constituída por duas etapas: uma primeira de recolha dos documentos e uma segunda de análise, que pode ser a análise de conteúdo.

Como já foi dito, o ponto de partida da análise de conteúdo é a mensagem, seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada.

As mensagens expressam as representações sociais na qualidade de elaborações mentais construídas socialmente, a partir da dinâmica que se estabelece entre a atividade psíquica do sujeito e o objeto do conhecimento. Relação que se dá na prática social e histórica da humanidade e que se generaliza via linguagem. Sendo constituídas por processos sociocognitivos, têm implicações na vida cotidiana, influenciando não apenas a comunicação e a expressão das mensagens, mas também os comportamentos. (FRANCO, 2007, p. 12)

Desta forma, Franco (2007) enfatiza que a análise de conteúdo assenta-se nos pressupostos de uma concepção crítica e dinâmica da linguagem. Linguagem aqui entendida como forma de expressão de representações sociais historicamente constituídas acerca da realidade social vivida por determinado grupo ou indivíduo e expressas nos documentos por eles produzidos. A autora salienta ainda, que outro elemento a ser considerado é reconhecer que a análise de conteúdo requer que as descobertas tenham relevância teórica, ou seja: um dado sobre o conteúdo deve sempre estar relacionado com outro dado e acompanhado de alguma forma teórica, assim, a análise de conteúdo sempre implicará comparações textuais.

Sendo assim, o que está escrito, falado, mapeado, figurativamente desenhado, e/ou simbolicamente explicitado, sempre será o ponto de partida para a identificação do conteúdo, seja ele explícito e/ou latente (FRANCO, 2007, p. 16).

Deste modo, inserir a análise de conteúdo no estudo das epístolas da Campanha Papai Noel dos Correios, que através das mensagens escritas pelos missivistas expressam um significado e um sentido, necessariamente essas mensagens não podem ser consideradas um ato isolado, pois, “os diferentes modos pelos quais o sujeito se inscreve no texto correspondem a diferentes representações que tem de si mesmo como sujeito e do controle que tem dos processos discursivos textuais com que está lidando quando fala ou escreve” (VARLOTTA, 2002 *apud* FRANCO, 2007). Para Bardin (1977, p. 38), a análise de conteúdo pode ser considerada:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens... A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e de recepção das mensagens, inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não).

“Pela sua natureza científica, a análise de conteúdo deve ser eficaz, rigorosa e precisa. Trata-se de compreender melhor um discurso, de aprofundar suas características e extrair os momentos mais importantes” (RICHARDSON, 1999, p. 224). Portanto, deve basear-se em teorias relevantes que sirvam de marco de explicação para as descobertas do pesquisador.

No nosso caso em especial levamos em consideração as informações produzidas pelos missivistas indagando sempre acerca de “quem” e do “por que” de determinado conteúdo informacional. E segundo Franco (2007), neste caso, três pressupostos básicos garantem relevância a esse enfoque:

- a) Toda mensagem falada, escrita ou sensorial contém, potencialmente, uma grande quantidade de informações sobre seu autor: suas filiações teóricas, concepções de mundo, interesses de classe, traços psicológicos, representações sociais, motivações, expectativas, etc;
- b) O produtor/autor é antes de tudo um selecionador e essa seleção não é arbitrária. Da multiplicidade de manifestações da vida humana, seleciona o que considera mais importante para “dar o seu recado” e as interpreta de acordo com seu quadro de inferência. Obviamente, essa seleção é preconcebida. Sendo o produtor, ele próprio, um produto social, está condicionado pelos interesses de sua época, ou da classe a que pertence. E, principalmente, ele é formado no espírito de uma teoria da qual passa a ser o expositor. Teoria que não significa “saber erudito” e nem se contrapõe ao “saber popular”, mas que transforma seus divulgadores muito mais em executores de determinadas concepções do que de seus próprios senhores;
- c) A “teoria” da qual o autor é o expositor orienta sua concepção da realidade. Tal concepção (consciente ou ideologizada) é filtrada mediante seu discurso e resulta em implicações extremamente importantes, para quem se propõe fazer análise de conteúdo.

Na visão de Bardin (1977), para dar sustentação ao desenvolvimento da análise de conteúdo, alguns conceitos são primordiais em sua instrumentalização: a *objetividade* – que implica que a análise deve ser verificada e reproduzida por outro pesquisador; a *sistematicidade* – a análise deve tomar em consideração tudo o que, no conteúdo, decorre do problema estudado e analisá-lo em função de todas as categorias retidas para fins de pesquisa; o *conteúdo manifesto* – implica eliminar as ideias a priori, os preconceitos do pesquisador, ou seja, implica apenas que as extrapolações em direção aos conteúdos latentes devem se apoiar nos conteúdos efetivamente observados; as **unidades de registros** (UR) – trata-se de uma unidade de segmentação ou de recorte, a partir da qual se faz a segmentação do conjunto do texto para análise; as *unidades de contexto* (UC) – são unidades de compreensão da unidade de registro e correspondem ao segmento da mensagem cujas dimensões são maiores do que aquelas da unidade de registro; a *construção de categorias* (CC) – operação de classificação dos elementos participantes de um conjunto, iniciando pela diferenciação e, seguidamente por reagrupamento, segundo um conjunto de critérios; a *análise categorial* (AC) – considera a totalidade do texto na

análise, passando-o por um crivo de classificação e de quantificação, segundo a frequência de presença ou ausência de itens de sentido; *a inferência* – operação lógica através da qual se admite uma proposição em virtude de sua ligação com outras proposições já aceitas como verdadeiras; *as condições de produção* (CP) - campo de determinações dos textos; intencionalidade subjacente à produção de uma mensagem; o que conduziu a um determinado enunciado de texto ou enunciado discursivo. Implica a compreensão da superfície dos textos e dos fatores que determinaram essas características, deduzidos logicamente, através da correspondência entre as estruturas semânticas ou linguísticas e as estruturas psicológicas ou sociológicas dos enunciados.

Considerando todos esses conceitos, a análise ganhará corpo e significados sérios e baseados em teorias metodológicas consistentes. De modo que se faz necessário organizar as fases da análise de conteúdo, que segundo Bardin (1977), se dividem em três etapas, a saber:

A pré-análise geralmente possui três incumbências:

1. *A escolha dos documentos a serem submetidos à análise:* As epístolas da Campanha Papai Noel dos Correios do ano de 2009 foram coletadas e a partir de uma primeira leitura, chamada por Bardin (1977) de leitura flutuante, deixamo-nos invadir por impressões, representações, emoções, conhecimentos e expectativas em relação ao objeto de estudo. “Pouco a pouco, a leitura vai se tornando mais precisa, em função das hipóteses emergentes, da projeção de teorias adaptadas sobre o material e da possível aplicação utilizadas com materiais análogos” (BARDIN, 1977, p. 96). É importante neste momento considerar todos os elementos desse *corpus*, buscando configurar o contexto e as condições sociais, políticas e históricas contidas nas mensagens. No caso das epístolas desta campanha, como dito anteriormente, por ser um material demasiadamente volumoso, um total de 5.027 epístolas, a análise foi efetuada a partir de uma amostra intencional envolvendo os dois bairros com maior incidência de epístolas da Campanha “A amostragem pode ser considerada rigorosa se a amostra for uma parte representativa do universo inicial. Neste caso, os resultados obtidos poderão ser generalizados ao todo” (BARDIN, 1977, p. 97);
2. *A formulação das hipóteses e/ou dos objetivos:* Os objetivos deste projeto foram elaborados a partir da leitura flutuante, e da análise bibliográfica deste estudo, que

estão dispostos na introdução deste escrito. Segundo Bardin (1977), levantar uma hipótese é interrogarmo-nos: será verdade que, tal como é sugerido pela análise a priori do problema e pelo conhecimento que dele possuo, ou, como as minhas primeiras leituras me levam a pensar, que...?

3. *A elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final:* Neste caso, esses indicadores correspondem à frequência observada em relação ao tema em questão. Aqui partimos para uma análise quantitativa sistemática para identificamos essa frequência.

Após definir nossa unidade de análise, o próximo passo foi delinear as categorias. De acordo com Franco (2007, p. 59), “a categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação seguida de um reagrupamento baseado em analogias, a partir de critérios definidos.” As categorias foram sendo criadas à medida que surgiram elementos substanciais na escrita das epístolas, e depois interpretadas à luz de teorias explicativas. Ou seja, a partir das diferentes falas, concepções de mundo, de sociedade, de escola, de indivíduos identificados na escrita dos missivistas é que se instituímos as categorias. Bardin (1977) comenta que a categorização permite reunir maior número de informações à custa de uma esquematização e assim correlacionar classes de acontecimentos para ordená-los. A categorização representa a passagem dos dados brutos a dados organizados.

A partir dessas categorias criadas fez-se necessário tratar os dados e construir os resultados. Ao se descobrir um tema interessante nos escritos das epístolas foi preciso comparar enunciados e ações entre si, para verificar a existência de um conceito que os unifique; e ao encontrar temas diferentes é necessário achar semelhanças que possa haver entre eles. Bardin (1977) enfatiza que,

Durante a interpretação dos dados, é preciso voltar atentamente aos marcos teóricos pertinentes à investigação, pois eles dão o embasamento e as perspectivas significativas para o estudo. A relação entre os dados obtidos e a fundamentação teórica é que dará sentido à interpretação.

Bardin (1977) comenta ainda que as interpretações a que levam as inferências serão sempre no sentido de buscar o que se esconde sob a aparente realidade, o que significa verdadeiramente o discurso enunciado, o que querem dizer, em profundidade, certas afirmações, aparentemente superficiais. Logo, verifica-se que a análise de conteúdo é considerada um conjunto de técnicas destinadas a ressaltar o conteúdo dos documentos

sob diversos níveis de construções direcionadas para o levantamento analítico dos registros. E se tratando de um grande número de informações, como é o caso das epístolas estudadas aqui, a utilização dessa técnica se torna imprescindível e, ao mesmo tempo, estimulante.

Todo o percurso metodológico estruturado neste estudo foi escolhido por se tratar de um caminho eficiente, válido e que possibilitasse responder aos objetivos traçados. E a fim de delinear a estrutura deste trabalho, descrevemos a seguir, a estrutura que formulada neste estudo.



NARRATIO I
INFORMAÇÃO EPISTOLAR: UM
CONCEITO EM CONSTRUÇÃO



2 *NARRATIO* - INFORMAÇÃO EPISTOLAR: UM CONCEITO EM CONSTRUÇÃO

Mais que na poesia, mais que no próprio diário, as epístolas refletem melhor que qualquer outro documento, o homem e o seu tempo (SANTOS, 1994).

Ao considerarmos que na Ciência da Informação pouco se tem utilizado as epístolas como fonte informacional, e percebendo a importância da informação contida neste artefato, observamos a possibilidade de traçar um contorno através de diversos componentes e propor uma delimitação conceitual de “informação epistolar”. Nesse sentido, entendemos que todo conceito, “tendo um número finito de componentes, [que] bifurcará sobre outros conceitos, compostos de outra maneira, mas que constituem outras regiões do mesmo plano, que respondem a problemas conectáveis [e], participam de uma co-criação” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 30).

Assim, a informação se entrelaça, portanto, com o mundo da correspondência por meio da Escrita de Si, que para Gomes (2004) caracteriza-se como “[...] um conjunto de modalidades do que se convencionou chamar produção de si no mundo moderno ocidental. Essa denominação pode ser mais bem entendida a partir da ideia de uma relação que se estabeleceu entre o indivíduo moderno e seus documentos”. Já Foucault (1992) preconiza que a escrita de si está associada ao exercício da reflexão do próprio *missivista*, o pensar sobre si mesmo, sem definir uma temporalidade.

Mas, como estabelecer os componentes mais importantes para a criação de um conceito? Segundo Deleuze e Guattari (1992, p. 27),

[...] Cada conceito será, pois, considerado como o ponto de coincidência, de condensação ou de acumulação de seus próprios componentes. [...] Cada componente, neste sentido, é um traço intensivo, uma ordenada intensiva que não deve ser apreendida nem como geral nem como particular, mas como uma simples e pura singularidade – “um” mundo possível [...].

Os autores salientam que “não há conceito que tenha todos os componentes” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 27). Complementam afirmando que são os seus componentes que definem os contornos irregulares de um conceito. Dessa forma, discutimos quais os componentes viáveis para a construção desse entendimento das epístolas como artefato de informação. Mas, antes de identificarmos os componentes,

verificamos o conceito de informação como uma expressão de um termo possível nas epístolas. A partir daí, somos levados a considerar os componentes da informação de uma nova maneira, a ponto de perceber a possibilidade de um novo conceito a partir do conceito já existente. Pois, segundo Deleuze e Guattari (1992), todo conceito tem um devir que se refere a sua relação com conceitos situados no mesmo plano. Aqui os conceitos ajustam entre si, recortam-se uns aos outros, coordenam os seus contornos, compõem os seus problemas respectivos, pertencem à mesma filosofia. “Com efeito, todo conceito, dado que tem um número finito de componentes, vai entroncar noutros conceitos, compostos de maneira diferente, mas que constituem outras regiões do mesmo plano” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 30).

A informação é percebida como um termo com diversas definições. No entanto, ela é a condição para o conhecimento tanto para os outros como para nós. É a condição sob a qual passamos de um nível de conhecimento a outro. E apesar disso, a informação por si só basta, para fazer de todo “comprimento, uma profundidade” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 30). Independente do conceito utilizado, a informação sempre será a força motriz para a construção e ampliação do conhecimento.

No entanto, para este estudo delimitamos o nosso termo central “informação”, ao conceito que será utilizado neste escrito, pois, o conceito depende de uma visão contextualizada e que pode, também, ser definida sob o domínio de um modelo relacional.

No *Dictionnaireencyclopédique de l’informatioet de La documentacion*, organizado por Cacaly(1997), a informação é vista como o registro de conhecimentos para sua transmissão. Essa finalidade da informação, mencionada por Robredo (2003), implica que os conhecimentos sejam inscritos em suportes, objetivando sua conservação, e codificados, toda representação sendo simbólica por natureza. Também, o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística registra que a informação é todo “elemento referencial, noção, ideia ou mensagem contidos num documento” (BRASIL, 2005, p. 107).

É interessante observar que informação diz respeito não apenas ao modo de relação dos sujeitos com a realidade, mas também aos artefatos criados pelas relações e práticas sociais¹. Segundo Marteleto (1995, p. 3), os artefatos e os próprios indivíduos são

¹As práticas sociais são manifestações culturais por refletirem não só a capacidade de os atores organizacionais reproduzirem os significados dos modelos sociais, como a capacidade desses atores agirem e modificarem esses próprios modelos e seus contextos.

criações culturais e históricas que, uma vez instituídas, dão coesão e unidade interna à “instituição total da sociedade”, funcionando como um tecido imenso e complexo de significação. A autora afirma que os artefatos são culturais por dois motivos: primeiro, porque são criados pelas “significações imaginárias sociais” e, segundo, porque são instituídos, funcionando como fontes de informação para os sujeitos sociais. O autor Azevedo Netto (2008, p. 14), corroborando com o pensamento da autora, expõe que os artefatos “podem ser considerados signos de condutas, regras, eventos e disputas de grupos sociais que possuem a particularidade de apresentar uma existência material, cristalizada no registro observado.” A epístola no conceito de artefato de informação e memória está carregada de significações sociais e por se tratar de uma construção humana é regida por normas sociais, desde a sua estrutura até a sua elaboração escrita. Destarte, será trabalhada nesses escritos a ideia de informação na maneira de artefato cultural e de memória, como forma de criação e instituição dos significados.

Definido o conceito de informação e concebendo-a como algo intrínseco e inerente à própria epístola, buscamos particularizá-la agregando-a ao suporte gênero epistolar, buscando conceber o conceito de informação epistolar. No entanto, para que essa construção se torne possível, a escolha dos seus componentes torna-se primordial, pois todo conceito tem componentes e é definido por eles, além do mais, não existem conceitos simples: “todos são compostos por multiplicidade” (DELEUZE; GUATARI, 1992). Os autores também destacam outra característica importante ao argumentar que toda construção de um conceito tem sua história, ou seja, há um problema para ser resolvido na história ou na sociedade, que vai exigir uma conceituação específica para sua resolução. Assim, ele é sempre singular, um conceito jamais é o mesmo, ele é sempre um emaranhado que por vezes conserva pedaços ou componentes vindos de outros conceitos. O que se faz é recortar, delimitar um novo problema, de tal modo que o conceito assume cores e sons diferentes, novos contornos. Nesse caso em particular, o problema conceitual se baseia na necessidade de inserir as epístolas como um artefato informacional, tendo em vista as informações nele contidas, que reserva histórias da sociedade, auxiliando na identificação e/ou resolução dos problemas sociais e da preservação da memória individual e coletiva.

Para uma melhor complementação na análise teórica da atividade desta construção conceitual, ancoramo-nos também nas considerações da pesquisadora alemã

Dahlberg (1978). Segundo a autora, “o conhecimento fixou-se através dos elementos da linguagem. Novos conhecimentos apareceram com novos elementos linguísticos e, também, através destes tornaram-se mais claros e distintos” (DAHLBERG, 1978, p. 101). Ela assevera que com a ajuda da linguagem, o homem foi capaz de relacionar-se com vários objetos bem como de elaborar enunciados sobre os mesmos. Para ela, os objetos podem ser individuais ou gerais; os individuais, expressos pelos conceitos individuais, caracterizam-se por sua presença das formas do tempo e espaço, por exemplo, esta casa, esta epístola, esta mesa, etc., ou a UFPB, a partida de futebol entre Flamengo e Coríntias, etc. Aos objetos situados fora do tempo e do espaço, a autora realça que correspondem aos conceitos gerais, por exemplo, as universidades, os campos de futebol, as epístolas. Como mencionado, o homem é capaz de elaborar enunciados sobre objetos, e para a autora é com base nesses enunciados que elaboramos conceitos e particularizamos nosso objeto.

Para uma melhor compreensão utilizamos o exemplo mencionado por Dahlberg (1978). Ela utilizou o objeto individual chamado IBICT (Instituto Brasileiro de Informações em Ciência da Informação e Tecnologia). Os enunciados formulados foram:

- É uma instituição;
- Situada no Rio de Janeiro;
- Relacionada com a coordenação dos sistemas de informação no Brasil;
- Possui cerca de 60 funcionários, etc.

De acordo com a autora, é a soma total dos enunciados verdadeiros sobre o IBICT que fornece o seu conceito e cada enunciado faz referência a algum dos elementos do conceito. Para ela, o conceito é uma compilação de enunciados verdadeiros sobre determinado objeto, fixada por um símbolo linguístico (DAHLBERG, 1978, p. 102). A partir desse ponto, analisamos os enunciados que se referem aos termos aqui estudados: informação e epístola, como fenômeno e objeto individuais. Em seguida, partimos para a construção dos enunciados com a junção dos dois termos.

Quadro 01 – Enunciados dos termos: Informação e Epístola.

Enunciados sobre Informação	Enunciados sobre Epístola
É vista por alguns como registro de conhecimentos para sua transmissão;	A epístola é um artefato de informação e memória;
É um fenômeno social;	É construída socialmente;
É informativo para uma determinada pessoa;	Toda epístola tem um destinatário;
É todo elemento referencial, noção, ideia ou mensagem, contidos num documento;	É um conjunto de enunciados;
Comporta elemento de sentido;	Está carregada de significados;
É registrada na escrita, eletrônica ou por meio de outro sistema de armazenamento;	A significação é feita pelos sujeitos produtores ou receptores da epístola;
É um conhecimento inscrito, sob a forma escrita, oral ou audiovisual.	É transmitida por meio de uma linguagem.

Fonte: Construção nossa baseada nas teorias de Dahlberg (1978).

Verifica-se que apesar dos termos serem diferentes, eles possuem características comuns, seus enunciados mostram isso. Quando a comparação entre as características dos conceitos exibe que dois conceitos diferentes possuem uma ou duas características em comum, então há que falar de relações entre tais conceitos (DAHLBERG, 1978, p. 104). Identificamos nesse caso, que existe uma relação hierárquica, pois se dois conceitos diferentes possuem características idênticas e um deles possui uma característica a mais do que o outro, então, entre eles se estabelece esse tipo de relação.

Por conseguinte, fala-se aqui de conceitos mais amplos ou mais restritos, ou ainda superior ou inferior. Um é o mais genérico e o outro o mais específico.

Ex.: Informação

Informação Epistolar

A autora ainda classifica a intenção e a extensão do conceito. Para ela, a intenção é a soma total das suas características. Afirma que, na representação da intenção do conceito numa definição, nem todos os conceitos genéricos necessitam ser mencionados, basta citar os mais próximos.

Ex.: Epístola

Correspondência

Escrita à mão

Contém informações, etc.

Já a extensão do conceito é a que nos interessa. “É a classe dos conceitos de tais objetos dos quais se pode afirmar que possuem aquelas características em comum que se encontram na intenção do mesmo conceito” (DAHLBERG, 1978, p. 105).

As teorias do conceito, defendida pelos autores, foram primordiais para a construção conceitual de informação epistolar adotado neste estudo. Para isso, elaboramos alguns componentes (DELEUZE; GUATARI) ou enunciados (Dahlberg) que, articulados, constituem um conceito possível de informação epistolar, conforme segue: epístola como artefato de informação e memória; todo artefato é construído socialmente; o artefato situa-se em um espaço, tempo e movimento; toda epístola tem um destinatário; a epístola é um conjunto de enunciados; elas estão carregadas de significados; a significação é feita pelos sujeitos produtores ou receptores da epístola; é transmitida por meio de uma linguagem.

A construção desses componentes/enunciados, feita de forma objetiva, expressa uma estrutura única da informação epistolar, tornando-a conceito. Entendemos que a informação epistolar se fundamenta a partir dos testemunhos escritos de uma época e refere-se às redes de relações estabelecidas no espaço de sociabilidade entre os sujeitos, que produzem e recebem as epístolas. É um conceito que se sustenta na historicidade dos seus elementos, além do mais, está carregada de informações capazes de revelar aspectos do pensamento e das representações da sociedade.

O conceito de informação epistolar, portanto, traduz-se neste contexto como: *um conjunto de enunciados que expressa testemunhos, desabafos, sentimentos, confissões, desamores, amizades, negócios, histórias de vida, situados no tempo, espaço, e movimento, determinados socialmente e designados para um destinatário, quer seja este real ou imaginário, passivos de significação e interpretação.*

Para se chegar a esse conceito, o estudo da escrita de si é de fundamental importância, pois ela “assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela, a ‘sua verdade’” (GOMES, 2004, p. 14), o que passa a importar para o historiador (pesquisador) é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. “Isto é, o documento não trata de ‘dizer o que houve’, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento” (GOMES, 2004, p. 15).

Desse modo, o item a seguir visa compreender a epístola e suas tipologias desde outrora até à sociedade contemporânea, marcada por uma sociedade movida pela virtualidade e as tecnologias.

2.1 Epístola: pedaço do mundo, fragmento da alma.

Discutir o gênero epistolar é a proposta deste capítulo, sobretudo à luz das informações nele contida. Entretanto, do ponto de vista histórico, não se pode precisar seu surgimento considerando os meios e formas de comunicação desde os idos memoriais, de modo que privilegiaremos seu significado e os seus aspectos sob o ponto de vista de artefato de informação.

Etimologicamente, o termo carta origina-se do latim *charta*, “folha para escrita, tablete”, do grego *khartes*, “folha de papiro”, provavelmente, de origem egípcia. De acordo com o Dicionário do Livro, organizado por Faria e Pericão (2008, p. 136):

a carta originalmente significa folha de papiro, passando mais tarde a designar o próprio documento; em relação à sua forma pode considerar-se como o documento mediante o qual o ato jurídico se completa e produz efeito; é todo escrito autêntico, que se dirige a alguém ausente e nas quais se dão notícias, enviadas em envelope por via postal ou outra; missiva.

Esse tipo de escrita foi ao longo do tempo adotando outras nomenclaturas, a exemplo de epístolas, termo que também adotamos neste texto em substituição à carta. Originalmente, o termo *epistola* possui duas raízes: uma que vem do latim *epistola* e a outra do grego *epistola*, “carta, mensagem”, do verbo *epistellein*, “mandar, enviar”, formado por *epi-*, “a, para”, mais *stellein*, “enviar”.

Na perspectiva de Amaral (2000, p.22), “as epístolas são a manifestação espontânea de um emissor que quer, sobretudo, comunicar-se com o outro, e que o faz com deliberada espontaneidade”, visão um tanto quanto simplista ou romântica do ato, especificamente se observamos a opinião de Bourdieu (1996) ao afirmar que é preciso desconfiar sempre do estatuto social do documento.

A prática epistolar pode ser entendida como um ato praticado solitariamente, em que o missivista perdido em seus pensamentos e em sua solidão, apenas com o lápis e o papel na mão, consegue transpor a sua fala, e colocar à mostra os seus mais puros sentimentos. “Porque não se pode falar nem calar. A epístola nasce dessa dupla impossibilidade, que ela supera e da qual se nutre. Entre fala e silêncio. Entre comunicação e solidão. É como que uma literatura íntima, privada, secreta” (COMTE-SPONVILLE, 1997).

A epístola, um paradoxo da comunicação, “não é nada, ou quase nada, e, contudo um pedaço do mundo e da alma, transmitido como que por milagre, tão leve na mão, tão profundo no coração, tão próximo na grande distância” (COMTE-SPONVILLE, 1997). Para Camargo (2000), a epístola ou carta é:

Objeto cuja materialidade se traduz nas cores, no apalpar, nas formas, nas letras, e nas múltiplas combinações desses elementos; materialidade que também pode ser um conjunto de folhas avulsas ou conjuntamente dispostas quando impressas num livro; epístolas que são textos porque são produções escritas; epístolas que são discursos e nelas se buscam significações históricas (p. 47).

Significações estas que são identificadas através da análise das epístolas, e é através delas, como prática de escrita, na perspectiva da linguagem como interlocução e do conhecimento que se inserem no cotidiano, que uma “realidade social é construída, é pensada, é dada a ler, se materializa numa prática. Nessa leitura, uma prática de escrita, tensa, de afetividade, de amizade, de subjetividade” (CAMARGO, 2000, p. 47).

As epístolas constituem um material importante para realizar estudos, e nos últimos anos tem sido frequente o uso desse artefato como fontes de pesquisa e de inúmeras publicações. O professor de Literatura Brasileira do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, Marcos Antônio de Moraes, comenta que no Brasil, só muito recentemente, a carta tornou-se objeto de interesse. Antes, seguindo uma velha tradição, a correspondência (como todo “papel velho” de caráter privado), estava destinada ao lixo, ou na melhor das hipóteses, recebia nostalgicamente o estatuto de relíquia familiar. O crescente número de publicações de correspondência, tanto quanto de ensaios universitários dedicados ao tema, em vários campos do saber, atesta, antes de tudo, a curiosidade de nossa época pelos bastidores da história e da literatura, pela vida privada, pela expressão (aparentemente) sem disfarces. Objeto de pesquisa novo, questões particulares e problemas metodológico-interpretativos novos.

As epístolas são constitutivas da história de vida de seus autores e sinalizam a complexa rede de interlocutores que se entrecruzam. Elas têm muito a dizer sobre a obra e o contexto dos autores, mas não se limita a isso. Precisa também ser estudada como um gênero com prescrições próprias, e não só como um documento informativo e biográfico. Segundo Silva (2009), estudar epístola em sua estrutura implica conhecer suas partes discursivas, respeitando o que elas significam e, em um segundo momento, para onde

apontam: suas temáticas, seus objetivos e impactos, para citar alguns aspectos. Ainda segundo o autor:

O gênero epistolar se inscreve na arte retórica; existe desde a antiguidade; e possui suas peculiaridades enquanto texto, enquanto composição [...] e é na Idade Média que se difunde e ganha consistência teórica a *arsdictaminis*, que no dizer de Martin Camargo (apud TIN, 2005, P. 32) é “a parte da retórica medieval que trata das regras de composição das epístolas e outros documentos em prosa” (SILVA, 2009, p. 20).

Durante mais de dois mil anos, escrever epístolas foi o principal meio de comunicação a distância. Dessa forma, dizia-se que a epístola tornava presente, os ausentes. Do ponto de vista das antigas regras epistolares, Bolonha (2005), explicita: uma epístola ou carta, é o adequado arranjo das palavras assim colocadas para expressar o sentido pretendido por seu remetente. Ou, em outras palavras, uma epístola é um discurso composto de partes ao mesmo tempo distintas e coerentes, significando plenamente os sentimentos de seu remetente. Cabe ainda citar aqui, que ela apresenta, essencialmente, cinco partes, de acordo com as regras propostas pela *Arsdictandi*, do chamado *Anônimo de Bolonha*, datado do ano de 1135 quais sejam: *salutatio* (a saudação), *exordium* (o começo), o *narratio* (a narração), *petitio* (a solicitação) e *conclusio* (a conclusão). Percebe-se que existe um universo teórico que fundamenta a escrita de epístolas. Cumpre observar que essas partes do discurso epistolar não são obrigatórias em todas as epístolas e também essas não precisam vir numa ordem sequencial, a não ser a *salutatio* e a *conclusio*.

Barbosa (2010) traz em seu trabalho um estudo sobre o código epistolar por José Inácio Roquette (1845), intitulado inicialmente como *Código do Bom-tom ou regras da civilidade e de bem viver no século XIX*. “Este livro era norteado por termos de cortesia, urbanidade, polidez e civilidade” (BARBOSA, 2010, p. 2). Um de seus capítulos, “*Das Epístolas*” tratava especificamente da escrita epistolar. Um ano após essa publicação, Roquette publicou outro livro exclusivamente para tratar do código epistolar, ou regras e advertências para escrever com elegância toda a sorte de epístolas, acompanhadas de modelos sobre todos os assuntos, que foi o “Código Epistolar”. Segundo Barbosa (2010), esse livro foi oferecido às mocidades portuguesa e brasileira. A autora comenta que, a partir desse livro, os tipos de epístolas para diversas situações “– a cortesia e a civilidade – demonstram a variedade e as inúmeras possibilidades que este gênero oferecia no século

XIX e revelam que a escrita epistolar era uma prática que atendia a praticamente todas as ocasiões da vida dos cortesãos” (BARBOSA, 2010, p. 5).

Entre os diversos tipos de epístolas que este gênero oferecia no século XIX que foi citado pela autora, temos: epístolas morais; epístolas de conselhos; de pêsames; de parabéns; epístolas de representações e memoriais; epístolas eucarísticas ou de agradecimentos; epístolas de recomendação ou de empenho; epístolas às pessoas de quem nos afastamos (essa torna presente os ausentes); epístolas de escusa; epístolas de negócios e encargos, entre outras. Logo, verifica-se que esses missivistas são regidos por normas sociais, pois:

Os manuais de comportamento, entre os quais se inclui o Código do Bom-tom, são os responsáveis pela elaboração desta natureza fundamental no processo civilizador, que “em meio a essa teia de ações tão complexa, leva o indivíduo a comportar-se ‘corretamente’ através de um controle consciente”. “[...] ditando modelos de desempenhos sociais considerados civis” (PILLAR 2009 *apud* BARBOSA, 2010, p. 7).

Roquette faz ainda severas críticas aos termos da *arsdictaminis*. Em um dos trechos citados por ele, diz que é um “livro escrito com péssimo gosto, cheio de ranço da retórica escolástica, e que só pode servir para saber certas fórmulas que ainda às vezes se usam” (ROQUETTE *apud* BARBOSA, 2010, p. 10). Mas a autora comenta que essas “fórmulas” também estão impregnadas nos escritos de Roquette. Segundo ela, “é ingênuo quem pensa que o bom estilo é aquele que guarda originalidade. Ao contrário, está na ciência das regras a verdadeira e única correção” (BARBOSA, 2010, p. 10). Percebe-se a multiplicidade que esse gênero alcança em diferentes períodos da história, e todos os modelos desenvolvidos para a arte de escrever epístolas foram válidos e regidos por cada época. No entanto, a arte de escrever epístolas, apesar de conduzidas por normas sociais, deveria ser direcionada principalmente pela alma, pois mesmo quando escrevemos um simples bilhete de recado, nas entrelinhas sempre existe um algo a mais que nossa alma gostaria de externar.

A epístola é uma das mais antigas produções discursivas. Sua evolução está intimamente ligada à evolução da sociedade que a usou para determinados fins no fio da história. As epístolas escritas na antiguidade eram um veículo de informação. Elas “ocupavam o lugar dos jornais e prestavam os mesmos serviços[...] afixavam-se as epístolas nas praças ou corriam em cópias distribuídas pelos destinatários, tornando-se públicas” (MATIAS, 2009, p. 45 *apud* RIZZINI, 1977, p. 9). Nesse momento, um

sistema de troca de correspondências fora instituído principalmente na Europa devido ao comércio na Itália setentrional, prevendo, assim, a criação dos jornais. A divulgação e, conseqüentemente, a leitura das epístolas, proporcionou a uma restrita parcela da sociedade, um acesso ao conhecimento dos assuntos da política local, formando, assim, uma opinião geral. Para Barbosa (2010, p. 3), “a carta foi por excelência o gênero pelo qual a escrita se mascarou, ao confundir o espaço público e o privado, o anônimo com o famoso e se constituir como ficção, quando era história”.

É difícil precisar quando surgiu a primeira epístola. Nas palavras de Mindlin (2000, p. 35), ele atesta: “não sei quando as epístolas foram inventadas, mas foi inegavelmente uma grande invenção.” No Brasil, durante séculos, a epístola teve um papel importante, e foi imbatível no campo da comunicação, tanto entre correspondentes distantes, como também entre próximos. Em nosso país data-se do ano de 1500 a primeira epístola oficial que foi escrita por Pero Vaz de Caminha e enviada ao Rei de Portugal, que relatava com entusiasmo, o descobrimento de uma nova terra. Essa epístola ficou conhecida como a *Carta de Caminha*, que é considerada a Certidão de Nascimento do Brasil, por ser o primeiro documento oficial sobre o país. Esse gênero passa a ser utilizado durante o período das grandes navegações com a finalidade de deixar a corte portuguesa informada dos acontecimentos.

Dá-se aqui, a história do correio brasileiro que está relacionado à veiculação do ato de escrever no Brasil. Segundo Pessoa (2002, p.202):

parece que o Brasil do século XIX é uma reprodução em parte do que aconteceu na Europa no século XVIII. Se o romance surge no século XVIII europeu, ele surge no XIX no Brasil; se a carta se populariza na Europa no XVIII, ela se populariza no Brasil no XIX; se o jornal cresce na Europa do XVIII, no Brasil se dá no século XIX.

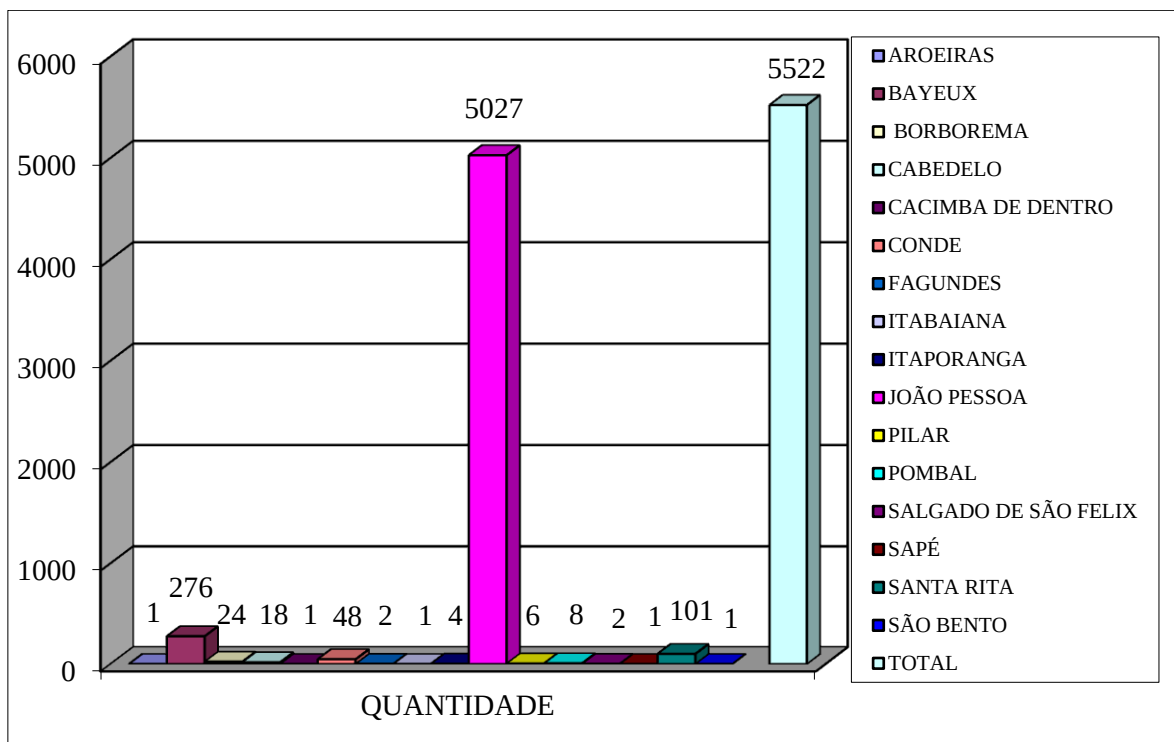
Por meio de transformações na sociedade, os gêneros surgem em decorrência de mudanças de necessidades comunicativas. Gêneros novos se constituem a partir de gêneros antigos ou históricos. Verifica-se aí, a heterogeneidade da comunicação humana e, conseqüentemente, as diversas transformações que a epístola passou ao longo dos anos, sendo adotada como crônica, romance picaresco, carta aberta, romance epistolar, epístola como veículo de informação e ainda, como artefato de memória. “A flexibilidade da epístola faz com que ela se adapte a diferentes usos e tempos. E, são estes usos situados no tempo e espaço que vão definir as diferentes ramificações do

gênero”(HAROCHE-BOUZINAC, 1995, p. 23). As epístolas de amor, por exemplo, são escritas para diminuir a distância, ou para matar a saudade, ou ainda, para explicitar os seus mais profundos desejos. Já as chamadas epístolas familiares têm algumas características diferentes daquelas dos outros tipos. São escritas para serem lidas pelo conjunto da família, contendo informações sobre o cotidiano: quando o filho nasceu, quem passou de ano, notícias sobre a saúde dos parentes, etc.

As epístolas escritas ao Papai Noel, aqui estudadas, são epístolas do século XXI. Um século marcado pelo uso excessivo da comunicação multimidiática, das novas linguagens que surgem nesse ambiente interacional, da virtualidade desenfreada, características que abalizam a comunicação da era tecnológica. Associado ainda à sociedade dita de consumo ou sociedade da aparência. No entanto, deparamo-nos com um paradoxo. Enquanto a tecnologia se desenvolve a passos largos, eis que surge no meio dessa dinâmica virtual, uma antiga forma da comunicação humana, a tradicional escrita epistolar, que utiliza apenas um simples lápis e papel de caderno. São as epístolas da Campanha Papai Noel dos Correios, que existe há mais de 20 anos e, mesmo convivendo com a era tecnológica, seus números vêm aumentando a cada ano, considerando que o evento ocorre justamente em função do período natalino.

Na Paraíba, no ano de 2009, mais de cinco mil epístolas, oriundas de vários municípios, deixaram de ser atendidas durante a Campanha Papai Noel dos Correios, como revela o gráfico 1, ou seja, mais de cinco mil crianças aguardaram ansiosas a chegada do Papai Noel que, infelizmente, não apareceu.

Gráfico 1: Municípios paraibanos participantes da Campanha.



Fonte: Dados da pesquisa.

Observa-se que além de João Pessoa, os municípios de Bayeux, com um total de 276 missivistas, e Santa Rita, com 101, apesar de não terem um número tão expressivo como João Pessoa, merecem destaque entre os outros municípios, por estarem incluídos na região metropolitana da grande João Pessoa. Todavia, municípios distantes como São Bento, no alto sertão, Pombal, entre outros, também tem participado, porém, com pouca repercussão, tanto no que se refere à participação quanto à adoção de cartas por parte da comunidade.

Por outro lado, a capital do estado possui o maior número de participantes, talvez isto se dê provavelmente em função da gerência regional localizar-se na cidade de João Pessoa e proceder a abertura anual da campanha com a participação de escolas municipais e estaduais locais entre outras entidades convidadas, transformando o ato em um momento festivo, como ilustra as fotografias 1 e 2:



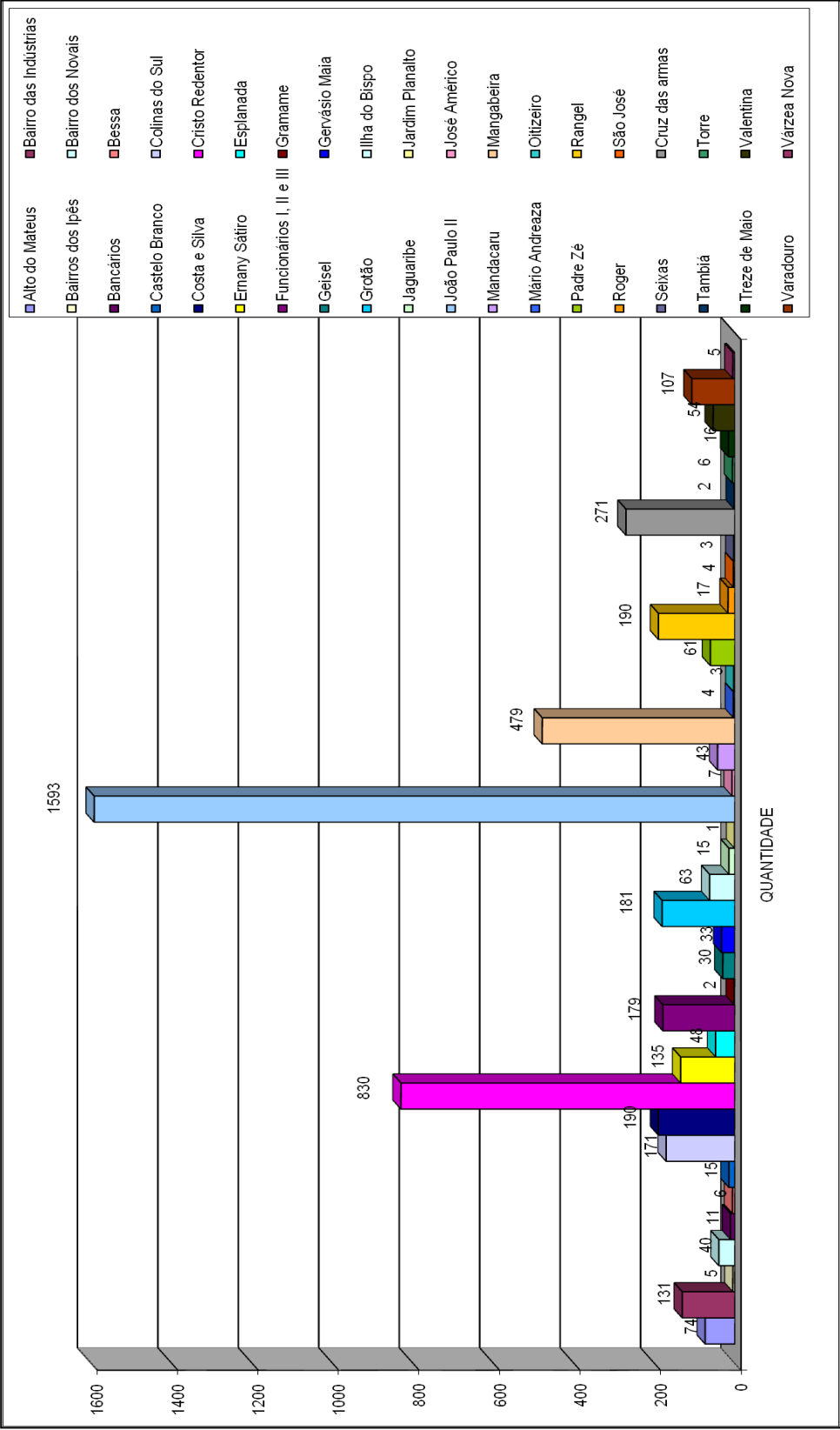
Figura 1 – Fotografia da Abertura da Campanha Papai Noel dos Correios 2012.



Figura 2 – Fotografia da Abertura da Campanha Papai Noel dos Correios 2012.

A participação de algumas escolas, bem como de outras entidades convidadas durante o lançamento da campanha, em período ainda escolar no âmbito da Capital, provavelmente se configure como um elemento que auxilie e estimule a participação e o aumento do número de epístolas mapeadas na cidade, e por bairros, como mostra o gráfico 2:

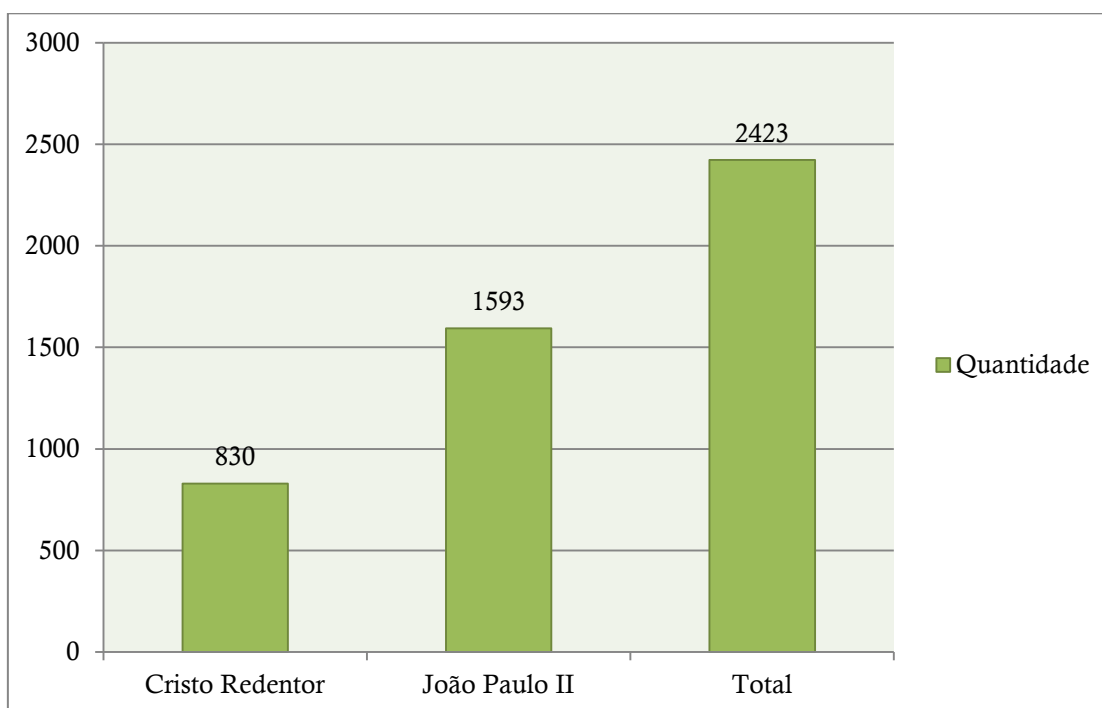
Gráfico 2 – Bairros de João Pessoa participantes da Campanha.



Fonte: Dados da pesquisa.

Verifica-se a partir do gráfico 2 que os bairros de João Paulo II, com 1.593 epístolas, e o Cristo Redentor, com 830, são os bairros que tiveram o maior número de missivistas. Somando os dois bairros temos um total de 2.423 epístolas, representado no gráfico 3, de onde se extraiu aleatoriamente o corpus de nossa análise, cuja amostra de 10% totalizou 243 epístolas, sendo 88 de missivistas do Bairro João Paulo II e 155 do Bairro do Cristo Redentor.

Gráfico 3 – Bairros escolhidos para a análise.

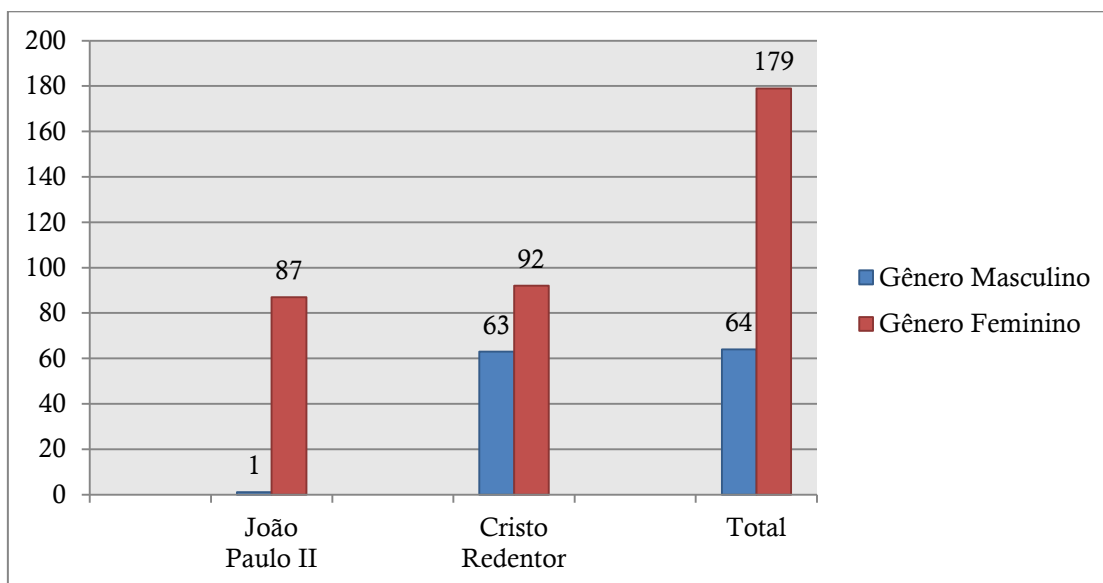


Fontes: Dados da pesquisa.

Os bairros, cujas escolas também se fizeram presentes durante o lançamento da Campanha em 2012, reforçam a ideia de que eles estão sempre estimulados a participarem da campanha, dando sustentação à tese de que quanto maior a divulgação, maior a participação de determinados bairros ou municípios.

Após a escolha da amostra, passamos para nosso segundo objetivo, que é a caracterização dos missivistas. Criamos três categorias para serem analisadas a fim de estabelecer essa caracterização, mapeando os missivistas por gênero, faixas etárias e principais temáticas. O gráfico 4 representa a caracterização por gênero:

Gráfico 4 – Caracterização do missivista por gênero.



Fontes: Dados da pesquisa.

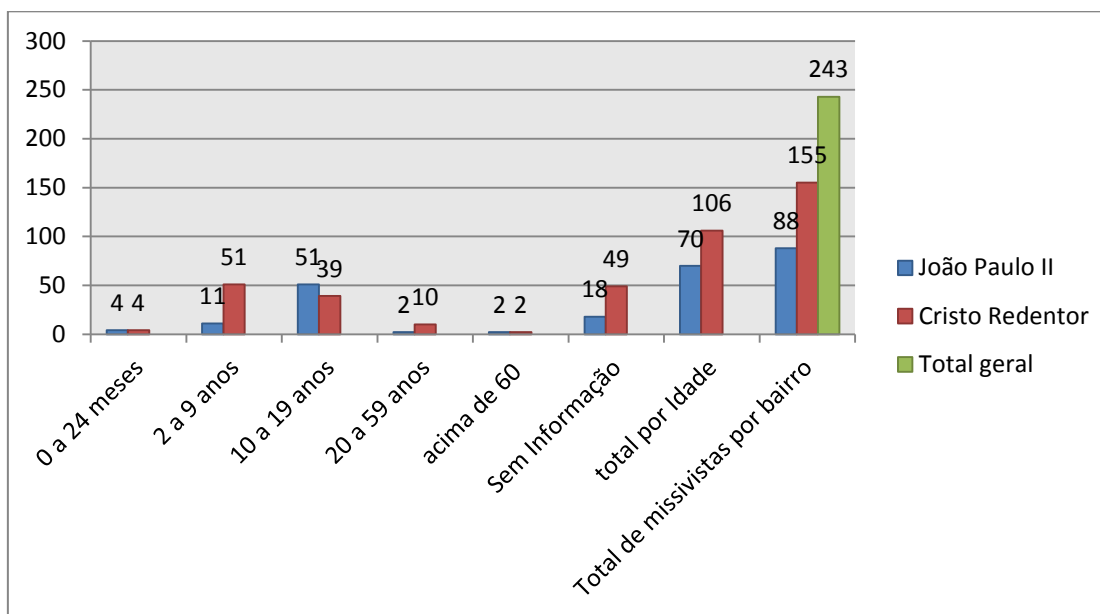
No bairro de João Paulo II, apenas um missivista do gênero masculino foi encontrado, prevalecendo o gênero feminino. Já no bairro do Cristo Redentor, essa divisão ficou balanceada, no entanto, o número de missivistas do gênero feminino ainda foi prevalecente com 27 epístolas a mais.

Essa caracterização do missivista é o primeiro passo para identificamos a escrita de si de cada eu, bem como, conhecer os sujeitos participantes do Programa. Perspectiva assinalada por Richardson (1999), ao afirmar que o método quantitativo representa, em princípio, a intenção de garantir a precisão dos resultados, evitando distorções de análise e interpretação, possibilitando, consequentemente, uma margem de segurança quanto às inferências.

O gráfico 5 representa a segunda categoria, a caracterização dos missivistas quanto a faixa etária. Foi possível observar que o maior número de missivistas se concentrou na faixa etária entre 2 a 19 anos. É interessante observar que apenas 4 missivistas acima de 60 anos foram encontrados, 2 de cada bairro. E 8 missivistas de 0 a 24 meses, epístolas escritas, provavelmente, pelos pais (mais precisamente, pela mãe).

Gostaríamos de destacar que essas categorias foram criadas para uma análise puramente quantitativa, no intuito de definir o perfil inicial desses missivistas. No entanto, a terceira categoria – mapeamento das temáticas – será abordada em um momento oportuno, no decorrer da teoria.

Gráfico 5 – Caracterização do missivista por faixa etária.



Fontes: Dados da pesquisa.

Para a análise e interpretação dos dados, o método qualitativo é o mais indicado. Desse modo, “a relação das técnicas qualitativas e quantitativas não é, de maneira alguma, de oposição, mas sim, de complementaridade” (ARÓSTEGUI, 2006, p. 557).

A respeito das epístolas que não foram atendidas e, logo, foram descartadas, como um papel velho, eis que, de alguma forma, ganharam vida neste estudo; não serão atendidas, porém não foram silenciadas. Cada expressão, cada desenho, cada rabisco, aparece como um rastro das histórias da vida cotidiana de um grupo social. E por se tratar de grupos específicos, como os dois bairros escolhidos para a análise, as marcas gravadas em cada experiência contada nas epístolas nos remetem à memória coletiva de um grupo a partir da escrita de cada eu.

As epístolas do século XXI, assim como as do século XIX, também possuem suas tipologias, dentre as quais mantêm algumas características de similitudes, ainda que estas estejam voltadas exclusivamente para a *Campanha Papai Noel dos Correios*, cujo teor revela vários tipos, se considerarmos o gênero cartas, algumas das quais se aproximam das tipologias apresentadas por Barbosa (2010). Apesar do século em pauta, essas epístolas têm suas tipologias próprias, a saber: epístolas de sonhos; epístolas de confissão; epístolas de pedidos; epístolas de agradecimento; epístolas de súplicas; epístolas de histórias familiares; epístolas de problemas financeiros, de representação e memoriais do outro. Fragmentos extraídos de algumas epístolas possibilitam-nos perceber suas diversas

tipologias. No entanto, algumas epístolas trazem conteúdos informacionais cuja especificidade tipológica se apresenta múltiplas, ou seja, uma mesma epístola traz em seu teor a junção de duas ou mais tipologias. Inviabilizando categorização única, mas mostrando-se enquanto um artefato informacional multifacetado.

2.1.1 Tipologias das Epístolas

As diferentes tipologias dão uma ideia de diversidade de enfoques presentes na escrita dos missivistas. Essa diversidade, nada mais é que o reflexo de suas práticas culturais, que revela as diferentes facetas do autor, os seus aspectos, suas características e dimensões de vida de cada eu. As diferentes tipologias encontradas nas epístolas, além de contribuírem para organizar o nosso estudo, corroboram para identificar sua complexidade, e também, as lacunas ainda não exploradas nas epístolas da Campanha Papai Noel dos Correios.

De acordo com o Dicionário do Livro de Faria e Pericão (2008, p.703), tipologia é um “sistema adotado por um jornal e constante do manual de redação que indica quais os tipos a serem usados nos títulos e nos textos”, e, logo em seguida, definem tipologia documental como o “conjunto de elementos formais, nomeadamente diplomáticos e jurídicos, que caracterizam um documento, de acordo com as funções a que ele se destina”.

Entendemos por tipologia a ciência que estuda os tipos, ou ainda, um sistema de classificação por tipo. E é nesse sentido que iremos identificar as epístolas aqui estudadas. Entendendo a língua como uma forma de ação social e os gêneros textuais como fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural.

As epístolas da *Campanha Papai Noel dos Correios* são epístolas de pedidos, tendo em vista que a função da Campanha é presentear uma criança a partir do pedido feito por ela. No entanto, o que parecia ser apenas uma Campanha para presentear uma criança, tomou uma dimensão muito maior, pois a história de vida de cada missivista traz em seu teor características próprias, direcionando suas histórias para tipologias diversas.

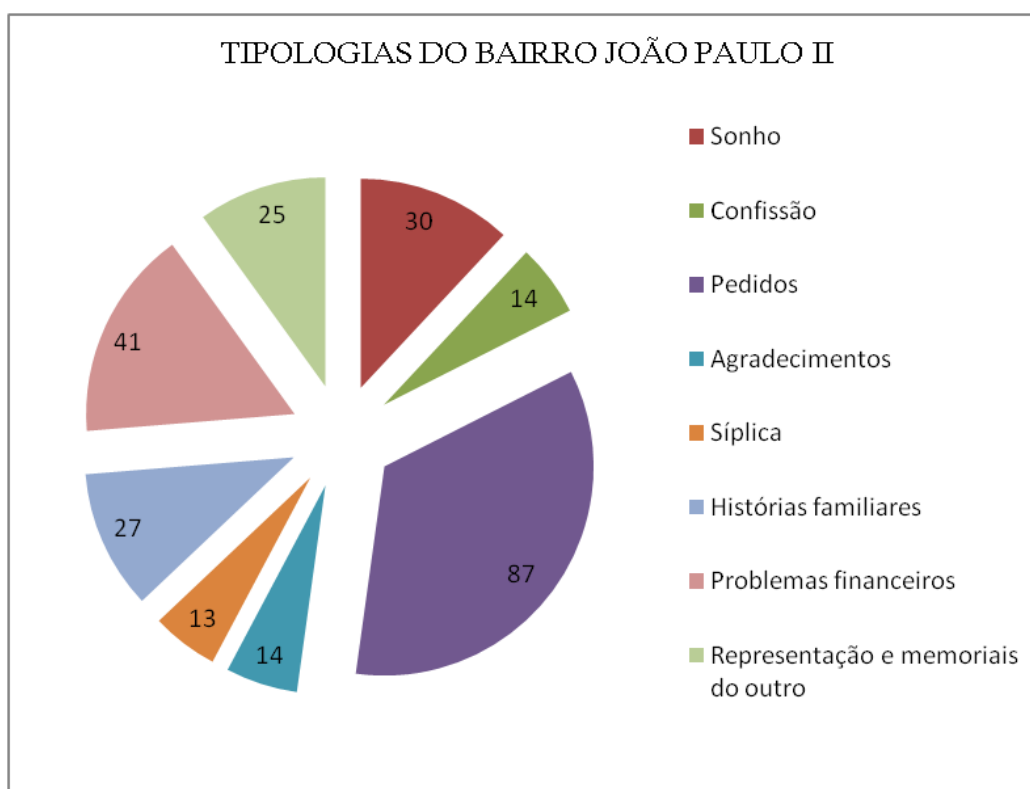
Os dados apresentados na tabela 2 demonstram, quantitativamente, as tipologias que se revelam nas epístolas.

Tabela 2 – Distribuição de Frequência – Epístolas analisadas por tipologias do Bairro João Paulo II.

TIPOLOGIAS DO BAIRRO JOÃO PAULO II		
TIPOLOGIAS	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM
Epístolas de Sonhos	30	11,95%
Epístolas de Confissão	14	6%
Epístolas de Pedidos	87	35%
Epístolas de Agradecimentos	14	6%
Epístolas de Súplicas	13	5%
Epístolas de Histórias familiares	27	11%
Epístolas de Problemas financeiros	41	16%
Epístolas de Representação e memoriais do outro	25	10%
TOTAL	251	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

Gráfico 6 – Epístolas analisadas por tipologias do Bairro João Paulo II.



Fonte: Dados da Pesquisa.

Observamos na tabela 2 e no gráfico 6, referente ao Bairro João Paulo II, que a maior frequência nas classes tipológicas, tirando os “pedidos”, que estava presente em quase todas as epístolas, menos em uma, foram as tipologias: “problemas financeiros”, seguida da tipologia “sonho” e “histórias familiares”, que somados com a tipologia “pedidos” equivalem a 73,95% das epístolas analisadas, cujos temas são os mais variados. Desde os que narram seus sonhos impossíveis até às histórias cotidianas de suas vidas. O bairro de João Paulo II tem um total de 88 epístolas e a frequência das tipologias verificadas chegaram a um total de 251, ou seja, uma epístola continha uma ou mais tipologias no seu teor.

O mesmo traçado foi realizado com o bairro do Cristo Redentor, utilizando-se das mesmas tipologias, como nos revela a tabela 3 e o gráfico 7:

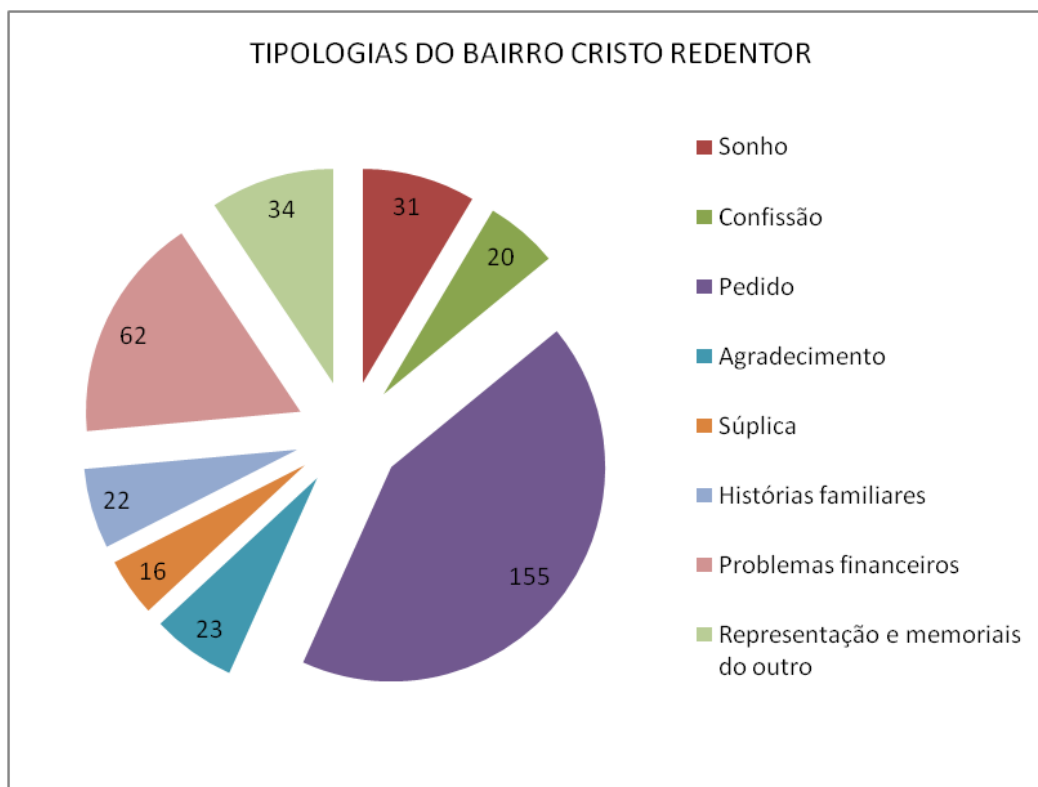
Tabela 3 – Distribuição de Frequência – Epístolas analisadas por tipologias do Bairro Cristo Redentor.

TIPOLOGIAS DO BAIRRO CRISTO REDENTOR

TIPOLOGIAS	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM
Epístolas de Sonhos	31	8,54%
Epístolas de Confissão	20	6%
Epístolas de Pedidos	155	43%
Epístolas de Agradecimentos	23	6%
Epístolas de Súplicas	16	4%
Epístolas de Histórias familiares	22	6%
Epístolas de Problemas financeiros	62	17%
Epístolas de Representação, pedidos e memoriais do outro	34	9%
TOTAL	363	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

Gráfico 7 – Epístolas analisadas por tipologias do bairro Cristo Redentor.



Fonte: Dados da Pesquisa.

Já no Bairro do Cristo Redentor, que tem o total de 155 epístolas, o tipo que mais se destacou foi o mesmo do bairro João Paulo II, “problemas financeiros”, seguida da tipologia “representação e memórias do outro” e depois “sonhos”. Somados com a tipologia “pedidos”, presente em todas as epístolas, equivalem a 77,64% do total. Desse modo, do total de 155 epístolas analisadas do bairro do Cristo Redentor, a frequência das tipologias verificadas chegaram a um quantitativo de 363, assim, as epístolas também continham mais de uma tipologia.

Levando em consideração a tipologia identificada com maior destaque nos dois bairros, que foi problemas financeiros, podemos inferir que os missivistas estão preocupados com a situação familiar, além de ser uma forma de justificar o seu pedido.

Para entendermos melhor as tipologias identificadas e o que elas significam dentro do nosso estudo, inclusive suas diferenças, como é o caso das tipologias “pedido” e “súplica”, observemos as semelhanças e diferenças que se caracterizam nas narrativas diferenciando as tipologias.

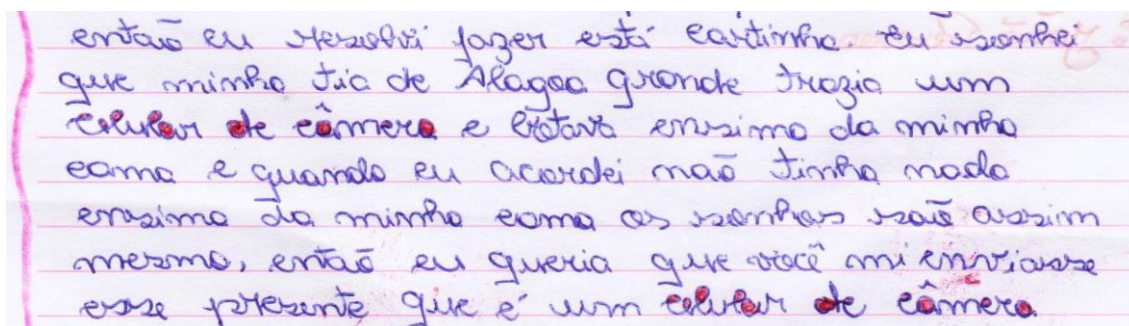
EPÍSTOLAS DE SONHOS

A epístola de *sonho* surgiu como temática, em razão da quantidade de repetições da palavra e afirmações dos missivistas em relação aos seus pedidos. Ou seja, eles sempre relacionavam os seus pedidos ao sonho que gostariam que fosse realizado. O *sonho* representou um estado de coisas específico, tal como eu desejaria que fosse. Assim, na maioria das epístolas analisadas, seu conteúdo foi a realização de um desejo, e seu motivo foi um desejo. No entanto, algumas epístolas trazem o sonho como definido pela ciência, que seria uma experiência de imaginação do inconsciente durante o nosso período de sono, que pode ser visualizado no Mapa conceitual 1 na característica fantasia.

A missivista Tatyane, de 11 anos, do bairro João Paulo II, descreve tudo que sonhou na noite anterior; no entanto, percebemos que, mesmo assim, o sonho teve relação ao pedido feito em sua epístola. Dessa forma, inferimos que essa foi mais uma forma de justificativa e afirmação do pedido feito por ela.

A epístola de Tatyane pode ser visualizada na figura 3:

Figura 3 - Trecho da Epístola 49 – João Paulo II



Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

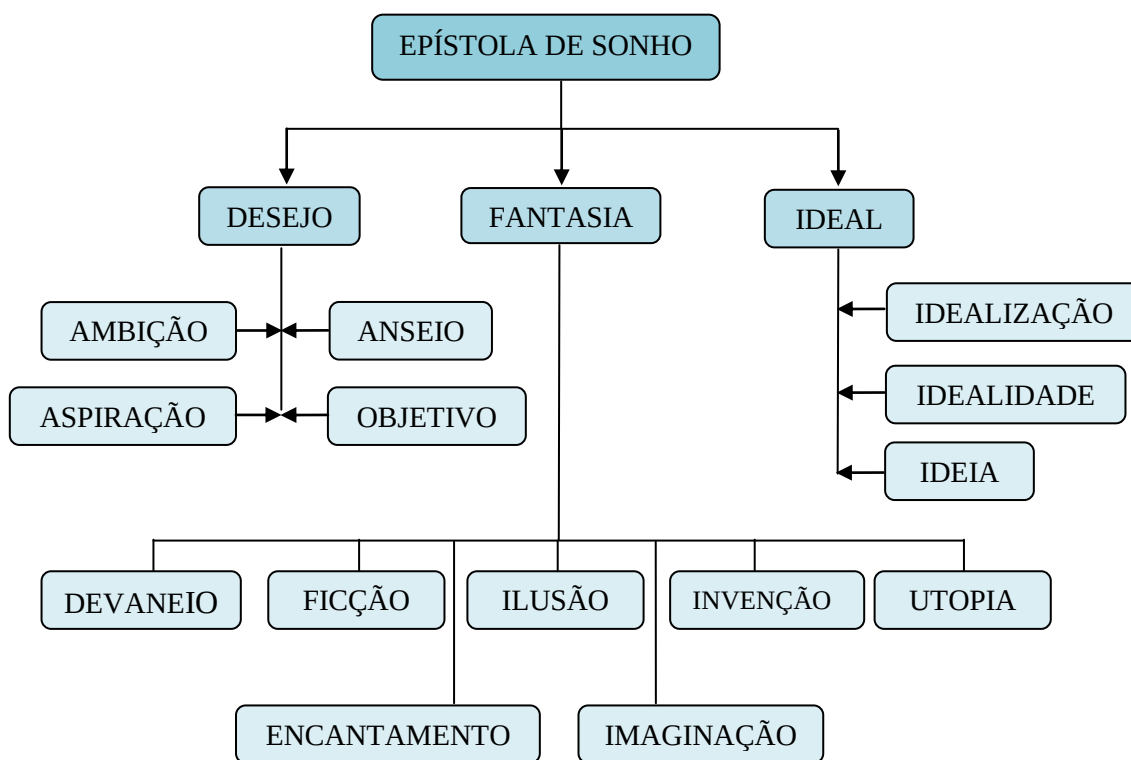
Transcrição:

...eu sonhei que minha tia de alagoa Grande trazia um celular de Câmera e botava ensima da minha cama e quando eu acordei não tinha nada ensima da minha cama os sonhos são assim mesmo, então eu queria que você mi enviasse esse presente que é um celular de câmera.

Freud (1900), em seu livro a “Interpretação dos Sonhos”, define o conteúdo do sonho, geralmente como a realização de um desejo, ou ainda, à satisfação de desejos reprimidos no inconsciente pessoal. Já Carl Jung, citado no estudo de Hall (1997), define

o sonho como um mensageiro de complexos. De acordo com ele, anexo à nossa consciência imediata existe um segundo sistema psíquico, de natureza coletiva, universal e impessoal, que se revela idêntico em todos os indivíduos. Talvez essa afirmação de Jung possa explicar a utilização do sonho na maioria das epístolas da *Campanha Papai Noel dos Correios* e a possibilidade da criação das tipologias que foram encontradas.

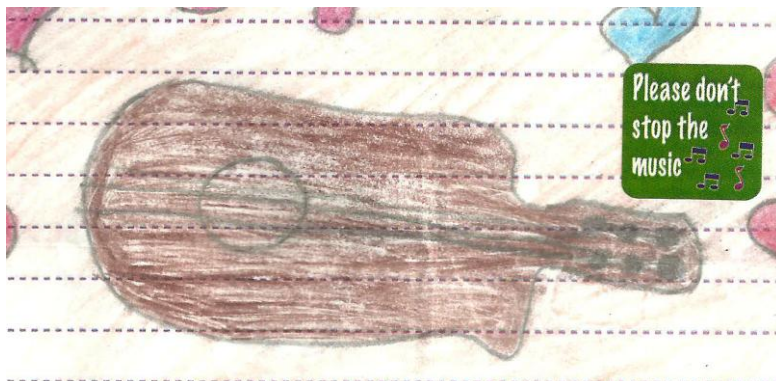
Para a visualização da tipologia *epístola desonho*, traçamos o mapa conceitual a partir da análise das epístolas. Todas as epístolas analisadas tiveram seus conteúdos de alguma forma relacionados ao sonho, como pode ser visualizado na estrutura hierárquica apresentada no mapa conceitual 1.



Mapa Conceitual 1 – Tipologia Epístola de Sonho.

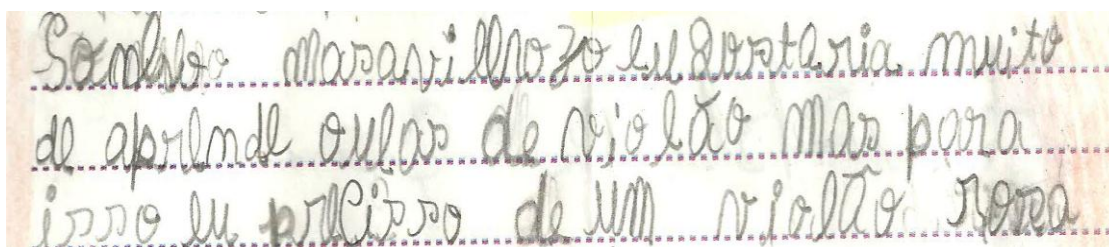
Como exemplo, podemos trazer algumas epístolas que fazem parte da tipologia *sonho*. Em sua epístola, Flávia, do bairro do Cristo Redentor, traz a descrição do seu sonho em meio a muitos desenhos e cores, inclusive, apesar de sonhar com um violão rosa, ela coloriu o desenho que fez do violão de marrom. Imaginamos que as lembranças que ela tinha da imagem de um violão fosse do tradicional, que realmente encontramos na cor marrom. No entanto, no seu sonho é um violão rosa.

Figura 4 - Trecho da Epístola 68 – Cristo Redentor.



Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Figura 5 - Trecho da Epístola 68 – Cristo Redentor.



Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Transcrição:

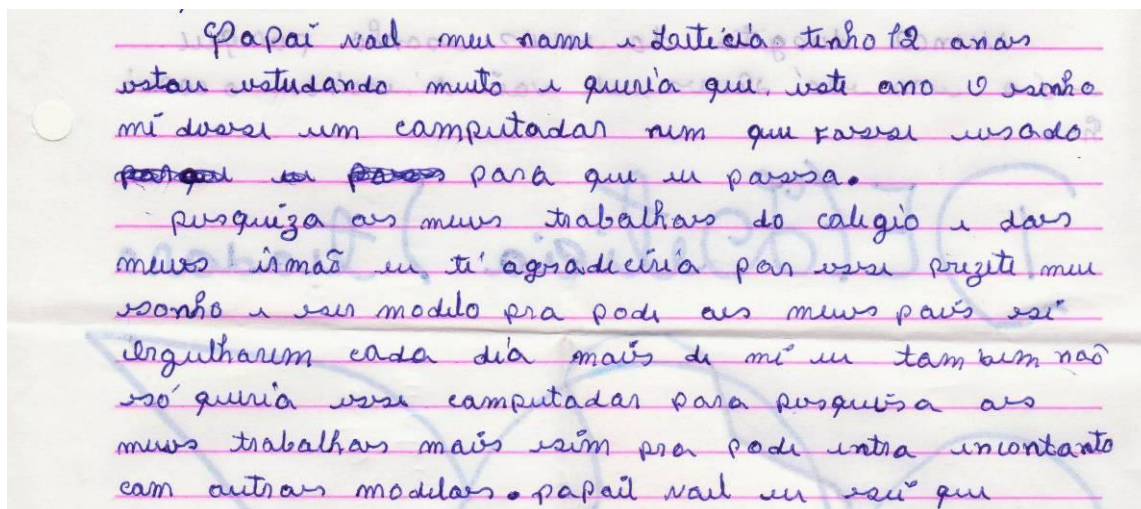
“... sonho maravilhoso² eu gostaria muito de aprender a tocar violão mas para isso eu preciso de um violão rosa...”

Neste caso, o sonho de Flávia está relacionado ao desejo de obter algo. A ambição de ter um violão rosa, a aspiração de aprender a tocar violão e ao objetivo que ela pretende alcançar.

Já na epístola de Leticia de 12 anos, do bairro João Paulo II, ela faz um pedido comum, “o senhor me desse um computador”, e justifica que é para auxiliar nos estudos dela e dos irmãos, no entanto, na sua segunda justificativa, afirma que através desse presente entraria em contato com outros modelos, pois, o seu sonho é ser modelo.

² Na transcrição das epístolas, mantivemos a ortografia original,

Figura 6 - Trecho da Epístola 66 – João Paulo II.



Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Transcrição:

"Papai Noel meu nome e Letícia tenho 12 anos estou estudando muito e queria que este ano o senhor mi desse um computador nem que fosse usado para que eu possa. pesquisa os meus trabalhos do colégio e dos meus irmão eu ti agradeceria por esse presente meu sonho e ser modelo pra poder as meus pais si orgulharem cada dia mais de mi eu também não só queria esse computador para pesquisa os meus trabalhos mais sim pra poder entra em contato com outras modelos. papai Noel eu sou que

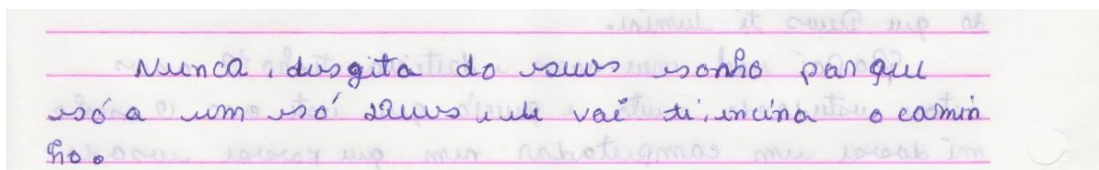
Na epístola de Letícia, verifica-se que ela idealiza um sonho de ser modelo, dessa forma, os seus pais se orgulhariam dela. Logo, Letícia tem uma grande necessidade de ser aceita e notada pelos outros, neste caso, pelos seus pais.

A sociedade atual é marcada pela valorização das questões individuais, pela renovação permanente, pelo culto às aparências e pelo consumismo. Além do mais, os produtos consumidos apresentam uma lógica social pautada nos significados dos grupos ao qual pertence, representando importantes fatores de identificação social. No caso de Letícia, ela não faz parte, nem convive no mundo glamuroso das modelos famosas, mas, de alguma forma, ela teve acesso a informações desse mundo, e se identificou com ele. Letícia tem a ilusão de que se conseguir ser uma modelo ela será aplaudida, admirada e amada. Muitas vezes as pessoas cedem à ditadura das aparências imposta pela sociedade e vivem representando papéis de personagens que gostariam de ser, mas não são. E muitas vezes por não conseguir alcançar os padrões de aparência dessa sociedade, acabam infelizes e prisioneiros desse mundo.

No mapa conceitual 1, podemos relacionar esse sonho de Letícia como um ideal. A idealização de um corpo perfeito, de estar por dentro da moda, de poder fazer parte desse mundo. Essa idealização poderia ser uma fantasia ou um projeto de vida, melhoria de vida através do glamour, do sucesso, dos padrões de beleza, entre outros.

Já no final da sua epístola, Letícia utiliza-se das suas crenças religiosas a fim de não desistir dos sonhos, pois para ela, “Deus vai ensinar o caminho”.

Figura 7 - Trecho da Epístola 66 – João Paulo II.



Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Transcrição:

“Nunca desista do seu sonho porque só a um só Deus e ele vai te ensinar o caminho”

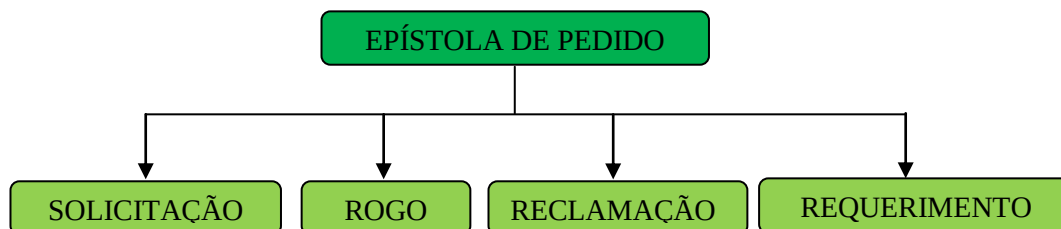
No mundo do sonho tudo é possível, pois sonhar não custa nada, no entanto, temos que estar cientes de que alguns desses sonhos talvez nunca possam ser realizados. Mas para que isso possa vir a acontecer, você tem que fazer o seu pedido e esperar o Papai Noel. Assim fizeram os missivistas dessa campanha, como pode ser visto na tipologia a seguir.

EPÍSTOLA DE PEDIDO

A tipologia *epístola de pedido* é recorrente em todas as epístolas analisadas, com exceção de uma epístola originária do bairro João Paulo II. Isso significa que de alguma forma os pedidos estão presentes nas narrativas ao Papai Noel. O pedido significa ato de pedir algo, de dizer a alguém o que se quer. Que se difere um pouco da súplica, que apesar de serem sinônimos, separamos os dois como tipologias diferentes. Essa separação entre Pedido e Súplica se deu devido às características encontradas nas epístolas. O pedido, geralmente, é feito de forma simples e direta, parece não ser uma necessidade premente, nem vincular-se a uma justificativa plausível, convincente, característica que ocorre nas epístolas de súplica. Enquanto a súplica vem acompanhada de orações,

clamor, com repetições de palavras e expressões, além de trazer um sofrimento desmedido nas entrelinhas.

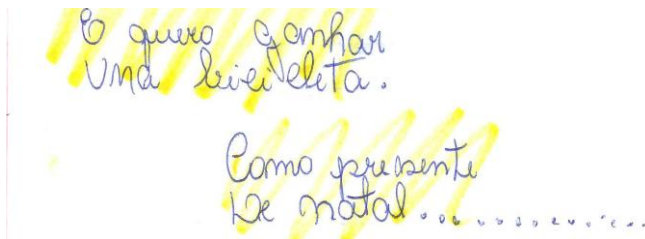
O mapa conceitual 2 traz a tipologia *epístolas de pedido*:



Mapa Conceitual 2 – Tipologia Epístola de Pedido.

Os trechos das epístolas reveladas nos fragmentos das ilustrações 8 e 9 trazem os pedidos feitos de forma simples e direta. Na epístola escrita por Kauã, ele pede ou solicita uma bicicleta.

Figura 8 - Trecho da Epístola 98 – Cristo Redentor.



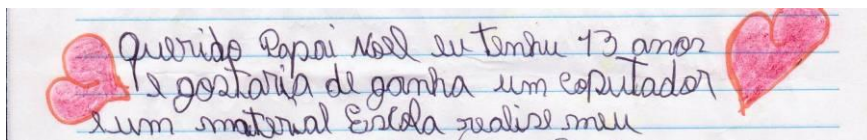
Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Transcrição:

“e quero ganhar uma bicicleta. Como presente de natal...”

Já a epístola de Luciene traz como pedido um computador e o material escolar:

Figura 9 - Trecho da Epístola 64 – João Paulo II.



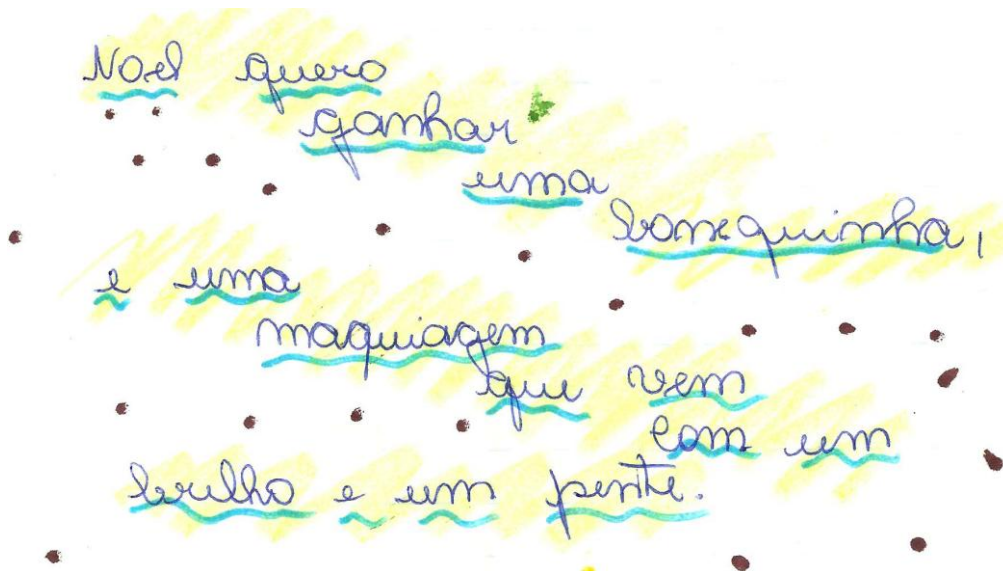
Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Transcrição:

“...querido Papai Noel eu tenho 13 anos e gostaria de ganhar um computador e um material Escola...”

A epístola 125, escrita por Iasmym, também pede lindos presentes de forma simples e direta.

Figura 10 – Trecho da Epístola 125 - Cristo Redentor.



Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Agora vejamos através de exemplos, a diferença entre pedido e súplica, abordaremos a tipologia *epístola desúplica* da mesma forma já explorada nas outras tipologias.

EPÍSTOLA DE SÚPLICA

A súplica implica em uma oração feita com insistência e submissão, geralmente através de uma prece, uma reza, e pode ser identificada também, a partir de repetições de algumas palavras e insistência constante, bem como agregada a uma justificativa quer física, material ou espiritual.

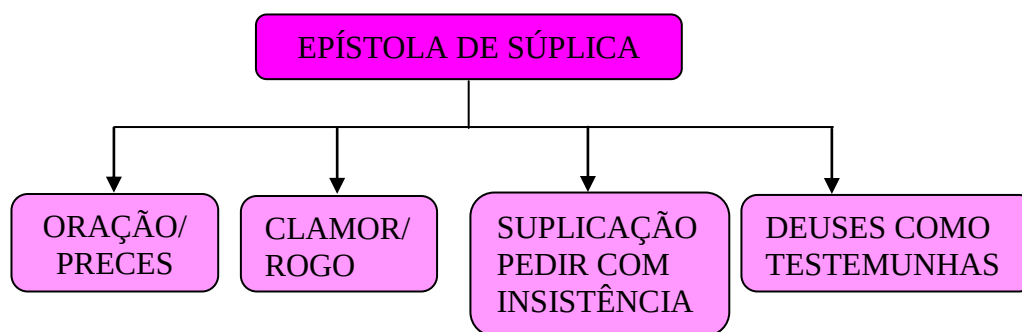
Sob o ponto de vista etimológico, os vocábulos relacionados no latim aos conceitos de súplica, fornecem-nos elementos importantes para o seu conhecimento. De acordo com Mota (2010, p. 44):

Quanto à súplica e suplicar, há os vocábulos: *obsecratio* (preces públicas; rogos; súplicas; juramento com imprecações); *obsecrare* (suplicar, rogar, pedir com insistência – podemos notar neste vocábulo a ideia de repetição); *obtestatio* (súplica em que os deuses são tomados por

testemunha); *supplicium* (no plural: preces públicas, oferendas; presentes para obter alguma coisa de alguém – há também a acepção de: suplício, pena, castigo); *supplex* (suplicante – com respeito às coisas e às pessoas); *supplicare* (pedir, suplicar aos deuses; sacrificar aos deuses).

Com um olhar mais atento aos valores relativos à origem do termo, temos a possibilidade de relacioná-lo intrinsecamente a posturas mentais e físicas do suplicante e ao estabelecimento (correios) de uma forma de contato entre os homens e o mito, um deus, um salvador, assim como queiram chamar (Papai Noel). Devemos destacar que as relações estabelecidas entre suplicante e o Papai Noel tangenciam situações de poder e submissão.

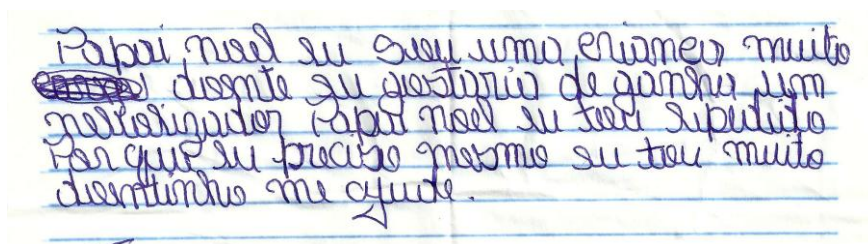
No mapa conceitual 3, apresentamos a tipologia *epístolade súplica*:



Mapa Conceitual 3 – Tipologia Epístola de Súplica.

Na epístola de Pedro, do Cristo Redentor, fica explícita sua súplica ao utilizar de algumas expressões como “muito doente”, “toulipedido” (estou lhe pedindo), “preciso mesmo”, “muito doentinho” e no final “me ajude”. Essas expressões podem ser observadas conforme ilustração 11.

Figura 11 - Trecho da Epístola 30 – Cristo Redentor.



Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

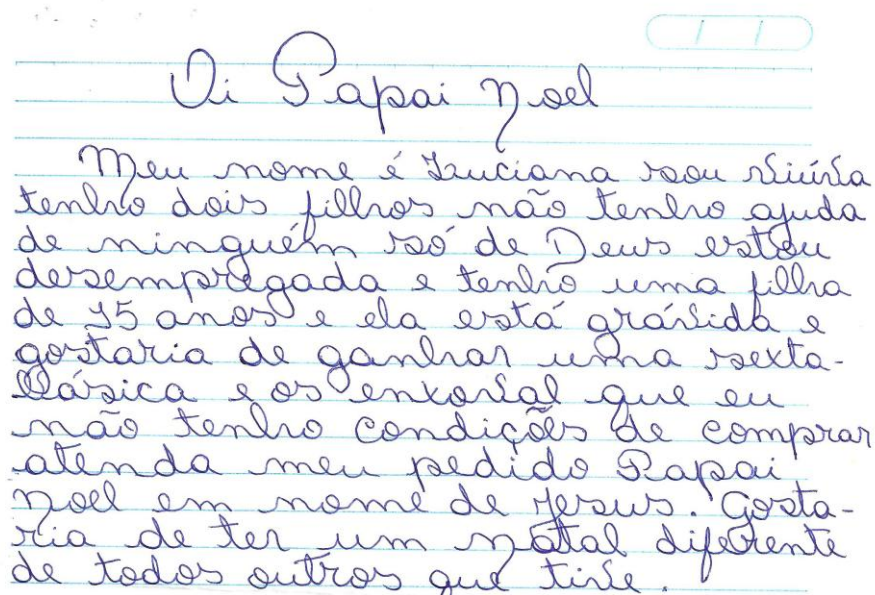
Transcrição:

“Papai Noel eu sou uma criança muito doente eu gostaria de ganha um nebolizador Papai noel eu toulepedido por que eu preciso mesmo eu tou muito doentinho me ajude.”

A enfermidade do missivista o faz pedir ao invés de um brinquedo, algo pra curar o seu sofrimento, o tom da sua escrita, quase humilhante e submissa, fica visível nas expressões “toulipedido”, “me ajude”, o que possibilita conduzir o leitor ao seu estado de moléstia através da sua narrativa, que se traduz em sofrimento, esperança e súplica, uma mistura do seu estado atual.

Outro exemplo pode ser observado na epístola de Luciana, uma viúva que afirma que a única pessoa que a ajuda é Deus:

Figura 12 - Trecho da Epístola 132 – Cristo Redentor.



Oi Papai Noel

Meu nome é Luciana sou viúva
tenho dois filhos não tenho ajuda
de ninguém só de Deus estou
desempregada e tenho uma filha
de 15 anos e ela está grávida e
gostaria de ganhar uma sexta-
básica e os enxoval que eu
não tenho condições de comprar
atenda meu pedido Papai
Noel em nome de Jesus. Gosta-
ria de ter um natal diferente
de todos outros que tive.

Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB

Transcrição:

“Oi Papai Noel

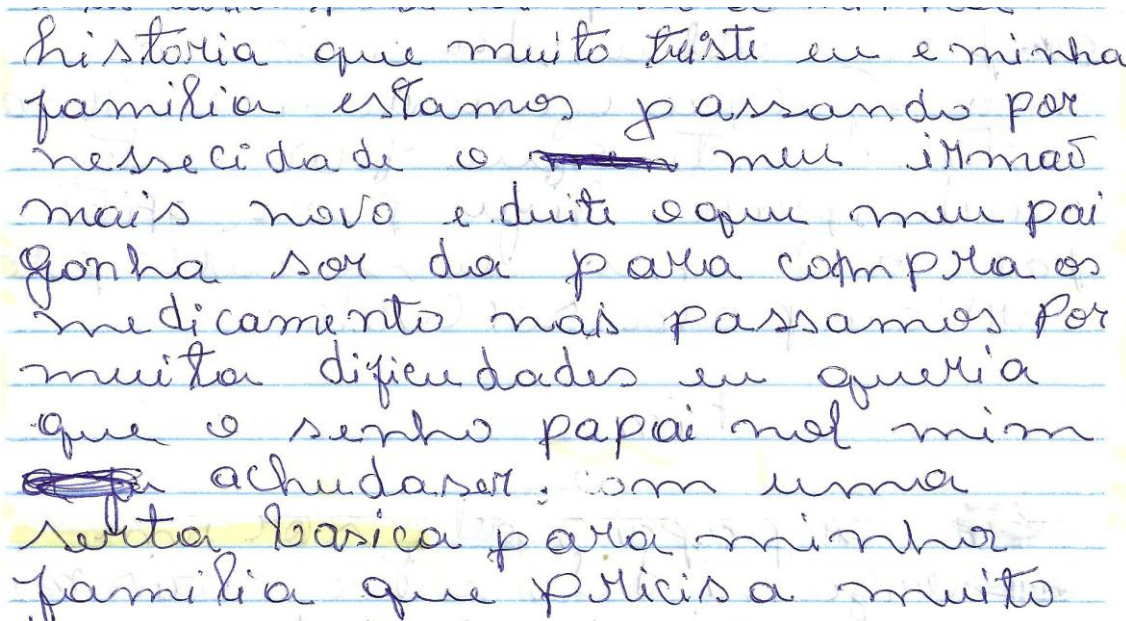
Meu nome é Luciana sou viúva tenho dois filhos não tenho ajuda de ninguém só de Deus estou desempregada e tenho uma filha de 15 anos e ela está grávida e gostaria de ganhar uma sexta básica e os enxoval que eu não tenho condições de comprar atenda meu pedido Papai Noel em nome de Jesus. Gostaria de ter um natal diferente de todos outros que tive.”

Verifica-se que Luciana clama a Deus o tempo todo, suas orações estão implícitas nas entrelinhas de sua escrita. Dessa forma, o tom de súplica fica visível. O trecho “*atenda meu pedido Papai Noel em nome de Jesus*” nos remete imediatamente ao *obtestatio* (súplica em que os deuses são tomados por testemunha).

A história de Luciana oferece-nos uma série de elementos acerca do papel da mulher enquanto arrimo de família e nos permite perceber o quão difícil é superar todas as dificuldades.

Outra história representativa é a de Marinês, ela narra o seu desespero para tentar ajudar a família, uma moça pobre, com um irmão pequeno doente e, muitas vezes, sua família deixa de comer para comprar os seus remédios. Essa história está descrita na Epístola 152, figura 13.

Figura 13 - Trecho da Epístola 152 – Cristo Redentor.



historia que muito triste eu e minha
família estamos passando por
nessecidade e ~~o~~ meu irmão
mais novo e duete o que meu pai
ganha sor da pra compra os
medicamento nos passamos por
muita dificuldades eu queria
que o senho papai Noel mim
~~achudaser~~ achudaser com uma
sorta basica para minha
família que precisa muito

Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Transcrição:

“[...] história que muito triste eu e minha família estamos passando por nessecidade o meu irmão mais novo e duete o que meu pai ganha sor da pra compra os medicamento nos passamos por muita dificuldades eu queria que o senho papai Noel mim achudaser para minha família que precisa muito...”

Mais uma vez, o tom de humilhação, súplica e clamor está presente nesta escrita. As narrativas de variadas epístolas se misturam como se as histórias se repetissem, o sofrimento, a fome, a tristeza, a dificuldade financeira, e o tom suplicante traduz essa parcela da sociedade pessoense como uma radiografia cambiante da pobreza extrema, da degradação humana.

E como a escrita nos permite ter a liberdade de dizer o não dito, de falar o que não temos coragem cara a cara, de confessar nossos segredos, sofrimentos, desesperos, sonhos, esperanças, histórias infundáveis e inimagináveis, eis que surge mais uma tipologia para o nosso estudo, a epístola de *confissão*.

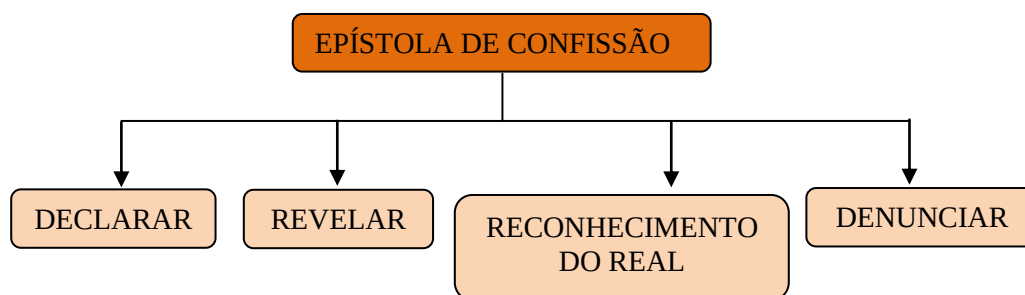
EPÍSTOLAS DE CONFISSÃO

A confissão abordada em nosso estudo está relacionada não ao ato de confessar um crime ou contar os pecados ao padre, como definido etimologicamente e perante a igreja; o significado de confissão neste estudo está relacionado como denominado no dicionário do livro, que diz respeito a uma:

Espécie do gênero autobiográfico na qual um homem escreve as suas próprias recordações, para que alguém as leia. A sua narração destina-se a uma particular ou grupo de particulares ou aos homens, aos outros homens. O narrador pode também, em última instância, falando aos homens, dirigir-se ao deus pessoal em que acredita como acontece nas Confissões de Santo Agostinho (FARIA E PERICÃO, 2008 p.190).

Mais especificamente, as confissões trazidas nas epístolas da *Campanha Papai Noel dos Correios* são recordações muitas vezes dolorosas, são depoimentos confessos desmedidos de uma vida cheia de batalhas.

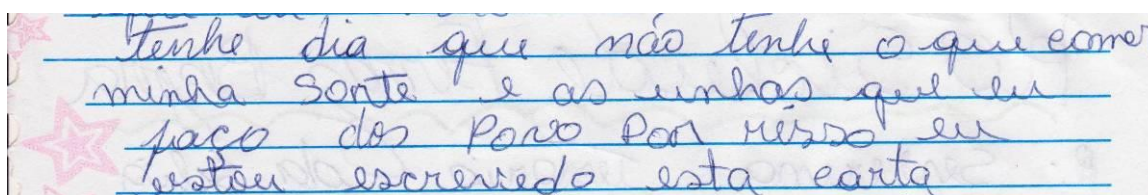
Observe o mapa conceitual 4, as diversas possibilidades de confissão nas epístolas:



Mapa conceitual 4 – Tipologia Epístola de Confissão.

A epístola escrita por Rosicleide, mãe de quatro filhos, moradora do bairro João Paulo II, assim como diversas outras epístolas dessa campanha, denuncia o quadro de pobreza existente na sociedade pessoense, levando em consideração que pobreza está relacionada com a ausência de suprimentos para a subsistência, além de necessidades básicas como vestuário, saúde, habitação e lazer. E umas das formas de aquisição ou atendimento dessas necessidades dependem da aquisição de renda, geralmente proveniente do trabalho, nem sempre disponível no mercado. No entanto, Rosicleide dribla a falta de um emprego fixo, trabalhando com o que ela sabe fazer, “minha sorte é as unhas que faço”, ou seja, ela se vira como manicure e confessa num tom de denúncia que muitas vezes passa fome por não ter o que comer.

Figura 14 - Trecho da Epístola 32 – João Paulo II.



Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Transcrição:

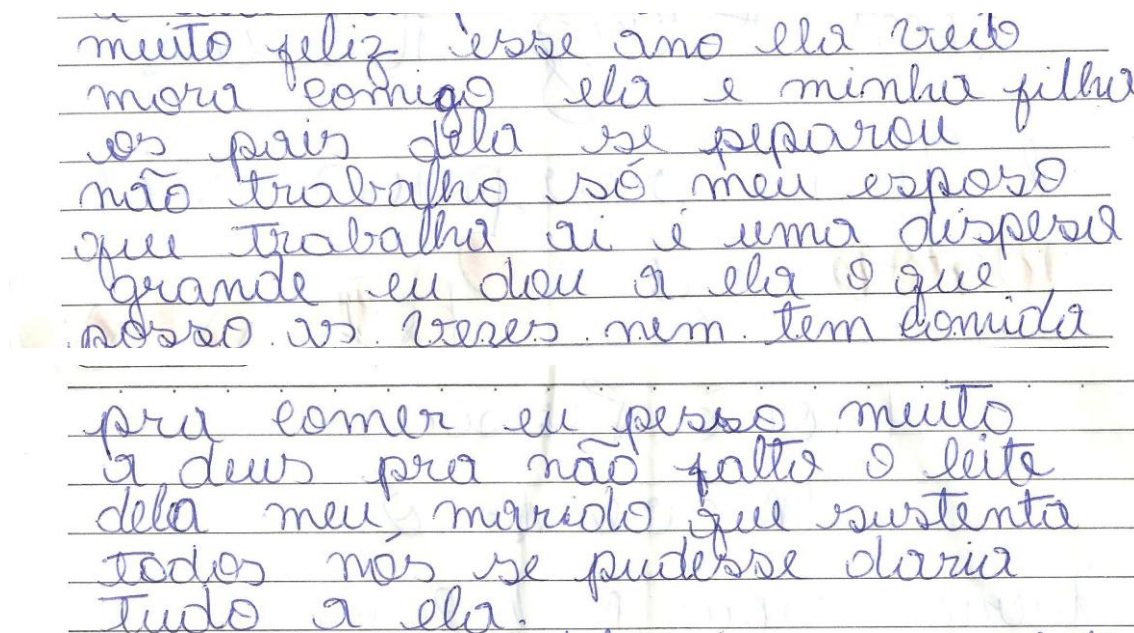
“...tenho dia que não tenho o que comer minha sorte é as unhas que eu faço dos povo por rrisso eu estou escrevendo esta carta...”

Assim como Rosicleide, Maria Ângela, moradora, do bairro do Cristo Redentor, também fala dos problemas vivenciados em sua casa, como mostra a epístola a seguir. Confessa as dificuldades inclusive para se alimentar “*as vezes nem tem comida pra comer*”. Mas, a epístola de Maria Ângela traz uma declaração de amor, amor tamanho que lhe

deixa angustiada por se sentir impotente diante do caso. Ela escreve para sua neta de 4 anos que, assim como a neta, a filha também mora com ela, devido à separação dos pais da menina. E a avó declara: “se eu pudesse daria tudo a ela”. Esse trecho demonstra todo carinho que essa avó tem por sua neta.

Percebe-se que são muitas as epístolas que trazem em seu teor problemas de relacionamentos e separação de casais, e a grande maioria acaba indo morar com os avós. O trecho em que Maria Ângela denuncia a falta de comida e declara o seu amor pela neta pode ser visto na figura 15.

Figura 15 - Trecho da Epístola 136 – Cristo Redentor.



Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Transcrição:

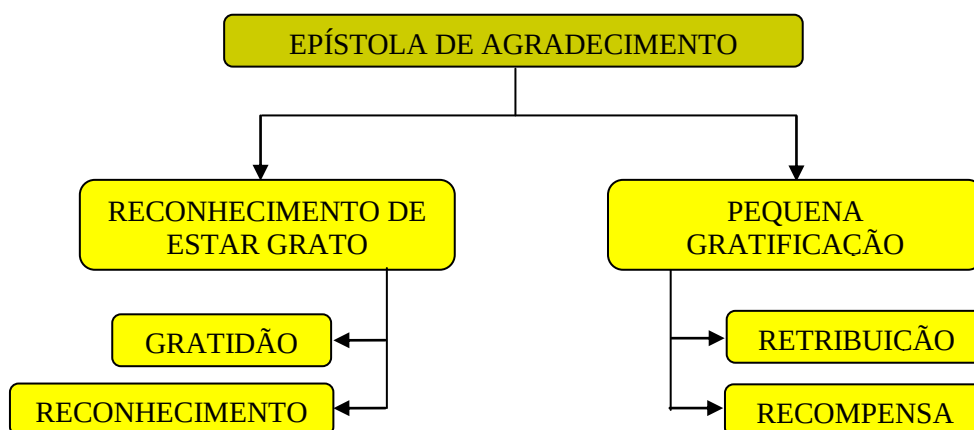
“...muito feliz esse ano ela veio mora comigo ela e minha filha os pais dela se separou não trabalho só meu esposo que trabalha ai é uma despesa grande eu dou a ela o que posso as vezes nem tem comida pra comer eu pesso muito a deus pra não falta o leite dela meu marido que sustenta todos nós se pudesse daria tudo a ela.”

Ao final da carta de Maria Ângela, ela demonstra o seu agradecimento ao Programa Papai Noel dos Correios, provavelmente sua neta foi atendida no ano anterior, pois essa era a quarta epístola que a avó escrevia para sua neta. Essa análise é demonstrada dentro da tipologia *epístola de agradecimento*, que se segue.

EPÍSTOLA DE AGRADECIMENTO

A origem da palavra ‘obrigado’ como forma de agradecimento vem do latim **obligatus**, particípio do verbo **obligare**, ligar, amarrar. É a forma abreviada da expressão ‘fico-lhe obrigado’, ou seja, ‘fico-lhe ligado pelo favor que me fez’. Quando nos tornamos devedores de outrem por serviço que nos foi prestado, criamos um elo de ligação, mesmo que momentâneo, e devemos agradecer. Questão de educação e civilidade. Quando dizemos obrigado a alguém estamos sendo impostos pela lei da boa educação a sermos gratos a alguém que nos prestou uma gentileza. Assim como nas teorias trazidas por Barbosa (2010), as tipologias identificadas no nosso estudo se revelam similares em alguns casos, como exemplo, as epístolas de agradecimento e as epístolas de representações e memoriais.

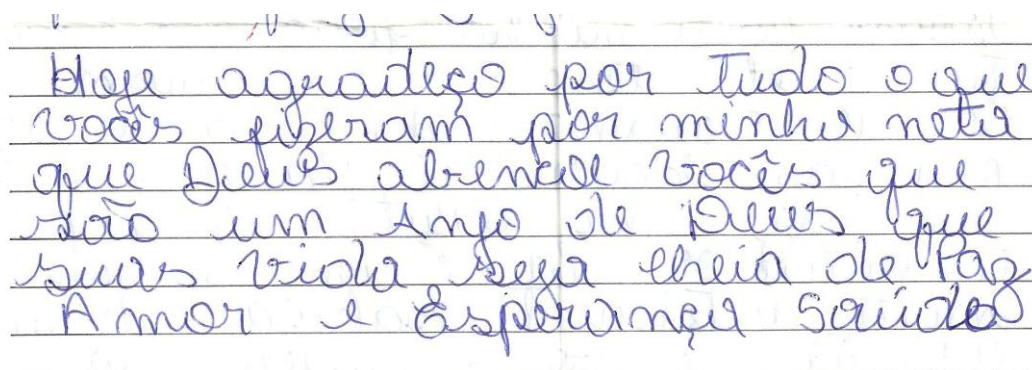
No mapa conceitual 5, identificaremos a tipologia *epístola* de agradecimento:



Mapa Conceitual 5 – Tipologia de Epístola de Agradecimento.

Ainda utilizamos a epístola de Maria Ângela, só que agora para demonstrar uma epístola de agradecimento. Ao final da sua escrita, ela escreve:

Figura 16 - Trecho da Epístola 136 – Cristo Redentor.



Hoje agradeço por Tudo o que
vocês fizeram por minha neta
que Deus abençoe vocês que
são um Anjo de Deus que
suas vida seja cheia de Paz
Amor e Esperança Saúde

Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

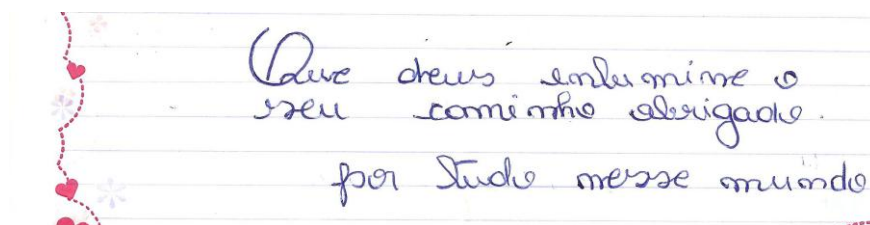
Transcrição:

“Hoje agradeço por tudo o que vocês fizeram por minha neta que Deus abençoe vocês que são um Anjo de Deus que suas vida seja cheia de Paz Amor e Esperança Saúde.”

Percebemos nos agradecimentos dessa missivista o ar de gratidão que ela tem pelo fato de sua neta ter sido atendida, e retribui desejando-lhes a bênção de deus, “que Deus abençoe vocês”, e tenta recompensá-los com um elogio, “são um Anjo de Deus”, além de desejar-lhes “que suas vidas seja cheia de paz amor e esperança saúde”.

O próximo trecho foi escrito por Emylli, ela também se apropria da sacralidade, da figura de Deus como ser supremo capaz de retribuir aquilo que ela mesma não tem condições de fazê-lo, o apelo à divindade. Como pode ser visto no fragmento transcrito na figura 17:

Figura 17 – Trecho da Epístola 43 – Cristo Redentor.



Que deus enlumine o
seu caminho obrigado
por tudo nesse mundo

Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Transcrição:

“Que deus enlumine o seu caminho obrigado por tudo nesse mundo”.

Já a epístola seguinte, traz o reconhecimento de Allysson de 15 anos, em relação ao que o Papai Noel está fazendo para a comunidade em que ele mora. Provavelmente, muitas epístolas foram atendidas na sua comunidade, isso explica esse agradecimento coletivo.

Figura 18 - Trecho da Epístola 86 – Cristo Redentor.

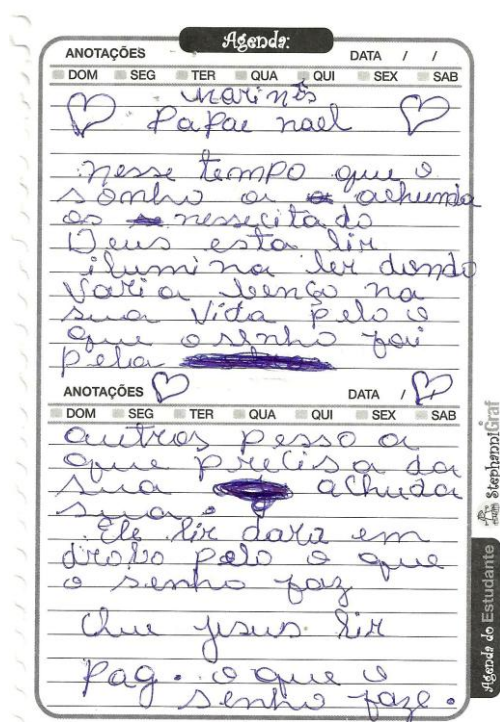
ns 47-42 e muito o brigado pelo o
que o senhor esta fazendo pela nossa
Comunidade.

Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Transcrição: “[...] e muito o brigado pelo o que o senhor esta fazendo pela nossa comunidade.”

E no meio de tantas epístolas, encontramos uma que se difere das demais analisadas. A epístola da figura 19 foi escrita única e exclusivamente para agradecer ao Papai Noel. Ela não faz nenhum pedido, nem de brinquedos, muito menos conta histórias familiares ou problemas financeiros, ela apenas agradece. Veja a epístola na figura 19:

Figura 19 - Trecho da Epístola 153 – Cristo Redentor.



Transcrição:

“Marinês

Papai Noel

Nesse tempo que o senho a chunda
os nessecitado Deus esta lir ilumina
ler dando varia benço na sua vida
pelo o que o senhofai pela outras
pessoa que precisa da sua achuda
sua. Ele lir Dara em drobo pelo o
que o senho faz. Que Jesus lir pag.
O que o senho faz.”

Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

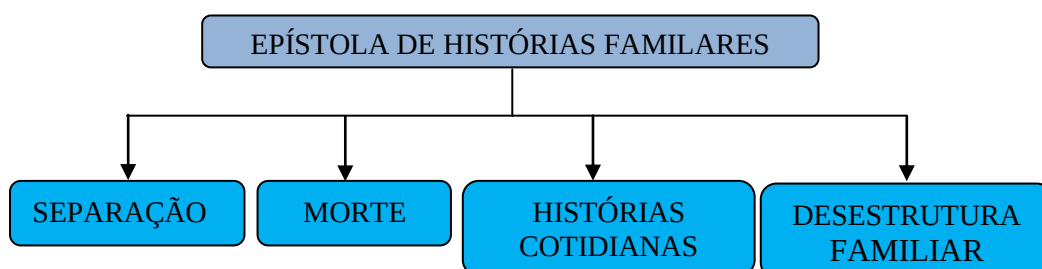
Marinês, com uma escrita de difícil entendimento, com muitos erros ortográficos e sem pontuação, consegue transmitir com muita dificuldade o reconhecimento que ela tem ao Papai Noel. E como forma de retribuir tudo o que o Papai Noel tem feito, ela o recompensa com uma epístola apenas de agradecimento, a única coisa que não difere dos outros agradecimentos analisados nas outras epístolas é que ela também se utiliza da figura de Jesus e do nosso Deus como uma forma de devolver o que o povo tem recebido. É interessante ressaltar, que essa foi a única epístola do total analisado que não trouxe um pedido ao Papai Noel. No entanto, percebemos que Marinês é uma missivista recorrente, a exemplo da epístola já mencionada, à tipologiasúplica, evidenciada a partir da figura 12 escrita pela mesma missivista.

A maioria das epístolas apresentadas como exemplo em nosso trabalho tem uma história para contar, tem lembranças para recordar e, nesse sentido, as epístolas de Histórias Familiares se tornam uma fonte de interesse para nossas análises. Neste momento, exploraremos alguns trechos apenas como exemplo para essa nova tipologia. E no capítulo das memórias aprofundaremos as histórias contadas pelos missivistas.

EPÍSTOLA DE HISTÓRIAS FAMILIARES

As epístolas de Histórias Familiares narram as histórias dos missivistas, cada um traz nos seus escritos fragmentos de situações vivenciadas por eles. Em sua maioria trazem o sofrimento causado pela pobreza, pela desestrutura familiar e outras situações do dia a dia.

O mapa conceitual 6 demonstra as relações vinculadas a essa tipologia:

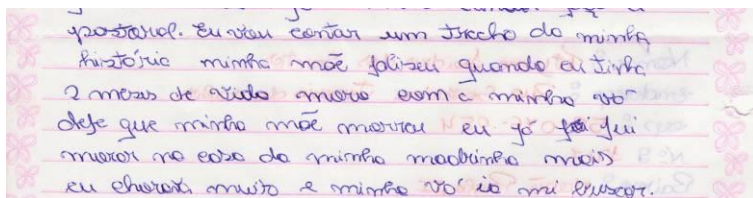


Mapa Conceitual 6 – Epístola de Histórias Familiares

Alguns trechos encontrados nas epístolas evidenciam a descrição do mapa, como pode ser visto na figura 20, em que a missivista Tatyane, de 11 anos, moradora do bairro

João Paulo II, relata um trecho da sua história; ela conta que a mãe faleceu quando ela ainda tinha dois meses de vida. E mora atualmente com a sua avó. Vamos observar sua narrativa:

Figura 20 – Trecho da Epístola 46 – João Paulo II.



Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

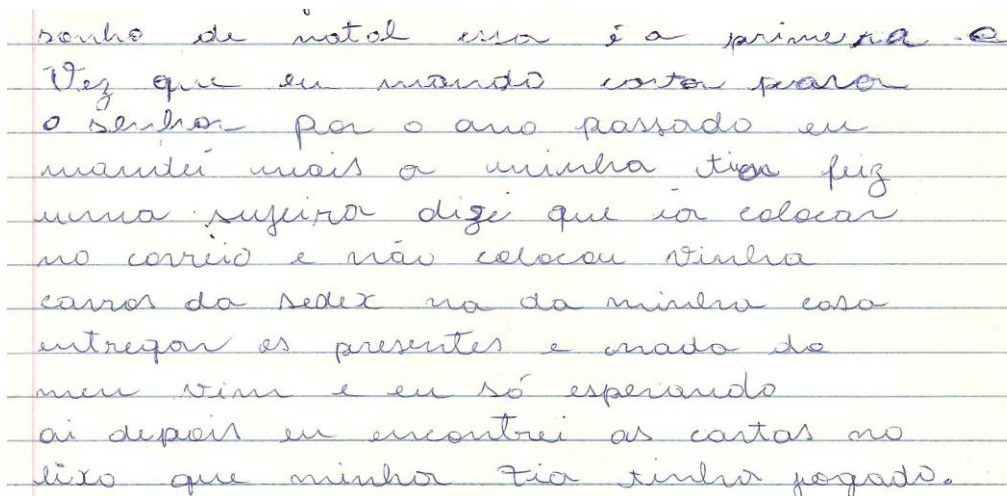
Transcrição:

"[...] Eu vou contar um trecho da minha história minha mãe faliseu quando eu tinha 2 meses de vida moro com a minha vó deje que minha mãe morreu eu já fui morar na casa da minha madrinha mais chorava muito e minha vó ia mi buscar."

É possível identificar nesse pequeno trecho, que as histórias contadas por Tatyane provavelmente foram transmitidas para ela por sua avó, pois, com apenas dois meses ela não se lembraria de nada hoje. É interessante observar que, antes de ir morar com a avó, ela morou com a madrinha, no entanto, como se soubesse de sua perda, seu choro incessante fez com que a avó fosse buscá-la. Possivelmente ela não soubesse da morte da mãe, mas a ligação entre uma mãe e um filho é muito forte e a separação para ambos seria impossível de não ser sentida. Tatyane escreveu diversas epístolas para a Campanha, no total foram 16 e todas elas contavam do falecimento da sua mãe, algumas com mais detalhes do que outras. Suas epístolas serão analisadas mais detalhadamente no capítulo das memórias.

Outra história familiar que merece ser trazida à baila é a história narrada por Jéssica, de 13 anos, moradora do bairro Cristo Redentor. Ela escreve bastante revoltada, pois sua tia ao invés de colocar as cartas que ela escrevia no correio, jogava-as no lixo. E Jéssica sofria cada vez que o carro dos correios passava pela sua rua, presenteava outras crianças e ela não entendia porque só ela não recebia os seus pedidos. Mas um dia ela descobriu toda a história e resolveu escrever novamente contando a "sujeira que sua tia fez". A epístola escrita por Jéssica pode ser observada na ilustração 21:

Figura 21 - Trecho da Epístola 145 – Cristo Redentor.



senho de natal essa é a primeira e
vez que eu mando carta para
o senhor pois o ano passado eu
mandei mais a minha tia fez
uma sujeira dizi que ia colocar
no correio e não colocou vinha
carros da sedex na da minha casa
entregar os presentes e nada do
meu vim e eu só esperando
ai depois eu encontrei as cartas
no lixo que minha tia tinha jogado.

Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

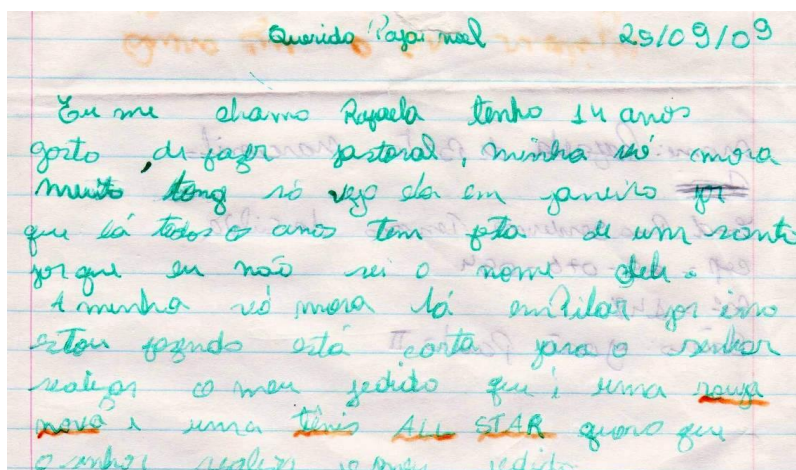
Transcrição:

“[...] essa é a primeira vez que eu mando carta para o senhor pois o ano passado eu mandei mais a minha tia fez uma sujeira dizi que ia colocar no correio e não colocou vinha carros da sedex na da minha casa entregar os presentes e nada do meu vim e eu só esperando ai depois eu encontrei as cartas no lixo que minha tia tinha jogado.”

Assim como a maioria das epístolas analisadas, a de Jéssica não foge do padrão. Uma escrita sem nenhuma pontuação e com alguns erros na escrita das palavras. A revolta de Jéssica é justificada, e o descaso da sua tia nos faz perceber que, muitas vezes, crianças são abandonadas mesmo estando dentro de casa com os seus parentes. Elas não são acarinhadas, nem ouvidas, são ignoradas. Assim, foi com Jéssica. Em alguns casos, tornam-se adultas mais cedo. Essa e diversas outras histórias contadas pelos missivistas são um pouco do cotidiano, do seu dia a dia.

Outra missivista que trouxe sua história é Rafaela de 14 anos do bairro João Paulo II. Com uma letra trêmula e desajeitada, ela comenta que todos os anos sua família viaja para a casa da sua avó, que mora na cidade de Pilar. Ela diz que quer roupas novas para poder viajar, pois, todo janeiro ela vai visitar a avó por conta da festa de um Santo, que ela nem sabe o nome. Essa história pode ser observada na figura 22:

Figura 22 - Trecho da Epístola 60 – João Paulo II.



Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Transcrição:

Querido Papai Noel

“Eu me chamo Rafaela tenho 14 anos gosto de fazer pastoral, minha vó mora muito longe só vejo ela em janeiro que lá todos os anos tem festa de um santo porque eu não sei o nome dele.

A minha vó mora lá em Pilar por isso estou fazendo está carta para o senhor realizar o meu pedido que é uma roupa nova e um tênis ALL STAR quero que o senhor realize o meu pedido.”

Apesar de Rafaela afirmar no início da sua epístola, “gosto de fazer pastoral”, fica explícito que ela não se interessa tanto pelos assuntos religiosos, tendo em vista que participa todos os anos de uma festa religiosa na cidade de sua avó e não sabe nem o nome do Santo.

As histórias familiares contadas aqui são apenas algumas das muitas encontradas na análise, uma grande parte dessas histórias é justificada pelos problemas financeiros enfrentados sem eu dia a dia. Essa é a próxima tipologia a ser abordada, Epístola de Problema Financeiro.

EPÍSTOLAS DE PROBLEMAS FINANCEIROS

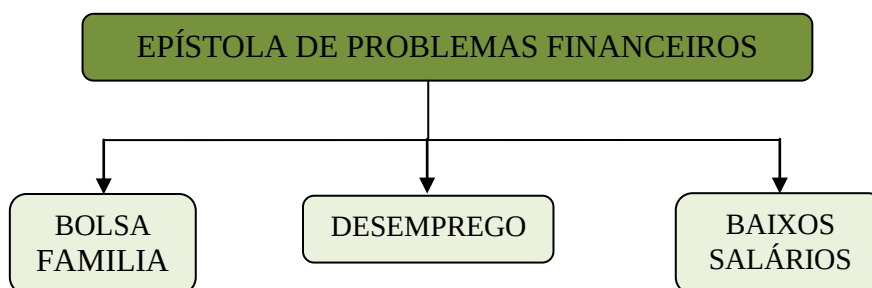
Eis que aqui encontramos testemunhos tocantes, em que os missivistas justificam seus pedidos através dos problemas financeiros enfrentados pela família. De acordo com o mapeamento feito das tipologias, exposto no início deste capítulo, o bairro do Cristo Redentor teve um total de 62 epístolas relacionadas à tipologia de problemas financeiros, ou seja, 17% traziam em seus fragmentos histórias relacionadas ao assunto. Já o bairro

de João Paulo II, verificou-se 41 epístolas neste contexto, que equivale a 16% do total. No entanto, se levarmos em consideração, não o número de temáticas analisadas e sim o total de epístolas do bairro João Paulo II, que foi 88 epístolas, percebe-se que quase a metade das epístolas aponta problemas de ordem financeira, conteúdo prevaiente da realidade sociocultural e econômica do bairro de João Paulo II.

Vale ressaltar, que uma pesquisa realizada pelo Instituto de Geografia e Estatística (IBGE) em 2011, identificou as pessoas que vivem abaixo da linha da pobreza no Brasil, de acordo com a pesquisa a Paraíba ficou com o 3º maior índice de pobreza do País com 50,74%, ficando atrás apenas de Alagoas (57,35%) e Maranhão (54,27%). Se considerarmos o índice de pobreza extrema, a Paraíba ficou na sexta posição com 12,5% do salário mínimo por mês. A partir deste índice, o governo federal lançou o programa “Brasil sem miséria” que objetivava garantir transferência de renda, acesso a serviços públicos e inclusão produtiva para resgatar brasileiros da miséria. As pessoas que tinham renda nominal mensal domiciliar até R\$70 eram consideradas em condições de extrema pobreza. Em 2013, outra pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) afirmou que o número de pessoas na linha ou abaixo da linha de pobreza diminuiu e revela ainda que a renda real média dos brasileiros cresceu. No entanto, esses dados são questionados em algumas reportagens, como a exemplo, o site da Veja, com a reportagem de 26/12/2012.

Deste modo, a partir destes índices de pobreza na Paraíba, é justificável o grande número de missivistas que escreveram para a Campanha Papai Noel dos correios a fim de sanar suas necessidades básicas, além de justificar o seu pedido através dos problemas financeiros de suas famílias.

O mapa conceitual 7 demonstra os principais assuntos abordados nas epístolas relacionados a tipologia de *epístola de problemas financeiros*:

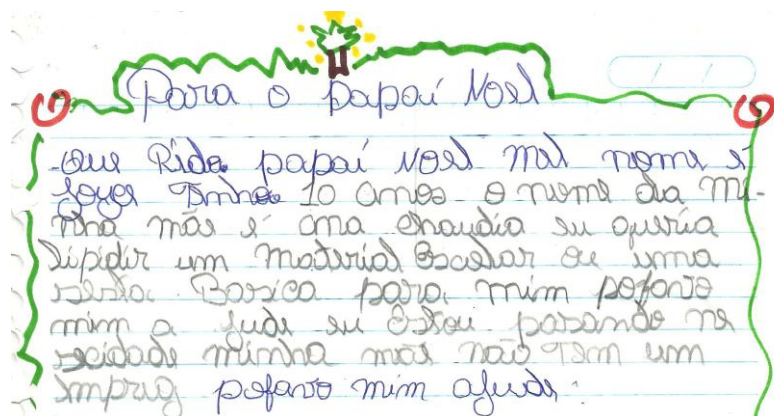


Mapa Conceitual 7 – Tipologia Epístola de Problema Financeiro

Na epístola escrita por Joyce de 10 anos, moradora do Cristo Redentor, percebemos não só a tipologia de problemas financeiros, que está explícita, como também o tom suplicante da missivista. Ela afirma “*estou pasandonesecidade*”, e assim como as outras epístolas, os erros ortográficos estão presentes. Joyce expõe sua necessidade e justifica dizendo que sua “*mãe não tem um emprego*”. Percebemos que Joyce não toca no nome do pai, como se a mãe fosse a única responsável por ela e pelo sustento da casa. Relato bastante comum nas epístolas desta Campanha. Segundo pesquisa do IBGE realizada em 2011, a proporção de famílias chefiadas por mulheres cresceu mais do que quatro vezes nos últimos dez anos. Esse levantamento apontou que 37,4% das famílias têm como pessoa de referência uma mulher. Índice relevante, se levarmos em consideração os vários relatos encontrados nas epístolas, se referindo do abandono do pai e da mãe enquanto arrimo de família.

A epístola de Joyce pode ser visualizada na figura 23:

Figura 23 - Trecho da Epístola 02 – Cristo Redentor.



Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Transcrição:

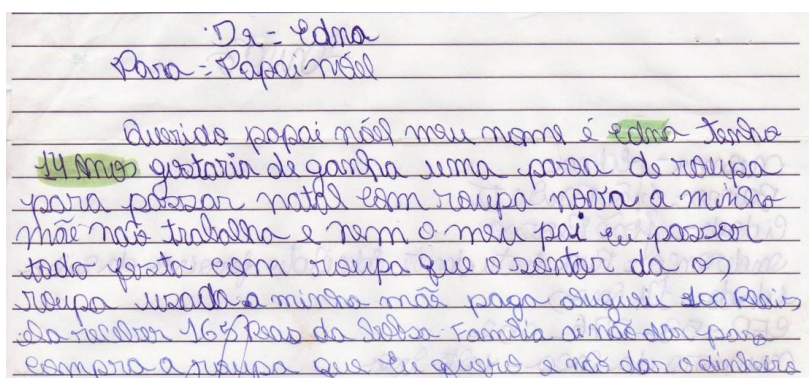
“Para o papai Noel

“Que Rido papai Noel mel nome é Joyce Tenho 10 anos o nome da minha mãe é Ana Claudia eu queria lipidir um material escolar ou uma sesta Basica para mim pofavo mim a jude eu Estou pasandonesecidade minha mãe não tem um emprego pofavo mim ajude.”

Apesar do colorido e dos desenhos na epístola de Joyce, sua letra é trêmula, hesitante, e o seu conteúdo é suplicante e humilhante.

Assim como Joyce, Edna, de 14 anos do bairro João Paulo II, também vive nessa geração desigual e injusta e a sua epístola, assim como todas as outras, tem sérios problemas em relação às normas da escrita. Ela traz em seu relato o desconforto de sempre usar roupas doadas e que já foram usadas por outras pessoas. E sonha passar o natal de roupa nova. Acontece que os seus pais não trabalham e sobrevivem da bolsa família, R\$ 165,00, desse valor R\$ 100,00 é para o aluguel. Vejamos a epístola de Edna na figura 24:

Figura 24 – Trecho da Epístola 25 – João Paulo II.



Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Transcrição:

“De = Edna

Para = Papai Noel

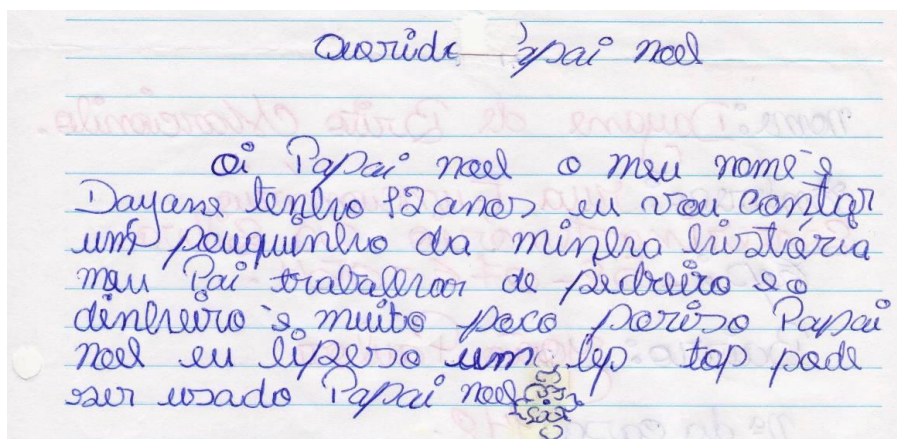
Querido Papai Noel meu nome é Edna tenho 14 anos gostaria de ganha uma párea de roupa para passar natal com roupa nova a minha mãe não trabalha e nem o meu pai eu passar toda festa com roupa que o senhor da as roupa usada. A minha mãe paga aluguel 100 reais ela receber 165 Reais da bolsa Família ai não dar para compra a roupa que Eu quero e não dar o dinheiro.”

Os valores recebidos pelas famílias inscritas no Cadastro Único do Governo Federal para o programa da bolsa-família são definidos a partir da renda mensal por pessoa da família, que não pode passar dos R\$70,00 por integrante. Esses benefícios variam de acordo com o perfil registrado pelas famílias no cadastro. E mais um dado relevante referente ao papel da mulher na família é que, de acordo com os dados do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), 93% dos titulares do cartão do programa são mulheres e desse percentual 68% são negras. Em João Pessoa, 57.484 mil famílias são beneficiárias do programa bolsa-família, e recebem um valor

médio de R\$ 140,24 por mês; esses dados podem ser visualizados no site do MDS referente à folha de pagamento do bolsa-família por município no mês de setembro de 2013.

Essa situação difícil vivenciada pelas famílias da Campanha Papai Noel dos Correios nos faz perceber como essas epístolas se transformaram na única esperança de dias melhores para esses missivistas. Eles depositam tamanha confiança, a ponto de relatar histórias de sofrimento, denúncias das desigualdades sociais que são escancaradas, mas que, no entanto, são invisíveis aos olhos da maioria. Veja o relato de Dayane de 12 anos:

Figura 25 – Epístola 44 – João Paulo II.



Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Transcrição:

“Querido Papai Noel. Oi Papai Noel o meu nome é Dayane tenho 12 anos eu vou contar um pouquinho da minha história meu pai trabalha de pedreiro e o dinheiro é muito pouco porisso papai Noel eu lipeso um lep top pode ser usado Papai Noel.”

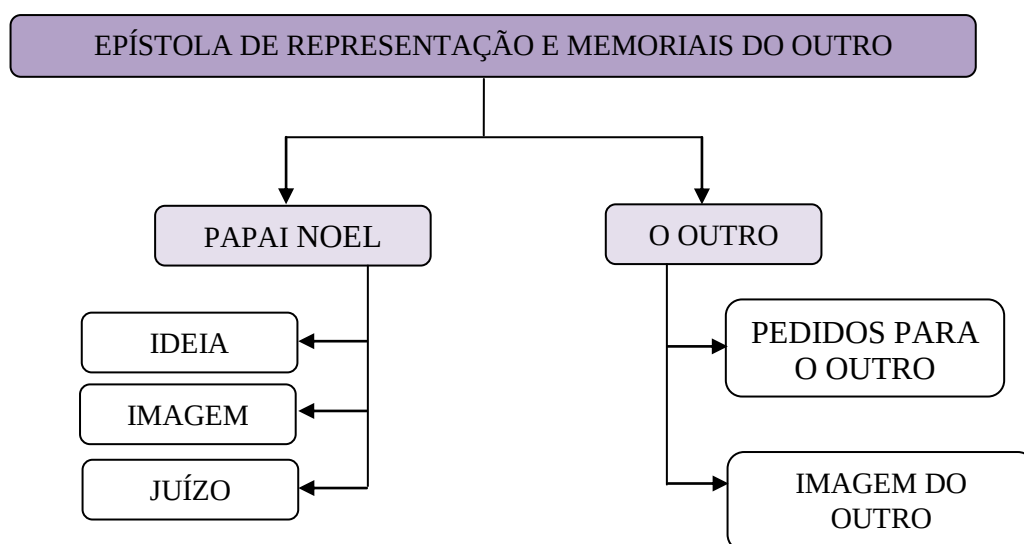
Dayane resume a sua história em poucas palavras, e justifica o pedido do seu *lep top* porque o pai é pedreiro, consequentemente, ganha pouco. Mais uma vez, a narrativa dessa missivista aborda assuntos relacionados aos problemas financeiros.

Vamos agora para a última tipologia elaborada em nosso estudo, é a Epístola de Representação e Memoriais do Outro.

EPÍSTOLA DE REPRESENTAÇÃO E MEMORIAIS DO OUTRO

Na sociedade contemporânea, a dimensão simbólica do outro é recoberta pelo imaginário produzido pela indústria midiática, atuando de maneira central no processo de percepção da realidade e na construção de sentido. É nessa concepção que são feitas as representações da imagem do Papai Noel nas epístolas dos missivistas. Outra compreensão da representação observada aqui é a representação do outro; os missivistas utilizam-se da sua epístola para fazerem pedidos para outras pessoas, desde amigos, primos, até para avó doente.

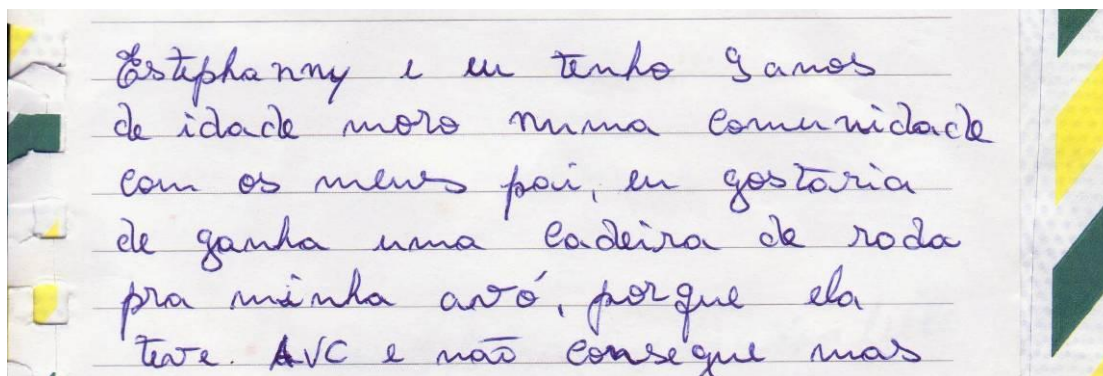
Observemos a seguir, o mapa construído relacionado a essa tipologia:



Mapa Conceitual 8 – Tipologia Epístola de Representação e memoriais do outro.

A primeira epístola foi escrita por Estephanny de 9 anos, moradora do bairro João Paulo II. Ela escreve para fazer um pedido para sua avó que ficou doente depois de ter sofrido um acidente vascular cerebral (AVC), e desde então não consegue andar. A figura 26 narra esse trecho:

Figura 26 - Trecho da Epístola 85 – João Paulo II.



Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Transcrição:

“...Estephanny e eu tenho 9 anos de idade moro numa comunidade com os meus pai, eu gostaria de ganha uma cadeira de roda pra minha avó, porque ela teve AVC e não consegue mais

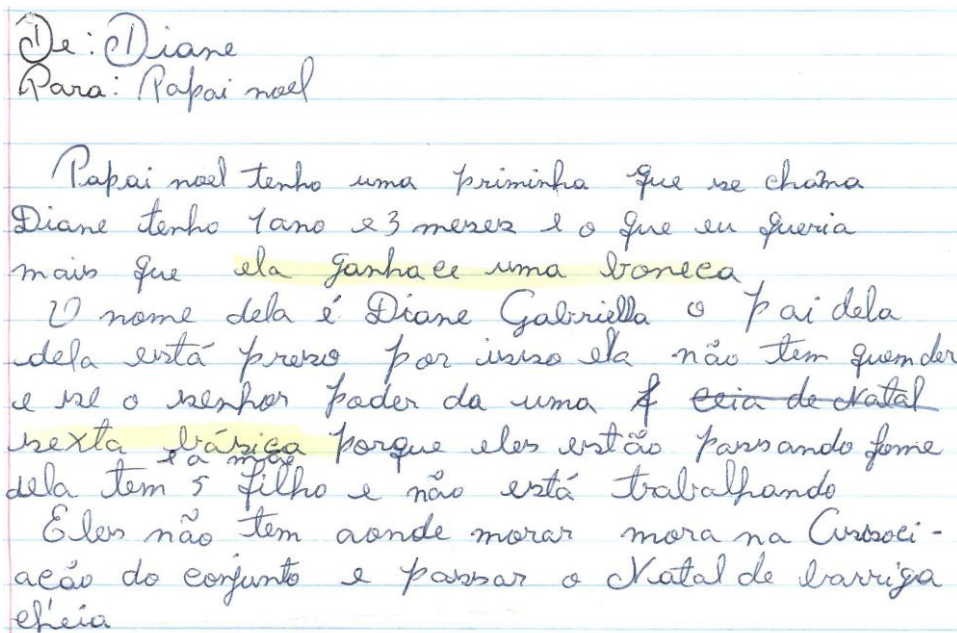
Veja a imagem que Estephanny constrói da sua avó: ela descreve toda situação física e econômica e a partir dessa imagem justifica seu pedido. O relato de Estephanny opera uma interpretação do outro, um retorno a si próprio pela mediação do outro, afinal, Estephanny convive com essa situação.

É interessante observar uma citação de Resende a respeito da literatura brasileira dos anos 1990, que se assemelham às narrativas das epístolas da Campanha Papai Noel dos Correios: “o pobre aparece agora não apenas como uma condição socioeconômica, mas como uma subjetividade, uma alteridade a ser reivindicada” (RESENDE, 2001, p. 20). O autor faz esse comentário a partir dos diversos lançamentos de filmes e romances que adotam os excluídos, os menos favorecidos socialmente, como tema principal. Assim como as ficções da literatura, as epístolas da Campanha Papai Noel dos Correios funcionam como “zonas de contato”, que se referem ao espaço em que grupos geográfica e historicamente separados (no caso do autor Resende, “o ator e o outro” e no nosso estudo, os missivistas e os que adotam as epístolas) entram em contato e estabelecem relações, que implicam condições de coerção, injustiça, desigualdade, espanto, clamor, entre outros. “Nessa ficção contemporânea sobre o excluído (da escrita) se produz um confronto cultural” (KLINGER, 2012, p.61), que é decorrência do encontro entre o missivista e o outro.

Outra epístola que podemos observar o pedido para o outro, é a epístola escrita por uma missivista que não se identifica, ela escreve em nome da prima Diane de apenas

1 ano e 3 meses. Além de pedir uma cesta básica para a família da prima, ela relata a situação familiar em que vive essa garotinha, descrita na ilustração 27:

Figura 27 - Trecho da Epístola 72 – Cristo Redentor.



De: Diane
Para: Papai Noel

Papai Noel tenho uma priminha que se chama Diane tenho 1 ano e 3 meses e o que eu queria mais que ela ganhasse uma boneca. O nome dela é Diane Gabriella o pai dela está preso por isso ela não tem quem der e se o senhor poder da uma sexta básica porque eles estão passando fome e a mãe dela tem 5 filhos e não está trabalhando. Eles não tem aonde morar mora na Associação do conjunto e passar o Natal de barriga cheia.

Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Transcrição:

“De: Diane

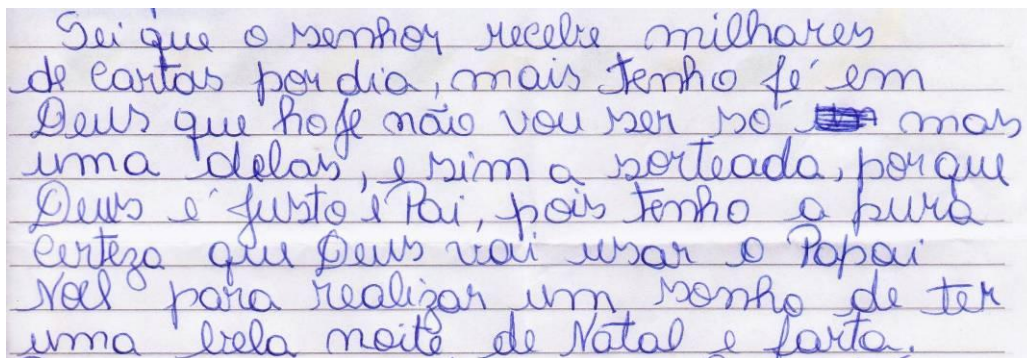
Para: Papai Noel

Papai Noel tenho uma priminha que se chama Diane tenho 1 ano e 3 meses e o que eu queria mais que ela ganhasse uma boneca. O nome dela é Diane Gabriella o pai dela está preso por isso ela não tem quem der. E se o senhor poder da uma sexta básica porque eles estão passando fome e a mãe dela tem 5 filhos e não está trabalhando. Eles não tem aonde morar mora na Associação do conjunto e passar o natal de barriga cheia.”

A prima de Diane reproduz o sofrimento da família, ela relata como se fizesse o retrato de uma família sofridora. A prima de Diana, que é a narradora da história, assume-se como tradutora da imagem vivida pela garota, dando conta da distância que existe entre ela mesma e o mundo em que vive sua prima, no qual ela mergulha, reconhecendo, ao mesmo tempo, através da tradução, que essa distância é também a que separa o leitor desse outro mundo.

Já na figura 28, percebemos a representação da figura do Papai Noel feita pela missivista, ela idealiza o Papai Noel como um deus, e é através da imagem do Papai Noel que Deus vai realizar o seu sonho.

Figura 28 - Trecho da Epístola 88 – João Paulo II.



Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

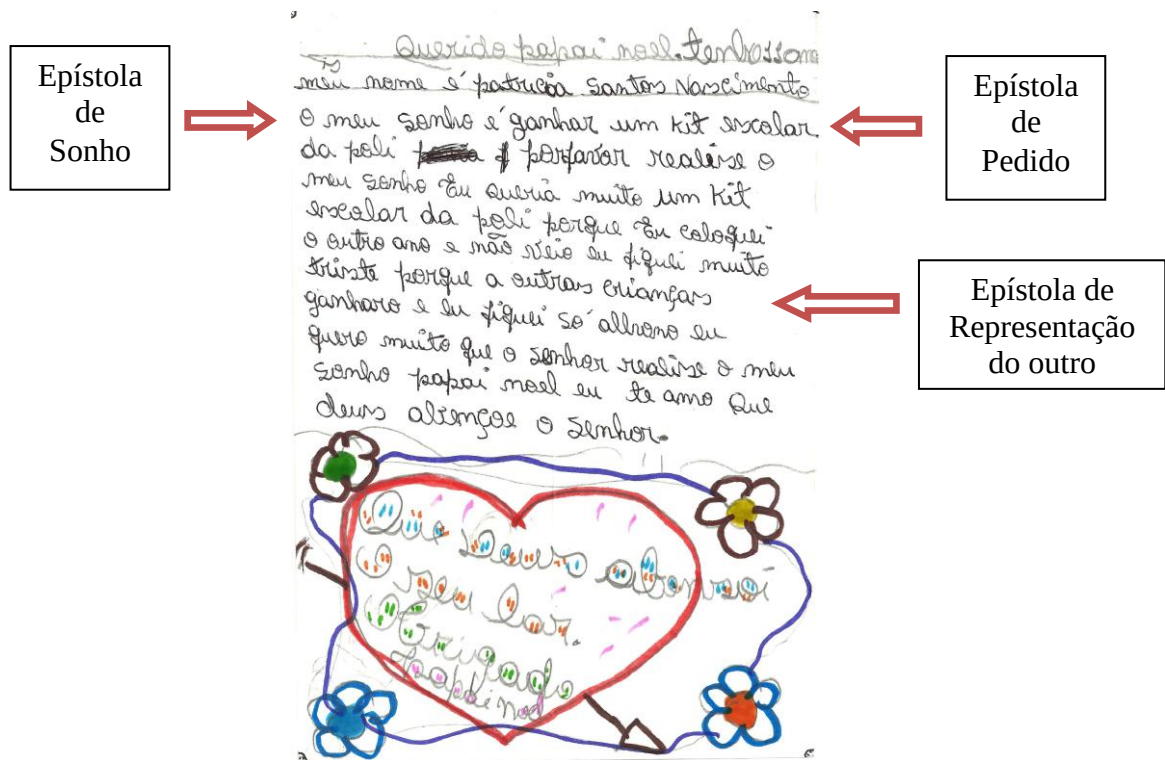
Transcrição:

“Sei que o senhor recebe milhares de cartas por dia, mais tenho fé em Deus que hoje não vou ser só mas uma delas, e sim a sorteada, porque Deus é justo e Pai, pois tenho a pura certeza que Deus vai usar o Papai Noel para realizar um sonho de ter uma bela noite de Natal e farta..”

A elaboração das tipologias se deu a partir da análise do conteúdo das epístolas dos missivistas. E ficou evidenciado que uma epístola pode conter diversas informações que assinalam mais de uma tipologia. Ou seja, as epístolas do Papai Noel dos Correios, em sua maioria, além de serem epístolas de pedido, podem também, ser epístolas de sonho, de súplica ou de problemas financeiros, entre outros.

A epístola 17, escrita por Patrícia de 11 anos, moradora do bairro Cristo Redentor, pode ser incluída em diversas tipologias. A epístola de *pedido* é uma que não pode faltar, afinal de contas, essa é a finalidade da Campanha, atender a um pedido. Em segundo lugar, Patrícia afirma ter um sonho de ganhar esse pedido, nesse caso, o seu sonho se justifica como um desejo, então, mais uma tipologia, a de *Sonho*. Em outro momento da sua escrita, a missivista comenta sobre a imagem que ela tem das amigas por ganharem o presente que ela tanto deseja e, no entanto, ela ficou só olhando; essa representação que ela faz da situação vivenciada por ela mesma na escola se identifica como característica da Epístola de *representação do outro*. Veja na figura 29:

Figura 29 - Epístola 17 – Cristo Redentor.



Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

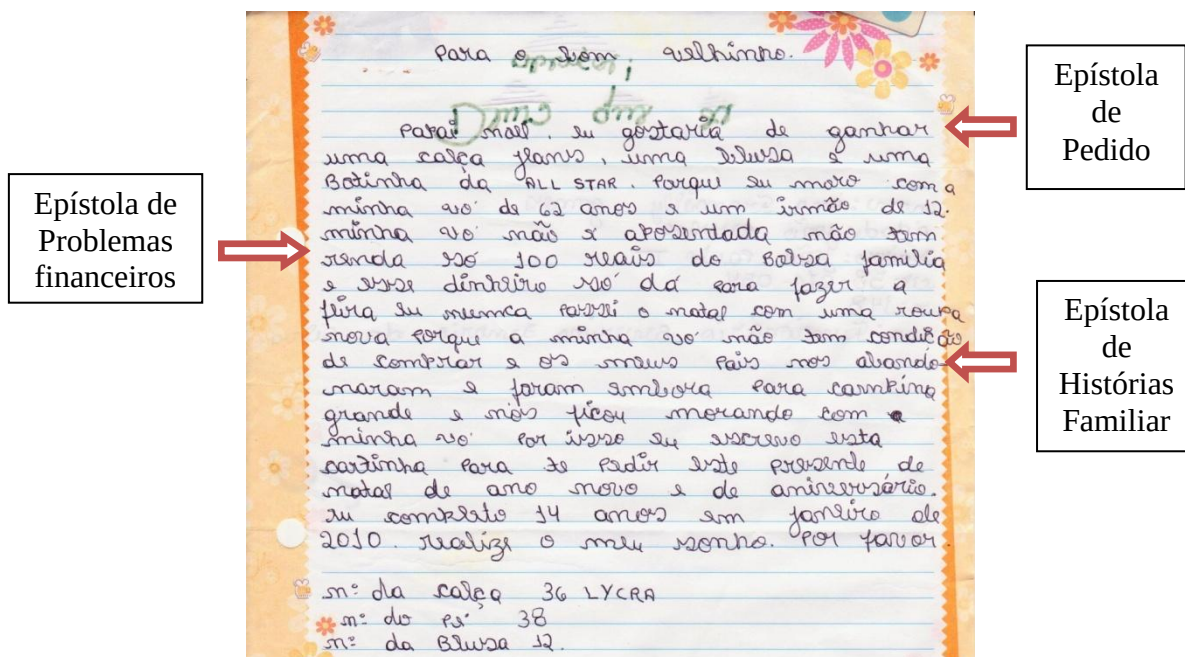
Transcrição:

“Querido papai Noel. Tenho 11 anos meu nome é patrícia Santos Nascimento.

O meu sonho é ganhar um kit escolar da poli por favor realize o meu sonho Eu queria muito um kit escolar da poli porque Eu coloquei o outro ano e não veio eu fiquei muito triste porque outras crianças ganharam e eu fiquei só olhando eu quero muito que o senhor realize o meu sonho papai Noel eu te amo que deus abençoe o senhor.”

Tomemos ainda como exemplo, uma missivista do bairro João Paulo II, conforme ilustra a Figura 30:

Figura 30 - Trecho da Epístola 67 – João Paulo II.



Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Transcrição:

“Para o bom velhinho.

Papai Noel eu gostaria de ganhar uma calça jeans, uma blusa e uma botinha da ALL STAR. Porque eu moro com minha vó de 62 anos e um irmão de 12. Minha vó não é aposentada não tem renda só 100 reais do bolsa família e esse dinheiro só dá para fazer a feira eu nunca passei o natal com uma roupa nova porque a minha vó não tem condição de comprar e os meus pais nos abandonaram e foram embora para Campina grande e nós ficou morando com minha vó. Por isso eu escrevo esta cartinha para te pedir este presente de natal de ano novo e de aniversário. Eu completo 14 anos em janeiro de 2010. Realize o meu sonho. Por favor.

Nº da calça 36 LYCRA

Nº do pé 38

Nº da blusa 12.”

A missivista do bairro João Paulo II, assim como as outras, começa fazendo o seu pedido, em seguida justifica o seu pedido a partir dos problemas financeiros da família e, logo em seguida, ela sente a necessidade de contar um pouco da sua história, a história da sua família. Visualizamos três tipologias em sua escrita, definidas como: epístola de pedido; epístola de problemas financeiros; e epístola de histórias familiares.

Concluída a identificação das tipologias das Epístolas da Campanha, partiremos para as principais características no tópico seguinte.

2.1.2 Características das Epístolas

A história de vida do missivista paraibano, assim como OTTE (2012, p.64) comentou sobre as narrativas:

São retiradas de um ambiente e reinseridas em outro mediante o trabalho “artesanal” do missivista, que de certa maneira, zela pela sua adaptação bem-sucedida em sua nova casa, sendo que essa ambientação somente tem chances de ser bem sucedida quando baseada numa experiência universal.

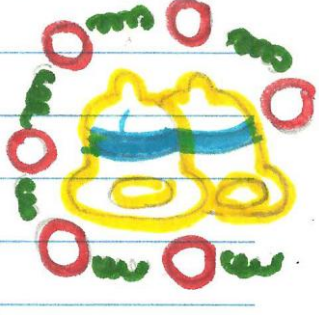
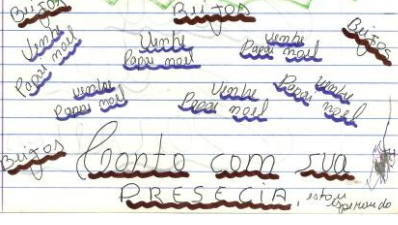
Assim, a preocupação do missivista é inserir suas histórias de vida no novo ambiente, que é a escrita, a fim de convencimento. E por se tratarem de experiências vividas em seu cotidiano, as normas sociais estão embutidas em cada ação individual dos missivistas. Desse modo, apesar da escrita ser individual, existe uma influência coletiva vivenciada por eles.

Ao mesmo tempo em que esses escritos são influenciados pelo ambiente em que esses missivistas estão inseridos, podemos inferir também que, sua escrita segue o coração de cada eu. Pois muitas delas foram escritas em alma, pranto e dor, em síntese, a arte de falar, confessar de si mesmo (FOUCAULT, 1992).

Utilizam-se dos problemas sociais, pessoais, para serem merecedores de serem atendidos. Cada linha escrita carrega traços marcantes de seu autor, o tipo de sua letra, muitas vezes trêmula, outras vezes escrita às pressas, com rabiscos e outras no maior capricho, cheia de desenhos, cores e sabores.

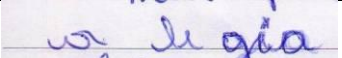
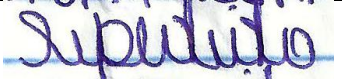
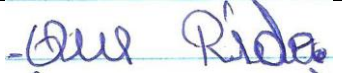
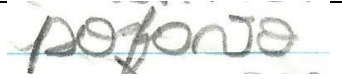
Alguns desenhos que foram extraídos das epístolas do Cristo Redentor podem ser vistos no quadro abaixo:

Quadro 2 – Desenhos das epístolas do Cristo Redentor.

Epístola 002 – Cristo Redentor 	Epístola 006 – Cristo Redentor 	Epístola 098 do Cristo Redentor 
Epístola 124 do Cristo Redentor 	Epístola 147 – Cristo Redentor 	Epístola 168 – Cristo Redentor 

Uma escrita carente de uma boa educação, os erros são frequentes e a elaboração das frases nem sempre expressa o que eles querem dizer.

Quadro 3 – Palavras com erros ortográficos.

PALAVRA ORIGINAL	O QUE SIGNIFICA
	Frauda descartável
	Alergia
	Lhe pedindo
	Querido
	Por favor
	Te mando

Esses são alguns dos indícios de que precisamos para entender os problemas vivenciados por eles.

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2012, realizado pelo IBGE:

A educação é um bem coletivo essencial para a promoção da cidadania e apresenta um visível impacto nas condições gerais de vida da população, o que a torna cada vez mais imprescindível para a inserção social plena. Além disso, a educação é reconhecidamente a principal mediadora de oportunidades existentes nas sociedades democráticas, participando de forma inequívoca na determinação dos rendimentos do trabalho e da mobilidade social (IBGE, 2013, p. 117).

Os dados obtidos pela pesquisa permitem retratar o sistema educacional brasileiro e monitorar diversas dimensões da escolaridade da população brasileira, essenciais para a compreensão da realidade social do país. Para este estudo, trouxemos os dados de relevância para embasar nossa discussão, que foram apenas os dados referentes à Paraíba.

Na tabela 4, a pesquisa mostra o número de alunos que frequentam a escola por idade.

Tabela 4 – Taxa de frequência bruta por estabelecimento de ensino da população residente por grupo de idade.

Grandes Regiões, Unidades da Federação e Regiões Metropolitanas	Taxa de frequência bruta por estabelecimento de ensino da população residente (%)						
	Total	Grupos de idade					
		0 a 3 anos	4 a 5 anos	6 a 14 anos	15 a 17 anos	18 a 24 anos	25 anos ou mais
Nordeste							
Paraíba	29,6	19,4	82,5	97,7	82,8	31,0	4,9

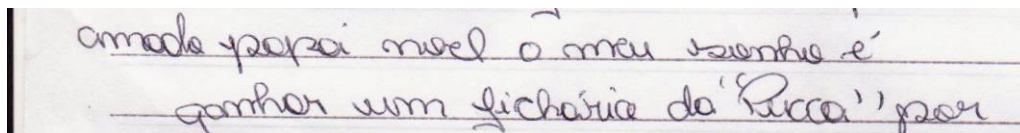
Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2012.

As faixas etárias entre 4 até 17 anos têm uma boa frequência nas instituições de ensino da Paraíba, é importante enfatizar que os anos iniciais da infância são cruciais para o desenvolvimento cognitivo. Nesse período, determinados estímulos ou experiências exercem maior influência, em especial, nas habilidades envolvidas no processo de aprendizado da linguagem, do que em qualquer outra época da vida. “Atrasar o estímulo dessas habilidades torna muito mais difícil obter os mesmos resultados mais tarde, podendo significar uma perda de potencial humano, o que não pode ser ignorado na formulação de políticas públicas educacionais” (IBGE, 2013, p.120). No entanto,

apesar dos indicadores apontados na tabela 4, o nosso estudo vem demonstrar a partir da escrita das epístolas o baixo nível de aprendizado dos missivistas. Essas epístolas, apesar de algumas virem caprichadas com desenhos e cores, não têm uma boa escrita, a caligrafia é ruim, a ortografia muitas vezes é de difícil entendimento, a pontuação não existe. Diante de tantos indícios, resta-nos apontar para alguns fatores importantes, que podem estar relacionados a essa contradição da boa frequência epéssimo aprendizado, que seriam: a má qualidade do ensino; as péssimas condições estruturais das escolas; as condições de vida em que esses missivistas estão inseridos; as desigualdades e exclusão social, entre outros.

Alguns desses fatores podem ser observados com facilidade nas epístolas do Papai Noel. As histórias de sofrimento, de desemprego, de desestrutura familiar, são condições comuns encontradas nesse estudo. Outro ponto que chamou atenção, foi o grande número de pedidos referentes ao material escolar. As crianças em sua maioria sonham com cadernos coloridos, de personagens de desenhos do momento, como pode ser visualizado nos trechos a seguir:

Figura 31 - Trecho da Epístola 55- João Paulo II.

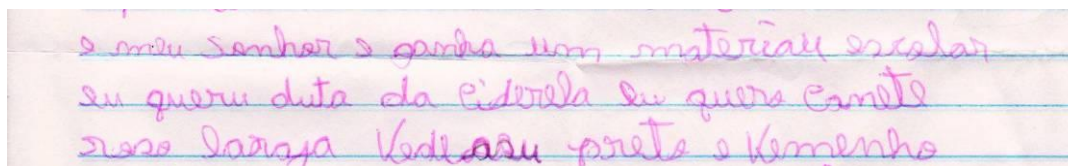


Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Transcrição:

"[...] amado papai Noel o meu sonho é ganhar um fichário da "Pucca"..."

Figura 32 - Trecho da Epístola 58 – João Paulo II.



Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Transcrição:

"[...]o meu sonho e ganha um materiau escolar eu queru duto da Ciderela..."

As crianças comentam que os pais não podem comprar o material e o que recebem da escola não é suficiente para passar todo o ano letivo. Algumas epístolas foram escritas nas simples folhas de cadernos que os missivistas recebem da escola:

Figura 33- Epístola 19 – João Paulo II.

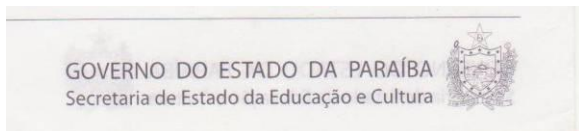


Figura 34 - Epístola 42 – Cristo Redentor.



As folhas utilizadas por esses missivistas exalam um perfume que não se sente, o cheiro se perdeu em meio a milhares de epístolas. Os odores e os perfumes se misturaram e esse é um traço perdido. São folhas carregadas de significados. Em sua maioria, são simples folhas de cadernos, algumas ofertadas pelo governo estadual ou municipal, outras escritas apenas em um rasgo, talvez por falta de material, ou por não ser tão caprichoso, ou por achar que Papai Noel não se importa com isso. Indagações e reflexões, certamente, instauram-se, por parte dos missivistas, acerca da importância que Papai Noel daria a esse esmero ou não do processo de escritura. Só sabemos que são folhas simples, que representam a condição social do missivista, pelo fato de serem, em sua maioria, oriundos de escolas públicas.

E quanto ao Papai Noel? Ele também tem suas características. De acordo com Levi-Strauss (2003, p.11):

Papai Noel se vestiu de escarlate: é um rei. Sua barba branca, suas peles, botas e o trenó em que viaja, evocam o inverno. Chamam-no de “pai” e é um ancião encarnando a forma benevolente da autoridade dos idosos. Tudo isto está bastante claro. Mas em que categoria convém classificá-lo, do ponto de vista da tipologia religiosa? Não é um ser mítico, pois não há um mito que dê conta de sua origem e de suas funções; ainda menos é um personagem de lenda, pois nenhum relato semi-histórico lhe está associado. Na verdade, este ser sobrenatural e imutável, eternamente fixado na sua forma e definido por uma função exclusiva e por um retorno periódico, descende principalmente da família das divindades. Recebe, aliás, um culto por parte das crianças, em certas épocas do ano, sob forma de cartas e de pedidos. Recompensa os bons e exclui os malvados. É a

divindade de uma classe de idade de nossa sociedade – classe esta que a própria crença em Papai Noel basta para caracterizar. A única diferença em relação a uma divindade verdadeira é que os adultos não acreditam em Papai Noel, embora estimulem suas crianças a crer nele e sustentar esta crença por um grande número de mistificações.

Levi-Strauss (2003) comenta ainda que os ritos ajudam os mais velhos a manter os mais novos na ordem e na obediência. Durante todo o ano, invocamos a visita de Papai Noel, para lembrar às crianças que a generosidade dele será medida pelo bom comportamento delas; e o caráter periódico da distribuição dos presentes tem a utilidade de disciplinar as reivindicações infantis, de reduzir a um período curto o momento em que estas têm verdadeiramente o direito de exigir presentes.

O Papai Noel dos Correios não é tão diferente assim, partilhando da mesma crença, difere-se um pouco quanto à pessoa que vai interpretar e representar o Papai Noel, que nesse caso, seria qualquer pessoa da sociedade. O que para as crianças não faz diferença, pois Papai Noel vai continuar sendo um só. E quanto a questão dos pedidos, as epístolas do século XXI da *Campanha Papai Noel dos Correios* trazem em seus pedidos algo mais do que apenas simples brinquedos, os missivistas estão em busca da dignidade humana, de saciarem as suas necessidades básicas, de ser inseridos de forma plena na sociedade, tendo direitos e deveres, além do sonho de serem presenteados com um lindo brinquedo ou outro objeto.

As epístolas da *Campanha Papai Noel dos Correios* são os escritos que vêm da alma, no entanto, regidas por normas sociais. São confissões desmedidas e incessantes. São confissões da alma e pedidos feitos do coração.

As histórias contadas são as mais diversas: histórias de família, experiências na escola, problemas financeiros, divergências com amigos, brigas de casais, o próprio retrato de uma sociedade “comum”, uma memória coletiva vivenciada pelos missivistas.

A epístola 57, escrita por uma garota residente do bairro do Cristo Redentor, demonstra boa parte da descrição que fizemos em nosso texto:

Figura 35 – Epístola 57 – Cristo Redentor.

Olá Papai Noel! 18.12.2009.

Oi papai Noel eu me chamo Raiara eu tenho 11 anos, eu queria falar um pouco da minha história, tenho dificuldade de estudar por causa da minha pobreza.

Na minha casa tem cinco pessoas nenhum trabalho, só as vezes o meu pai quando pega serviço de pedreiro.

Por isso que escrevo esta carta para te pedi um simples presente de natal, como toda criança sonha em estudar eu também tenho um sonho concluir meus estudos, mais com a dificuldade familiar não consigo terminar meus estudos por falta de material escolar.

Realize meu sonho de poder ter os meus materiais escola.

Beijos Papai Noel!

Rua Industrial João Pessoa 704

Transcrição:

“Olá Papai Noel!

Oi papai Noel eu me chamo Raiara eu tenho 11 anos, eu queria falar um pouco da minha história, tenho dificuldade de estudar por causa da minha pobreza.

Na minha casa tem cinco pessoas nenhum trabalho, só as vezes o meu pai quando pega serviço de pedreiro.

Por isso que escrevo esta carta para te pedi um simples presente de natal, como toda criança sonha em estudar eu também tenho um sonho concluir meus estudos, mais com a dificuldade familiar não consigo terminar meus estudos por falta de material escolar.

Realize meu sonho de poder ter os meus materiais escola

Beijos papai Noel!

Acredito no Papai Noel!”

Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Na escrita de Raiara, verificamos um pouco das preocupações e esperanças que essa garota vive em seu dia a dia. Com apenas 11 anos ela já consegue perceber que as condições sociais em que vive podem lhe prejudicar futuramente, e recorre ao Papai Noel para lhe ajudar.

No trecho “eu queria falar um pouco da minha história, tenho dificuldade de estudar por causa da minha pobreza.”, ao invés de Raiara usar o bom comportamento (citado por Levi-Strauss) durante o ano como motivo para ser merecedora de ganhar o seu presente, ela traz na verdade os problemas sociais vivenciados por sua família.

Neste ponto podemos perceber que as epístolas enviadas ao Papai Noel do século XXI, assim, como o mundo, sofrem transformações e adquirem características próprias. A partir das interferências sociais vivenciadas pelo grupo.

Raiara afirma ainda: “Na minha casa tem cinco pessoas nenhum trabalho, só as vezes o meu pai quando pega serviço de pedreiro”. O próprio retrato de uma sociedade que não oferece oportunidade para todos e a imagem do desemprego fica aqui representada. No entanto, essa missivista não desiste, ela tem sonhos e, apesar de tantas dificuldades, ela quer algo simples, seu material escolar.

Despede-se mandando “*Beijos papai Noel!*” e afirma “*Acredito no Papai Noel!*”, entre corações e cores vibrantes de um rosa, que revela certo romantismo e inocência de uma garota de apenas 11 anos.

De um modo geral, as epístolas falam da vida de um povo, suas dificuldades, suas ansiedades, seus anseios, seus desejos, falam do eu e do outro:

Nossas epístolas se parecem conosco, desde que o queiramos um pouco, e mesmo, às vezes, quando não o queremos. Frágeis como nós. Irrisórias como nós. Bela por vezes. Pobres e preciosas, corriqueiras e singulares, quase sempre. Um pouco de nossa alma introduziu-se ali, na pouca espessura de um envelope. Um pouco de nossa vida, na loucura do mundo. Um pouco do nosso amor, no deserto das cidades (COMTE-SPONVILLE, 1994, s/p).

A epístola revela mais do sujeito por mantê-lo em contato direto com sua alma, ou melhor, em contato diretamente consigo. Foucault (2006, p. 153) discute sobre o fato de a escrita ter de trazer o que está contido na alma do homem, mas de uma forma natural. Assim, “através do jogo das leituras escolhidas e da escrita assimiladora, deve-se poder formar uma identidade através da qual se lê toda uma genealogia espiritual”.

O sentido da mensagem e o processo da escritura se fundem, como pode ser observado em *Epístolas de amor*, de Jean-Philippe Arrou-Vignod em *Le Discours des Absents* apud Moraes (2013, s/p):

toda carta é o seu próprio rascunho. Ao contrário de um trecho de prosa de ficção, polido e homogêneo, a carta conserva o aspecto bruto do primeiro jato de escrita. “‘Como esta carta lhe parecerá estranha! escreve o missivista. Deixo a minha pluma seguir livre e meu coração me ditar, desordenadamente e sem razão, os sentimentos que a colocam em movimento’. “Observando a sua extensão, hesitações e rasuras, o apaixonado reconhece a verdadeira carta [...]. O caminho da escrita epistolar costuma ser sinuoso; vê-se a pluma engasgar-se, tornar-se lânguida, enrijecer-se, alternadamente. Fantasmas de ideias nele passeiam, distrações, ausências... O assíndeto que afrouxa os laços e o anacoluto (ou a desordem sintática), estes dois exemplares de flores da paixão, vicejam livremente no percurso. O que um trabalho de releitura faria desaparecer em outros textos, na carta se expõe inteiramente: vê-se o movimento desordenado das emoções, a sucessão de arrebatamentos, quedas e escorregões, assim como de súbitas expressões de orgulho e humilhação [...]. “Toda carta é um pequeno eletrocardiograma. As menores palpitações da alma, seus abalos, seus cataclismos são nele registrados, crivando de cumes e de vales profundos o traçado da pluma. Quem, então, inventará, para medir essas variações, a escala Richter da paixão?

Ao escrever, o sujeito se revela para si e para o outro. “Isso significa que a epístola é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dito sobre si mesmo” (FOUCAULT, 2006, p. 156). A narrativa de si acontece nas epístolas. “E através dessa narrativa é possível verificar traços definidores da identidade desses missivistas, pois a identidade é a fonte de significado e experiência de um povo” (CALHOUN, 1994 *apud* CASTELLS 2001, p. 22). Essas experiências são contadas a partir de vivências do cotidiano desses missivistas, as características das epístolas e as histórias contadas nos permitem inferir em qual espaço social estão inseridos esses atores.

Observemos a epístola de Dayane na figura 34:

Figura 36 –Trecho da Epístola 70 – João Paulo II.



Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Transcrição:

“Papai Noel

Eu me chamo Dayane tenho 12 anos eu vou contar um pouquinho da minha história, sou uma criança umilde meu pai trabalha de pedreiro + papai Noel neste natal eu queria ganhar um material escolar e uma cesta básica”.

A partir da epístola de Dayane e de várias outras analisadas, parece claro que a maioria dessas pessoas vive em condições precárias de sobrevivência. Estão abaixo da linha de pobreza, ou em outras palavras, à margem social, e sobrevivem em um ambiente excluído no âmbito do desenvolvimento global e das tecnologias inovadoras que surgem no nosso país.

Esse artefato (epístolas) é produzido por um(a) autor(a) inserido no seu tempo e no seu espaço social, que se utiliza de um objeto da cultura material, sobretudo na sociedade atual, em que o comum seria a utilização das tecnologias de comunicação e informação, adotando, como veículo de comunicação, a epístola para comunicar-se com o outro. Mas, não podemos considerar essas epístolas como formas “naturalizadas” e “espontâneas” de expressão, já que são regidas por normas sociais. Além do mais, esses missivistas estão inseridos em um ambiente hostil, cheio de dificuldades sociais, sofrem por problemas globais, políticos, culturais. São induzidos a escreverem o que mais lhe afligem, ou o que mais incomoda no dia a dia de sua família. Outro ponto que podemos destacar é o fato de os Correios e Telégrafos fazerem parceria com as escolas municipais, para que haja um incentivo por parte dos professores em relação à escrita das epístolas pelas crianças. Isso demonstra a institucionalização desses saberes, proferidos pela escrita das epístolas. Essa escrita é conduzida “pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído” (FOUCAULT, 1996, p.17). Imaginamos que pelo fato de as desigualdades serem gritantes, de não existir distribuição e sim consumo próprio, de nada ser repartido e sim usurpado das minorias, as epístolas da *Campanha Papai Noel dos Correios* estão se transformando na radiografia cabal de uma sociedade desigual e injusta.

As epístolas são inscritas numa determinada narrativa, fixando-lhes, assim, um sentido. Pois, segundo Foucault (1996), em sua obra “*A ordem do discurso*”, as práticas discursivas e os poderes que as atravessam, ou seja, toda produção de discurso em nossa sociedade, é controlada e regulada por normas sociais. E não é diferente na escrita das epístolas.

A epístola opõe-se à realidade da troca de palavras sobre um referido assunto na presença física daqueles que se comunicam, nada é dito, proferido ou mesmo formulado pela boca. São frases interiores, apoiadas pelo silêncio, e que contribuem para que muitos “fantasmas” ganhem faces e muitas máscaras caiam, revelando o mundo pessoal e subjetivo de cada um. Atrás da não presença física, o sujeito se preserva e se reserva, encontrando ali seu verdadeiro “eu”: aquele do sentimento e da franqueza; é escondendo-se que se torna franco e, nesse retiro, o “eu” se permite e se flexibiliza (RODRIGUES, 2003, p. 15).

As epístolas contêm diversos dados que permitem um melhor conhecimento desses missivistas, externando suas tristezas, alegrias, cóleras e afetos. Segundo Camargo (2000, p. 88), a escrita de epístolas pode ser pensada como prática cultural pelas marcas,

gestos, atitudes que os sujeitos nelas imprimem e deixam impressas, configuradas a partir de competências, modelos, códigos, interesses socialmente construídos, revelados nos modos singulares de apropriação e expressão. Todos esses atributos culturais ajudam a definir a identidade desses missivistas, pois, segundo Castells (1999, p. 22), “a identidade é o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(as) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significados”.

Não é à toa que a publicação de epístolas pessoais de sujeitos em destaque social virou moda nas editoras. Histórias contadas através de trocas de correspondências que incitam o leitor a descobrir as entrelinhas vividas por determinadas celebridades.

A publicação de livros com histórias de personalidades também virou uma tendência no Brasil e vem crescendo “na medida em que tal fonte/objeto é apontada como um lugar de sociabilidade fundamental e revelador da dinâmica do campo cultural de um dado período” (GOMES, 2004, p. 13). Diversos autores brasileiros reúnem correspondências de grandes intelectuais; como exemplo, temos a publicação de Ângela de Castro Gomes, em 2004, intitulada “Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre”, que reúne 180 epístolas trocadas por esses dois amigos e intelectuais brasileiros no período de 1917 a 1928. Para a autora, a correspondência pessoal entre intelectuais é, sobretudo, um espaço revelador de suas ideias, de seus projetos, opiniões, interesses e sentimentos. “Uma escrita de si que constitui e reconstitui suas identidades pessoais e profissionais no decurso da troca de epístolas” (GOMES, 2004, p. 13).

É o que se pode ver no livro “Epístolas”, de Caio Fernando Abreu, organizado por Moriconi, publicado em 2002, que reúne uma seleção de correspondências enviadas para familiares e amigos íntimos, além de escritores e artistas. Dessa forma, essa troca de epístolas permite ao investigador a possibilidade de perceber como funciona esse mundo intelectual.

No entanto, não é fácil trabalhar com epístolas:

Elas são fontes geralmente dispersas e fragmentadas, que precisam ser analisadas em série; são de difícil leitura, sobretudo quando manuscritas [...]. A correspondência também demanda vários cuidados e níveis de análise, que considerem desde sua materialidade (papel, letra, protocolos de leitura da carta), passando pelos códigos que definem o gênero epistolar (as saudações, as despedidas e a assinatura), até as observações sobre suas formas de circulação e guarda, reveladores da identidade de seu destinatário. Tudo isso, para além das questões que remetem à

montagem da rede de relações organizacionais e afetivas presente na correspondência (GOMES, 2004, p. 14).

Por se tratar de uma rica fonte de informação, porém dispersa, todos os cuidados devem ser observados para a análise de epístolas. Pois esses cuidados influenciarão na veracidade das informações coletadas. As epístolas estão eivadas de informações sobre a vida social, política e cultural dos missivistas e são esses aspectos que procuramos identificar no teor delas.

Desse modo, o capítulo 3, denominado de *Entre o desejo e a confissão*, discorre sobre a escrita de si e sua relação com os escritos epistolares.

NARRATIO II
ENTRE O DESEJO E A
CONFISSÃO



3NARRATIO II – ENTRE O DESEJO E A CONFISSÃO

Ao escrevermos, nunca acabamos de esboçar e de nos esboçar, de escrever e reescrever, nunca esgotamos de nos inscrever, pois, assim como a linguagem, somos sujeitos permanentemente incompletos (SCHONS, 2005).

A escrita é o rastro do movimento social. É algo que só pode permanecer construído a partir de uma experiência vivida ou imaginada, na dimensão inconsciente do sujeito. Esse inconsciente, segundo Lejeune (2008, p. 67), “não se decifra apenas através de sonhos e lapsos, mas, também, na trama da história da família.” A própria experiência de si não é senão o resultado de um complexo processo histórico de fabricação, no qual se entrecruzam os discursos que definem a verdade do sujeito, as práticas que regulam seu comportamento e as formas de subjetividade nas quais se constitui sua própria interioridade (LARROSA, 1994).

O ato de escrever sobre si e o outro e também o ato de escrever epístolas é algo difundido há muito tempo na história do homem. No entanto, como um exercício literário típico da modernidade, “seu significado ganha contornos específicos com a constituição do indivíduo moderno” (GOMES, 2004, p. 16). E é através das práticas culturais que esse indivíduo moderno forma gradativamente uma identidade para si, através de seus documentos, cujo sentido passa a ser alargado (GOMES, 2004, p. 15).

Se o conteúdo dos escritos das epístolas dos missivistas da *Campanha Papai Noel dos Correios*, que se refere a uma experiência vivida por eles, motivou essa escrita, devemos aqui fazer considerações relativas à conceituação das formas de inscrição do sujeito no corpo de seus próprios escritos.

Podemos citar, como exemplo, quando Santo Agostinho começa a escrever suas confissões em seu diário. Eram os diários de confissão, criados pelas necessidades de desabafo, a culpa dos monges, padres, seminaristas, homens e mulheres da vida santa. “As confissões de Santo Agostinho, que inauguram uma certa ‘autobiografia espiritual’, procedem dessa exigência dogmática de apresentar ante Deus o balanço de todos os atos, pensamentos e intenções da alma” (KLINGER, 2007, p. 29).

As confissões de Rousseau são outro exemplo da prática diarística que sinalizou a época autobiográfica dos grandes homens da sociedade ocidental. No Romantismo, a virtude da individualidade se completa com a sinceridade, que para Rousseau, a

sinceridade tinha de ser o axioma, o ponto atrás do qual nada mais se depositaria ou se poderia demonstrar (KLINGER, 2007, p. 31).

Enquanto o diário era utilizado por qualquer pessoa da sociedade que quisesse transpor seus sentimentos, suas anotações diárias, suas confissões apenas para uma lembrança futura de recordação, espaço para preservar sua memória, era um caderninho particular, que se direcionava para um único leitor, ou seja, o próprio autor. A autobiografia era produzida para diversos leitores, e destinada às classes nobres da sociedade, destacando assim as suas peculiaridades. Passava a narrar a vida dos mártires históricos, indivíduos que detinham o poder e que eram influentes na sociedade. Esses relatos serviriam, mais na frente, para compor a História Oficial daquela época.

Com o passar do tempo, a prática autobiográfica não se limitou apenas a pessoas importantes. Começaram a surgir biografias de pessoas comuns, de militares, homens que atuaram nas guerras, entre outros. Desse modo, aponta-se aqui para uma escrita íntima que começava a se ramificar, dando vida a outros gêneros ou práticas de escrita: diários, autobiografias, memórias, autorretratos, escrita do eu. Essa multiplicidade de termos se dá às constantes transformações na forma de escrita e às diversas interpretações da escrita de si em um mundo em que se tem a liberdade de criar e recriar a partir da visão de cada autor. Segundo Araújo (2011, p. 12), “os próprios termos utilizados se embaralham: autobiografias, escrita de si, memórias, diários, escrita íntima, escrita confessional.” No entanto, em relação ao nosso trabalho o que interessa é:

que todos eles possuem a marca comum da afirmação pessoal: um *eu* que se revela no texto, procurando [...] ser sincero (ou parecer sincero), tentando pela introspecção, justificar sua subjetividade, sua individualidade, tanto pra si como para o outro (ARAÚJO, 2011, p. 12).

Partindo dessa visão, a escrita de si não se trata de um gênero específico, com características bem definidas, mas sim do caráter que esse texto assume, neste caso, incluem-se diários, epístolas, memórias e escritos em primeira pessoa. “É uma modalidade literária autobiográfica que se caracteriza por uma tentativa, por parte do sujeito, de objetivar o *eu* que fala” (ARAÚJO, 2011, p.12).

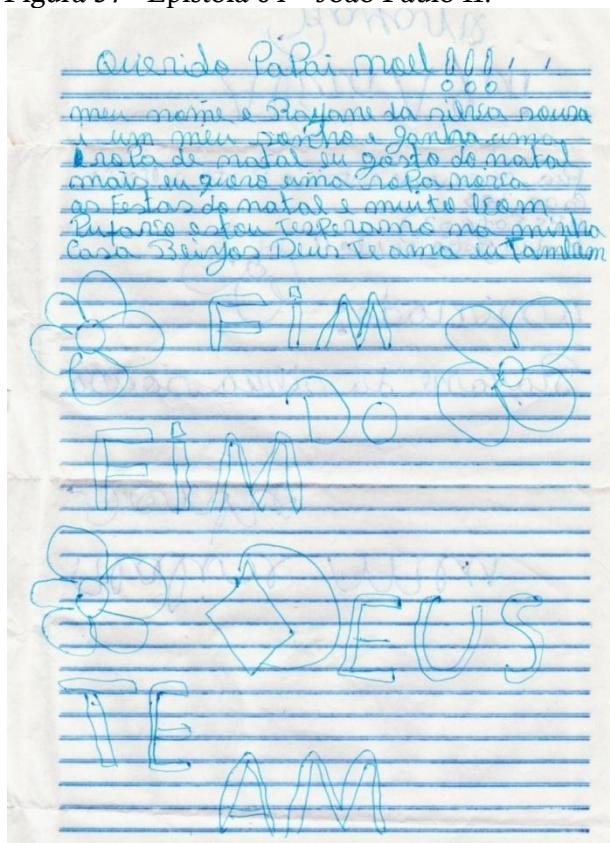
Logo, verifica-se que a escrita de si não é nem um aspecto moderno nascido da Reforma, nem um produto do romantismo: é uma das tradições mais antigas do Ocidente, uma tradição já bem estabelecida, profundamente enraizada (KLINGER, 2007, p. 26). Como mostra Foucault (2004), na antiguidade greco-romana, o “eu” não é

apenas um assunto sobre o qual escrever, pelo contrário: a escrita de si contribui especificamente para a formação de si.

E é em busca dessa formação do si que analisaremos algumas epístolas. A começar por um conjunto de epístolas escritas por um mesmo missivista, percebemos que alguns deles escreveram não uma, mas, duas, três, quatro... epístolas, na expectativa de ter mais chances de ser atendido ou de ter mais oportunidade de contar a sua história. E como que em um diário, deixaram as impressões vividas em seu cotidiano.

Um exemplo disso pode ser observado a partir da missivista Rayane da Silva Sousa, ela tem 11 anos e escreveu nove epístolas. Algumas em folhas completas de cadernos, outras apenas em rasgos:

Figura 37 - Epístola 04 – João Paulo II.



Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Transcrição:

“Querido Papai Noel!!!

Meu nome e Rayane da Silva Sousa i um meu sonho e ganha uma ropa de natal eu gosto do natal mais eu quero uma ropa nova as Festas do natal e muito bom Pufavo estou tesperamo na minha Casa Beijos Deus Te ama Eu Tambem”.

As epístolas de Rayane têm algumas características: sua caligrafia trêmula, como se escrevesse às pressas e quisesse correr para escrever logo a próxima, mas que ainda dá tempo de fazer alguns enfeites. A epístola de Rayane não tem uma boa escrita, sua ortografia é imprecisa e falta pontuação, ocasionando uma leitura sem pausas e muitas vezes confusa. Podemos destacar algumas palavras retiradas da figura 37 que chamaram atenção quanto aos erros ortográficos:



= roupa



= Por favor



= Te esperando

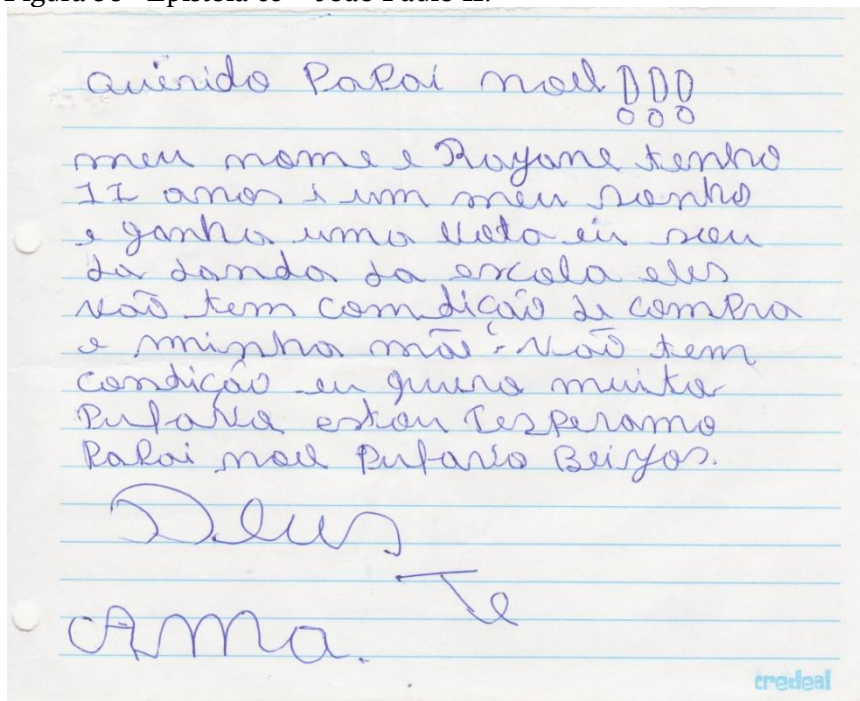
A partir dessas nove epístolas escritas por Rayane, elaboramos uma noção da imagem de si no discurso dessa missivista. “O poder que o enunciador (neste caso Rayane) deve se conferir, e conferir a seu destinatário, deve ter certo status para legitimar seu dizer” (AMOSSY, 2005, p.16). Ou seja, de alguma forma a missivista utiliza-se de seu discurso (e da sua memória) para impressionar e convencer o destinatário, conseguindo assim o que quer.

No discurso das epístolas da *Campanha Papai Noel dos Correios*, por exemplo, os missivistas podem falar para seu destinatário, como o indivíduo de uma sociedade impiedosa, ou como uma criança com fome, ou ainda como uma criança (ou adulto) sonhadora, e até como uma criança que se comportou bem durante o ano, entre outros. Desse modo, segundo Amossy (2005), é nesse contexto que a noção de *ethos* adquire toda sua importância. O autor comenta que o *ethos* é compreendido por Aristóteles como a imagem de si construída no discurso, ou para os romanos, como um dado preexistente que se apoia na autoridade individual e institucional do orador (a reputação de sua família, seu estatuto social, o que se sabe do seu modo de vida, etc).

O tom da escrita aparece também como um ponto importante para se identificar o *ethos*, pois “o tom se apoia sobre uma dupla figura do enunciador, a de um caráter e de uma corporalidade” (AMOSSY, 2005, p. 16). Pois a maneira de dizer algo, permite a construção de uma verdadeira imagem de si.

Vejamos na figura 38 o trecho em que Rayane se apresenta:

Figura 38 - Epístola 05 – João Paulo II.



Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Transcrição:

“Querido Papai Noel!!!

Meu nome e Rayane tenho 11 anos e um meu sonho e ganha uma bota eu sou da danda da escola eles Não tem comdição de compra e minha mãe Não tem comdição eu quero muito Pufavo estou tesperamo Papai Noel pufavo Beijos.

Deus te ama”.

Sua apresentação é simples, apresenta-se apenas com o nome e a idade. Em alguns momentos aparece o seu nome completo, em outros, como é o caso da figura 36, apenas com o seu primeiro nome. O que parece um simples nome tem aqui um valor real, pois “o nome próprio, e mais genericamente toda a nominação do indivíduo ou de um conjunto de indivíduo, é uma forma de controle social da alteridade ontológica do sujeito ou da alteridade representada de um grupo” (CANDAU, 2012, p.67). Assim, o nome é sempre uma questão identitária e memorial. Essa atribuição da importância que assume a nominação se dá pelo fato “de que a memória de um sobrenome, quer dizer, a permanência no tempo de uma identidade atribuída, é uma fonte essencial da totalização existencial” (CANDAU, 2012, p.71). Além do mais:

A ilusão biográfica, vale dizer, a ilusão de linearidade e coerência do indivíduo, expressa por seu nome e por uma lógica retrospectiva de fabricação de sua vida, confrontando-se e convivendo com a fragmentação e a incompletude de suas experiências, pode ser entendida como uma operação intrínseca à tensão do individualismo moderno (GOMES, 2004, p. 13)

Um indivíduo simultaneamente uno e múltiplo, e que, por sua fragmentação, experimenta temporalidades diversas em sentido diacrônico e sincrônico. Assim, na medida em que:

A sociedade moderna passou a reconhecer o valor de todo indivíduo e que disponibilizou instrumentos que permitem o registro de sua identidade [...] abriu espaço para a legitimidade do desejo de registro da memória do homem “anônimo”, do indivíduo “comum”, cuja vida é composta por acontecimentos cotidianos, mas não menos fundamentais a partir da ótica da produção de si (GOMES, 2004, p. 13).

Esse indivíduo comum, assim como os missivistas da Campanha aqui estudada, insere-se nesse “indivíduo moderno”, que tenta imprimir suas verdades a partir da escrita de suas epístolas. Verdade essa que, segundo Gomes (2004, p.14), “incorpora um vínculo direto com a subjetividade/profundidade desse indivíduo, exprimindo-se na categoria sinceridade e ganhando, ela mesma, uma dimensão fragmentada e impossível de sofrer controles absolutos.” Pois ela passa a ser pensada em sentido plural.

Na narrativa da figura 37, Rayane expressa um problema vivenciado por ela, vejamos o trecho:

“meu sonho e ganha uma bota eu sou da danda da escola eles Não tem condição de compra e minha mãe Não tem condição”

Rayane conta o seu sofrimento por não poder fazer parte da banda, e faz referências às condições da escola e da sua mãe. Um problema que, à primeira vista, parece simples, mas que em sua profundidade, tem relações com o ambiente em que vive Rayane. De um lado, a necessidade de realização pessoal, do outro, os problemas vivenciados pelas escolas públicas, e pelas condições de emprego, que assim como a mãe de Rayane, muitos missivistas paraibanos estão na mesma situação.

Ainda na narrativa de Rayane, sua escrita expressa certa ansiedade para falar dos seus sonhos. Esse pode ser um traço marcante de sua personalidade, a ansiedade. Todas as suas epístolas são escritas com um tom de caneta azul ou verde. Essas podem ser as cores das canetas que lhe estavam disponíveis naquele momento, mas podem ser também suas cores preferidas, as cores com que ela se identifica. No mundo dos significados das cores, a cor azul simboliza o ideal, o sonho e também a devoção e a fé. Coincidência ou não, Rayane idealiza o sonho de ser atendida, para dispor de objetos que lhe farão mais feliz. A devoção e a fé em Deus estão impressas em todas as suas epístolas:



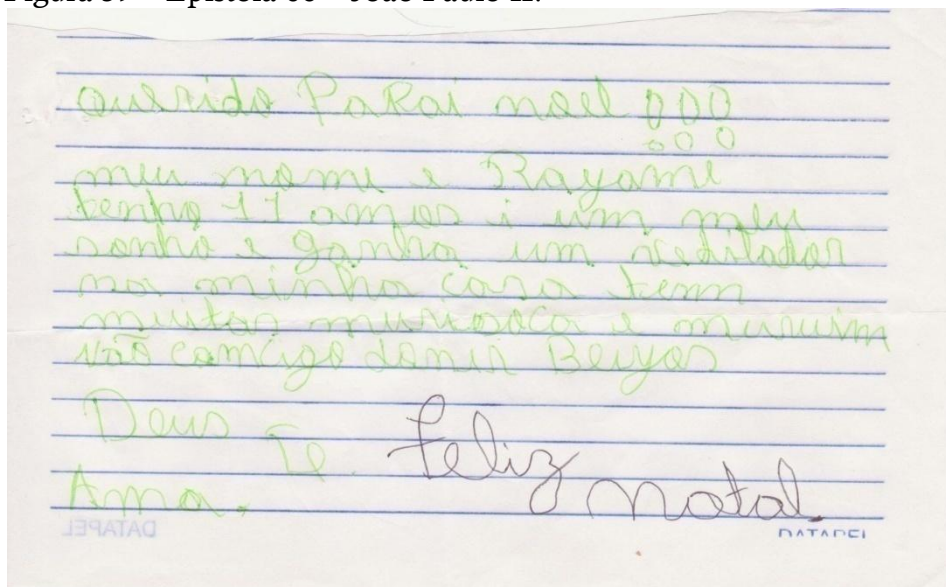
Quadro 4 – Trechos das epístolas de Rayane.

A demonstração de afeto pelo seu correspondente fica explícita nas figuras acima. E a cor verde traz paz, segurança, esperança em abundância e confiança. De acordo com os psicólogos, as pessoas possuem uma escala de cores próprias e que nelas é possível expressar seu humor, seu temperamento, sua imaginação e seus sentimentos.

A partir dessa análise percebe-se que não é necessário que o missivista faça seu autorretrato, detalhe suas qualidades, nem mesmo que fale explicitamente de si, pois as entrelinhas de seu discurso são capazes de trazer informações relevantes e suficientes para construir uma representação de si mesmo.

Na figura 39 podemos identificar mais algumas peculiaridades da imagem de Rayane no seu discurso.

Figura 39 – Epístola 06 – João Paulo II.



Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Transcrição:

“Querido Papai Noel!!!

meu nome e Rayane tenho 11 anos i um meu sonho e ganha um vetilador na minha casa tem muitas murisoca e muruim Não comcigo donir Beijos

Deus Te ama

Feliz natal”

Por trás do trecho da figura 39, “na minha casa tem muitas murisoca e muruim Não comcigo donir”, existem muitas possibilidades de interpretação. Além do sofrimento dessa garota por passar noites em claro devido ao calor e aos insetos, podendo acarretar problemas como ansiedade, irritabilidade, cansaço, entre outros, é interessante destacar o ambiente em que possivelmente sua moradia está localizada, e as características de sua casa. Unindo informações retidas em todas as suas cartas, além de já ter conhecimento do bairro em que vive, verifica-se que o aparecimento de tantos insetos pode estar relacionado à falta de saneamento básico no local, ou ainda estar perto de terrenos com muito mato e lixo. Podemos inferir também que Rayane vive em uma moradia pequena e sem muita ventilação.

Justificando inclusive esse pedido, no mínimo, curioso para uma menina de 11 anos.

Essa prática da escrita de si fica evidenciada ao longo da trajetória contada pelo missivista. E pode mostrar, inclusive, que no decorrer das narrativas, o indivíduo postula sua identidade de acordo com seus desejos, necessidades, sonhos, ou influências coletivas vividas por eles. Como exemplo, podemos citar os diversos pedidos feitos por Rayane, cada pedido mostra como o mesmo período de vida de uma pessoa pode ser “decomposto” em tempos com ritmos diversos: a Rayane vaidosa, quando pede uma roupa para passar o natal; a Rayane dançarina, enquanto integrante da banda da escola; a garota agoniada, quando pede um ventilador, provavelmente por morar em um cômodo pequeno e sem ventilação; ou ainda a Rayane estudante, quando pede o seu material escolar; ou a menininha, por sonhar com uma boneca da Barbie; e a Rayane família, por trazer em um de seus pedidos uma cesta básica para sua casa, um pedido coletivo, neste caso.

Os pedidos de todas as epístolas de Rayane podem ser visualizados nos trechos que seguem:

Pedido da Epístola 04

Transcrição sem erros ortográficos: quero uma roupa nova.

Pedido da Epístola 05

Transcrição sem erros ortográficos: uma bota.

Pedido da Epístola 06

Transcrição sem erros ortográficos: sonho é ganhar um ventilador.

Pedido da Epístola 07

Transcrição sem erros ortográficos: é ganhar uma bota.

Pedido da Epístola 08

Transcrição sem erros ortográficos: quero um material.

Pedido da Epístola 09

Transcrição sem erros ortográficos: é ganhar um material.

Pedido da Epístola 10

Transcrição sem erros ortográficos: é ganhar um material escolar da Barbie.

Pedido da Epístola 11

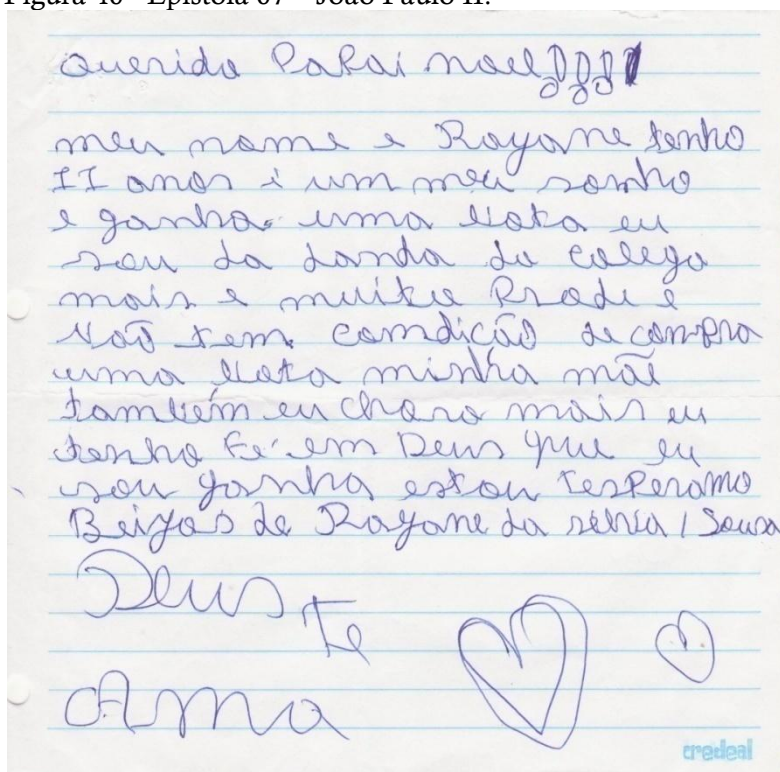
Transcrição sem erros ortográficos: roupa de natal.

Pedido da Epístola 12

Transcrição sem erros ortográficos: boneca da Barbie.

Algumas epístolas repetem os pedidos, o material escolar aparece em três de suas cartas. No caso da epístola 07, que apesar de fazer o mesmo pedido da epístola 05, ganhar uma bota para fazer parte da banda da escola, traz algo mais. Ela deixa transbordar um sofrimento maior, deixa-se levar pelas lágrimas de sua impotência. Pois sem ter a quem recorrer, só lhe resta chorar. Mas, parece haver uma luz no fim do túnel, escrever para a *Campanha do Papai Noel dos Correios*, eis que surge uma esperança, e Rayane escreve suas epístolas e roga com fé em Deus. No entanto, as lágrimas dessa garota parecem não cessar, pois, se aqui estamos reproduzindo suas memórias, significa que seu sonho ainda não foi atendido. A figura 40 revela sua angústia:

Figura 40 - Epístola 07 – João Paulo II.



Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Transcrição:

“Querido Papai Noel !!!

Meu nome e Rayane tenho 11 anos e um meu sonho e ganha uma bota eusou da banda do colega mais e muito pobre e não tem comdição de compra uma bota minha mãetambém eu choro mais eu tenho Fé em Deus que eu sou ganha estou tesperamo Beijos de Rayane da Silva Sousa. Deus te ama”

As demais epístolas de Rayane se assemelham com as já mencionadas, tanto os pedidos, quanto as características de sua escrita. Vê-se aqui que as epístolas da *Campanha Papai Noel dos Correios* não são apenas pedidos de presentes para comemorar uma data festiva, ela é a radiografia da sociedade pessoense, “ela é o suporte para os registros sobre o cotidiano, o corpo (saúde/doença) e os sentimentos da alma” (GOMES, 2004,p.18)desses missivistas. As epístolas de Rayane se assemelham aos diários, aos cadernos de anotações que Foucault (1992) denominou de *hypomnemata*.

A escrita e sua prática estariam a serviço daquilo que Foucault chamou de *ethopoietique*, ou seja, um “operador da transformação da verdade em *éthos*” (FOUCAULT, 1992, p. 6). Para refletir sobre essa *ethopoietique*, Foucault recorre a duas práticas de escritura comuns nos dois primeiros séculos depois de Cristo: os *hypomnematas* e as correspondências. Os *hypomnematas* fazem referência aos livros de apontamentos, cadernos de anotações pessoais, que serviriam como uma espécie de memória auxiliar, memória material das coisas lidas, vistas, ouvidas, pensadas e refletidas. Uma espécie de tesouro acumulado para releitura e meditações posteriores. No mesmo patamar, ele coloca as correspondências e os textos, a princípio produzidos para os outros, mas que abrem espaços também de reflexão e de meditações posteriores, provocando, do mesmo modo, um movimento interior de quem escreve, recebe, guarda e acumula. A carta, que é enviada para ajudar ou aconselhar seu correspondente, “constitui para aquele que a escreve uma espécie de treino, desempenha o papel de um princípio de reativação: conselhos dados aos outros são uma forma de preparar a si próprio para uma eventualidade semelhante” (KLINGER, 2007, p. 28).

Em um sentido mais técnico, os *hypomnematas* eram os livros de contas, os registros públicos e as cadernetas individuais, cuja função principal era o de guarda-memória. Ali eram registrados desde anotações dos comércios até trechos de leituras, citações, entre outros. Era uma espécie de memória material que poderia ser acessada a qualquer hora, em qualquer lugar, sempre que se precisasse de alguma informação. Segundo Klinger (2007), esses *hypomnematas* não constituem uma narrativa de si mesmo, não podem ser entendidas como os diários que aparecem posteriormente na literatura cristã, que têm o valor da purificação. O movimento que eles procuram é o inverso:

Trata-se não de revelar o oculto, de dizer o não dito, mas, pelo contrário, de dizer o já dito, com a finalidade de constituição de si. Inseridos em uma cultura fortemente marcada pelo valor reconhecido à tradição, à recorrência do discurso, à prática da citação, o objetivo dos *hypomnemata* é recolher o logos fragmentário transmitido pelo ensino e fazer dele um meio para o estabelecimento de uma relação consigo mesmo (KLINGER, 2007, p. 28).

Pois o papel da escrita é constituir, com tudo o que a leitura constituiu, um corpo. “E é preciso compreender esse corpo não como o corpo da doutrina, [...]”

mas como o próprio corpo daquele que, transcrevendo suas leituras, delas se apropriou e fez sua a verdade delas” [...] (FOUCAULT, 2004, p. 52).

Assim dizia Foucault, os *hypomnematas* não eram para serem vistos apenas como repositórios da memória, mas como “um instrumento de consulta frequente, para ler, reler, meditar, entreter-se consigo mesmo e com os outros” (Foucault 2004, p.7). De modo que essas duas práticas ao mesmo tempo em que se aproximam também se distanciam:

Os cadernos de notas, que, em si mesmos, constituem exercícios de escrita pessoal, podem servir de matéria-prima para textos que se enviam aos outros. Em contrapartida, a missiva, texto por definição destinado a outrem, dá também lugar a exercício pessoal. [...] A carta enviada actua, em virtude do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como actua, pela leitura e a releitura, sobre aquele que a recebe. Essa dupla função faz com que a correspondência muito se aproxime dos *hypomnemata* e com que a sua forma frequentemente lhe seja muito vizinha (FOUCAULT, 2004, p. 145).

Apesar das correspondências se aproximarem muito dos cadernos de anotações, Foucault (2004) ratifica que se deve considerá-las como:

Simples prolongamento da prática dos *hypomnemata*. É algo mais do que um adestramento de si próprio pela escrita, por intermédio dos conselhos e opiniões que se dão: ela constitui também uma certa maneira de cada um se manifestar a si próprio e aos outros. A carta faz o escritor “presente” àquele a quem a dirige. [...] Escrever é pois ‘mostrar-se’, dar-se a ver, fazer aparecer o próprio junto ao outro. E deve-se entender por tal que a carta é simultaneamente um olhar que se volve para o destinatário (por meio da missiva que recebe, ele sente-se olhado) e uma maneira de o remetente se oferecer ao seu olhar pelo que de si mesmo lhe diz. De certo modo. Carta proporciona um face a face (FOUCAULT, 2004, p. 149-150).

A prática da escrita de si, como observa Foucault (1992), está no fato de escrever para si e para outrem. A escrita aparece, assim, associada ao exercício da reflexão do próprio autor, o pensar sobre si mesmo. Ela se revela como um exercício pessoal, uma estratégia de luta no combate a si mesmo. A escrita de si pressupõe que exista um sujeito cujas experiências, desejos, sonhos, vivências, cuja vida, enfim, seja narrada através do texto em primeira pessoa. Para Foucault (1992, p. 131), a escrita de si pode ser captada como complemento aos perigos da solidão,

“uma prova e que como uma pedra de toque: ao trazer à luz os movimentos do pensamento, dissipa a sombra interior onde tecem as tramas”.

Devemos observar que o desenvolvimento e transformação da escrita de si, ao longo da história, suscitaram complexas questões. Antes do surgimento do termo autobiografia, Foucault se refere à escrita de si como uma prática antiga e destaca as suas modificações ao longo do tempo. É aparente a crescente valorização das formas de escrita de si nas últimas décadas do século XX. A autobiografia, contudo, não se trata de um gênero de escrita com histórias recentes. Lejeune (2008), um dos maiores estudiosos sobre o termo autobiografia na atualidade, comenta que a palavra autobiografia foi importada da Inglaterra no início do século 19, empregando dois sentidos, um proposto por Larousse, em 1886, e o outro por Vapereau, em 1876. O primeiro sentido proposto por Larousse foi “vidas de um indivíduo escrita por ele próprio” contrapondo-se à autobiografia, que é uma espécie de confissão que conta fatos que podem ser alheios ao narrador. Enquanto Vapereau:

[...] Explicitou em seu *Dictionnaire universel des littératures* (1876): AUTOBIOGRAFIA [...] obra literária, romances, poema, tratado filosófico, etc., cujo autor teve a intenção, secreta ou confessa, de contar sua vida, de expor seus pensamentos ou de expressar seus sentimentos (LEJEUNE, 2008, p. 53).

A autobiografia é considerada, inicialmente, como um discurso literário, para depois ser tratada em suas variadas formas de manifestação – no campo dos estudos sociológicos, no cinema, nas artes plásticas, a escrita cotidiana de diários e correspondências, a prática de *blogs* na *internet*, etc. A autobiografia trata-se de um gênero cuja maior expansão se deu a partir da década de 1980. Refere-se a um fenômeno não apenas da literatura brasileira, pois como se tem observado, a necessidade de se preservar as histórias de vidas, formas de materialização do passado, é uma tradição que vem desde o século passado.

Para Gomes (2004, p. 13), em seu livro *Escrita de si, escrita da história*, as palavras biografia e autobiografia:

Surgiram na língua inglesa mais ou menos no século XVII, e essa autora comenta que não por acaso, atravessa o século XVIII, com a institucionalização dos museus e do aparecimento do que se denomina, em literatura, romance moderno. Isso se atentando

também para a emergência da figura de um cidadão moderno, dotado de direitos civis (no século XVIII) e políticos (no século XIX). Um processo longo e complexo, que permaneceu em curso durante o século XX, embora sofrendo o impacto das grandes transformações ocorridas na área das comunicações, primeiro com o telefone e, mais recentemente, com o *e-mail*.

Independente do tempo em que se estabeleceu realmente o uso de determinados termos, o que importa é destacar o uso da escrita como ato confessional pelos indivíduos comuns, que passaram a produzir, deliberadamente, uma memória de si. Percebe-se que na forma de escrita de si, a valorização e a definição da autobiografia estão se estabelecendo atualmente sem delimitações, nem estabelecimento de fronteiras, ou seja, cada dia que passa, existe a possibilidade de abertura para novos significados e interpretações de novos termos que surgem neste mundo de constantes transformações.

Pensar no termo autobiografia leva, em um primeiro momento, a restringir o olhar para um gênero literário específico, quando pensamos a autobiografia sob a perspectiva memorialística, já em sua definição: “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular, a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008, p. 14). Nesse sentido, se tomarmos por análise as categorias retrospectiva, pessoa real, história individual e personalidade, podemos promover um confronto dos princípios que norteiam a formação das epístolas como pressuposto da construção da escrita autobiográfica. Por outro lado, é óbvio que não se pode deixar de considerar que o documento, ali acumulado, foi selecionado como registro intencional do querer ser conhecido, do caminho que deverá ser revelado.

Considera-se, ainda, que as epístolas funcionam como fontes também confessionais, assinadas e/ou autorizadas por seu produtor, ao permitir sua consulta e interpretação, totalmente dependentes dos modos de escolha e de leitura desse real, que se pauta também no campo jurídico, daquilo que, documentalmente existindo, não pode, por razões várias, ser consultado. Sem descurar dos conselhos de Bourdieu (2005), ao denominar de prática “ilusória”, pois, nem sempre, no que se materializa documentalmente, revela-se em essência o *ethos* de quem o acumulou. De modo que levamos em conta que todo homem traz em si uma espécie de rascunho, perpetuamente remanejado, da narrativa de sua vida.

E que apesar de aguardar, muitas vezes em silêncio, o seu interpretante, o conjunto documental propõe ao sujeito manter-se como o organizador de sua própria vida, autor da escrita de si mesmo. Dessa forma, sua interpretação é, simultaneamente, um ato de violação, uma violação permitida, já que as epístolas são escritas e enviadas para uma campanha de cunho publicitário. O lançamento da campanha é divulgado através de telejornais e das redes sociais, e as epístolas ficam disponibilizadas nos correios para serem lidas e adotadas por qualquer pessoa da sociedade. Algumas epístolas são lidas por inúmeras pessoas e nem sempre são adotadas. É o caso das epístolas aqui analisadas, todas elas foram descartadas, ou seja, não foram atendidas.

A autobiografia também pode se revelar como a interpretação do narrador na busca do vivido de outrem. Uma forma de entrar intimamente na vida do outro, situando-o no tempo e no espaço, dando-lhe seu lugar na história, informação que provém de diferenciadas fontes. Nesse sentido, afirma Lejeune (2008, p. 184): “a evocação do vivido produz um efeito de emoção e de presença que enriquece nossa experiência imaginária, mas não forçosamente nossa compreensão real do mundo, do outro e de nós mesmos”.

Nesse caso, se as correspondências estão no campo da intimidade, esta é revelada desde as saudações, nas despedidas e no modo como os missivistas assinam seus textos, algumas vezes, cheios de ícones, talismãs, desenhos, vocativos desmedidos, livres, sem obedecer a formas estruturais. Todos, porém, dedicados como modo de reiterar essa proximidade. Tais manifestações, quando registradas, servem como compartilhamento da autoimagem do missivista em sua relação com o outro.

SAUDAÇÕES ENCONTRADAS NAS EPÍSTOLAS

Figura 41 – Trecho da Epístola 02 – Cristo Redentor.



Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

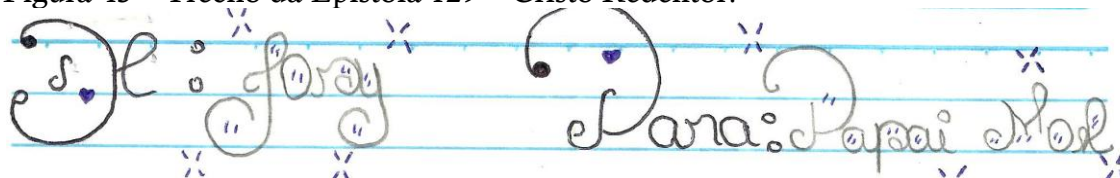
Figura 42 – Trecho da Epístola 127 – Cristo Redentor.



Olá papai Noel, tudo bem?

Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

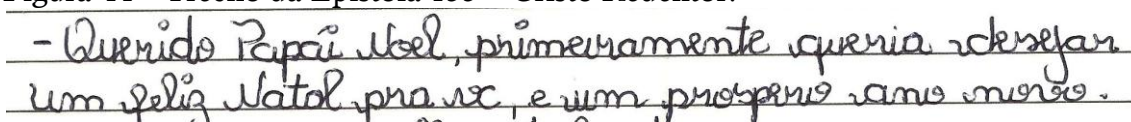
Figura 43 – Trecho da Epístola 129 – Cristo Redentor.



De: Papai Noel Para: Papai Noel

Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Figura 44 – Trecho da Epístola 155 – Cristo Redentor.

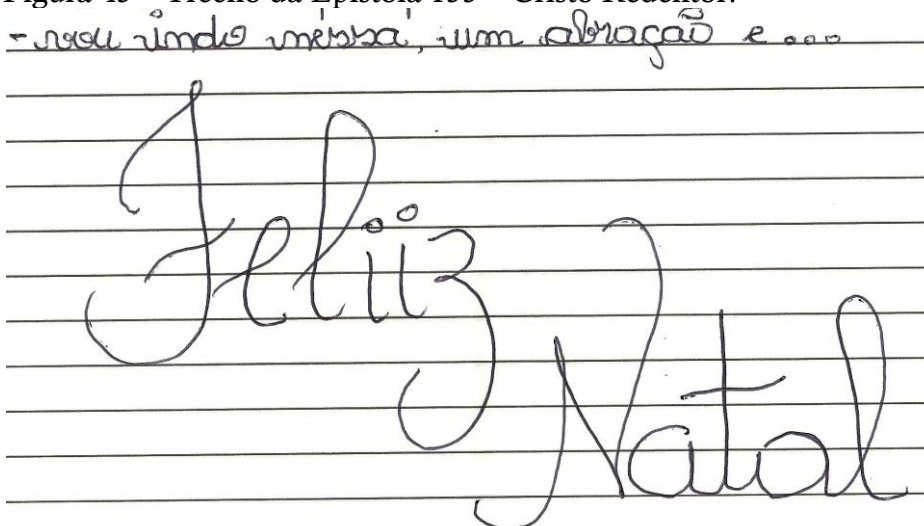


- Querido Papai Noel, primeiramente queria desejar um feliz Natal pra vc, e um prospero ano novo.

Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

DESPEDIDAS ENCONTRADAS NAS EPÍSTOLAS

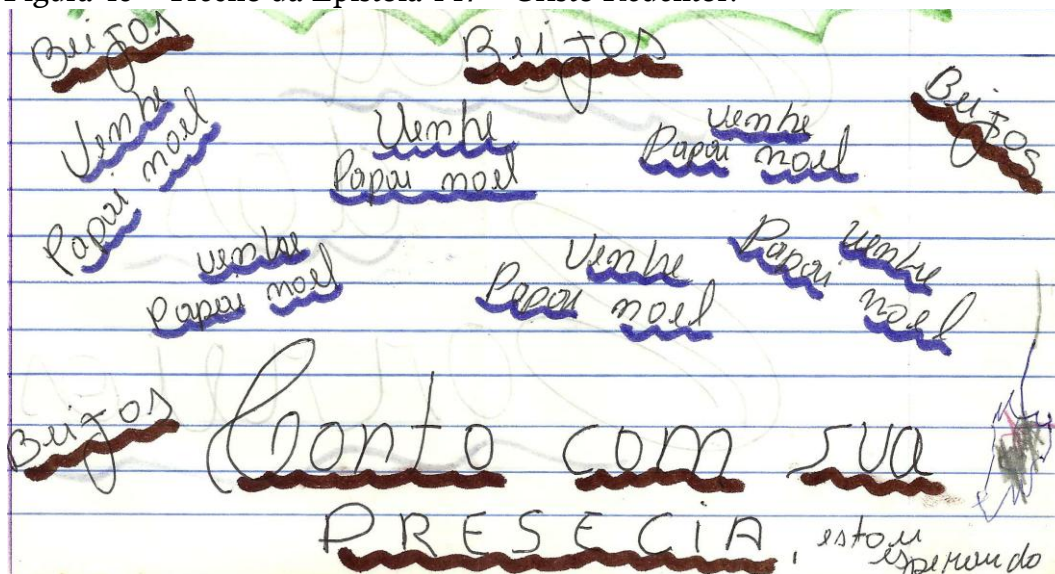
Figura 45 – Trecho da Epístola 155 – Cristo Redentor.



- meu lindo menino, um abraço e ...
Feliz Natal

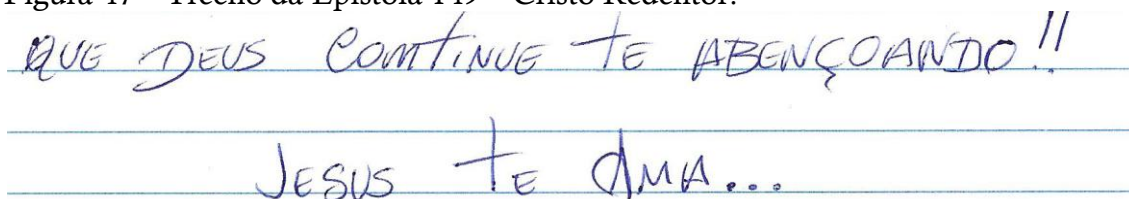
Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Figura 46 – Trecho da Epístola 147 – Cristo Redentor.



Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

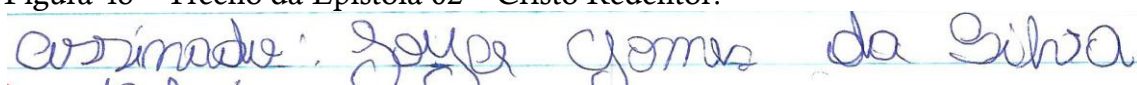
Figura 47 – Trecho da Epístola 149 – Cristo Redentor.



Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

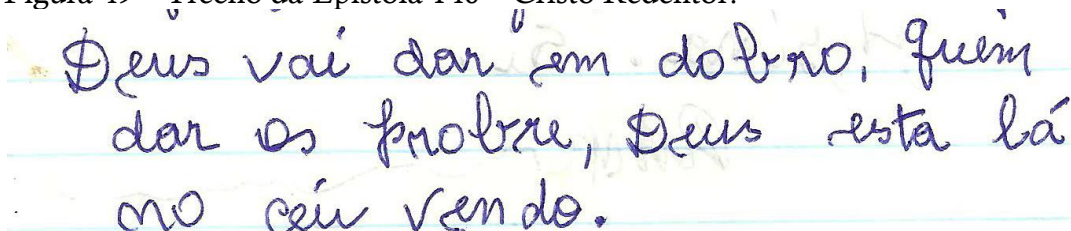
ASSINATURAS ENCONTRADAS NAS EPÍSTOLAS

Figura 48 – Trecho da Epístola 02 – Cristo Redentor.



Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Figura 49 – Trecho da Epístola 140 – Cristo Redentor.



Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Figura 50 – Trecho da Epístola 126 – Cristo Redentor.



Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Figura 51 – Trecho da Epístola 127 – Cristo Redentor.



Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Sem seguir convenções, cada missivista escreve sua epístola de forma espontânea, ora utilizando sua assinatura no final da epístola, ora no início. Algumas despedidas e assinaturas utilizam-se apenas de desenhos, outras de frases relacionadas a sua crença em Deus e ainda desejando o Feliz Natal pra o Papai Noel.

Desde modo, a análise da prática epistolar requer uma leitura criteriosa desses documentos íntimos, considerando diversos aspectos, tais como o seu conteúdo, as condições de sua redação e leitura, suas imagens, as circunstâncias de envio e recebimento, sua conformidade (ou não) com as convenções (DAUPHIN; POUBLAN, 2002). Tivemos assim, acesso a alguns vestígios da vida cotidiana de sujeitos históricos, que registraram um pouco de seus anseios e desejos. Cada epístola desvelou tramas que, retomadas como escritas do eu, constroem sua autobiografia considerando que, na maior parte, será possível perceber aspectos da intimidade, relativizados pela distância que impõe o interlocutor, sobretudo quando

se consideram as condições históricas na qual estão envolvidos os sujeitos, bem como as condições de produção.

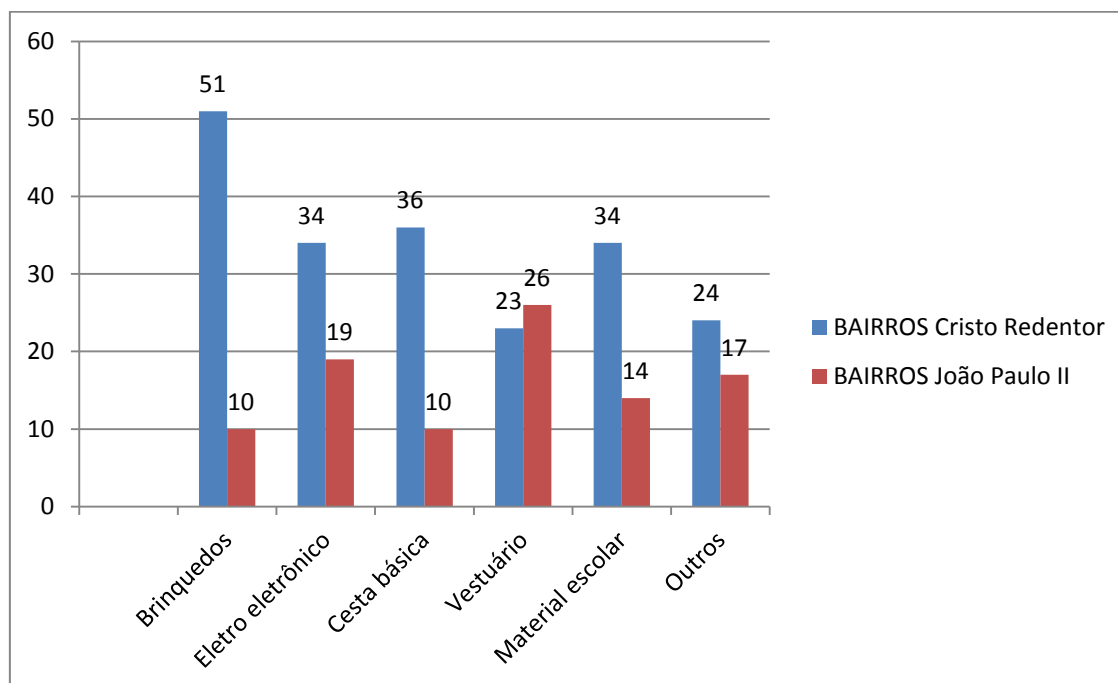
Investigar a escrita de si, por meio de um conjunto de epístolas manuscritas, significa compreender as escolhas e classificações documentais impostas pelo próprio produtor. Nesse sentido, aconselha Bourdieu (1996, p. 234), é preciso compreender criticamente o “estatuto social de cada documento” interrogando cada um deles sempre, para quê e para quem foi feito e porque foi arquivado, ou seja, atentar para as suas mediações e práticas, seus usos e destinos, pois a maneira como se acumulam, organizam-se e se armazenam os documentos nos arquivos parece querer defrontar o pesquisador com um itinerário próprio, uma espécie de texto já codificado, com vistas a orientar sua própria leitura e interpretação.

Uma investigação dessa ordem não pode ser discriminatória, hierárquica ou periodológica. Deve, no entanto, valer-se de um determinado lugar, do interesse do pesquisador, que se associa às circunstâncias de produção/recepção – sociais, econômicas, históricas, culturais, manifestas ou não –, com a tradição literária e com os intertextos com que dialoga. As conexões possíveis são controladas pela intencionalidade do pesquisador e pelos documentos-fonte relacionados ao objeto de estudo, no caso, as epístolas produzidas por crianças e adolescentes e enviadas ao Papai Noel, em pleno século XXI. Torna-se imprescindível para a compreensão do lugar social dos correspondentes, entender a vicissitude do tempo na prática epistolar. Sobre o tempo da escrita na prática epistolar há diversas questões a serem consideradas pelo pesquisador, como o porquê de determinadas circunstâncias para o envio dessas epístolas, e buscar compreendê-las como um conjunto de documentos cuja informação subsidiará análises e a construção da identidade desses mesmos personagens.

No caso das epístolas analisadas, o esforço da escrita são obras de pessoas diferentes, dentro de um processo que tem como remetente o mesmo personagem, o Papai Noel. O trabalho de escrita desses missivistas é uma recriação das lembranças das situações vivenciadas em seu cotidiano. E o que define o porquê do envio dessas epístolas é justamente a inserção desse missivista em grupos sociais, pois, a partir das influências sofridas no meio em que vive, o seu pedido será feito a fim de sanar uma necessidade sua. Para que ele possa fazer parte e continuar inserido naquele ambiente.

A partir da escrita de si desses missivistas, elaboramos um gráfico que demonstra os pedidos mencionados em todas as epístolas analisadas.

Gráfico 8 - Mapeamento dos pedidos dos bairros analisados.



Fonte: Dados da pesquisa.

O gráfico 6 traz os principais pedidos dos missivistas. No bairro do Cristo Redentor o pedido de brinquedos foi o que mais se destacou, com um total de 51 pedidos. Enquanto que no bairro de João Paulo II, vestuário (roupas e calçados) saiu na frente. Podemos destacar também, com um número expressivo, a quantidade de missivistas do bairro do Cristo Redentor que pediram cesta básica, totalizando 36 pedidos. É possível perceber que o número dos pedidos ultrapassa o número de epístolas analisadas, isso porque, alguns missivistas ao fazer o seu pedido, incluíam a cesta básica como o segundo pedido.

E em relação à opção “outros”, foram pedidos dos mais diversos, como: panetone, conjunto de panelas, kit de manicure, fraudas descartáveis, nebulizador, armário, lençóis, colchão, carrinho de bebê, prancha para cabelo, máquina de costura, entre outros.

Apesar da grande quantidade de epístolas, 243 somando os dois bairros, as opções de pedidos não têm muita variação. Como foi mostrado no mapa, divide-se em *brinquedos* (que seria o sonho de toda criança no natal),

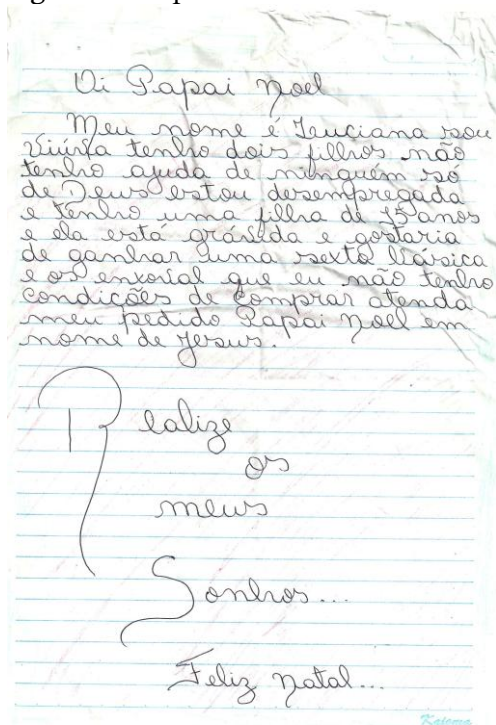
eletroeletrônico (influências do mundo tecnológico que vivemos), *cesta básica* (um pedido bastante incomum para uma criança), *vestuário* e *material escolar*. As epístolas parecem, portanto, expressar mais angústias, e transformaram-se em um espaço de protesto silencioso, os pedidos ultrapassam o seu significado puro, o de receber presentes, eles têm a expectativa segura de uma compreensão e concordância por parte dos correspondentes. As epístolas parecem, portanto, expressar mais os problemas e as angústias do eu, as confissões de si.

As justificativas dos pedidos utilizadas pelos missivistas podem nos fazer entender de forma mais objetiva e clara esse “protesto silencioso”:

Como o narrado por Luciana na epístola 56 do Cristo Redentor. Luciana é viúva, desemprega e têm duas filhas, uma delas de apenas 15 anos está grávida. Sem dúvidas, sua justificativa lhe faz merecedora de ser atendida, no entanto, mais uma vez, estamos aqui para contar também a história dessa missivista, sua epístola se transformou em mais um documento de análise do nosso estudo, não foi silenciada, mas também não foi atendida.

Luciana traz, em poucas linhas, o resumo de uma vida padecida, a primeira imagem de si construída em sua narrativa é a de uma mulher sozinha e sofrida.

Figura 52 – Epístola 56 – Cristo Redentor.



Transcrição:

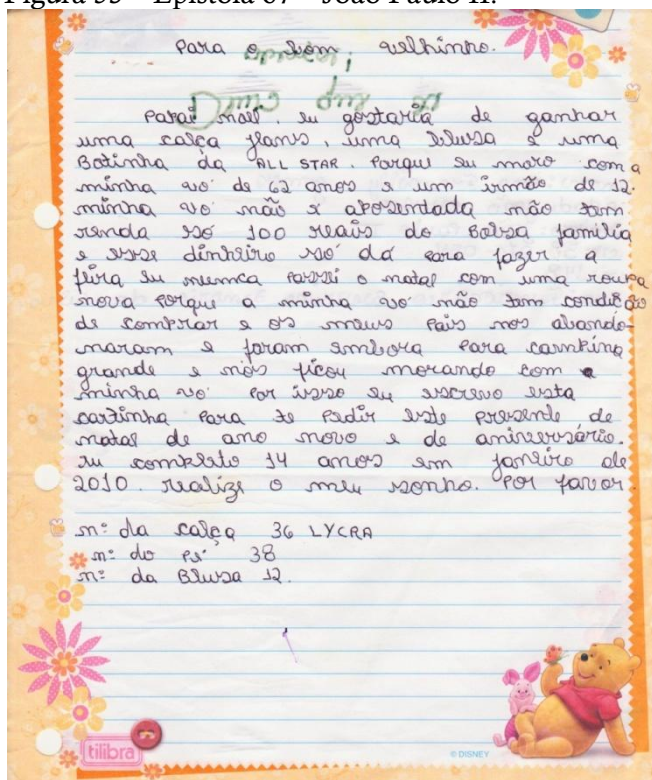
“Oi Papai Noel

Meu nome é Luciana sou viúva
tenho dois filhos não tenho ajuda
de ninguém só de Deus estou
desempregada e tenho uma filha
de 15 anos e ela está grávida e
gostaria de ganhar uma cesta
básica e os enxoval que eu não
tenho condições de comprar atenda
meu pedido Papai Noel
em nome de Jesus Realize os meus
Sonhos...
Feliz Natal...”

Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Como segundo exemplo do “protesto silencioso” dos missivistas pessoenses, trouxemos a narrativa de Ana Francielly Gomes, de 13 anos; sua justificativa é que os seus pais a abandonaram, e ela e o irmão moram com a avó, desempregada, e sobrevivem com apenas R\$ 100,00 oriundos do Programa Bolsa-Família, do Governo Federal. Além do seu aniversário que está próximo, Francielly Gomes também traz o seu protesto como justificativa para ser atendida.

Figura 53 – Epístola 67 – João Paulo II.



Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Transcrição:

“Para o bom velhinho.

Papai Noel eu gostaria de ganhar uma calça jeans, uma blusa e uma botinha da ALL STAR. Porque eu moro com a minha vó de 62 anos e um irmão de 12. Minha vó não é aposentada não tem renda só 100 reais do Bolsa família e esse dinheiro só dá para fazer a feira eu nunca passei o natal com uma roupa nova porque a minha vó não tem condição de comprar e os meus pais nos abandonaram e foram embora para campina grande e nós ficou morando com minha vó Por isso eu escrevo esta cartinha para te pedir este presente de natal de ano novo e de aniversário. Eu completo 14 anos em janeiro de 2010. Realize o meu sonho. Por favor
nº da calça 36 Lycra / nº do pé 38 / nº da Blusa 12”

Dessa forma, os missivistas utilizam o espaço da epístola para fazer ecoar sua voz que nunca foi ouvida, para anunciar o seu descontentamento e para clamar por ajuda. Porém, mais que isso, as narrativas dos missivistas criavam para o leitor uma ideia de originalidade e de autoria. Autoria das suas próprias histórias. (Mesmo que essa não fosse sua intenção, pois a necessidade do convencimento o faz assim.) Criando personagens diversos, esses personagens tinham que compor um nome próprio com características pessoais que conformassem a sua identidade e construíssem uma imagem de si para o leitor.

A primeira imagem de si construída pelas epístolas de Francielly é a de uma garota angustiada, bons exemplos dessa imagem podem ser visualizados em alguns trechos de sua epístola:

“Minha vó não é aposentada não tem renda só 100 reais do Bolsa família e esse dinheiro só dá para fazer a feira”.

E se repete mais adiante:

“eu nunca passei o natal com uma roupa nova porque a minha vó não tem condição de comprar”.

Ao reiterar a narrativa de sua escrita, Francielly argumenta a fim de mostrar o seu sofrimento, a situação de sua família. Dessa forma, vai construindo a imagem de uma garota carente, angustiada, sofrida, maltratada pela vida.

Uma segunda característica da autoimagem construída na sua narrativa é a de uma garota vaidosa e “antenada”, ao pedir de presente roupas para que ela esteja mais bonita no Natal, como pode ser visto nos trechos abaixo:

“Papai Noel eu gostaria de ganhar uma calça jeans, uma blusa e uma botinha da ALL STAR”.

E se repete no final:

“nº da calça 36 Lycra/nº do pé 38/nº da Blusa 12”.

Porém, a autoconstrução percebida em sua escrita complementa-se à ideia gerada pela *Campanha Papai Noel dos Correios* e as suas normas para participação.

Assim, por meio de algumas características visualizadas como aspectos pessoais de sua personalidade, é possível construir a identidade que conformava um nome próprio de um indivíduo. Segundo Venâncio(2009, p. 183) “no sentido dado pelo senso comum, o texto é, necessariamente, um reflexo das características mais particulares de seus autores.” E essa evidência pode ser matizada a partir da investigação das artes de falar de si.

A escrita de si, quando construída a partir de registros epistolares, segundo Cury (1995, p. 18), contribui para “a recuperação de informações que revelam o cotidiano do indivíduo e seus embates com a cultura e com seu grupo social”, possibilitando construir narrativas e memórias sobre a vida e a obra do sujeito histórico e culturalmente localizado. No entanto, isso só será possível através da análise das epístolas em relação ao seu espaço e tempo, assim como suas relações, seus fazeres e viveres, discursos ventilados em seus textos e objetos, que denotam o discurso do eu revelado nas diferentes situações que vão sendo construídas na trajetória do sujeito (FOUCAULT, 1992).

A trajetória do sujeito é reconstruída, muitas vezes, a partir da preservação de suas memórias familiares e sociais. Sejam elas através de epístolas, de diários, de fotografias, de objetos pessoais, através dos quais expressa suas experiências, seus sentimentos. O estudo das epístolas da *Campanha Papai Noel dos Correios*, parte da ideia de que estas são constituídas por fragmentos e deslocamentos vivenciados, experimentados no dia a dia do sujeito, através dos quais se configura o seu perfil e (re)constrói a memória de si e do outro.



NARRATIO III
MEMÓRIAS QUE NÃO SE
CONTAM

4 *NARRATIO III* – MEMÓRIAS QUE NÃO SE CONTAM

E as memórias em carta têm um valor de veracidade maior que o das memórias guardadas em segredo para revelação secular futura. É que o amigo que recebe a carta pode controlar os casos e almas contadas.

(Mário de Andrade, Carta a Sérgio Milliet, 1940)

A memória pode ser estudada e compreendida do ponto de vista de uma construção social em que grupos sociais criam um passado compartilhado, sustentado por um contexto social. Para Nora (1993, p. 9):

[...] a memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, neste sentido, está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações.

Em outras palavras, a memória, de alguma forma, são vivências, quer física ou afetiva, que vai se instaurando no fluxo do tempo; desse modo, compreende-se a memória como uma construção pautada por uma dimensão processual “deflagrada por um processo de compartilhamento de desejos, crenças e afetos, em outros termos, um ‘jogo de força’” (OLIVEIRA, 2012, p. 25). Um jogo de força permanente entre o lembrar e o esquecer. Para Nora (1993), se a memória é vida, esta vive em constante atualização no presente, é espontânea, afetiva, múltipla e vulnerável; nesse sentido, a memória é fundamentalmente uma representação do passado no presente.

No entanto, Halbwachs (2006) nos alerta ao referir-se à memória. Para o autor apesar dessa construção se encontrar no interior das pessoas, reminiscências de suas vivências pessoais, esse é um fenômeno construído coletivamente, pois apesar de ser um sujeito que lembra, seu conteúdo é determinado socialmente. De modo que a memória é uma construção simultânea, mútua, entrelaçada, das experiências e lembranças individuais e coletivas. Para o autor:

[...] a memória individual existe, mas está enraizada em diferentes contextos que a simultaneidade ou a contingência aproxima por um instante. A rememoração pessoal está situada na encruzilhada das redes de solidariedade múltiplas em que estamos envolvidos. Nada escapa à trama sincrônica da existência social atual, é da combinação desses

diversos elementos que pode emergir aquela forma que chamamos lembrança, porque a traduzimos em uma linguagem (HALBWACHS, 2006, p. 12).

De forma que a memória é sempre uma construção. Para Oliveira (2012), essa construção, ainda que em nível individual, pode ser consciente ou inconsciente. Esse é o ponto de partida da nossa pesquisa, a partir de relatos pessoais de cada missivista, as memórias individuais e coletivas dobram-se em analogias que acabam por torná-las espécies que se interpenetram. No entanto, a memória individual subordina-se à coletiva, que se origina nos grupos sociais e por eles também são determinadas. Halbwachs (2006, p. 30) assinala que “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós”. De acordo com Pollak (1992), os elementos constitutivos da memória individual ou coletiva, em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente e, em segundo lugar, os vividos por tabela, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade em que existe o sentimento de pertença.

Para o autor, esse sentimento de pertença se caracteriza em razão da própria construção da memória, fenômeno que se dá no âmbito individual e social. Isso implica inferir que há uma estreita ligação fenomenológica entre memória e identidade. Neste estudo, consideramos a identidade sob a perspectiva de Pollak(1992), ao relacionar a imagem que o sujeito constrói de si, para si e para os outros, ou seja, a imagem que os sujeitos adquirem sobre eles próprios, a imagem que apresentam aos outros e a si mesmos, essa é a maneira como querem acreditar em si mesmos e serem percebidos.

Em face desse entendimento teórico de memória como construções individuais e coletivas, pautamos a análise epistolar associando-a ainda ao conceito de informação epistolar, que se constitui em um conjunto de enunciados que expressa testemunhos, desabafos, sentimentos, confissões, desamores, amizades, negócios, histórias de vida, situados no tempo, espaço, e movimento, determinados socialmente e designados para um destinatário, quer seja este real ou imaginário, passivos de significação e interpretação.

4.1 Narrativas Epistolares: memórias registradas

Tendo o entendimento de que as memórias individuais são construções no presente e fruto do imbricamento das vivências com os grupos sociais e por eles influenciados, estamos em concordância com as teorias de Halbwachs (2006), Nora (1993) Pollak (1992), Oliveira (2012) e Dodebey (2006).

Segundo Halbwachs (2006, p. 80) o fim da memória se dá a partir do desaparecimento dos grupos sociais, nos quais estão agregados os sujeitos. Para ele, no momento em que os grupos desaparecem, ainda existe uma única forma de salvamento, no sentido de preservação, dessas memórias/lembranças, fixando-as enquanto narrativas. Para o autor:

[...] é fixá-las por inscrito em uma narrativa seguida uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem. Se a condição necessária, para que haja memória, é que o sujeito que se lembra, indivíduo ou grupo, tenha o sentimento de que busca suas lembranças num movimento contínuo, como a história seria uma memória, uma vez que há uma solução de continuidade entre a sociedade que lê esta história, e os grupos testemunhas ou atores, outrora, dos fatos que ali são narrados?(HALBWACHS, 1990, p. 80-81).

Em face desse entendimento, associamo-nos ainda aos princípios teóricos de Nora (1993) ao inferir que as epístolas são lugares de narrativas memorialísticas por natureza. Para Nora (1993), os lugares de memória expressam o desejo de retornar ao passado, um retorno carregado de ritos que definem os grupos, bem como sua vontade em autorreconhecer-se e se autodiferenciar. Diz o autor:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não naturais. É por isso a defesa pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa as varreria. São bastiões sobre os quais se escora. Mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de constituí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que elas envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares

de memória. É este vai e vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos. Não mais inteiramente a vida, nem mais inteiramente a morte, como as conchas na praia quando o mar se retira da memória viva (NORA, 1993, p. 13).

Para o autor, o lugar que ele denomina de “Lugar de memória” traz consigo a capacidade de registro. De preservação, de rastros, restos e vestígios capazes de evocar a ilusão da eternidade, tendo, portanto, um passado reconhecido, caracterizando-se pelos:

Museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processo verbais, monumentos, santuários, associações, são os marcos testemunhas de uma outra era, das ilusões de eternidade,. Daí o aspecto nostálgico desses empreendimentos de piedade, patéticos e glaciais. São os rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza; fidelidades particulares de uma sociedade que aplaina os particularismos; diferenciações efetivas numa sociedade que nivela por princípio; sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos (NORA, 1993, p. 13).

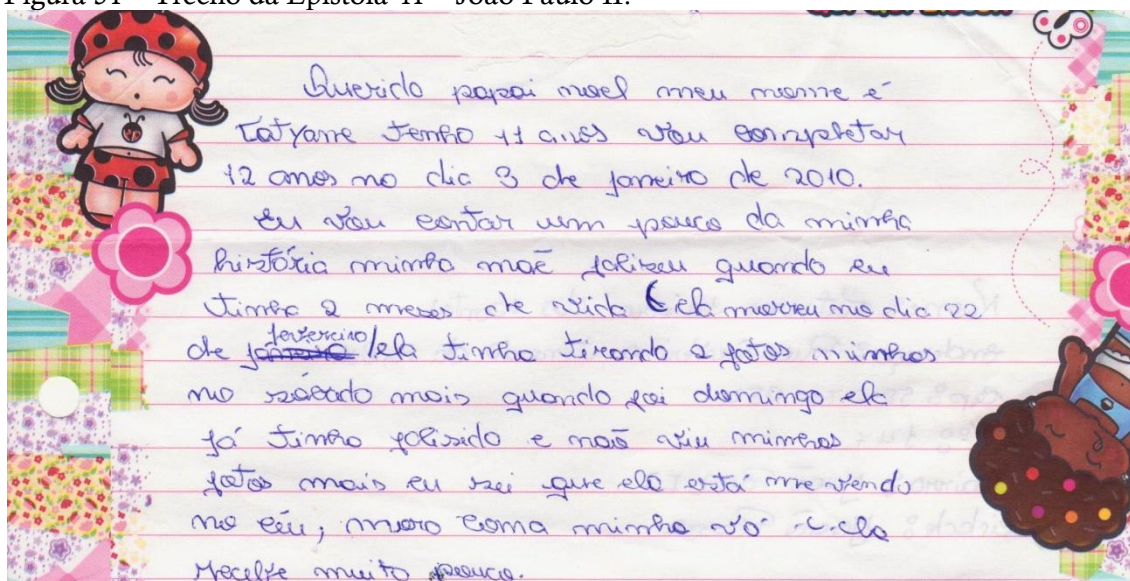
Nesse sentido é memória, pois sacraliza, comemora, celebra. Tomemos, então, como exemplo, as epístolas enviadas ao Papai Noel dos Correios, em que se registra o passado ou as lembranças desse passado/presente, é no desejo expresso por meio da escrita de si, do ato confessional que a memória se promove, se exprime e se ancora (NORA, 1993).

4.1.1 O sentido da vida: memórias de família

O sentido da vida de Tatyane nos parece fundamentalmente relacionado a outras vivências semelhantes a sua. Sentimento de perda, separação materna e/ou paterna, nova ordem familiar, ainda que com outros missivistas de bairros distintos.

Na epístola 41 do bairro João Paulo II, a missivista Tatyane de 11 anos rememora as lembranças que carrega da sua mãe:

Figura 51 – Trecho da Epístola 41 – João Paulo II.



Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Transcrição:

“Querido papai Noel meu nome é Tatyane tenho 11 anos vou completar 12 anos no dia 3 de janeiro de 2010. Eu vou contar um pouco da minha história minha mãe faleceu quando eu tinha 2 meses de vida (ela morreu no dia 22 de fevereiro) ela tinha tirando 2 fotos minhas no sábado mais quando foi domingo ela já tinha falecido e não viu minhas fotos mais eu sei que ela está me vendo no céu, moro com a minha vó e ela recebe muito pouco”.

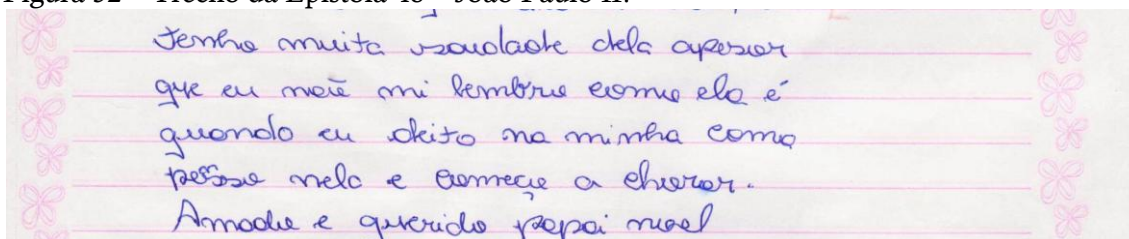
Tatyane, apesar de ter apenas 2 meses à época em que sua mãe faleceu, revive esse momento o tempo todo, a partir da história contada pela sua avó e das lembranças que sua avó tem em relação àquele momento de dor, ou de memória involuntária (PROUST, 2008)¹. Essa é uma memória vivida não só por Tatyane, mas também por sua avó e seus familiares. Segundo Halbwachs (2006), o depoimento de Tatyane, que só tem sentido em relação ao grupo do qual ela faz parte, porque pressupõe um evento real vivido outrora em comum com os seus familiares. Quer dizer, o “eu” e sua duração se localizam no ponto de encontro de duas séries diferentes e, às vezes, divergentes: a que se liga aos aspectos vivos e materiais da lembrança, a que reconstrói o que é apenas passado.

Tatyane escreveu um total de 16 epístolas para a Campanha, todas traziam as lembranças que restaram de sua mãe e que foram adquiridas na convivência com seu

¹ Ao contrário da memória involuntária, a memória voluntária que opera sob a tutela da consciência é, portanto, a memória da inteligência, isto é, a memória capaz de ressuscitar as lembranças mais profundas (PROUST, 2008).

grupo social, neste caso específico, com a família, em especial sua avó a quem remete com frequência nas epístolas. Na figura 52, fala da sua saudade e dos fragmentos das lembranças que lhe restam:

Figura 52 – Trecho da Epístola 48 – João Paulo II.



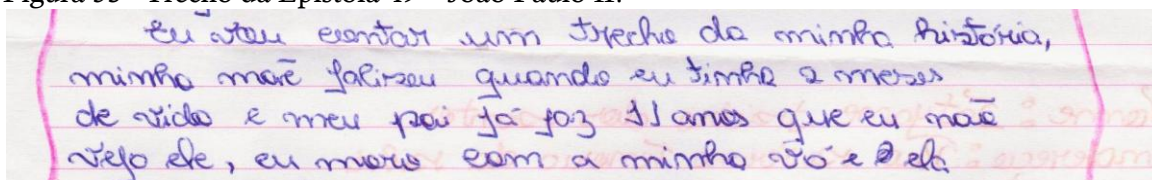
Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Transcrição:

“Tenho muita saudade dela apesar que eu não mi lembro como ela é quando eu deito na minha cama penso nela e começo a chorar...”

Na figura 53, Tatyane faz referências a seu pai, essa é a única epístola que ela comenta sobre ele:

Figura 53 – Trecho da Epístola 49 – João Paulo II.



Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Transcrição:

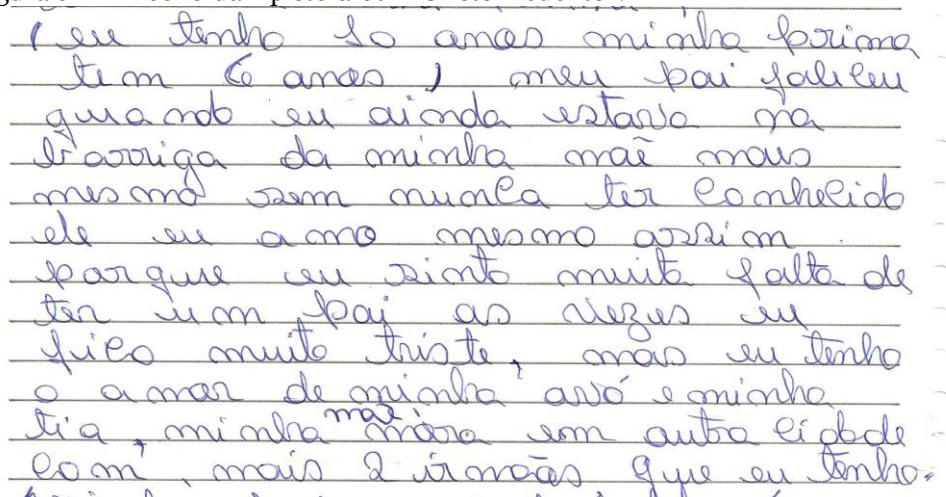
“Eu vou contar um trecho da minha história, minha mãe faleceu quando eu tinha 2 meses de vida e meu pai já faz 11 anos que eu não vejo ele, eu moro com a minha vó...”(Grifo nosso).

“O que seria desse ‘eu’, se não fizesse parte de uma ‘comunidade afetiva’, de um ‘meio efervescente’ – do qual tenta se livrar no momento em que ‘se lembra?’” (HALBWACHS, 2006, p. 12). Nesse caso é possível perceber que a memória individual de Tatyane está latente, no entanto, ela está enraizada em diferentes contextos, além do mais, a rememoração pessoal está situada em redes múltiplas às quais ela está envolvida, pois a convivência com a mãe praticamente inexistiu, se considerarmos a idade dela à

época, dois meses. Logo, tudo o que lembra, repete, materializa nas epístolas, são frutos de sua vivência com os familiares.

Outra epístola que apresenta relação de semelhança com a de Tatyane e que se refere às memórias familiares, especificamente à perda, separação e ausência por mortes, pode ser vista no bairro do Cristo Redentor, na epístola 07, escrita por Leila de 10 anos.

Figura 54 – Trecho da Epístola 07 – Cristo Redentor.



Eu tenho 10 anos minha prima
tem 6 anos. Meu pai faleceu
quando eu ainda estava na
barriga da minha mãe mas
mesmo sem nunca ter conhecido
ele eu amo mesmo assim
porque eu sinto muita falta de
ter um pai as vezes eu
fico muito triste, mas eu tenho
o amor de minha avó e minha
tia, minha mãe mora em outra cidade
com mais 2 irmãs que eu tenho.

Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Transcrição:

“[...] meu pai faleceu quando eu ainda estava na barriga da minha mãe mas mesmo sem nunca ter conhecido ele eu amo mesmo assim porque eu sinto muita falta de ter um pai as vezes eu fico muito triste, mas eu tenho o amor de minha avó e minha tia, minha mãe mora em outra cidade com mais 2 irmãs que eu tenho”.

Observamos que as histórias se repetem, pois, a história contada por Leila, moradora do Cristo Redentor, traz uma vaga lembrança de quem seria o seu pai, como não chegou a conhecê-lo, assim como Tatyane, o que lhe resta é imaginar e reviver aquele momento através das memórias narradas por sua avó. No entanto, o mais interessante das duas histórias é quando comparamos a situação familiar das duas missivistas; é nesse contexto que percebemos os fios que tecem as relações coletivas: a desestrutura familiar presente nas duas histórias; o abandono; a perda; e a avó como sustentáculo familiar, acolhedora e responsável pelas crianças, marcadas por passado de separação.

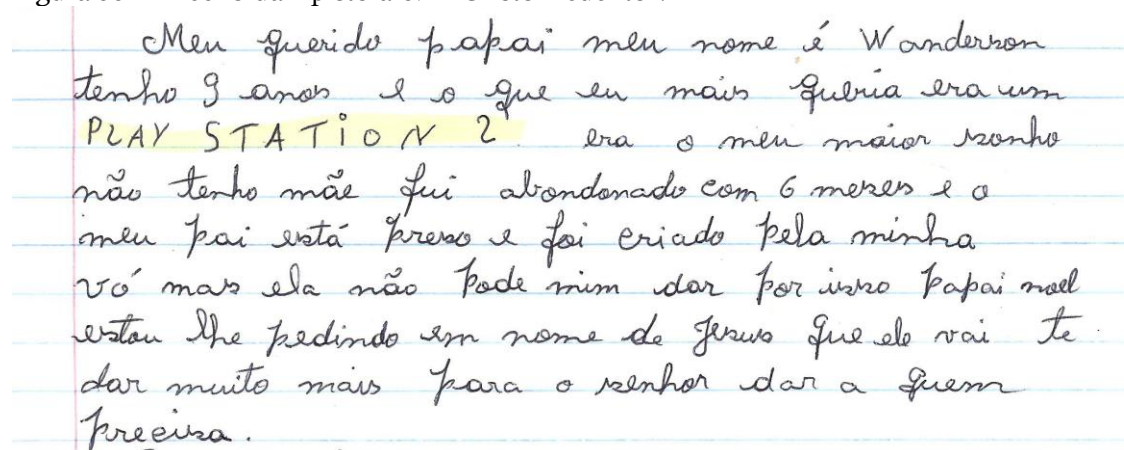
Essas são memórias registradas comuns contadas nas epístolas dessa Campanha, e o que parece apenas coincidência, na verdade são realidades sociais compatíveis. Nas narrativas epistolares, apesar de serem depoimentos pessoais, relatos individuais de suas próprias vidas, é possível perceber as relações coletivas. Essa não é uma mera coincidência e sim uma consequência das experiências vividas em determinados grupos sociais. Os missivistas trazem consigo lembranças em comum, reminiscências de outros ou de realidades sociais. Nesse sentido, Halbwachs (2006, p. 39) ressalta que:

[...] Não basta reconstituir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo [...].

No contexto escrito pelos missivistas, percebe-se que, ao compartilharem experiências, conforme Ricoeur (2007) relata, os indivíduos reinterpretem e redescobrem o passado recompondo o contexto que vivenciam, selecionando conteúdos importantes a serem recordados. Dessa forma, a escrita das epístolas pelos missivistas está diretamente relacionada à necessidade de lembrar-se de suas dificuldades e necessidades, objetivando despertar no receptor, neste caso específico, o Papai Noel dos Correios, a sensibilização da realidade vivenciada pelos missivistas, aliando-se à necessidade de expor através da escrita de si, os seus desejos mais íntimos, as suas frustrações, traumas, sonhos, entre outros.

Outro exemplo aliado às memórias dos missivistas pode ser visto na figura 55.

Figura 55 – Trecho da Epístola 09 – Cristo Redentor.



Meu querido papai meu nome é Wanderson
tenho 3 anos e o que eu mais queria era um
PLAY STATION 2 era o meu maior sonho
não tenho mãe fui abandonado com 6 meses e o
meu pai está preso e foi criado pela minha
vó mas ela não pode mim dar por isso papai noel
estou lhe pedindo em nome de Jesus que ele vai te
dar muito mais para o senhor dar a quem
precisa.

Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Transcrição:

*“Meu querido papai meu nome é Wanderson tenho 9 anos e o que eu mais queria era um **PLAY STATION 2** era o meu maior sonho não tenho mãe fui abandonado com 6 meses e o meu pai está preso e foi criado pela minha vó mas ela não pode mim dar por isso papai Noel estou lhe pedindo em nome de Jesus que ele vai te dar muito mais para o senhor dar a quem precisa”*(Grifo nosso).

A história de Wanderson e as lembranças que ele guarda da desestrutura de sua família, de abandono, da imagem do pai, que apesar de não detalhar as causas da prisão, deixa claro o papel exercido mais uma vez pela avó. O que se observa é que nas epístolas está registrada a realidade muito semelhante de crianças que residem em bairros diferentes, porém, socialmente excluídas, o que as aproxima por meio da realidade social vivenciada. Assim:

A coincidência jamais está encerrada a si mesma, não é vazia nem solitária. Somos arrastados em inúmeras direções, como se a lembrança fosse uma baliza que permitisse nos situarmos em meio da variação constante dos contextos sociais e da experiência coletiva histórica. Isso talvez explique por que razão, nos períodos de calma ou de momentânea imutabilidade das “estruturas” sociais, a lembrança coletiva tem menos importância do que em períodos de tensão ou de crise – e aí, às vezes se torna “mito”(HALBWACHS, 2006, p. 13).

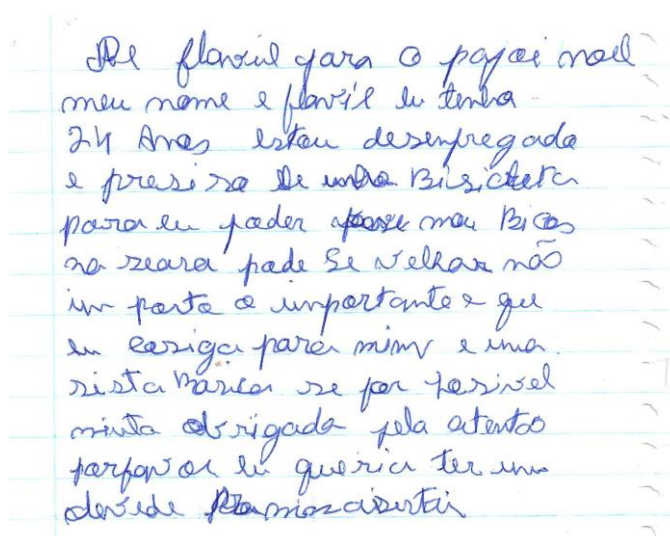
É o caso de centenas de histórias dessa mesma natureza que são narradas, confessadas nas epístolas da *Campanha Papai Noel dos Correios*. Parece seu teor ter se tornado algo corriqueiro, como a miséria, o desprezo, a fome, o abandono. A temática está presente nas epístolas como algo comum ao cotidiano. Tanto que os receptores, ou seja, os adotadores das epístolas parecem não se reportar à informação forte registrada nesta fonte, mas tão somente, observar o tipo de brinquedo solicitado. Isso parece reforçar a tese de que o mote da campanha (adoção de uma carta para doar brinquedos) impera especialmente se vincularmos isso ao período de circulação da campanha. A situação concreta da realidade familiar parece ficar a largo. E por mais que o governo esteja “a passos lentos” criando estratégias para driblar a miséria do país, isso é algo em que não visualizamos uma solução próxima.

Desse modo, a realidade social vivenciada por esses missivistas retratam a memória coletiva desses grupos sociais que participam da *Campanha Papai Noel dos Correios* e dos grupos em que vivem essas pessoas. São experiências e lembranças que estão ancoradas nos problemas socioeconômicos de uma sociedade contemporânea.

4.1.2 O sentido da vida: memórias de sobrevivência

Os discursos narram experiências passadas e que ainda fazem parte do seu presente na expectativa de que o seu pedido traga uma mudança no futuro, ainda que momentânea. A figura 56 mostra a epístola de Flavil, de 24 anos, que reside no bairro do Cristo Redentor. Ele fala da situação difícil em que vive e faz um pedido na esperança de mudar o seu destino, ou pelo menos minimizar a situação de desesperança que vivencia.

Figura 56 – Epístola 82 – Cristo Redentor.



Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

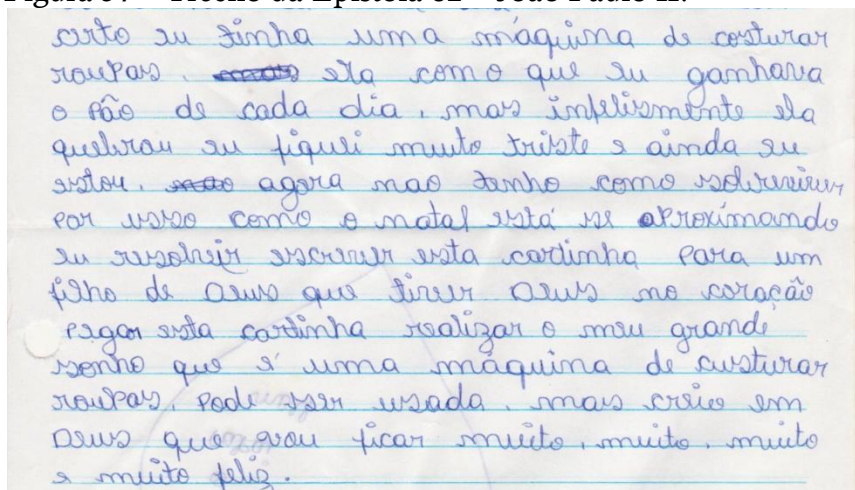
Transcrição:

“De Flavil para o papai Noel

Meu nome e flavil eu tenho 24 anos estou desempregado e preciso de uma bicicleta para eu poder fazer meus bicos na seasa pode ser velha não importa o importante e que eu cosiga para mim e uma sista básica se for possível muito obrigada pela atenção porfavor eu queria ter um devede pra mim assistir”.

Além de Flavil do Cristo, a missivista do João Paulo II, chamada Maria, de 60 anos, também faz um pedido na expectativa de uma melhora para sua vida.

Figura 57 – Trecho da Epístola 82 – João Paulo II.



Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Transcrição:

“[...] eu tinha uma máquina de costurar roupas, era com o que eu ganhava o pão de cada dia, mas infelizmente ela quebrou eu fiquei muito triste e ainda eu estou. Agora não tenho como sobreviver por isso como o natal está se aproximando eu resolvi escrever esta cartinha para um filho de Deus que tiver Deus no coração pegar esta cartinha realizar o meu grande sonho que é uma máquina de costurar roupas, pode ser usada, mas creio em Deus que vou ficar muito, muito, muito e muito feliz”.

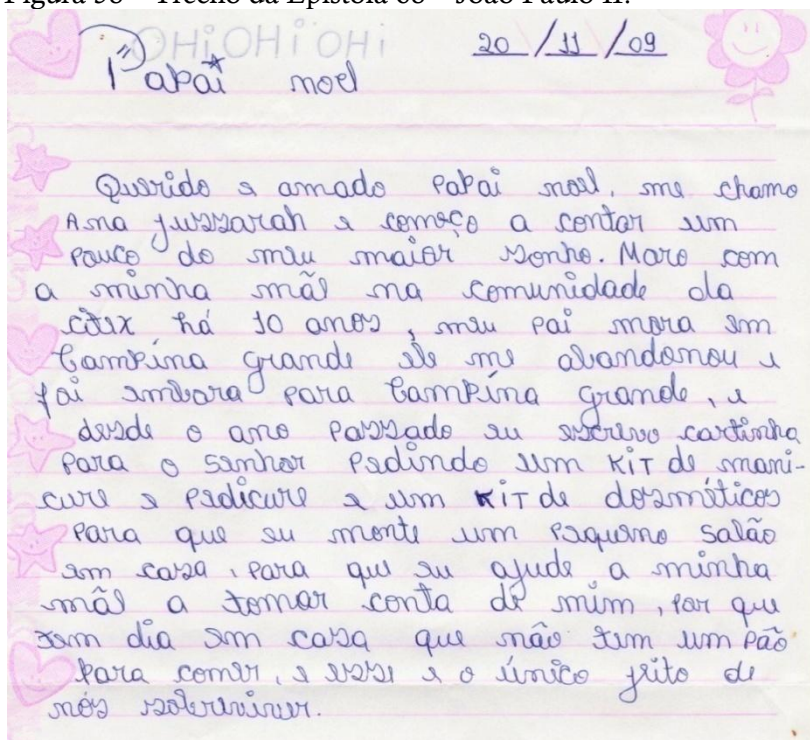
Maria ganhava a vida costurando roupas, no entanto, sua máquina quebrou, ela relembra que era dessa forma que ganhava o “pão de cada dia” e, por esse motivo, ela pede uma máquina de costura, para poder sobreviver. Percebe-se que o padrão de vida desses dois missivistas, tanto de Flavil quanto de Maria, parece ter sido um passado marcado por circunstâncias nada favoráveis e continua difícil, uma vida marcada por lutas e enfrentamentos. Por outro lado, apesar da idade dos dois missivistas, ambos depositam certa confiança no Papai Noel como uma possibilidade de mudar a realidade, ainda que momentânea, por meio da aquisição de objetos, como “bicicleta e máquina de costura”, para trabalhar.

Flavil e Maria já são adultos e estão em busca de meios para trabalhar e poder continuar a vida de uma forma mais digna e esquecer as dificuldades lembradas do seu passado/presente. No caso de Flavil, para além do desejo de ganhar o objeto para viabilizar o sustento, ele ainda pede um “*devede*” [DVD] para assistir. Provavelmente,

surge o desejo de aquisição de um bem material que o torna “socialmente igual”, além do lado da diversão, necessária a todo ser humano.

No entanto, algumas epístolas analisadas na campanha trouxeram relatos de crianças que, apesar da pouca idade, já se preocupavam com os problemas de gente grande.

Figura 58 – Trecho da Epístola 68 – João Paulo II.



Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Transcrição:

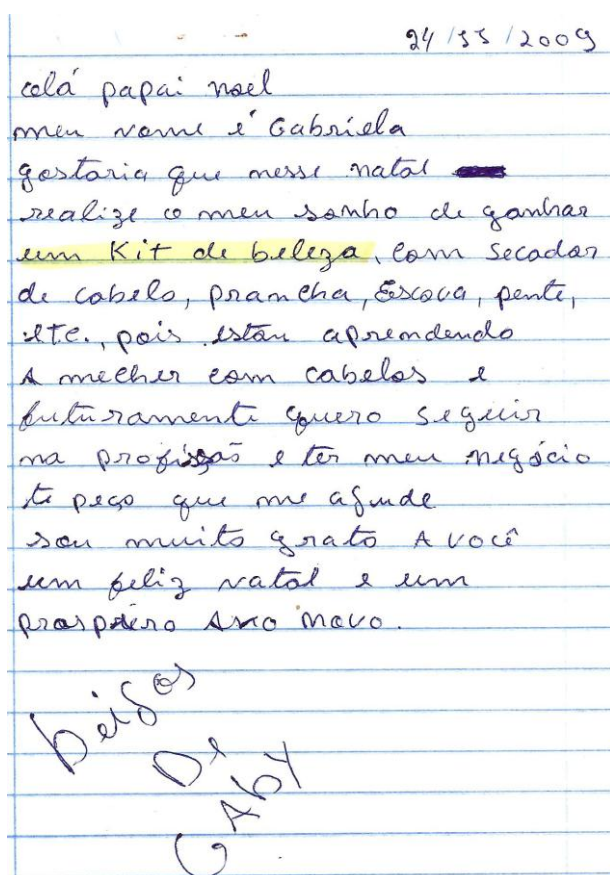
“Papai Noel

“Querido e amado Papai Noel, me chamo Ana Jussarah e começo a contar um pouco do meu maior sonho. Moro com a minha mãe na comunidade da citex há 10 anos, meu pai mora em Campina Grande ele me abandonou e foi embora para Campina Grande, e desde o ano passado eu escrevo cartinha para o senhor pedindo um **kit de manicure e pedicure e um kit de dosméticos** para que eu monte um pequeno salão em casa, para que eu ajude a minha mãe a tomar conta de mim, por que tem dia em casa que não tem um pão para comer, e esse é o único jeito de nós sobreviver”. (Grifo nosso).

Jussara relata sua história, que não muito diferente de outros, relembra do abandono do pai. Ela fala da dificuldade vivenciada no dia a dia com sua mãe. E como se fosse uma adulta, faz um pedido de material para poder trabalhar e ajudar a mãe.

Caso semelhante é o de Gabriela, que também revela o desejo de ser cabeleireira, conforme mostra a Figura 59. Por outro lado, as condições financeiras podem ser um impeditivo para realização do sonho, em que o Papai Noel pode ser a oportunidade que se apresenta.

Figura 59 – Epístola 85 – Cristo Redentor.



24/11/2009

olá papai noel
 meu nome é Gabriela
 gostaria que nesse natal ~~realize~~
 realize o meu sonho de ganhar
 um Kit de beleza, com secador
 de cabelo, prancha, escova, pente,
 etc., pois estou aprendendo
 a mecher com cabelos e
 futuramente quero seguir
 na profissão e ter meu negócio
 te peço que me ajude
 sou muito grato a você
 um feliz natal e um
 próspero ano novo.

Beijos
 D' Gaby

Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Transcrição:

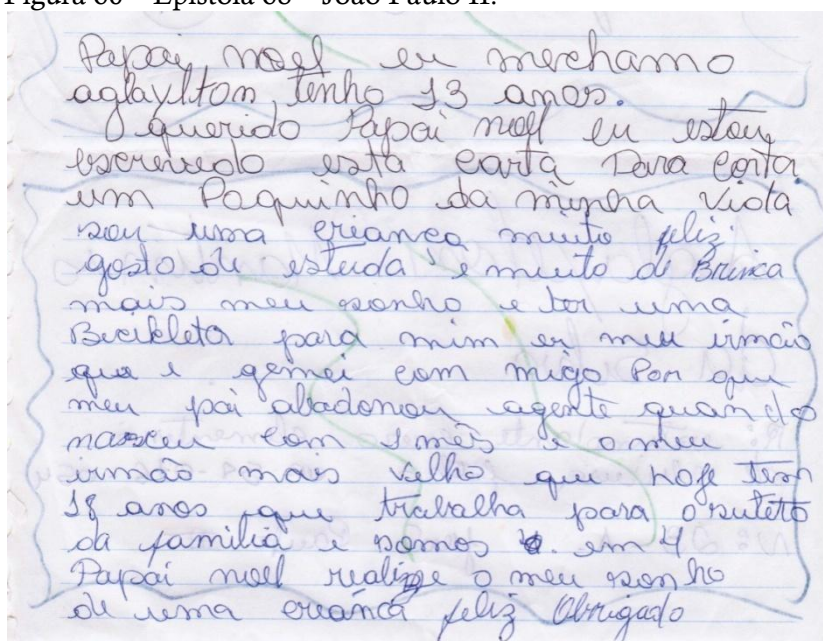
“Olá papai Noel

Meu nome é Gabriela gostaria que nesse natal realize o meu sonho de ganhar um kit de beleza, com secador de cabelo, prancha, escova, pente, etc. pois estou aprendendo a mecher com cabelos e futuramente quero seguir na profissão e ter meu negócio te peço que me ajude sou muito grato a você um feliz natal e um prospero ano novo.

Beijos de Gaby”

É interessante perceber que essas crianças estão muitas vezes em apuros, à margem da sociedade contemporânea, “e é o pensamento da família ausente que fornece o contexto e a criança não precisa reconstituir o ambiente de sua lembrança, porque a lembrança se apresenta neste mesmo ambiente”(HALBWACHS, 2006, p 46). O sentimento de abandono percebido nos discursos das epístolas é frequente: abandono familiar, abandono da sociedade, ausência de políticas públicas justas, sem imediatismos. Diante desse quadro, a criança é arrastada por pensamentos e sentimentos que a afastam das atividades inerentes a sua idade e toma para si responsabilidades que não lhe cabem, como prover o sustento da casa; no caso de Jussara, o que lhe marca é a falta de comida, portanto, o trabalho pode ser um meio de resolver o problema que a afeta. O mesmo acontece na figura 60, também do bairro João Paulo II:

Figura 60 – Epístola 68 – João Paulo II.



Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Transcrição:

“Papai Noel eu me chamo aglayton tenho 13 anos.

Querido Papai Noel eu estou escrevendo esta carta para o pai um poquinho da minha vida sou uma criança muito feliz gosto de estudar e muito de brincar mais meu sonho é ter uma bicicleta para mim e meu irmão que é gêmeo com mim por que meu pai abandonou a gente quando nasceu com 1 mês e o meu irmão mais velho que hoje tem 18 anos que trabalha para o sustento da família e somos 4. Papai Noel realize o meu sonho de uma criança feliz obrigado.”

Aglaylton, de 13 anos, conta um pouco da sua vida e afirma que ele e os irmãos também foram abandonados pelo pai, logo quando nasceram. E por conta disso, o irmão mais velho se responsabilizou pelo sustento da casa; hoje, o irmão dele tem 18 anos, um adolescente que deveria estar na escola.

Nesse caso, a identidade das crianças é pautada no conceito de “*criança-adulto*”, aquela que, segundo Carvalho (2008), é:

[...] forçada a assumir os adornos físicos, psicológicos e sociais do estado adulto antes de estar preparada. David Elkind [1981] usa a definição criança apressada, apressada tanto pelos pais que preferem acelerar o crescimento e amadurecimento dos seus filhos diante da cada vez mais difícil tarefa de educar, quanto pelo enfraquecimento da autoridade de adultos que perderam o controle sobre o ambiente informacional dos jovens (CARVALHO, 2008, p.2).

Para Halbwachs (2006, p 47), “de lugar de criança, passa ao de pai, entra no grupo dos adultos, mas nem por isso deixa de ser criança”, pois apesar das dificuldades, ela continua bem ali, com aquele ar singelo que ninguém consegue apagar. Um jargão muito utilizado pela sociedade e repetido por Halbwachs (2006) revela que é por isso que, às vezes, diz-se que determinadas pessoas não tiveram infância, porque a necessidade de ganhar o pão se impôs muito cedo, fez com que entrassem nas regiões da sociedade em que os homens lutam pela vida. É interessante perceber que essas são as lembranças de uma infância de pessoas que nem passaram para a vida adulta. É seu passado que continua no presente.

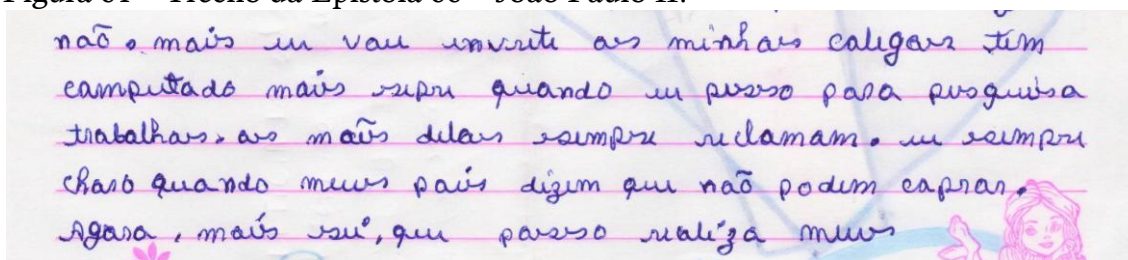
4.1.3 O sentido da vida: memórias do outro

Nas narrativas epistolares percebe-se que, muitas vezes, os missivistas trazem uma lembrança que, segundo Halbwachs (2006, p. 45), “apresenta-se como uma imagem que não estava localizada”, pois são desejos que não foram vivenciados por eles, e sim por outrem, quer familiar ou não, mas sempre do mesmo grupo social e que eles almejam para sua vida. Ainda de acordo como autor, quando se trata da infância, “a família é o grupo do qual a criança participa mais intimamente nessa época de sua vida e está sempre à sua volta”, acontece que é perceptível a desestrutura familiar nas narrativas epistolares. A maioria das lembranças traz um tom amargo da vida e o desejo de viver

uma vida melhor, ou mesmo de adquirir algo que outro sujeito possui. Não se trata aqui de ressentimentos², mas do desejo de tornar-se um igual, ser aceito socialmente.

As figuras 61 e 62 demonstram as lembranças das crianças e os seus desejos que se apresentam como uma imagem que não estava localizada:

Figura 61 – Trecho da Epístola 66 – João Paulo II.



Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Transcrição:

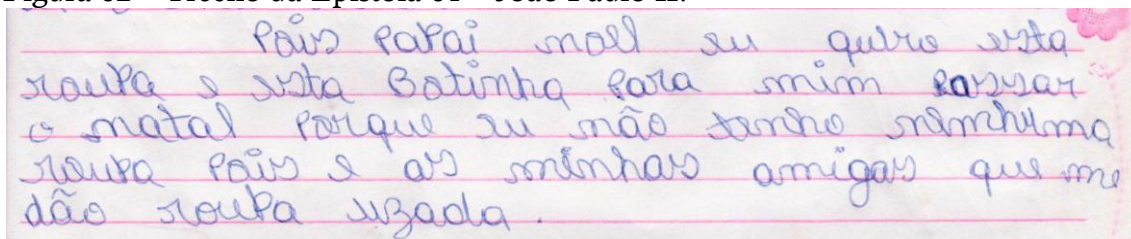
*“...as minhas colegas tem **computado** mais sepre quando eu pesso para pesquisa trabalhos. as mães delas sempre reclamam, eu sempre choro quando meus pais dizem que não podem coprar. Agora, mais sei, que passo realizar meus...” (Grifo nosso).*

A missivista da figura 61 demonstra a necessidade de ganhar um computador, pois observa que as amigas têm e ela não, isso parece suscitar-lhe um sentimento de diferença e exclusão. E afirma que passa por situações constrangedoras, “as mães delas sempre reclamam, eu sempre choro”. Percebe-se que ela não especifica o dia, nem hora, ela simplesmente afirma que todas as vezes que ela pede para pesquisar, as mães reclamam.

A figura 62, escrita por Ana Francielly do bairro João Paulo II, traduz em poucas palavras a vontade da garota de ganhar roupas novas, pois as roupas que ela usa são sempre as usadas e descartadas pelas amigas. Apesar de ela ter a roupa usada, ela afirma “*não tenho nenhuma roupa*”, pois sua vontade é obter roupas novas, assim como as amigas.

²De acordo com Ansart-Dourlen (2004, p. 347), o ressentimento designa um afeto associado a formas de agressividade, ciúme, inveja, raiva, provocando desejos de vingança, que são recalçados, suscitando sintomas recorrentes, repetitivos de natureza frequentemente obsessivas.

Figura 62 – Trecho da Epístola 61 – João Paulo II.



Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Transcrição:

“Pois Papai Noel eu quero esta roupa e esta botinha para mim passar o natal porque eu não tenho nenhuma roupa pois e as minhas amigas que me dão roupa usada.”

Uma vez comparados os dois pensamentos, os dois desejos, os dois relatos, parecem reforçar um ao outro por contraste entre si e acreditamos formarem um todo que existe por si, “independentemente dos conjuntos de onde são tirados, não percebemos que na realidade estamos levando em conta todos os grupos ao mesmo tempo – mas cada um do ponto de vista do outro” (HALBWACHS, 2006, p. 49).

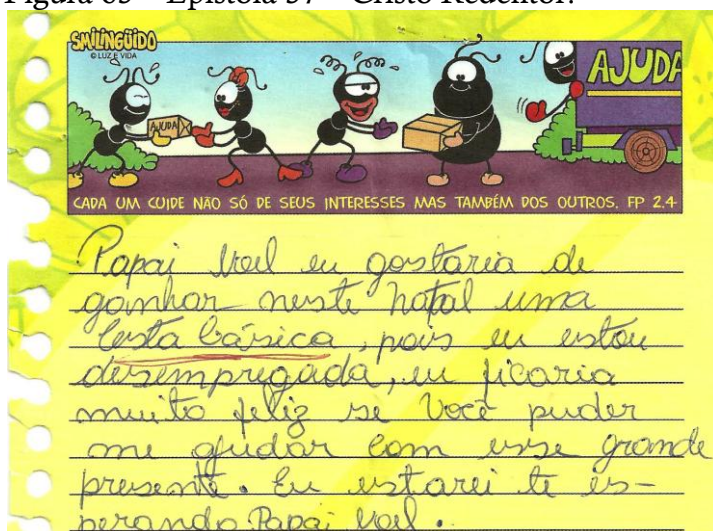
Essas missivistas recordam e registram situações vivenciadas por elas em seu cotidiano, neste caso, elas estão inseridas no mesmo grupo, pois residem no bairro João Paulo II. Desse modo, mesmo estando inseridas no mesmo grupo, suas recordações são contadas do seu ponto de vista, “porque a nossos olhos ela se resume em uma sequência de impressões que somente nós conhecemos” (HALBWACHS, 2006, p. 50).

4.1.4 O sentido da vida: memórias da fome

É necessário assinalar que a divisão aqui empreendida representa, pedagogicamente, a forma de melhor compreender os missivistas e suas múltiplas memórias, reveladas por meio dos fragmentos extraídos das epístolas.

Para entendermos melhor essa sequência de fragmentos, que visualizada como um todo reconstrói a memória coletiva desse grupo, podemos trazer como exemplo, os diversos pedidos de cesta básica feitos pelos missivistas. Tomemos como exemplo o bairro do Cristo Redentor; as diversas memórias preservadas nas epístolas são parecidas porque os missivistas estão inseridos no mesmo contexto social, no entanto, cada missivista, traduz sua lembrança de acordo com a sua concepção e justificando da forma que lhes convém. Vejamos a epístola 37:

Figura 63 – Epístola 37 – Cristo Redentor.



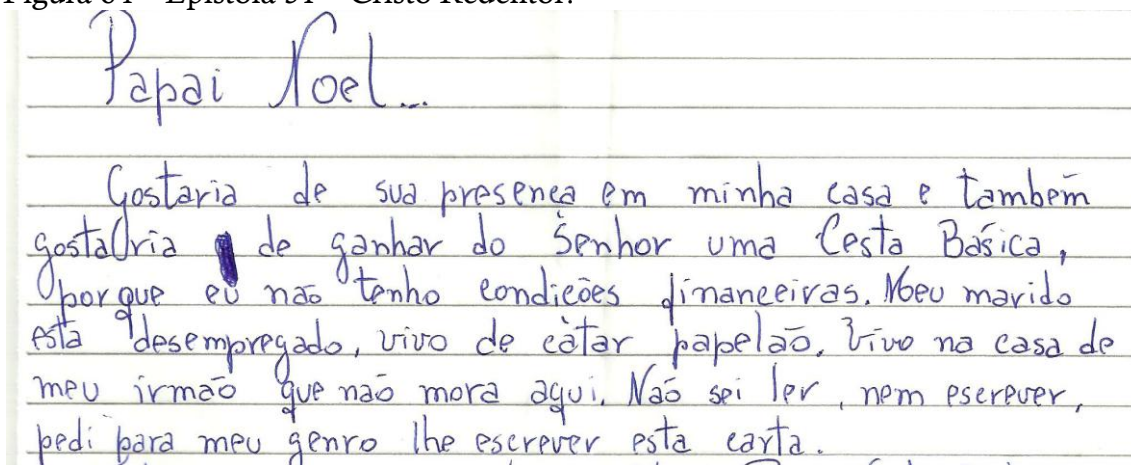
Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Transcrição:

*“Papai Noel eu gostaria de ganhar neste natal uma **cesta básica**, pois eu estou desempregada, eu ficaria muito feliz se você puder me ajudar com esse grande presente. Eu estarei te esperando Papai Noe”*(Grifo nosso).

A missivista Cláudia Lúcia escreveu a epístola 37, ela faz o seu pedido, relembra que está desempregada e utiliza-se desse fator como justificativa para garantir o recebimento ou mesmo sensibilizar o Papai Noel para atingir seu objetivo. A epístola 51, escrita por Ednalva, apesar de trazer pedido semelhante, argumenta com detalhes sobre a situação financeira da família, narrando suas memórias a fim de ser atendida; ao final, ela admite não saber ler nem escrever, e que transmitiu suas lembranças para o seu genro registrar e reiterar seu pedido.

Figura 64 – Epístola 51 – Cristo Redentor.



Papai Noel...

Gostaria de sua presença em minha casa e também gostaria de ganhar do Senhor uma Cesta Básica, porque eu não tenho condições financeiras. Meu marido está desempregado, vivo de catar papelão. Vivo na casa de meu irmão que não mora aqui. Não sei ler, nem escrever, pedi para meu genro lhe escrever esta carta.

Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

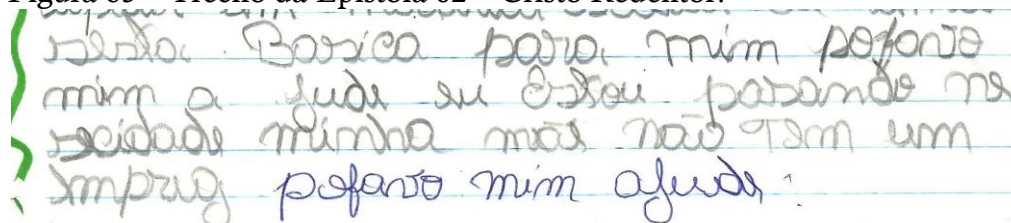
Transcrição:

“Papai Noel...

Gostaria de sua presença em minha casa e também gostaria de ganhar do senhor uma **cesta básica**, porque eu não tenho condições financeiras. Meu marido está desempregado, vivo de catar papelão. Vivo na casa de meu irmão que não mora aqui. Não sei ler, nem escrever, pedi para o meu genro lhe escrever esta carta”(Grifo nosso).

Casos semelhantes se repetem no bairro do Cristo Redentor, a exemplo dos fragmentos extraídos das figuras 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78 79, entre outros, e no bairro João Paulo II. Como se pode verificar, os missivistas se utilizam de justificativas para convencer o Papai Noel a atender ao pedido e conceder-lhe a cesta básica, alguns até reiteram que apesar de terem tentado em ano anterior, não foram bem sucedidos. Vejamos os trechos das epístolas do bairro do Cristo Redentor:

Figura 65 – Trecho da Epístola 02 – Cristo Redentor.



Cesta Básica para mim porque
mim a ajuda eu estou passando na
cidade minha mas não tem um
impraz porque mim ajuda.

Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Figura 66 – Trecho da Epístola 03 – Cristo Redentor.

pedir a pirincha para que o meu modol se-
ja de muita felicidade e muita fartura pois

Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Figura 67 – Trecho da Epístola 13 – Cristo Redentor.

uma sexta basica porque
os meus pais estão desemprega-
do e sou uma menina

Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Figura 68 – Trecho da Epístola 14 – Cristo Redentor

muito modol oya de muita fartura e pirincha

Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Figura 69 – Trecho da Epístola 22 – Cristo Redentor.

rapai null neste natal gostaria de
ganhar uma sexta basica e sipuete

Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Figura 70 – Trecho da Epístola 28 – Cristo Redentor.

gostaria de ter pedu uma
conta basica uso uso...

Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Figura 71 – Trecho da Epístola 29 – Cristo Redentor.

gostaria de uma sexta basica e sipuete

Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Figura 72 – Trecho da Epístola 44 – Cristo Redentor

uma sexta basica

Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Figura 73 – Trecho da Epístola 45 – Cristo Redentor.



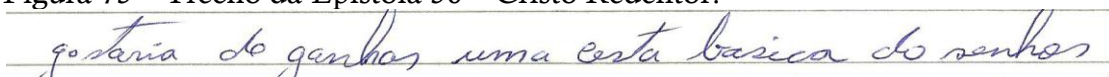
Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Figura 74 – Trecho da Epístola 49 – Cristo Redentor.



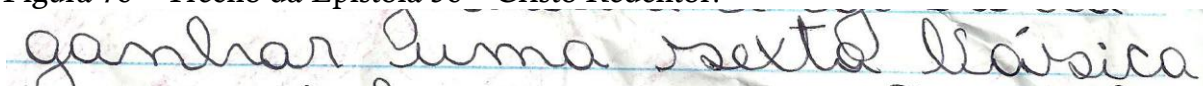
Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Figura 75 – Trecho da Epístola 50 – Cristo Redentor.



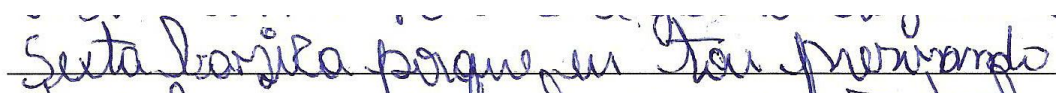
Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Figura 76 – Trecho da Epístola 56 – Cristo Redentor.



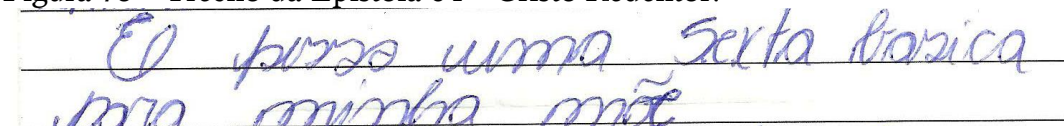
Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Figura 77 – Trecho da Epístola 60 – Cristo Redentor



Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Figura 78 – Trecho da Epístola 64 – Cristo Redentor.



Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Figura 79 – Epístola 72 – Cristo Redentor.



Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

No bairro João Paulo II, as necessidades apontadas também remetem à cesta básica, como pode ser visto nas figuras: 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86 e 87.

Figura 80 – Trecho da Epístola 11 – João Paulo II.

Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Figura 81 – Trecho da Epístola 15 – João Paulo II.

Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Figura 82 – Trecho da Epístola 26 – João Paulo II.

Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Figura 83 – Trecho da Epístola 70 – João Paulo II.

Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Figura 84 – Trecho da Epístola 71 – João Paulo II.

Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Figura 85 – Trecho da Epístola 83 – João Paulo II.

Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Figura 86 – Trecho da Epístola 86 – João Paulo II.

Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Figura 87 – Trecho da Epístola 88 – João Paulo II.

Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Os pedidos se repetem sem cessar, como em um só coro de apelo. Cada missivista necessita de comida para sobreviver e ver na campanha uma esperança de, pelo menos no período natalino, ter uma noite de barriga cheia.

Segundo Halbwachs (2006, p. 56), “é bem verdade que em cada consciência individual as imagens e os pensamentos que resultam dos diversos ambientes que atravessamos se sucedem segundo uma ordem nova e que, neste sentido, cada um de nós tem uma história.” Assim, percebemos que as histórias contadas têm relações intrínsecas, mas são contadas a partir do momento vivido e do ambiente em que estão inseridas.

Na epístola de Gabriel de 7 anos, também do João Paulo II, podemos perceber toda uma relação familiar e ele traz as lembranças do constrangimento que passou no natal anterior por conta da fome:

Figura 88 – Epístola 104 – Cristo Redentor.

Querido papai,

meu nome é Gabriel Santos Nascimento tenho 7 anos
 meu pai é Gabriel uma restabelecer
 eu sei que é importante eu uma criança
 pedir uma cesta básica mais eu preciso
 muito porque eu não tenho o que comer
 aquela festa de natal eu queria receber
 um presente para eu ficar feliz porque
 eu todo ano de natal eu passava
 fome eu tive a raiva da minha
 tia ver se eu comia um pedacinho para
 eu passar o natal feliz mais quando
 eu chego lá ela fica me olhando
 mal com meu pai, que Deus abençoe
 sua família para que não deixe
 passar nada em sua casa. Obrigada

Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Transcrição:

“Querido papai Noel

*Meu nome é Gabriel Santos Nascimento tenho 7 anos meu sonho é ganha uma **sesta básica** eu sei que é istranho eu uma criança pedir uma sesta básica mais eu preciso muito porque eu **não tenho o que comer agora pelo o natal eu queria receber e se presente para eu ci alegre porque eu todo ano de natal eu passo com fome eu vou la na casa da minha tia ver se eu comu um poquinho para eu passa o natal feliz mais quando eu chego La ela fica min omilhando.** (Grifo nosso). Realize o meu sonho. Que Deus abensoi sua família para que não deixe faltar nada em sua casa. Obrigado.”*

Uma criança se depara inesperadamente com circunstâncias em uma situação que não é própria de sua idade (que é se preocupar com comida) e seu pensamento se abre a preocupações e sentimentos de adultos. Ou seja, ao invés de pedir um brinquedo, pede uma cesta básica para saciar sua fome.

Nesse caso, Gabriel se vê em duas situações. A primeira, “a estranheza da situação em que ele se encontra, o que basta para absorver o pensamento individual” (HALBWACHS, 2006, p.66), perceptível na frase “*eu sei que é istranho eu uma criança pedir uma sesta básica*”. Segundo Halbwachs (2006), esse acontecimento se interpõe, como uma tela, entre este e os pensamentos sociais, cuja conjugação o criou. Desse modo, o autor afirma que ele não pode ser compreendido por nenhum dos membros desse ambiente, somente por ele (por Gabriel). Assim, o encontro desses meios serviu de ocasião, permitiu a produção de um acontecimento há muito tempo compreendido em seu destino individual, o aparecimento de um sentimento que já estava potencialmente na sua alma. E a segunda situação, quando Gabriel comenta: “[...] *todo ano de natal eu passo com fome eu vou La na casa da minha tia ver se eu comu um pouquinho para eu passar o natal feliz mais quando eu chego la ela fica min omilhando*”. Como os outros o ignoram, como é o caso da sua tia, que não teve nenhuma participação ou percepção da sua situação, essa lembrança parece puramente pessoal e só Gabriel conhece, só ele é capaz de reencontrá-la, ou seja, só ele é capaz de relembrar. E nesse caso, essa lembrança se distingue das outras citadas aqui, pela maior complexidade das condições necessárias para que sejam recordadas.

No entanto, apesar de toda essa descrição parecer apenas à memória individual de Gabriel, Halbwachs (2006, p. 67) afirma “que essas lembranças existem para ‘todo

mundo' nesta medida, e é porque podemos nos apoiar na memória dos outros que somos capazes de recordá-la a qualquer momento e quando o desejamos." E é através das lembranças que Gabriel tem da festa de natal em família, na casa da sua tia, que ele a partir dessas memórias familiares consegue recordar suas frustrações vividas naquele momento. Pois as lembranças mais difíceis de recordar são as que dizem respeito apenas a nós.

Consequentemente, suas lembranças estão sempre ao seu alcance:

Porque se conservam em grupos nos quais temos liberdade de entrar quando quisermos, nos pensamentos coletivos com os quais estamos sempre em estreito relacionamento, ainda que todos os seus elementos e as passagens mais diretas de uns aos outros nos sejam familiares (HALBWACHS, 2006, p. 67).

Assim, podemos inferir que todas as epístolas aqui analisadas trazem memórias individuais, todavia, estas estão, por sua vez, imbricadas das memórias coletivas, vivenciadas em seus grupos sociais e preservadas por meio das epístolas enviadas para a *Campanha Papai Noel dos Correios*, ou seja, cada narrativa epistolar traz um ponto de vista pessoal e social. E esse ponto de vista pode mudar segundo o lugar que ocupa cada missivista "e que este mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes" (HALBWACHS, 2006, p. 69).

Segundo Le Goff (1992, p. 423), a memória compreende a capacidade que o ser humano tem de conservar ou guardar certas informações passadas e recuperá-las no momento presente. A recuperação dos fatos vivenciados, por sua vez, pode ocorrer de forma voluntária ou involuntária. Assim, Halbwachs (1990) e o historiador Le Goff (1992) afirmam que a memória trabalha tanto com o vivido como com o imaginado; o que representa uma forma de relacionar passado, presente e futuro, buscando no passado os elementos constitutivos de projetos políticos do presente, servindo assim para a construção de especificidades culturais e reivindicações sociais. A memória não somente se liga à imaginação como fantasia, mas como representação de coisas reais que, de fato, estão presentes no nosso cotidiano. A memória também pode ser encarada como a defesa do esquecimento, sendo desenvolvida a ponto de assegurar os dados na memória com os exercícios de memória – assegurar que acontecimentos ruins do passado não ocorram novamente, como por exemplo, algumas tragédias que acontecem no mundo todo. Uma forma de assegurar essas memórias é através de arquivos das cidades, arquivos pessoais e, inclusive, as epístolas tanto públicas quanto pessoais, que geralmente transmitem o

ponto de visto de uma pessoa que viveu determinado momento em determinado grupo. O lembrar-se é uma experiência de (re)significação, (re)conhecimento, (re)criação das coisas e de si.

Os discursos escritos nas epístolas perpassam a realidade de muitas pessoas, trazendo à tona informações, muitas vezes ricas em detalhes, de sofrimento, pobreza e descaso. Halbwachs (2006, p. 61) afirma:

[...] As leis naturais não estão nas coisas, mas no pensamento coletivo, enquanto este os examina e à sua maneira explica suas relações (A partir daí compreenderemos melhor que a representação das coisas evocadas pela memória individual não é mais do que uma forma de tomarmos consciência da representação coletiva relacionada às mesmas coisas) [...].

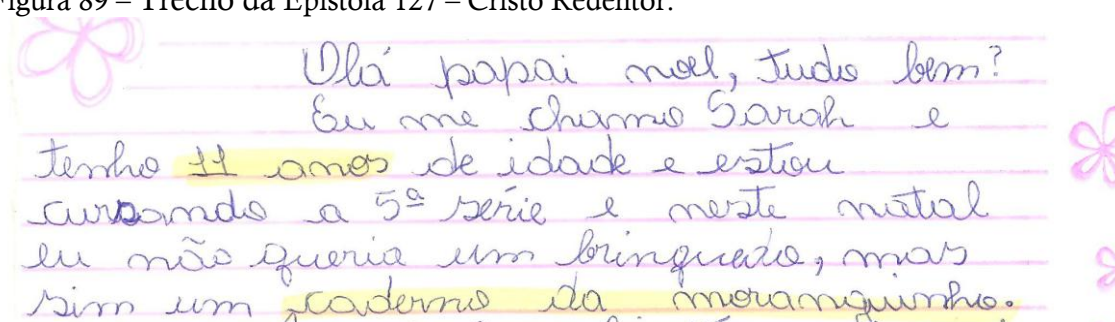
É bem verdade que os fatos ocorridos com cada missivista têm suas particularidades, no entanto, são as leis impostas pela sociedade que fazem com que o indivíduo faça uma leitura dos objetos seguindo as normas que lhe são impostas e ensinadas. Dessa forma, “qualquer recordação de uma série de lembranças que se refere ao mundo exterior é explicada pelas leis da percepção coletiva” (HALBWACHS, 2006, p. 62).

4.1.5 O sentido da vida: memórias de si, reflexo do outro

A lei da percepção coletiva pode explicar, nesse caso, a grande quantidade de pedidos referentes ao material escolar de algum personagem do momento e de aparelhos tecnológicos como celulares, máquinas fotográficas, computadores, levando em consideração que esses pedidos foram feitos por crianças e adolescentes que muitas vezes sequer tinham o que comer, a exemplo das Figuras 89, 90, 91, 92 e 93.

A epístola 89 é escrita pela missivista Sarah de 11 anos, moradora do bairro Cristo Redentor:

Figura 89 – Trecho da Epístola 127 – Cristo Redentor.



Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Transcrição:

“Olá papai Noel, tudo bem?

Eu me chamo Sarah e tenho 11 anos de idade e estou cursando a 5ª série e neste natal eu não queria um brinquedo, mas sim um **caderno da moranguinho**.” (Grifo nosso).

Sarah faz o seu pedido, e alerta que este ano ela prefere ganhar um “*caderno do moranguinho*” ao invés de brinquedo. Da mesma forma, faz Kaio de 5 anos, morador do mesmo bairro, cuja narrativa epistolar é marcada por uma escrita que revela não ter sido o próprio missivista que escreveu; provavelmente houve a interferência de um adulto na elaboração do pedido, que pode ser o desejo do missivista:

Figura 90 – Epístola 123 – Cristo Redentor.



Transcrição:

“De: KaioKeverson

Para: Noel

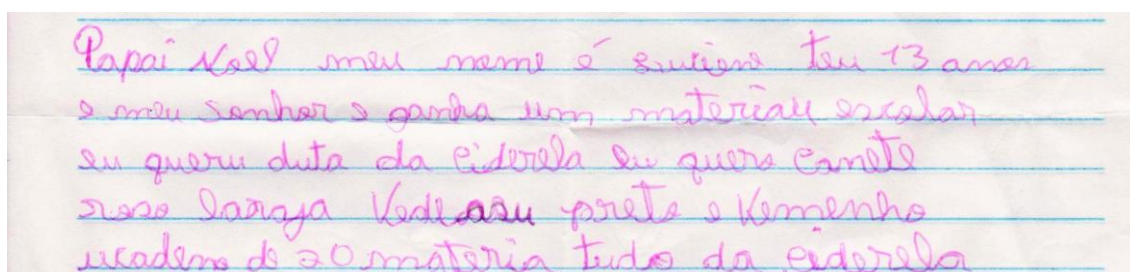
Papai Noel meu nome é Kaio tenho 5 anos e quero ganhar meus materiais Escolares (1 kit escolar do Bem 10).”

Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Kaio além de fazer o pedido, faz o desenho com o nome do seu personagem preferido, usando as cores do Ben 10. Os dois missivistas são do bairro Cristo Redentor. Percebemos que a representação desses objetos desejados, como os comportamentos sociais e o perfil pessoal desses missivistas, compõe hoje o que Debord (2003) fala sobre a “sociedade do espetáculo” ou sociedade das aparências (como já foi explicado em capítulos anteriores deste trabalho). Que na verdade as pessoas acabam seguindo as tendências do momento e vendo isso como algo necessário para sua vida.

Vamos trazer agora dois exemplos do bairro João Paulo II, a começar pela missivista Luciene de 13 anos:

Figura 91 – Epístola 58 – João Paulo II.



Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

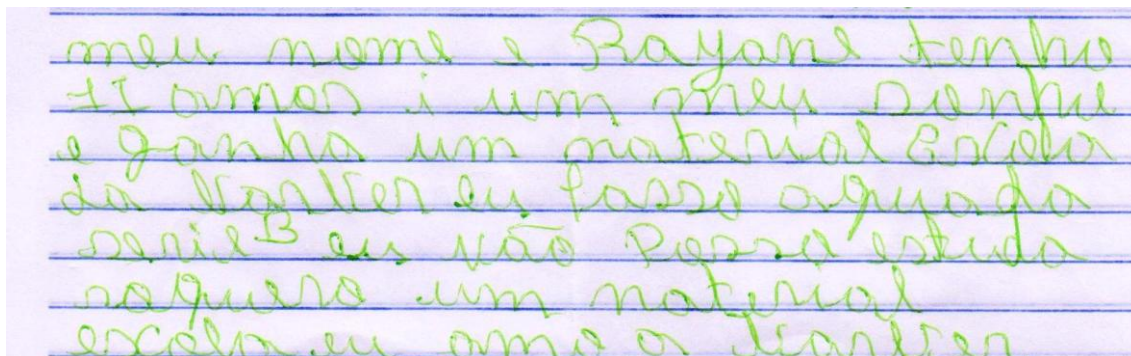
Transcrição:

“Papai Noel meu nome é Luciene tem 13 anos e meu sonho e ganha um material escolar eu quero duto da Ciderela eu quero canete roso laraja vede asu preto e vemenho...”

O sonho de Luciene é ganhar um material escolar da Cinderela; sua escrita bastante carente de uma boa ortografia dificulta, inclusive, a leitura.

E o outro exemplo é a epístola de Rayane, ela sonha com o seu material escolar da Barbie, pois ela ama essa personagem.

Figura 92 – Epístola 08 – João Paulo II.



Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Transcrição:

*“Meu nome e Rayane tenho 11 anos i um meu sonho e ganha um **material escola da barber** eu fasso a quada serie B eu não posso estuda so quero um material escola eu amo a barber.”* (Grifo nosso)

Debord (2003, p. 9) afirma que “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação entre pessoas mediatizada por imagens”. Desse modo, a sociedade se comporta com base em estereótipos, ídolos e objetos de consumo. É assim também com os missivistas da Campanha, afinal, apesar das dificuldades vivenciadas, eles estão inseridos nessa mesma sociedade de consumo.

É interessante perceber que essa atração pelo mundo material, à lembrança desses personagens na mente desses missivistas, pode ser explicada pelas leis naturais de que Halbwachs (2006) fala:

As leis naturais realmente se impõem a todas as sociedades pelo menos de direito e, de fato, a todas aquelas de que fazemos ou estamos expostos a fazer parte. É por isso que facilmente nos persuadimos de que essas leis se impõem a nós, não porque são admitidas em nosso grupo, mas porque estamos em contato com as coisas materiais (HALBWACHS, 2006, p. 62).

Esse contexto pode ser observado também através dos pedidos de objetos tecnológicos feitos pelos missivistas, como celulares, câmera fotográfica, computadores, etc. Um exemplo disso pode ser verificado na epístola escrita por Ferreira de 14 anos, morador do Cristo Redentor:

Figura 93 – Trecho da Epístola 146 – Cristo Redentor.

Papai Noel eu escrevi para pedir um **celular** porque meus pais não tem condições de comprar eu estou completando **14 anos** e o meu nome é Ferreira eu moro na favela novo horizonte no Cristo por favor leia esta carta.
Obrigado!

Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

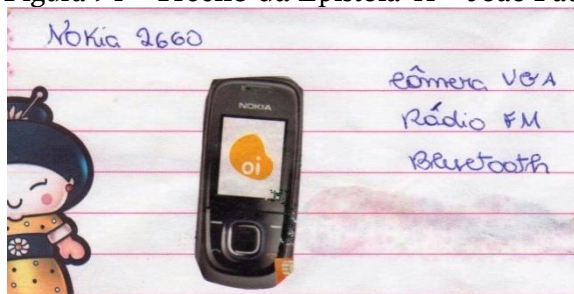
Transcrição:

“Papai Noel eu escrevi para pedir um **celular** porque meus pais não tem condições de comprar eu estou completando 14 anos e o meu nome é Ferreira eu moro na favela novo horizonte no Cristo por favor leia esta carta. Obrigado!”(Grifo nosso)

Ferreira, apesar de possivelmente necessitar de outras coisas para melhorar a sua vida, o seu pedido contradiz todas essas necessidades, pois a vontade de obter, de possuir um objeto da moda, de estar condizente com as normas de determinados grupos, é maior do que qualquer outra coisa, pois, obter objetos de desejo da sociedade, representa status e poder para os que possuem.

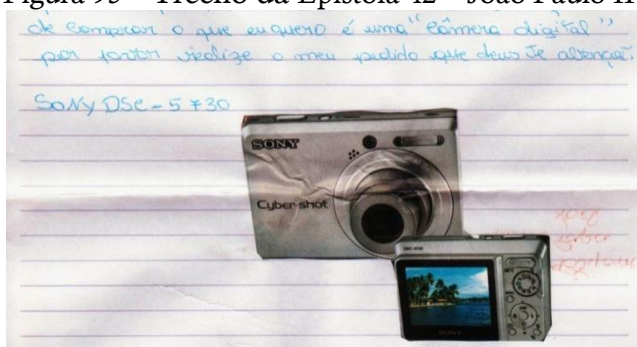
Vejamos os fragmentos das cartas de 94, 95, 96, 97 e 98, em que os missivistas fazem pedidos de objetos como celulares, máquina fotográfica, computador, etc.

Figura 94 – Trecho da Epístola 41 – João Paulo II.



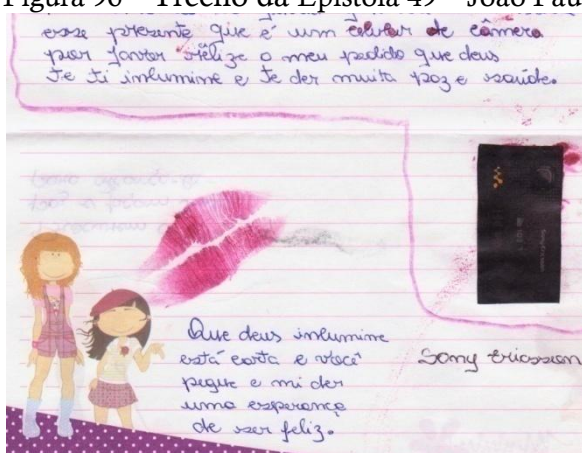
Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Figura 95 – Trecho da Epístola 42 – João Paulo II.



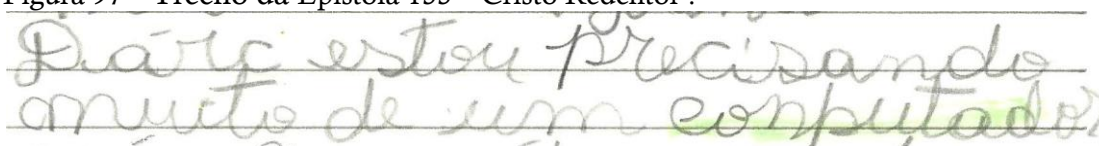
Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Figura 96 – Trecho da Epístola 49 – João Paulo II.



Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Figura 97 – Trecho da Epístola 133 – Cristo Redentor .



Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

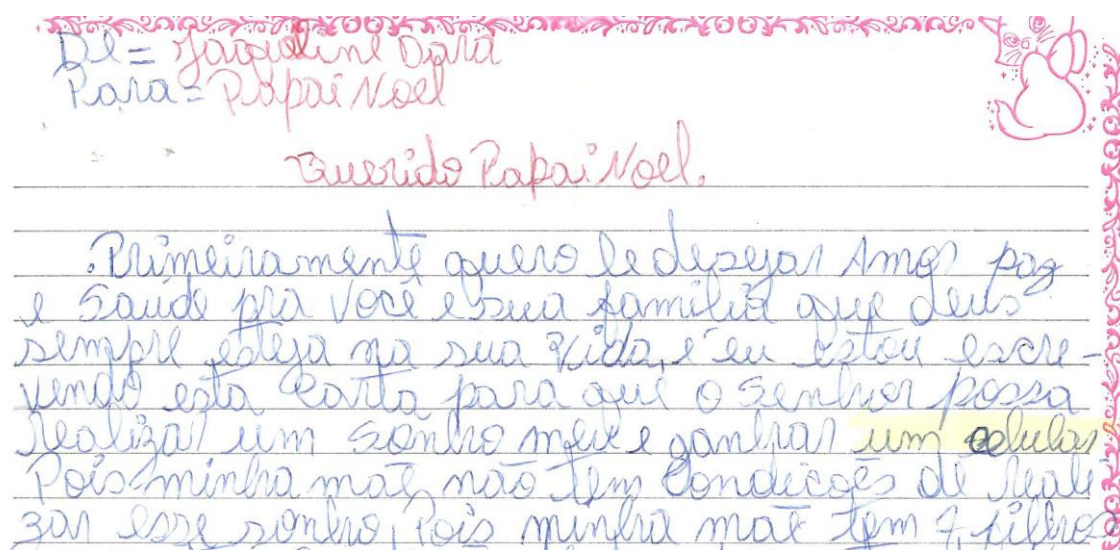
Figura 98 – Trecho da Epístola 136 – Cristo Redentor.



Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Da mesma forma faz Jaqueline, moradora do Cristo Redentor:

Figura 99 – Trecho da Epístola 151 – Cristo Redentor.



De = Jaqueline Dara
Para = Papai Noel

Querido Papai Noel,

Primeiramente quero te desejar amor paz e saúde pra você e sua família que Deus sempre esteja na sua vida, e eu estou escrevendo esta carta para que o senhor possa realizar um sonho meu e ganhar um celular. Pois minha mãe não tem condições de realizar esse sonho, pois minha mãe tem 7 filhos

Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB

Transcrição:

“De = Jaqueline Dara

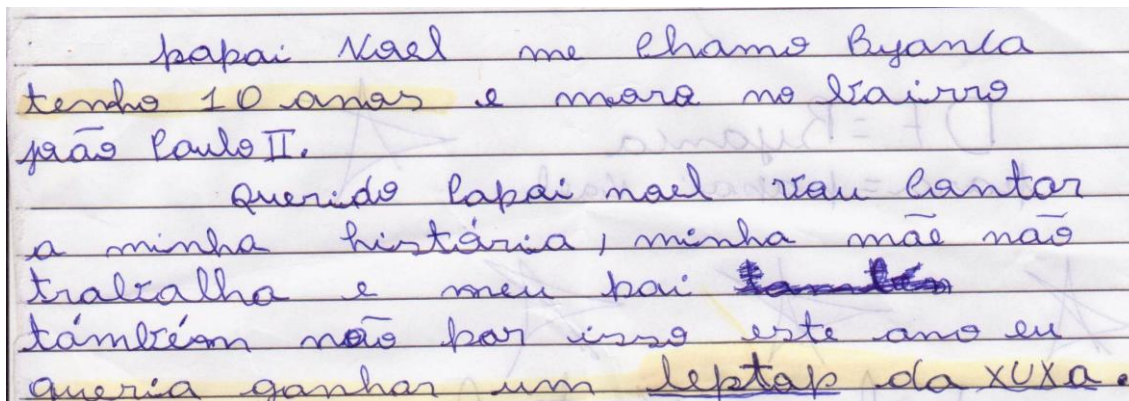
Para = Papai Noel

Primeiramente quero te desejar amor paz e saúde pra você e sua família que Deus sempre esteja na sua vida, é eu estou escrevendo esta carta para que o senhor possa realizar um sonho meu e ganhar um **celular** Pois minha mãe não tem condições de realizar esse sonho, pois minha mãe tem 7 filhos” (Grifo nosso).

Jaqueline, apesar de ter consciência de que sua mãe tem 7 filhos e que não tem condições financeiras favoráveis, faz um pedido no mínimo egoísta, tendo em vista a situação da sua família, mas na verdade, ela está sendo influenciada pela sociedade do modismo, do consumismo. Modismo este que as classes superiores estão acostumadas a construir e a desconstruir simultaneamente, numa tentativa de fuga e de exclusividade em relação às classes inferiores, como bem relata Freitas (2005, *apud* SIMMEL, 1988): “As classes inferiores começaram a imitar as classes superiores e a se apropriar da sua moda, essas últimas passam a declinar daquelas preferências para adotarem outras novas” (FREITAS, 2005, p, 128). Esse comportamento justificaria, nesse caso, a velocidade de mudanças da moda, nos aspectos de produtos, de vestimentas, de calçados, etc., que através de um ambiente midiático, fornece a todos, simultaneamente, a mesma informação, sendo impossível reter quaisquer segredos.

Vejamos um exemplo também do bairro João Paulo II:

Figura 100 – Epístola 30 – João Paulo II.



Fonte: Correios e Telégrafos João Pessoa, PB.

Transcrição:

“Papai Noel me chamo Byanca tenho 10 anos emoro no bairro João Paulo II.

*Querido papai Noel vou contar a minha história, minha mãe não trabalha e meu pai também não por isso este ano eu queria ganhar um **leptop da Xuxa**.”* (Grifo nosso)

A epístola 30, escrita por Byanca de 10 anos, conta em poucas linhas a sua história: tanto o seu pai, quanto a sua mãe não trabalham, e mesmo assim, ela pede um leptop da Xuxa. Mas uma vez percebemos a influência do modismo na escrita dessa missivista. Na verdade isso acontece “porque não é o indivíduo isolado, é o indivíduo enquanto membro do grupo, é o grupo em si que, dessa maneira, permanece sujeito a influência da natureza material e participa do seu equilíbrio” (HALBWACHS, 2006, 159). Acontece que cada objeto que é reencontrado pelo indivíduo e o lugar que ele encontra no conjunto nos recorda uma maneira de ser comum a muitas pessoas. E esses objetos que nos rodeiam têm esse significado. Esses objetos não falam, mas segundo Halbwachs (2006), nós os compreendemos, porque têm um sentido que familiarmente deciframos. São imóveis somente na aparência, pois as preferências e hábitos sociais se transformam e, quando nos cansamos de um móvel ou de um quarto (ou mesmo celulares, roupas, etc.), é como se os próprios objetos envelhecessem.

Assim, nosso ambiente material traz ao mesmo tempo a nossa marca e a dos outros. Halbwachs traz essas explicações em seu livro no capítulo sobre a memória coletiva e o espaço, e relaciona essa analogia dos objetos que marcam determinadas

épocas ou espaços e locais. Podemos dizer, então, que os missivistas da *Campanha Papai Noel dos Correios* são sim influenciados pelas relações coletivas e pelas leis naturais que lhes são impostas. E os fragmentos de suas lembranças apresentadas nas suas epístolas, logo, suas memórias individuais, quando relacionadas e observadas no contexto sócio-histórico e cultural são cruciais para a construção da memória coletiva desse grupo, ou melhor, da memória coletiva dos missivistas da *Campanha Papai Noel dos Correios 2009*.

“A memória coletiva é o trabalho que um determinado grupo social realiza, articulando e localizando as lembranças em quadros sociais comuns” (SCHMIDT; MAHFOUD, 1990, p. 291). Dessa forma, o nosso trabalho de análise das epístolas é uma espécie de acervo de lembranças compartilhadas que são o conteúdo da memória coletiva da Campanha. De acordo com Halbwachs (1990, p. 25):

Se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre a nossa lembrança, mas também sobre a de outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse começada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias.

Assim, segundo Santos (2009), a memória coletiva passou a ser compreendida como parte constituinte ou das práticas reflexivas ou das construções sociais analisadas. Tanto através de testemunhos quanto de textos constituídos, a memória foi resgatada como sendo o caminho mais eficaz de acesso aos impasses travados no passado.

CONCLUSIO
FECHANDO O ENVELOPE

5 CONCLUSIO – FECHANDO O ENVELOPE

O mundo não funciona apenas com crença. Mas dificilmente consegue funcionar sem elas (Geets).

O questionamento que moveu este estudo detinha-se na inquietação de entender que memórias individual e coletiva se constroem por meio de epístolas manuscritas, fontes de informação, e que podem ser consideradas informações capazes de revelar aspectos do pensamento e das representações dos missivistas do *Programa Papai Noel dos Correios*, versão 2009, na cidade de João Pessoa/PB, a partir dos relatos da vida cotidiana dos missivistas do Programa, ou seja, compreendendo as informações acerca da sociedade paraibana através da escrita de si. As epístolas, como fonte de informação e de memória, revelaram relatos dispersos que, ao serem mapeados e relacionados, trouxeram à tona experiências da vida cotidiana, construindo, assim, uma memória coletiva por meio das informações epistolares. Além do mais, tratando-se de cartas como documentos, é necessário estender-se às memórias documentárias, que são fontes incansáveis de estudo da Ciência da Informação. Dodebei (2006) afirma que as memórias documentárias são consideradas os conjuntos selecionados de recursos de informação de quaisquer naturezas temáticas e físicas, são representações de uma memória coletiva e como representações são, ao mesmo tempo, redutoras e duplicadoras do conhecimento produzido.

Desde modo, o presente trabalho conseguiu provar sua tese de que as epístolas são consideradas fontes de informação capazes de revelar aspectos do pensamento e das representações dos missivistas, a partir da criação do conceito de Informação Epistolar. Também foram elaboradas novas tipologias específicas para as cartas da Campanha Papai Noel dos Correios, percebendo inclusive, que elas continham mais de uma tipologia na mesma epístola.

As epístolas aqui estudadas têm uma infinidade de informações sobre a vida e a sociedade em que vivem esses missivistas. De acordo com Franco (2007, p. 25), “toda mensagem falada, escrita ou sensorial contém, potencialmente, uma grande quantidade de informações sobre o seu autor: suas filiações teóricas, concepções de mundo, interesses de classe, traços psicológicos, representações sociais, motivações, expectativas,

etc.". Ainda segundo Franco (2007), as mensagens expressam as representações sociais na qualidade de elaborações mentais construídas socialmente, a partir da dinâmica que se estabelece entre a atividade psíquica do sujeito e o objeto do conhecimento. Relação que se dá na prática social e história da humanidade e que se generaliza via linguagem. Sendo constituídas por processos sociocognitivos, têm implicações na vida cotidiana, influenciando não apenas a comunicação e a expressão das mensagens, mas também os comportamentos.

Nesse sentido, foi possível traçar o perfil dos missivistas de uma população carente, a princípio, de afeto e necessidades básicas de sobrevivência descritas por crianças e adultos. As epístolas da *Campanha Papai Noel dos Correios* conservam testemunhos de processos históricos, experiência de vida e revelam a trama das relações políticas, culturais e econômicas da sociedade pessoense, não só entre os diretamente ligados à documentação específica, mas, inclusive, entre os outros que nelas estão mencionados (como é o caso das epístolas escritas da mãe pedindo para o filho, da neta pedindo para avó, da garota pedindo para a prima, entre outros, encontrados na análise) na medida em que trazem referências a outras pessoas, noticiam atuações individuais, traduzem quase sempre, atitudes críticas do remetente e do destinatário.

O estudo demonstra a dificuldade de uma sociedade excluída, esquecida, que não participa do mundo de tecnologias e da informação. Cada leitura revelou um novo estudo, uma sociedade que clama por políticas públicas mais justas, através principalmente, de pequenos homens, que deixaram os brinquedos em segundo plano para saciar a fome. As epístolas escritas para Papai Noel permitem desvendar toda uma sociedade, um "eu" que se multiplica com o mesmo sonho. Elas tratam de um material com informações fortes (MORIN, 1986), que vão além do aspecto performático do texto. E para que fosse possível o aprofundamento das temáticas informacionais, nas perspectivas das epístolas, foi preciso utilizar-se de uma visão multidisciplinar. Utilizando-se de técnicas biblioteconômicas, arquivísticas, além de um envolvimento da História, da Sociologia, das Letras, enfim, conhecimentos inter-relacionados que possibilitaram uma (re)leitura mais abrangente do acervo a ser estudado.

O fato é que as epístolas revelaram-se como artefato de informação acerca da realidade social paraibana e de grupos específicos, com seus aspectos sociais, econômicos, históricos e culturais. A leitura das cartas foi para nós um exercício reflexivo sempre renovado. Poderíamos dar várias formas narrativas a sua leitura. Procuramos compor um relato em que os personagens e suas confissões se manifestassem como um

modo de participação da vida, um modo de existência. As narrativas das cartas produzem imagens carregadas de sentimentos, que nos remetem ao centro dos acontecimentos cotidianos descritos. Seus relatos devem ser compreendidos na rede das relações históricas que lhes conferem sentidos, no entanto, as cartas estão articuladas apenas as suas confissões, pois nenhum documento é guardado ou arquivado, apenas descartado logo após o término do ano da campanha. São documentos que retratam a vida de uma comunidade, de uma região e, até de um país, tendo em vista que o *Programa Papai Noel dos Correios* é uma campanha nacional.

Desse modo, este trabalho dá vazão e voz aos missivistas da Campanha, e contribui para ressignificação da memória, na luta contra o esquecimento de paraibanos, brasileiros, que vivem à margem social e cuja realidade é a da maioria dos que compõem a nossa sociedade, em que o passado se torna presente. Pois, cada carta que vai ao lixo, sem ao menos ser aberta, leva um sonho, uma chance, uma esperança de ser ouvido, nem que seja uma única vez.

Despedimo-nos, assim, como cada missivista da *Campanha Papai Noel dos Correios*:



REFERÊNCIAS

- AMARAL, G. C. Sévigné em ação: sévignações. In GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Batella (Org.) **Prezado senhor, Prezada senhora**: estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das letras, 2000.
- ARAÚJO, P. G. **Trato desfeito**: o revés autobiográfico na literatura contemporânea brasileira. 2011. 107 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Pós Graduação em Literatura, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.
- ARÓSTEGUI, J. **A pesquisa histórica**: teoria e método. São Paulo: Edusc, 2006.
- AZEVEDO NETTO, C. X. Informação e memória: as relações na pesquisa. **Revista Histórica em Reflexão**, Dourados, v. 1, n. 2, jul./dez. 2007.
- AZEVEDO NETTO, C. X. Preservação do patrimônio arqueológico: reflexões através do registro e transferência da informação. **Ciência da Informação**. Brasília, v. 37, n. 3, p. 7-17, set./dez. 2008.
- BARBOSA, S. F. P. **A espada das palavras**: a escrita epistolar nos periódicos luso-brasileiros do século XIX. IN: COLOQUIO DO PÓLO DE PESQUISA SOBRE AS RELAÇÕES LUSO-BRASILEIRAS, 5., 2010. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro, 2010. Disponível em <<http://rgplgead.bibliopolis.info/GeADOPAC/>>. Acesso em: 17 abr. 2010.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1977.
- BOLLEME, Geneviève. O povo por escrito. (Tradução de Antonio de Pádua Danesi). São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BOLONHA, A. In: TIN, Emerson (Org). A arte de escrever cartas. Campinas, SP: Universitária UNICAMP, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. A leitura: uma prática cultural. In: BOURDIEU, P; BRESSON, F.; CHARTIER, R. (Org). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. O campo econômico. **Política & Sociedade**. Santa Catarina, v.4, n.6, p. 15-57, abr. 2005.
- BRASIL. Arquivo Nacional. **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.
- CACALY, S. (Coord.) **Dictionnaire encyclopédique de l'information et de la documentation**. Paris: Nathan, 635 p. p. 124-125, 1997.
- CAMARGO, M. R. R. M. **Cartas e Escrita**. 2000. 147 f. Tese (doutorado em Educação)–Programa de Pós-Graduação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- CANDAU, J. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CARVALHO, D.; BATISTA, L. L. **A criança-adulto e o adulto-criança: a Pedagogia Waldorf e a media literacy como perspectivas**. In: IX Congreso Latinoamericano de Investigación de la comunicación. Disponível em: <http://www.alaic.net/alaic30/ponencias/cartas/ninos_adolescentes/ponencias/GT16_6deborah.pdf>> Acessado em 03 jan. 2014.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 295-316.

COMTE-SPONVILLE, A. A correspondência. In: _____. **Bom dia angústia**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CURY, M. Z. F. Acervos: gênese de uma nova crítica. In: MIRANDA, W. M. (Org.) **A trama do arquivo**. Belo Horizonte: CEL/FAEL/UFMG, p. 53-62, 1995.

DAHLBERG, I. Teoria do conceito. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 7, n. 2, p. 101-107, 1978.

DAUPHIN, C.; POUBLAN, D. Maneira de escrever, maneiras de viver: epístolas familiares no século XIX. In: BASTOS, M. H. C.; CUNHA, M. T. S.; MIGNOT, A. C. V. (Org.). **Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: Universitária UFP, 2002. p. 75-87.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Tradução de Estela dos Santos Abreu, Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1997.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. O que é um conceito? In: _____. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DODEBEI, V. Patrimônio, informação e memória digital. *Morpheus: Revista eletrônica em ciências humanas*, Rio de Janeiro, n. 8, 2006. Disponível em: <<http://www.unirio.br/morpheusonline/numero08-2006/veradodebei.htm>>. Acessado em: 10 jan de 2014

ESCARPIT, R. **Teoría general de la información y de la comunicación**. Barcelona: Icaria; Paris: Hachette Superiour, 222 p. 1976.

FARIA, M. I.; PERICÃO, M. G. **Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico**. São Paulo: Edusp, 2008.

FOUCAULT, M. **Auto da escrita**. Em *Ditos e Escritos*, pp 415-430. Vol. IV. De 1983.

FOUCAULT, M. Escrita de si. In: _____. **O que é um autor**. 2 ed. [S.l.]: Passagens, 1992.

_____. **A ordem do discurso**. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: **Ética, sexualidade e política**, por Michel FOUCAULT, 264-287. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. **O poder psiquiátrico**: curso no Collège de France (1973-1974). São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise do conteúdo**. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

FREITAS, Ricardo Ferreira. **Comunicação, consumo e moda**: entre os roteiros das aparências. In: *Comunicação, moda e consumo*. São Paulo. Vol. 3, n. 4, p. 125-136. Jul. 2005.

FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. v. 4. Disponível em: <http://www3.universia.com.br/conteudo/literatura/A_interpretacao_dos_sonhos_de_si_gmund_freud.pdf>. Acesso em: 25/jan/2014.

FROHMANN, B. Discourse and documentation: some implications for pedagogy and research. **Journal of Education for Library and Information Science**, v. 42, n. 1, p. 13-26, 2001.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GODOY, A. S. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empregos**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29. Mar./jun. 1995.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GOMES, Â. C. **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, James. **Jung e a interpretação dos sonhos**. São Paulo: Cultrix, 1997.

HAROCHE-BOUZINAC, G. **L'épistolaire**. Paris: Hachete Livre, 1995.

JAIME JÚNIOR, P. Um texto, múltiplas interpretações: antropologia hermenêutica e cultura organizacional. **Revista de Administração de Empresas**, [s.l.], v. 42, n. 4, p. 72-83, 2002.

KLINGER, D. I. **Escrita de si, escritas do outro**: o retorno do autor e a virada etnográfica. Rio de Janeiro: 7 letras, 2007.

LARROSA, J. Tecnologias do Eu e Educação. In: SILVA, T. T. **O sujeito da educação: Estudos Foucautianos**. Petrópolis: Vozes, p. 35-86, 1994.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas/SP: Ed. UNICAMP, 1992.

LEJEUNE. P. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. Tradução Jovita M. G. Noronha, Maria Inês C. Guedes. Belo Horizonte: Universitária UFMG, 2008.

LÉVI-STRAUSS, C. **Papai Noel supliciado**. Revista ALCEU - v.4 - n.7 - p. 5 a 18 - jul./dez. 2003. Disponível em: <<http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu-n7-Levi-Strauss.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARTELETO, R. M. Cultura informacional: construindo o objeto informação pelo emprego dos conceitos de imaginário, instituição e campo social. **Ciência da Informação**. Brasília, v. 24, n. 1, p. 1-8, 1995.

MATIAS, T. T. **A orientação para o outro: relações dialógicas na constituição do discurso escrito de epístolas de leitor do século XIX**. 2009. 153 f. Dissertação (mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

MINAYO, M. C. S. et al. (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 10. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

MINDLIN, J. Epístolas, para que vos quero? In: GALVÃO, W. N.; GOTLIB, N. B. (Orgs.). **Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre epístolas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 35-40.

MORAES, M. A. **Nove endereços para a mesma carta (epistolografia e crítica genética)**. Disponível em: <<http://www.ieb.usp.br/marioscriptor/congressos/nove-enderecos-para-a-mesma-carta.html>> Acesso em: 05 maio 2013.

MORIN, Edgar. Para sair do século XX. Rio de Janeiro: nova Fronteira, 1986.

NORA, P. Projeto História 10. **Revista do programa de estudos Pós-graduados em História e do departamento de história da PUC – SP**, São Paulo. n 10, p. 7- 27. Dez. 1993.

MOTA, Arlete José. Invocação, súplica, poder e submissão: homens e deuses na literatura latina. In. **IX Fórum de debates em História antiga**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://www.nea.uerj.br/Anais/coloquio/arlete.pdf>> Acesso em: 24 jan. 2014.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

OLIVEIRA, I. G. S. C. **Dimensões da gestão da informação no campo da ciência da informação: uma revelação da produção científica do ENANCIB**. João Pessoa: UFPB, 141 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)–Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. João Pessoa: UFPB, 2009.

OLIVEIRA, A. J. B. Multiplicidade de sentidos para a construção de um conceito de Memória social. In. PINTO, D. R. et al (orgs). **Novos apontamentos em memória social**. Rio de Janeiro: 7 Letras, p. 23-36, 2012.

ORTEGA, C. D; LARA, M. L. G. **Documento e informação**: conceitos necessariamente relacionados no âmbito da Ciência da Informação. Disponível em: <<http://www.ancib.org.br/media/dissertacao/1971.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2013.

OTLET, P. **Traité de Documentation**: le livre sur le livre: théorie et pratique. Bruxelles: Mundaneum, 1934. 431 p

OTLET, Paul (1996). **El Tratado de Documentación**: el libro sobre el libro: teoría y práctica. Traduzido por Maria Dolores Ayuso García. Murcia: Universidad de Murcia. (Tradução de: *Traité de Documentation: le livre sur le livre: théorie et pratique*. Bruxelles: Mundaneum, 1934. 431 p.).

OTTE, G. Vestígios da experiência e índices da modernidade: traços de uma distinção oculta em Walter Benjamin. In. SEDLMAYER, S. et al (org.s). **Walter Benjamin**: Rastro, aura e história. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 61-85, 2012.

PACHECO, L. S. Informação enquanto artefato. **Informare**; Cadernos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v.1, n.1, jan./jun., p. 20-24, 1995.

PESSOA, M. B. Da carta a outros gêneros textuais. In: DUARTE, M. E. L.; CALLOU, D. (Orgs.). **Para a história do português brasileiro**: notícias de *corpora* e outros estudos. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ/FAPERJ, v. 4, p. 197-205, 2002.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, p. 200-212, 1992.

POLLAK, M. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PROUST, Marcel. **No caminho de Swann**. São Paulo: Globo, 2008, p. 70. v.1.

RESENDE, H. Política de saúde mental no Brasil: uma visão histórica. In: Tundis, S. A.; Costa, N. do R. (org). **Cidadania e Loucura**. Políticas de saúde mental no Brasil, 7 ed. Petrópolis: Vozes-ABRASCO, p. 15-73, 2001.

RICHARDSON, R. J. et al. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

RICOUER, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Universitária UNICAMP, 2007.

ROBREDO, J. **Da Ciência revisitada aos sistemas humanos de Informação**. Brasília: Thesaurus, 2003.

RODRIGUES, L. G. **Uma leitura do Modernismo: cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira**. 2003. 171 f. Dissertação (Mestrado em Letras)–Pós-graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

SANTOS, M. S. **Memória coletiva & teoria social**. São Paulo: Annablume, 2003.

SCHMIDT, M. L. S.; MAHFOUD, M. Halbwachs: memória coletiva e experiência. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 4, n. 1-2, p. 258-298, 1993.

SILVA, L. R. C.; et al. Pesquisa Documental: alternativa investigativa na formação docente. IN: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 9., 2009. **Anais eletrônicos...** Santa Catarina, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2009. Disponível em:
<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3124_1712.pdf>
Acesso em: 20 mar. 2013.

SILVA, O. M. da. **Retórica, roda de compadres, solidão e achaques da velhice: o Machado de Assis das epístolas**. 2009. 157 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Arte)–Pós-Graduação em Letras e Arte, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

THOMPSON, P. **Voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VENÂNCIO, G. M. A utopia do diálogo: os prefácios de Vianna e a construção de si na obra publicada. In: Gomes, A. de C.; Schmidt, B. B. (orgs.). **Memórias e narrativas autobiográficas**, 1 ed. Rio de Janeiro: Editora FVG, p. 173-188, 2009.

ANEXOS

Quadro de informações dos missivistas do bairro João Paulo II:

Nº da carta	BAIRRO	NOME	IDADE	GENERO	PEDIDO	Obs.
001	João Paulo II	Estephany	9	Fem.	Guarda-roupa	Suas roupas são guardadas em caixas e os pais não têm condições.
002	João Paulo II	Estephany	9	Fem.	Computador	A professora passa trabalhos que não tem em livros e a mãe precisa gastar com lan-house. Pede para ser atendida, pois, já escreveu muito e nem sabe se ainda acredita na magia do natal.
003	João Paulo II	Kamille	7	Fem.	Bicicleta pequena	Mora com a avó que não tem condições.
004	João Paulo II	Rayane da Silva Sousa	---	Fem.	Roupa	
005	João Paulo II	Rayane	11	Fem.	Bota	Ela é da banda da escola e a mãe não tem condições.
006	João Paulo II	Rayane	11	Fem.	Ventilador	Na casa dela tem muita muriçoca e não consegue dormir.
007	João Paulo II	Rayane	11	Fem.	Bota	
008	João Paulo II	Rayane	11	Fem.	Material escolar da barbier	Muitos erros de português na sua escrita. Ela faz a 4ª série.
009	João Paulo II	Rayane	11	Fem.	Material escolar da barbier	
010	João Paulo II	Rayane	11	Fem.	Roupa	As primas podem comprar e ela não. Ela chora.
011	João Paulo II	Rayane	11	Fem.	Sexta básica	
012	João Paulo II	Rayane da Silva Sousa	11	Fem.	Boneca barbier	Comenta que as amigas têm e ela não.
013	João Paulo II	Lúzia	---	Fem.	Panetone	Para comer com os filhos e o marido.
014	João Paulo II	Geskyelly	14	Fem.	Conjunto de roupa	
015	João Paulo II	Rosicleide	40	Fem.	Conjunto de panela e cesta básica	
016	João Paulo II	Laryssa	3	Fem.	Boneca mosqueteira da barbier; para a mãe uma ceia de natal; roupa nova	Ela já escreveu e não foi atendida. Carta provavelmente escrita pela mãe.
017	João Paulo II	Kiara	12	Fem.	Ceia de natal para a mãe; boneca para irmã; fichário	Faz 8º ano. Já escreveu e não foi atendida.

					para ela	
018	João Paulo II	Francisca	---	Fem.	Colcha de cama	
019	João Paulo II	Keila Maria	9	Fem.	Guarda-roupa	Guarda as roupas dentro de uma caixa de papel; caderno com a logo do governo do estado.
020	João Paulo II	Keila Maria	9	Fem.	Sandália	
021	João Paulo II	Keila Maria	9	Fem.	Roupa para o Natal	Vão para a festa na casa da avó.
022	João Paulo II	Keila Maria	9	Fem.	Micro-sistem para a mãe	Para assistir o programa do Marcelo Rossi.
023	João Paulo II	Girlene	10	Fem.	TV 14 polegadas	Família é grande e eles não têm condições.
024	João Paulo II	Luciene	13	Fem.	Vestido balão (p) azul e um tamanco preto	
025	João Paulo II	Edna	14	Fem.	Roupa	Os pais não trabalham, vivem com R\$ 165 da bolsa família e pagam aluguel de R\$ 100. Usa roupa usada que ganha.
026	João Paulo II	Geskyelly	14	Fem.	Cesta básica	A mãe não tem condições.
027	João Paulo II	Geskyelly	14	Fem.	Coração de pelúcia que tem o nome eu te amo	
028	João Paulo II	Gabrielly Vitória dos Santos Araújo	1 ano e 7 meses	Fem.	Roupa	Carta escrita pela mãe, afirma que ganha pouco e não pode comprar.
029	João Paulo II	Jussara	---	Fem.	MP3	
030	João Paulo II	Byanca	10	Fem.	Leptop da Xuxa; material escolar para o irmão	O pai e a mãe não trabalham.
031	João Paulo II	Jussara	15	Fem.	Percata da grendha com estampa na palmilha e aplique de cristal sintético na cor roxa	
032	João Paulo II	Rosicleide	---	Fem.	Quite de manicure	É manicure e tem dia que não tem o que comer a sorte é que faz unhas pra viver.
033	João Paulo II	Isabelle de O. Silva	---	Fem.	Celular	As amigas têm aparelho celular e ela fica com ciúmes e começa a chorar. Muitos erros na escrita.
034	João Paulo II	Isabelle de O. Silva	13	Fem.	Roupa igual ao desenho que ela colou na carta	
035	João Paulo II	Isabelly de O. Silva	13	Fem.	Bota preta de salto	
036	João Paulo	Isabelly de O.	13	Fem.	Material do RBD	

	II	Silva				
037	João Paulo II	Isabebelly de O. Silva	---	Fem.	Colchão	Ela tem uma cama usada que ganhou.
038	João Paulo II	Isabebelly de O. Silva	---	Fem.	Boneca três mosqueteira	Ela tem o DVD e adora.
039	João Paulo II	Estephanny	9	Fem.	Material escolar da barbier	Pede aos pais todo ano, mas eles não podem dar.
040	João Paulo II	Tatyane	11	Fem.	Sanduicheira	
041	João Paulo II	Tatyane	11	Fem.	Celular de câmera Nokia 2330	A mãe faleceu quando ela tinha 2 meses. Mora com a avó e ela recebe pouco.
042	João Paulo II	Tatyane	11	Fem.	Camera digital Sony dsc 5730	Conta em todas as cartas a história da mãe.
043	João Paulo II	Tatyane	11	Fem.	Camera digital sansung ES-15	
044	João Paulo II	Dayane	12	Fem.	Lep top	O pai trabalha de pedreiro.
045	João Paulo II	Rosicleide	41	Fem.	Conjunto de panelas	Ela tem 4 filhos.
046	João Paulo II	Tatyane	11	Fem.	Carderno do pooh e da pucca	
047	João Paulo II	Tatiane	11	Fem.	Pranchinha térmica	A avó só recebe R\$ 360 e não pode comprar.
048	João Paulo II	Tatyane	11	Fem.	Conjunto de roupa	Apesar de não se lembrar da mãe, quando pensa começa a chorar com saudades.
049	João Paulo II	Tatyane	11	Fem.	Celular Sony ericsson	Já faz 11 anos que não vê o pai. Ela sonhou que a tia de alagoa trazia um celular pra ela. Mas quando acordou não encontrou nada.
050	João Paulo II	Isabel de O. Silva	---	Fem.	Celular	A mãe trabalha muito longe e não tem como falar com ela. O pai as deixou e a criança mora com a avó.
051	João Paulo II	Tatyane	11	Fem.	Material escolar	
052	João Paulo II	Tatyane Isidro dos Santos	11	Fem.	Celular de câmera	Escreveu uma música na carta.
053	João Paulo II	Tatyane	11	Fem.	Prancha de cerâmica	Ano passado ela não ganhou presente só a cartinha dos correios.
054	João Paulo II	Tatyane	11	Fem.	Roupa	
055	João Paulo II	Tatyane	11	Fem.	Fichário da pucca	Sonhou que a avó coloca em cima da sua cama, mas quando acordou não tinha nada.
056	João Paulo II	Isabelly de Oliveira Silva	---	Fem.	Vestido balão	
057	João Paulo II	Tatyane	11	Fem.	Fichário da pucca	
058	João Paulo II	Luciene Silva	13	Fem.	Material escolar	A mãe é domestica

		de Jesus			da cinderela e canetas coloridas	e o pai trabalha na granja. Muitos erros na escrita.
059	João Paulo II	Tatyane	11	Fem.	Celular de câmera	
060	João Paulo II	Rafaela	14	Fem.	Roupa e um tênis all star	Sente saudades da avó que mora em pilar.
061	João Paulo II	Ana Francielly	---	Fem.	Bota all star; calça jeans; blusa	Ela, os pais e a avó são pobrezinhos não podem comprar. Tem roupa usada das amigas.
062	João Paulo II	Maria Nazare dos Santos	60	Fem.	Máquina de costura	Ela não trabalha e não é aposentada. É diabética e hipertensa e é separada.
063	João Paulo II	Sandra	---	Fem.	Vestido vermelho e uma sandália branca para a filha de 1 ano	
064	João Paulo II	Luciene Silva de Jesus	13	Fem.	Computador e material escolar	Escreveu uma poesia na carta.
065	João Paulo II	Letícia	12	Fem.	Bota preta	Já escreve outra vez e não foi atendida.
066	João Paulo II	Letícia	12	Fem.	Computador	Para fazer pesquisas do colégio. Ela quer ser um exemplo. Usa o das amigas, mas as mães delas reclamam. Colou sua foto na carta.
067	João Paulo II	Ana Francielly Gomes	13	Fem.	Calça jeans; bota all star	Ela e o irmão moram com a avó e vivem da bolsa família. Os pais os abandonaram.
068	João Paulo II	Jussarah	---	Fem.	Kit de manicure e kit de domésticos	O pai as abandonou. E ela quer esse kit para ajudar a mãe, pois tem dia que não tem um pão pra comer.
069	João Paulo II	Maria Nazaré	60	Fem.	Maquina de costura	A dela quebrou. Não tem como sobreviver.
070	João Paulo II	Dayane	12	Fem.	Material escolar e cesta básica	
071	João Paulo II	Marineide Tereza Domingues	---	Fem.	Ceia de natal	Tem três filhos.
072	João Paulo II	Giseli Silva de Jesus	---	Fem.	Roupa da relouquite e uma sandália	
073	João Paulo II	Mayanara de Oliveira Santos	11	Fem.	Frauda descartável	Ela pede fraudas para o primo, que tem alergia de frauda barata, e como ela só tem 11 anos não pode comprar então está pedindo ajuda ao

						papai Noel.
074	João Paulo II	Rafaela	14	Fem.	Celular NOKIA	
075	João Paulo II	Aglaylton	13	Mas.	Bicicleta	Tem um irmão gêmeo; o pai os abandonou. Quem sustenta a família é o irmão mais velho de 18 anos.
076	João Paulo II	Tatiane	11	Fem.	Material escolar	
077	João Paulo II	Rafaella	14	Fem.	Vestido; sapatilha transparente	
078	João Paulo II	Dayane	12	Fem.	Boneca bebê dodói	O pai é pedreiro.
079	João Paulo II	Francielly Ferreira	13	Fem.	Material escolar; calça jeans; blusa	
080	João Paulo II	Queroline Silva de Jesus	8 meses	Fem.	Carinho de descanso	Carta escrita pela mãe. Com muitos erros e difícil compreensão.
081	João Paulo II	Rafaela	14	Fem.	Calça, blusa e sapato	
082	João Paulo II	Evellyn	5	Fem.	Computador ou boneca bebezão	A avó é que ajuda a família Carta deve ter sido escrita pela mãe.
083	João Paulo II	Moça Araújo	---	Fem.	Sexta básica	Para fazer uma ceia de natal.
084	João Paulo II	Luana Leticia	4 meses	Fem.	Fraudas descartáveis	Carta escrita pela mãe.
085	João Paulo II	Estephanny	9	Fem.	Cadeira de rodas	Cadeira de rodas para a avó que teve um AVC e não pode andar.
086	João Paulo II	Edineide	---	Fem.	Ceia de natal	
087	João Paulo II	Francisca Medeiros	---	Fem.	Ventilador	Por conta que não consegue dormir com muita muriçoca e calor.
088	João Paulo II	Natalia	---	Fem.	Cesta básica; caixa de chocolate	Carta cheia de amor a deus e ao papai Noel.

Quadro de informações dos missivistas do bairro Cristo Redentor:

Nº da carta	BAIRRO	NOME	IDADE	GENERO	PEDIDO	Obs.
01	Cristo	Beatriz	---	Fem.	Violão	
02	Cristo	Joyce	10	Fem.	Material escolar/ sexta básica	Mãe desempregada.
03	Cristo	Geralda Salviano de Souza	57	Fem.	Televisão e uma feira	Deficiente de um olho.
04	Cristo	Taciano de Souza	---	Mas.	PSP 1, Plestechyon – portário	Sonho da vida dele
05	Cristo	Rayane	17	Fem.	Liquidificador	Está montando a casa dela.
06	Cristo	Tuane	17	Fem.	Boneca	Pede para sua filha de 3 meses; o pai foi embora.
07	Cristo	Leila Adriele da Silva	10	Fem.	Leptop	Pai morreu e ela descreve o amor

						que sente por ele. Mora com a avó.
08	Cristo	Hyasmym	4	Fem.	Boneca que fala 50 frases	Vive da bolsa família R\$ 112 – carta provavelmente escrita pela mãe.
09	Cristo	Wanderson	9	Mas.	Play station 2	Criado pela avó; o pai ta preso; a mãe o abandonou.
10	Cristo	Fabiana	20	Fem.	Peças para o enxoval	Engravidou de gêmeos.
11	Cristo	Kemelly	2	Fem.	2 conjuntos de roupas para passar o natal	Carta escrita provavelmente pela mãe.
12	Cristo	Heraldo Salviano de Souza	---	Mas.	Lençóis e toalhas	
13	Cristo	Emmylly	10	Fem.	Cesta básica	Pais desempregados.
14	Cristo	Lúcia Salviano de Souza	45	Fem.	Cama de casal e colchão; feira	
15	Cristo	Thamires Souza Gomes da Silva	---	Fem.	Enxoval todo branco	Grávida de 5 meses.
16	Cristo	Hyrís	8	Fem.	Quite escolar; leptop da barbie	Carta cheia de desenhos.
17	Cristo	Patrícia Santos do Nascimento	11	Fem.	Kit escolar da Poli	Já tinha escrito antes e não foi atendida. Cartinha com desenhos.
18	Cristo	Rafaela	12	Fem.	Kit escolar da moranguinho	
19	Cristo	Jeane	30	Fem.	Pede presentes para os três filhos pois ela não tem condições de presentear-los	
20	Cristo	Emylaine	9	Fem.	Boneca	Ela comenta que nunca ganhou uma boneca de natal.
21	Cristo	Sarah	6	Fem.	Bolsa do moranguinho e um kit escolar	Ela tem mais 4 irmãos.
22	Cristo	Verlaine Larissa Game da Silva	---	Fem.	Sexta básica e um kit escolar	
23	Cristo	Maria do Socorro Barbosa	54	Fem.	Bicicleta e 2 feiras	Primeira vez que ela escreve.
24	Cristo	Ketlylin Maria Souza	4	Fem.	Pareia de roupa para vestir no natal e uma sexta básica para a mãe	Carta escrita provavelmente pela missivista nº 23.
25	Cristo	Israel de Jesus Augusto	13	Mas.	Material escolar; bicicleta usada; cesta básica	Mora com a avó e tia.
26	Cristo	Vitor	2	Mas.	Cama	Carta escrita provavelmente pela mãe.
27	Cristo	Ellen Vitória	6	Fem.	Urso de Pelúcia	
28	Cristo	Nalva	10	Fem.	Sexta básica	
29	Cristo	Anderson	6	Mas.	Urso de Pelúcia do	Está passando

					grande; uma roupa; uma sexta básica	necessidade.
30	Cristo	Pedro Herique	---	Mas.	Nebolizador	Criança muito doente.

Nº de cartas	BAIRRO	NOME	IDADE	GÊNERO	PEDIDO	OBS.
031	Cristo	Ramim	---	Mas.	Carro de controle remoto	É uma criança carente.
032	Cristo	Jasselayne	16	Fem.	Conjunto de roupa e uma sexta básica	
033	Cristo	Linda	8	Fem.	Liquidificador; feira	Para fazer sua vitamina.
034	Cristo	Marcelle	7	Fem.	Bicicleta	Fala que o pai morreu em um acidente de moto (o caminhão passou por cima dele).
035	Cristo	Kauê	2	Mas.	Roupa e uma sandália	Carta escrita pela mãe.
036	Cristo	David	6	Mas.	Carro de controle remoto	
037	Cristo	Cláudia Lúcia	---	Fem.	Sexta básica	Ela está desempregada.
038	Cristo	Josué	7	Mas.	Caminhão	Carta escrita pelo irmão de Josué de 10 anos. Carta confusa com muitos erros.
039	Cristo	Fernando da Silva Balbino	7	Mas.	Vídeo game	
040	Cristo	David	8	Mas.	Carro de controle remoto	Pede presente pra ele e o irmão. Comenta que o bairro dele não tem serviço de correspondência e pede pra deixar na casa da avó.
041	Cristo	Widemberg	8	Mas.	Sexta básica; bola de couro	Também pede presente para a irmã – carta não escrita pela criança.
042	Cristo	Rafaela	---	Fem.	Carrinho de bebê	Acabou de ter bebê; é mãe solteira e está desempregada.
043	Cristo	Emilly Myllena	---	Fem.	Kit escolar ou uma bola de futsal	Ela pratica futsal.
044	Cristo	Elaige Mayara Gomes da Silva	10	Fem.	Kit escolar ou uma sexta básica	
045	Cristo	Thailiandeson	3	Mas.	Pica-pau e uma sexta básica	Carta provavelmente escrita pela mãe.
046	Cristo	Flávia Vitoria	5	Fem.	Material escolar; uma boneca e uma sexta básica	Carta provavelmente escrita pela mesma mãe da carta 045.
047	Cristo	Lindemberg	---	Mas.	Bicicleta	

048	Cristo	Marcílio da Silva	15	Mas.	Kit escolar	Pede o kit escolar para ele e para os dois irmãos.
049	Cristo	Karolaine Felix da Silva	8	Fem.	Material escolar e uma sexta básica	
050	Cristo	Odete	77	Fem.	Sexta básica	Ela afirma que acredita em papai Noel; teve AVC.

Nº da carta	BAIRRO	NOME	IDADE	GENERO	PEDIDO	Obs.
051	Cristo	Ednalva	40	Fem.	Sexta básica	Não sabe ler, quem escreveu foi seu genro. O marido é desempregado e eles catam papelão.
052	Cristo	Sandra	---	Fem.	Máquina de lavar roupa	Sandra pede o presente para sua mãe e conta um pouco dos problemas vividos por ela.
053	Cristo	Wiarami	7	Fem.	Boneca que fala	
054	Cristo	Maria Kelly	5	Fem.	Boneca	A mãe que escreveu pedindo presentes para as duas filhas.
055	Cristo	Raiana	12	Fem.	Material escolar	O pai é pedreiro e a mãe dona de casa.
056	Cristo	Luciana	---	Fem.	Sexta básica e um enxoval para a filha	Ela é viúva e desempregada e a filha de 15 anos está grávida.
057	Cristo	Raiara	11	Fem.	Material escolar	Fala que tem dificuldade de estudar por conta da pobreza; o pai é pedreiro.
058	Cristo	Juliana	23	Fem.	2 colchões de solteiro	Ela tem 3 filhos, mora no fundo da casa da sogra e dorme 4 em um colchão de casal.
059	Cristo	Gleyciellen Mel	6	Fem.	Boneca e uma roupa	
060	Cristo	Maria Joaquina da Conceição	76	Fem.	Sexta básica	
061	Cristo	Cleysson	13	Mas.	Sexta básica; enxoval	Ela pede o enxoval para a irmã.
062	Cristo	Wollisson Félix da Silva	13	Mas.	Bola de carro; material escolar	
063	Cristo	Everton Felipe	---	Mas.	Chuteira verde limão	Afirma que vai passar de ano e merece ser parabenizado.
064	Cristo	Pablo Everton Nascimento da Silva	5	Mas.	Carrinho de controle remoto; sexta básica	Carta escrita pela mãe.

065	Cristo	Caio	6	Mas.	Carrinho de controle remoto	Carta escrita pela mãe que é desemprega e o pai faz biscate. Ela ainda pede presente para outra filha.
066	Cristo	Breno	10	Mas.	Kit escolar ou um tênis e roupa	
067	Cristo	Andreia	1 ano e 8 meses	Fem.	Liquidificador; duas pareia de roupa	Carta escrita pela mãe.
068	Cristo	Flavia Freire Brito	---	Fem.	Violão cor de rosa	Carta bastante colorida e cheia de desenhos.
069	Cristo	Juliano	---	Mas.	Celular	Ele já tem um chip da oi.
070	Cristo	Junior	---	Mas.	Material escolar e uma bolsa	Os pais não têm dinheiro e o material que a escola dar é pouco. Ele já escreveu 5 vezes e nunca ganhou.
071	Cristo	Leticia	6	Fem.	Bicicleta	A mãe está desempregada e o pai faz bico.
072	Cristo	Diane	1 ano e 3 meses	Fem.	Boneca; cesta básica	O pai dela esta preso; alguma amiga escreveu a carta; eles moram em uma associação pois não tem onde morar.
073	Cristo	Gabriela	--	Fem.	Aparelho de micro sisten	
074	Cristo	Gabriela da Silva	---	Fem.	Ventilador	A casa é muito apertada e faz muito calor.
075	Cristo	Gabriela	---	Fem.	Aparelho de DVD	Cartas 73, 74 e 75 da mesma pessoa.
076	Cristo	Emily	4	Fem.	Ventilador e uma sexta básica	Carta escrita pela mãe
077	Cristo	Emmanuele Felix da Silva	4	Fem.	Piscina de 1000 litros e uma caixa de chocolate	Carta 77 escrita pela missivista da 78.
078	Cristo	Raissa Felix da Silva	12	Fem.	Short jeans e material escolar	
079	Cristo	Kitillyn Felix da Silva	2	Fem.	Bebesão da grande e uma caixa de chocolate	Carta 79 escrita pela missivista da 78.
080	Cristo	Zezinho	---	Mas.	Colchão e uma sexta básica	
081	Cristo	Ítalo Antônio	---	Mas.	Material escolar	

Nº da carta	BAIRRO	NOME	IDADE	GENERO	PEDIDO	Obs.
0082	Cristo	Flavie	24	Fem.	Bicicleta e sexta básica	Uma bicicleta para fazer os bicos no seasa.
0083	Cristo	Danilo	2	Mas.	Roupa e sapato	Carta escrita pela mãe; ela não trabalha; Fala que o pai o

						abandonou e que não o reconheceu como filho.
0084	Cristo	Edclefison	---	Mas.	Bola de futsal	
0085	Cristo	Gabriela	---	Fem.	Kit de beleza, com secador, prancha, escova e pente	Ela está aprendendo a mexer com cabelo e quer ser cabeleireira futuramente.
0086	Cristo	Allyson	15	Mas.	Tênis de basquete	Adora esporte e o tênis dele ta arrochado e se rasgando.
0087	Cristo	João Paulo	8	Mas.	Roupa e sandália	Carta escrita pela mãe; Mas o seu sonho é uma bicicleta, mas sabe que o papai Noel tem muitos pedidos para atender.
0088	Cristo	Junior	12	Mas.	Armário para a mãe; sapato austar para o irmão; material escolar para a irmã e para todos e para ele uma chuteira	
0089	Cristo	Riam	3	Mas.	Carrinho de controle remoto e sexta básica	Carta cheia de desenhos.
0090	Cristo	Raphael	11	Mas.	Bicicleta	A mãe ganha pouco; a avó não trabalha e o pai morreu.
0091	Cristo	Niedja de Souza da Silva	13	Mas.	Cavaquinho ou banco imobiliário	
0092	Cristo	Eunice	31	Fem.	Computador para o filho; tanquinho para ela e a filha e material escolar	A mãe escreve pedindo para os filhos.
0093	Cristo	Bruno	6	Mas.	Mextio e sexta básica	
0094	Cristo	Monique	3	Fem.	Boneca ou um ursinho	
0095	Cristo	João Pedro	10	Mas.	Carrinho	Escrita pela prima; ele é deficiente não consegue andar e é mudo.
0096	Cristo	Vanessa	13	Fem.	Linha de nalyon para crochê	Pede o presente para a mãe e afirma que não pode dar porque não trabalha.
0097	Cristo	Nicole	4	Fem.	Boneca que fala e material escolar	
0098	Cristo	Kauã	2	Mas.	Bicicleta	Carta escrita pela prima.
0099	Cristo	Kauã	2	Mas.	Bicicleta	Carta escrita pela prima.
0100	Cristo	Vinícius	4	Mas.	Carro de controle remoto	
0101	Cristo	Debora	11	Fem.	Sandália	

0102	Cristo	Arthur Gabriel	5	Mas.	Carro de controle remoto	Bíblia: o fruto do justo é uma árvore de vida, e o que conquista as lamas é sábio. PV.11, 31.
0103	Cristo	Ewertom	7	Mas.	Bola de vôlei de praia	Afirma não ter nenhum brinquedo.
0104	Cristo	Gabriel Santos Nascimento	7	Mas.	Sexta básica	Afirma que é estranho uma criança pedir comida, mas ela precisa, pois, passa fome.
0105	Cristo	Filipe Santos Nascimento	5	Mas.	Carro de controle remoto	Ele afirma gostar do natal e de ter estudado bastante.
0106	Cristo	Igor	10	Mas.	Material escolar	
0107	Cristo	Zélia	56	Fem.	Sexta básica	Afirma não saber ler e quem escreve é sua filha. Seu marido esta doente.
0108 (folha do governo municipal)	Cristo	Rodrigo	16	Mas.	Material escolar	Ele mora com a avó e conta da dificuldade de todos os anos não ter dinheiro para comprar o material.
0109	Cristo	Gabriela	---	Fem.	Material escolar	
0110 (folha do governo municipal)	Cristo	Rodrigo	15	Mas.	Sapato da olimpikus	Ele e os irmãos não moram com a mãe, moram com os avós. Mesmo missivista da carta 108.
0111 (folha do governo municipal)	Cristo	Rodrigo	16	Mas.	Computador	Mora com os avós e os irmãos, mas só quem trabalha é o avô (vigia). Diz que o motivo de escrever é a avó.
0112	Cristo	Luiz Glaucio	----	Mas.	Bola de basquete	
0113	Cristo	Samara	---	Fem.	Kit escolar	Para ele e os irmãos, pois a mãe não tem condições e o pai não ajuda em nada.
0114	Cristo	Janaina	---	Fem.	Sexta básica; roupa para a filha	Mãe separada.
0115	Cristo	George Junior	---	Mas.	Kit escolar	A mãe não tem condições de comprar.
0116	Cristo	Gabriel André	10	Mas.	Kit escolar	Para ele e os 4 irmãos.
0117	Cristo	Junior	12	Mas.	Sexta básica; um armário para avó	Eles não têm onde guardar os alimentos.
0118	Cristo	João Neto	---	Mas.	Boneco do Bem 10 ou material escolar	Ele sabe que o papai Noel

						existe.
0119	Cristo	Samara	---	Fem.	Armário para a mãe	Os ratos e baratas comem a comida do armário e eles têm que jogar fora.
0120	Cristo	Felipe Gustavo	10	Mas.	2 Controle do Play station 1 ou 2	Um é para o primo que mora no interior e Segundo ele não sabe de papai Noel, só ele que sabe que mora na capital.
0121	Cristo	Maxsuel	5	Mas.	Roupa; sapato	Carta escrita pela mãe – não tem pai e a mãe ta desempregada.

Nº da carta	BAIRRO	NOME	IDADE	GENERO	PEDIDO	Obs.
0122	Cristo	Vinicius	4	Mas.	Carro de corrida	
0123	Cristo	Kaio Keverson	5	Mas.	Material escolar do Bem 10	
0124	Cristo	Iasmim Vitória	5	Fem.	Boneca que fala	Escreveu ano passado e não foi selecionada.
0125	Cristo	Iasmim Vitória	---	Fem.	Bonequinha; maquiagem que vem com um brilho e um pente	
0126	Cristo	Daniel	---	Fem.	Bola da Nike	O dinheiro da mãe só da pra comprar comida.
0127	Cristo	Sarah	11	Fem.	Caderno do moranguinho	Fez desenho do papai Noel; o pai ganha pouco e a mãe não trabalha.
0128	Cristo	Beatriz	1	Fem.	Cama; enxoval	Só o pai trabalha; carta escrita pela mãe.
0129	Cristo	Josimara	13	Fem.	Celular	
0130	Cristo	Thais	7	Fem.	Roupa; sandália	Pais separados; ele diz que estuda muito pra ajudar os pais, pois o pai tem outra família.
0131	Cristo	Estefane Vitoria	1 ano e 4 meses	Fem.	Vestido; e um conjunto de roupa	Carta escrita pela mãe.
0132	Cristo	Luciana	---	Fem.	Sexta básica; enxoval	Ela é viúva e tem uma filha de 15 anos grávida.
0133	Cristo	Joana Darc	---	Fem.	Computador; material escolar	Pode ser usado para ela fazer os trabalhos.
0134	Cristo	Italo Antony	---	Mas.	Carro da hotwill	
0135	Cristo	Graça	50	Fem.	Pranchinha de cabelo	Ela afirma ser uma criança de 50 anos; e que nunca ganhou um presente.
0136	Cristo	Maria Ângela	---	Fem.	Laptop da Xuxa;	A avó escreveu

						para a neta; conta da paixão pela neta e da dificuldade de seu marido para sustentar todos. O sonho da menina é uma bicicleta.
0137	Cristo	Leticia	9	Fem.	Material escolar	
0138	Cristo	Raphael	11	Mas.	Bicicleta	Mora com a mãe (trabalha) e a avó (desempregada) o pai morreu.
0139	Cristo	João	---	Mas.	Ventilador	O calor não deixa eles dormirem.
0140	Cristo	Bruna	---	Fem.	Tênis	É uma criança especial, carta escrita pela mãe; o pai foi assassinado no rio de janeiro.
0141	Cristo	José Lucas da Silva Brito	---	Mas.	Piscina	O pai é servente e a mãe não trabalha.
0142	Cristo	André Wagner	---	Mas.	Tênis de amortecedor	Mora com os pais e os irmãos.
0143	Cristo	Gabriela da Silva	---	Fem.	Televisão	Mora com a mãe e os irmãos e o pai não da pensão.
0144	Cristo	Valdilene Pereira da Silva	---	Fem.	Batedeira	Mora de aluguel.
0145	Cristo	Jéssica	13	Fem.	Câmera digital	Disse que escreveu no ano passado e a tia ficou de colocar no correio; mas achou as cartas no lixo e a tia mentiu pra ela.
0146	Cristo	Ferreira	14	Mas.	Celular	
0147	Cristo	Rafael	4	Mas.	Vídeo game	A mãe que sustenta a casa; provavelmente a carta foi escrita pela mãe.
0148	Cristo	Evelyn	8	Fem.	Laptop	
0149	Cristo	Cassiano	---	Mas.	Computador	Mãe sustenta a família sozinha, não tem pai. Vivem da bolsa família.
0150	Cristo	Elaine	10	Fem.	Celular	
0151	Cristo	Jaqueline	---	Fem.	Celular	A mãe tem 7 filhos e um neto.
0152	Cristo	Marinês	---	Fem.	Sexta básica; celular	Família de 11 pessoas; tem dia que pede comida para os vizinhos para não morrer de fome; tem um irmão doente vive internado.
0153	Cristo	Marinês	---	Fem.	Deseja ajudar os	

					necessitados	
0154	Cristo	Pamella	---	Fem.	Roupa	Esse ano a mãe não pode dar.
0155	Cristo	Suellen	13	Fem.	Câmera digital	Mora com a mãe e não conhece o pai, que mora em são Paulo. Entende que a mãe não tem condições e afirma saber que o natal não significa só ganhar presentes.